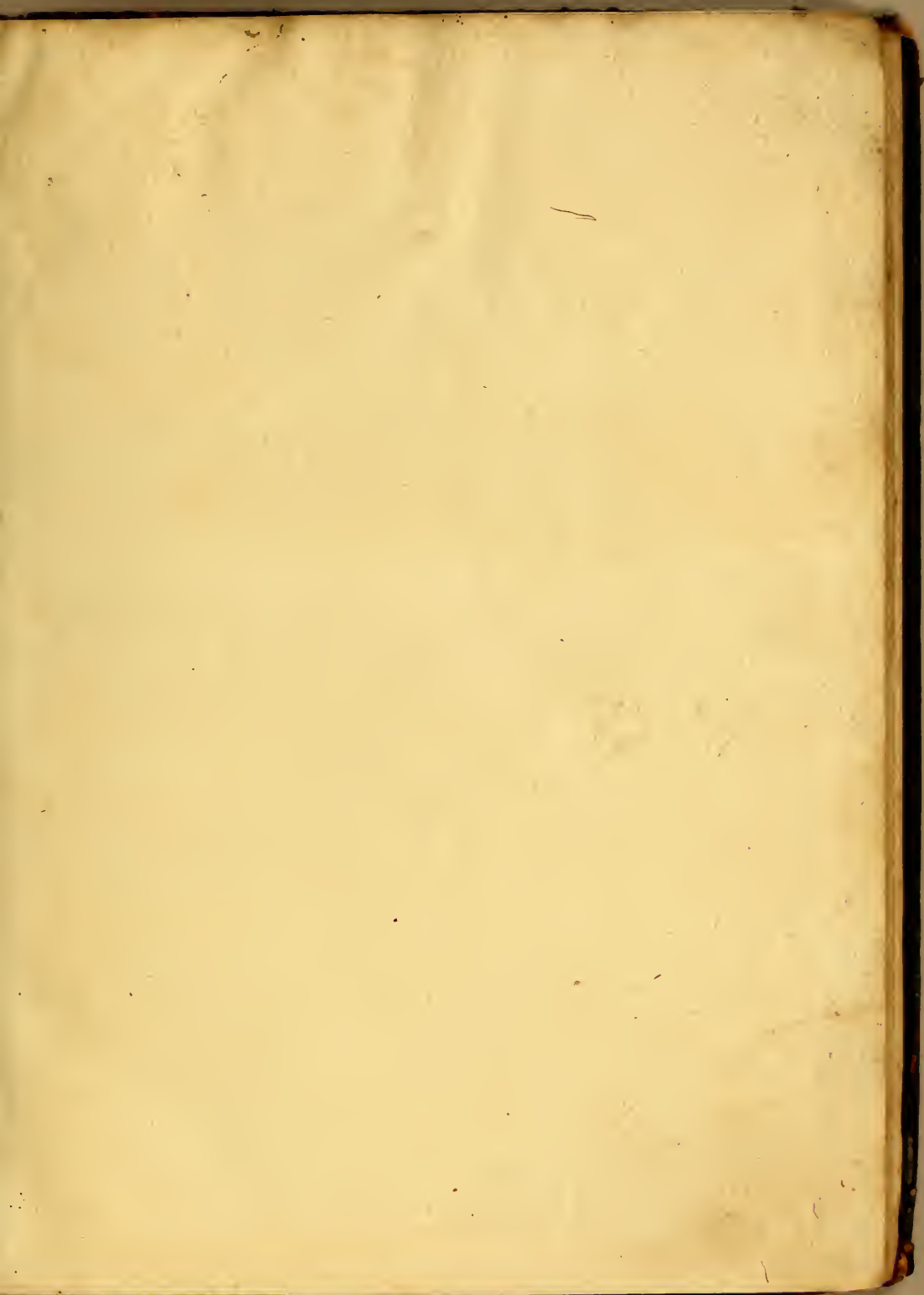
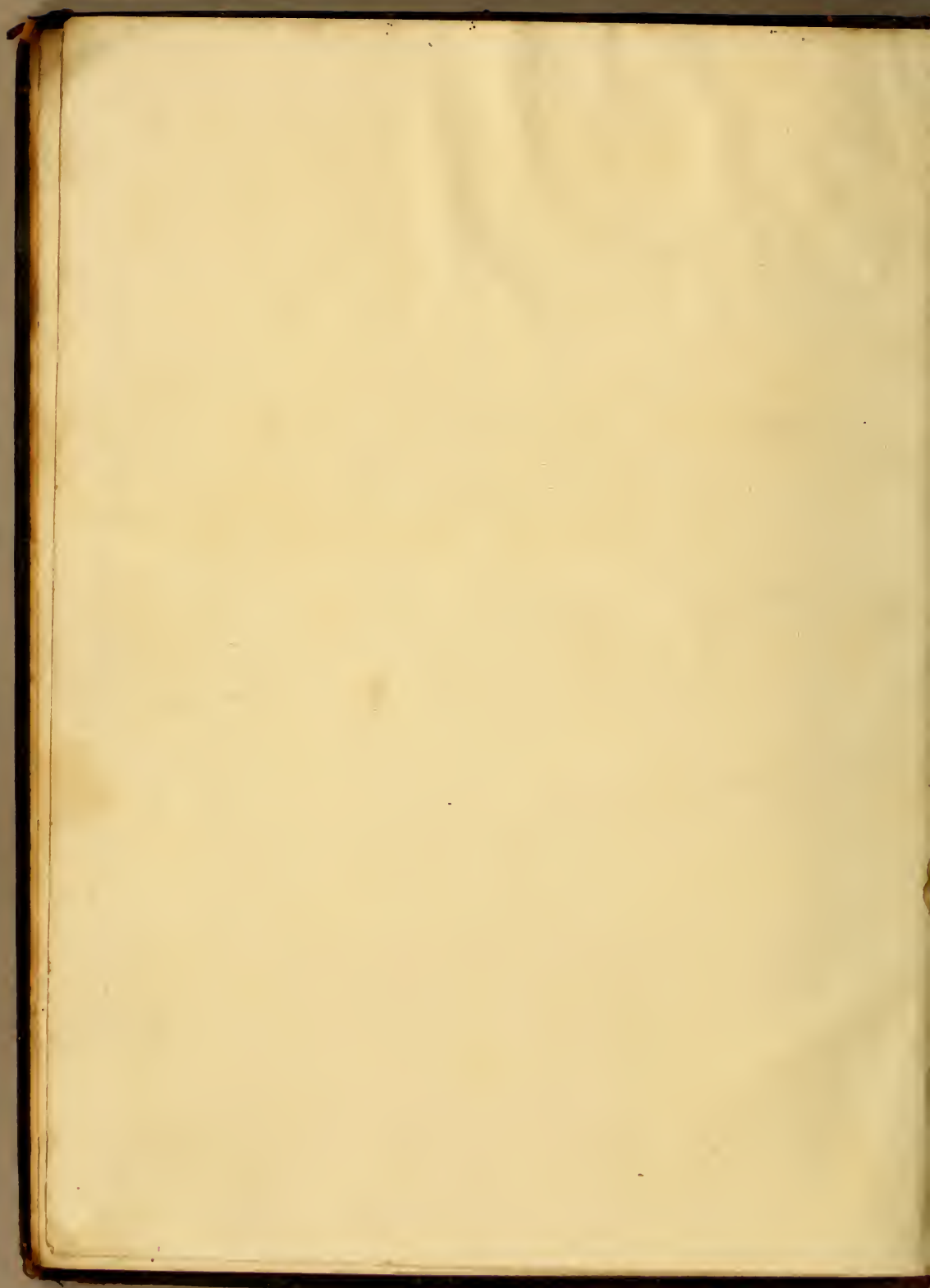






John Carter Brown
Library
Brown University





VIEIRA
ABBREVIADO
TOMO II.

ALFIERI
ARRIVATO
TOMO II.

VIEIRA ABBREVIADO

EM CEM DISCURSOS
MORAES, E POLITICOS,
DIVIDIDOS EM DOUS TOMOS.

AUCTOR

ANSELMO CAETANO MUNHOZ

DE AVREU GUSMAM E CASTELLOBRANCO,

Doutor pela Universidade de Coimbra, e Familiar do Santo Officio.

OFFERECIDO

A O SENHOR

FRANCISCO DE ALMEIDA
JORDAM,

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Doutor pela
Universidade de Coimbra &c.

POR

MANOEL DA CONCEICAM.
TOMO II.



LISBOA.

Na Officina de MIGUEL RODRIGUES,
Impressor do Eminentissimo Senhor Cardeal Patriarca.

M. DCC. XLVI.

Com as licenças necessarias, e privilegio Real

A' custa de Manoel da Conceição, Livreiro do Eminentissimo Senhor Cardeal
Patriarca: vende-se na sua logea na rua direita do Loreto,

VIEIRA
ABRILADO

MORAES, EPOLOGOS

ANSELMO CASTILHO ALMEIDA

FRANCISCO DE ALMEIDA

MANOEL DA CONCEICAO

TOMO II



LISBOA

NO LUGAR DE N. S. S. RODRIGUES



A O SENHOR
FRANCISCO DE ALMEIDA
JORDAM

Cavalleiro professo na Ordem de Christo, Dou-
tor pela Universidade de Coimbra &c.



*P. Antonio Viei-
ra abbreviado vay procurar na
pessoa de v. m. hum dos seus
* 2 gran-*

grandes apaixonados, e defen-
sores. Não merece menos por
abbreviado, porque soube o
seu compilador reduzir todo
aquelle superior espirito a pe-
queno volume. Este foy o mi-
lagre da arte fazer hum com-
pendio de huma obra immensa
pela sua qualidade. V. m. co-
mo tão venerador daquelle fe-
cundiſſimo engenho, não ha de
estranhar esta minha offerta,
porque sei qual he a venera-
ção, e o respeito, que tem a
este Auçtor, pois não conten-
te de ter todas as suas obras
impreſſas, só das manuscritas
tem

tem seis volumes , que a sua
curiosidade soube ajuntar com
igual dispendio. Nesta dou-
tissima collecção mostra v. m.
o quanto he amigo de thesou-
ros literarios , de que lhe tem
dado a posse a perfeita intelli-
gencia da lingua Franceza , e
a inclinação , que lhe devem
os fructos daquelle elevadissi-
mo entendimento. A verdade
he , que quem não sabe a arte,
não a estima , e que v. m. não
julga pelo que ouve , senão pe-
lo que entende. Estudou v. m.
na Universidade de Coimbra ,
e fez os seus Actos literarios
com

com tanto magisterio, como se
houvesse de ser Mestre. For-
tuna grande seria dos discipu-
los, porque teriaõ na excel-
lencia do Mestre o primeiro,
e o mais nobre motivo para es-
tudarem; mas se na Univer-
sidade podia servir a alguns com
o seu trabalho, traduzio para
utilidade de todo Portugal a
Arte Legal, a que fez excel-
lentes addicoens, dando huma
breve, mas importante noticia
das noſſas Ordenaçoens. Ago-
ra offereço a v. m. em Vieira
abbreviado mais huma occa-
ſiãõ, em que lhe liſonjee o
gosto,

*gosto , e para que veja que
póde o engenho humano com-
prender em huma pequena
concha hum mar profundissi-
mo de erudição. Deos guar-
de a v. m.*

Mayor venerador de v. m.

Manoel da Conceição.

IN-

1800
1801
1802
1803
1804
1805
1806
1807
1808
1809
1810
1811
1812
1813
1814
1815
1816
1817
1818
1819
1820
1821
1822
1823
1824
1825
1826
1827
1828
1829
1830
1831
1832
1833
1834
1835
1836
1837
1838
1839
1840
1841
1842
1843
1844
1845
1846
1847
1848
1849
1850
1851
1852
1853
1854
1855
1856
1857
1858
1859
1860
1861
1862
1863
1864
1865
1866
1867
1868
1869
1870
1871
1872
1873
1874
1875
1876
1877
1878
1879
1880
1881
1882
1883
1884
1885
1886
1887
1888
1889
1890
1891
1892
1893
1894
1895
1896
1897
1898
1899
1900

INDICE DOS DISCURSOS,

Que contém este segundo tomo.

Comer, pag. 155.

M.

M Andar, e servir, Discurso LIII.	pag. 1.
Merecimentos, Discurso LIV.	pag. 16.
Mentira, Discurso LV.	pag. 17.
Morte, Discurso LVI.	pag. 24.
Morte, Discurso LVII.	pag. 41.
Mortos, Discurso LVIII.	pag. 55.
Mundo, Discurso LIX.	pag. 64.

N.

Nascimento, Discurso LX.	pag. 68.
Nascimento, Discurso LXI.	pag. 71.
Nada, Discurso LXII.	pag. 75.
Necessidade, Discurso LXIII.	pag. 85.

O.

Obras, Discurso LXIV.	pag. 96.
Olhos, Discurso LXV.	pag. 97.
Opprimaõ, Discurso LXVI.	pag. 100.
Ouro, Discurso LXVII.	pag. 101.

P.

Paõ, Discurso LXVIII.	pag. 112.
Passamento, Discurso LXIX.	pag. 119.
Paz, Discurso LXX.	pag. 140.
Paz, Discurso LXXI.	pag. 140.
Peccado, Discurso LXXII.	pag. 147.
Peixes, Discurso LXXIII.	pag. 148.
Per	

<i>Pertendentes, Discurso LXXIV.</i>	pag. 167.
<i>Pertençoens, Discurso LXXV.</i>	pag. 188.
<i>Pertendentes consolados, Discurso LXXVI.</i>	p. 195.
<i>Pedir, Discurso LXXVII.</i>	pag. 211.
<i>Peregrinação, Discurso LXXVIII.</i>	pag. 212.
<i>Presença, Discurso LXXIX.</i>	pag. 213.
<i>Primazia, Discurso LXXX.</i>	pag. 214.
<i>Profetas, Discurso LXXXI.</i>	pag. 215.
<i>Prégadores, Discurso LXXXII.</i>	pag. 220.

Q.

<i>Querer, e poder, Discurso LXXXIII.</i>	pag. 250.
---	-----------

R.

<i>Recreação, Discurso LXXXIV.</i>	pag. 265.
<i>Religião, Discurso LXXXV.</i>	pag. 266.
<i>Religiosos, Discurso LXXXVI.</i>	pag. 287.
<i>Resolução, Discurso LXXXVII.</i>	pag. 293.

S.

<i>Sabios, Discurso LXXXIX.</i>	pag. 295.
<i>Sacerdotes, Discurso XC.</i>	pag. 307.
<i>Segredo, Discurso XCI.</i>	pag. 317.
<i>Soldados, Discurso XCII.</i>	pag. 321.
<i>Soledade, Discurso XCIII.</i>	pag. 330.
<i>Sonho, Discurso XCIV.</i>	pag. 348.

T.

<i>Tributos, Discurso XCV.</i>	pag. 351.
<i>Tristeza, Discurso XCVI.</i>	pag. 356.

V.

<i>Validos, Discurso XCVII.</i>	pag. 374.
<i>Validos, Discurso XCVIII.</i>	pag. 387.
<i>União, Discurso XCIX.</i>	pag. 396.
<i>Velhice, Discurso C.</i>	pag. 401.



VIEIRA

ABBREVIADO

TOMO II.

DISCURSO LIII.

Tirado de hum sermão de S. Roque pregado na Capella Real; elogiando nelle ao mesmo Santo por não querer mandar, nem servir aos homens.

MANDAR, E SERVIR.

531



O homem fello Deos para man-
dar, aos brutos para servir. E se
os brutos se rebellaraõ contra
Adaõ, e não quizeraõ servir ao
homem, sendo taõ inferiores;

triste, e miseravel cõdição he haver hum homem de servir a outro, sendo todos iguaes. A primeira vez, que se profetizou neste mundo haver hum homem de servir a outros, foy com o nome de maldição. Assim fadou Noe a seu neto Canaan em castigo do pay, e mais do filho. Ainda entaõ se não sabia

Tom. II.

A

no

Part. 4.
Num. 496.

no mundo, que cousa era servir, então se começou a entender a maldição pelo delicto, e a miseria pelo castigo. Meyos homens chamou depois o Poeta Lyrico aos que servem, e disse bem. Toda a nobreza, e excellencia do homem consiste no livre alvedrio, e o servir, se não he perder o alvedrio, he cativallo.

Num. 497. 532 A mayor prova, a mayor experiencia, o mayor exame, e o mayor encarecimento da paciencia, e soffrimento humano he pôr Deos huns homens sobre a cabeça de outros: *Imposuiſti homines super capita nostra*;

Pl. 65. 12. porque os que estão de cima, são os que mandaõ; os que estão debaixo, são os que servem, e sendo os que servem iguaes aos outros por natureza, que estes os tragaõ sobre a cabeça, e que elles os metaõ debaixo dos pés: *Homines super capita nostra*, nem toda a penitencia dos Confessores iguala esta dor, nem todos os tormentos dos Martyres este martyrio. Onde a nossa Vulgata lê: *Imposuiſti homines super capita nostra*, no original Hebreo está: *Equitare feciſti homines super capita nostra*: Fizestes, Senhor, para provar a nossa paciencia, que os homens andassem a cavallo sobre as nossas cabeças. Vede, se

Num. 498. vay muito de huma cousa a outra. De sorte que aos miseraveis, que servem debaixo, não se contentaõ os que ferraõ de cima de os pizar com seus pés, senaõ tambem com os dos cavallos: *Equitare feciſti homines super capita nostra*. Se me perguntarem porém, onde podem succeder taes casos, que homens tratem assim a homens, e a homens, que os servem, respondo, que nas Cortes.

533 Para intelligencia desta verdade (de que bastava por prova a experiencia) havemos de suppor, que nas Cortes, por christans, e christianissimas que

Discurso LIII.

3

que sejaõ , não basta só ter a graça do Principe supremo , senão se alcança tambem a dos que lhe assistem. Esta he a primeira supposiçaõ da guerra , que padecem , ou podem padecer nas Cortes ainda os homens , que melhor servem , se tem outros sobre si: *Imposuisti homines super capita nostra.*

534 Mas quaes são os que os pizaõ não só com os seus pés , senão com os de seus cavallos : *Equitare fecisti?* He certo , que não são os Reys ; porque os pés Reaes não pizaõ , nem magoaõ ; honraõ , e authorizaõ. Por isso se lançaõ a seus pés os vassallos , e quanto mayores , e mais dignos , mais lhe metem debaixo dos pés as cabeças. Lá disse Tertulliano , que Minerva calçava na cabeça o capacete : *Minerva calceans galeam.* Assim he o calçado dos Reys. Os seus çapatos não pizaõ , coroaõ. Quaes são logo os que pizaõ tão honradas cabeças , como aquellas , entre as quaes se contava a de David , e não só com os seus pés , senão com os dos seus cavallos : *Equitare fecisti homines super capita nostra?* Num. 499.

535 Aqui entra agora a segunda , e mais lastimosa supposiçaõ , e menos digna de se crer , senão disse- ra Salamaõ , que a vio com seus olhos : *Vidi servos in equis , & Principes ambulantes super terram.* Eccl. 10. 7. Vi os servos a cavallo , e os Principes a pé. Sem duvida , que isto vio Salamaõ profeticamente , quando vio apeado a Roboaõ seu filho , e a Jeroboaõ seu servo entronizado. Eem outros Reynos quando acontece isto mesmo ? Bem he que o perguntemos , pois não vemos no nosso esta desgraça , que bastara a corromper todas as suas felicidades. Acontece isto , quando o Principe , a quem toca ter as redeas na mão , por desidia , e negligencia as larga , e entrega ao ser-

vo. Então he, que o servo montado a cavallo, vendose imposto sobre as cabeças dos homens, não só as piza a dous pés, senão a quatro. Diga-o Mardocheo debaixo de Aman no Reyno de Assuero, e Daniel com os Satrapas no de Nabuco, e Dario. Em taes tempos em vez de os homens servirem gloriosamente aos Reys, são ignominiosamente servos dos servos, e padecem sem lhe valer a cor do rosto (onde só lhe faltaõ os ferretes) a maldição de Canaan, que hoje se cumpre nos Cafres, e nos Ethioptes: *Maledictus Chanaan, servus servorum erit fratribus suis.* Veja hum espirito generoso se ha de sujeitar a sua cabeça, ou expõlla por nenhum preço a semelhantes abatimentos.

Num. 502. 536 Grandes razoens para não servir a homens, e muito mayores para não mandar homens. E porque? Porque mayor servidaõ he mandallos, que ser-

Num. 503. villos. Fallando ElRey Antigono com o Principe seu filho sobre a administração, e governo do Reyno, de que o havia de deixar por herdeiro, admirado o generoso moço de tamanhas obrigaçoens, e encargos, refere Eliano, que lhe disse o pay: *An non novisti, fili mi, Regnum nostrum esse nobilem servitutem?* Ainda não sabias, filho meu, que o nosso reynar não he outra cousa, senão huma servidaõ honrada? Honrada disse, e com grande juizo; porque a servidaõ dos servos he servidaõ sem honra, e por isso menor, e menos pezada; mas sobre o pezo da servidaõ haver de sustentar tambem o da honra, he muito mayor sujeiçaõ, e muito mais pezada carga. He servir á fama, e ás bocas dos homens, cujos gostos são tão varios, e tão estragados, que até o mesmo maná os enfastia. Se hum homem não póde servir

Discurso LIII.

5

vir a dous, como poderá fêrvir a tantos mil? A cada homem deo Deos hum Anjo da guarda, e não mais que hum homem a cada Anjo: e se hum Anjo, que move, e governa com tanto concerto, e ordem todo o Ceo das estrellas, não basta para guardar hum homem de si mesmo, e governar ordenada, e concertadamente a hum homem entre os outros; como bastará hum só homem para conter dentro das leys, e manter em justiça a tantos homens? Não sabe o que são homens quem isto não considera, e penetra.

537 Os Filósofos antigos chamaraõ ao homem Num. 504. mundo pequeno; porém S. Gregorio Nazianzeno melhor Filósofo, que todos elles, e por excellencia o Theologo, disse que o mundo comparado com o homem he o pequeno, e o homem em comparação do mundo o mundo grande: *Mundum in parvo magnum*. Não he o homem hum mundo pequeno, que está dentro do mundo grande; mas he hum mundo, e são muitos mundos grandes, que estão dentro do pequeno.

538 Baste por prova o coração humano, que sendo huma pequena parte do homem, excede na capacidade a toda a grandeza, e redondeza do mundo. Pois se nenhum homem póde ser capaz de governar toda esta machina do mundo; que difficuldade será haver de governar tantos homens, cada hum mayor, que o mesmo mundo, e mais difficuloso de temperar, que todo elle? A demonstração he manifesta; porque nesta machina do mundo, entrando tambem nella o Ceo, as estrellas tem seu curso ordenado, que não pervertem já mais, o Sol tem seus limites, e tropicos, fóra dos quaes não passa: o mar, com ser hum monstro indomito, em chegando ás areas pára:

6 *Vieira abbreviado*

as arvores, onde as poem, não se mudão: os peixes contentaõse com o mar: as aves com o ar: os outros animaes com a terra. Pelo contrario o homem, monstro, ou chimera de todos os elementos, em nenhum lugar pára, com nenhuma fortuna se contenta, nenhuma ambição, ou appetite o farta, tudo perturba, tudo perverte, tudo excede, tudo confunde, e como he mayor, que o mundo, não cabe nelle.

539 Grande exemplo no mesmo mundo, não cheyo, como hoje está, mas vazio, e despovoado, com os filhos de Adaõ, e Noé. A Adaõ deolhe Deos o imperio sobre todo o mundo, sobre os peixes, sobre as aves, sobre os animaes da terra, e não pode governar em paz dous homens, e esses irmãos, sem que hum mataste ao outro. Noé governou todos os animaes, e conservou-os pacificamente dentro em huma arca, e fóra della não pode governar tres homens, sem que hum o não descompuzesse, e affrontasse, sendo todos tres seus filhos. Vede se he mais pezada servidaõ, e mais difficultosa a de governar, e mandar homens, que a de servir? Quem serve, como não póde servir mais que a hum, sujeitase a huma só vontade; mas quem manda, como ha de governar a todos, ha de sujeitar a si as vontades de todos, e ellas não de filhos, em que he natural a obediencia, e o amor, nem de irmãos entre si, em que as qualidades são iguaes, e as naturezas semelhantes; mas de tantas, e tão diversas condiçoens, como são nelles os rostos, e os intentos.

540 Daqui se segue, que o que serve, por dura que seja a sua servidaõ, sempre tem horas de alivio, e de descanso; o que manda, nenhuma: *Ut Sol stare nescit, ita tu Imperator*, disse Pacato em hum panegy-

Discurso LIII.

7

negyrico ao Imperador Theodosio Magno: Assim como o Sol nunca pára, assim vós, ó grande Imperador, e por isso grande. Fez Deos ao Sol Principe do mundo: *Luminare maius, ut præffet diei*: e desde o Gen. 1. 16. dia, em que lhe deo este officio até hoje, não descansou hum momento. Taõ grande trabalho he ser Sol, e taõ grande a sua sujeição, posto que em lugar taõ alto: hum inquietação perpetua, hum movimento continuo, hum correr, e rodear sempre, e dar mil voltas ao mundo sem descansar, nem parar já mais. Quando dizemos, que o Sol se poem, he engano; porque entaõ se parte a governar os antipodas.

541 Não vamos buscar a prova da semelhança mais longe, pois a temos de casa, e nos nossos Reys mais propria, que em nenhum outro do mundo. Quando os vassallos dormem, e descansão, parece que hum Rey de Portugal faz o mesmo depois do governo, e trabalho de todo o dia, e não, he senão, que passou aos antipodas. Lá anda com o pensamento, e com o cuidado pela China, pelo Japão, pelos Reynos do Idalcaõ, do Samori, do Megor, pelo Cabo de Boa Esperança, pelo de Comori, pelos Javas, pelos mares, e costas da Africa, da Asia, e da America, visitando armadas, e fortalezas, compondo pazes, abrindo cômercios, e meditando sempre augmentos do Reyno de Deos, e do seu, sem outra quietação, ou descanso mais, que aparente aos olhos; porque o Sol não tem verdadeiro occaso. O relógio, que he o substituto do Sol na terra, não soa, nem se ouve por fóra, senão a certos tempos; mas nem por isso está ocioso, ou quieto, sempre os pezos estão a carregar, sempre as rodas estão a moer: e taes são os cuidados do Principe de dia, e

8 *Vieira abbreviado*

de noite. Para os subditos, que obedecem, e servem, ha differença de dias, e noites, para o Principe, que governa, e manda, sempre he de dia. Assim o dizia hum Rey dos seus cuidados: *Noctem vertērunt in diem.*

542 Entre o senhor, que manda, e os subditos, que servem, ha a mesma differença, que entre o coração, e os sentidos. Dorme o homem, e todos os sentidos descansão: os olhos não vem, os ouvidos não ouvem, a lingua não falla, e assim os demais; mas se nesse mesmo tempo a esse mesmo homem lhe puzerdes a mão sobre o peito, vereis como está batendo nelle, e palpitando o coração: e se tornardes depois huma, e muitas vezes, e a qualquer hora, sempre o haveis de achar no mesmo movimento. Pois os sentidos iguaes na baixeza aos dos brutos, dormindo a sono solto, e o coração principio da vida, e nobilissima parte do homem, sempre velando sem descansar já mais? Sim; que isso he ser coração. O coração da Republica he quem a manda, e governa, e quando a mesma Republica lhe deo a soberania desse cuidado, depositou nelle todos os seus cuidados. Elle ha de cuidar sem descanso, para que todos descansem, e vigiar, para que todos durmam: *Ego dormio, & cor meum vigilat*, dizia Salamaão: e o leão Rey dos animaes dorme com os olhos abertos. Vigiar, quando todo o corpo dorme, he ser coração entre os sentidos, e ser leão entre os animaes: vigiar como o coração, quando todo o corpo dorme, he ser leão entre os animaes, e Salamaão entre os homens. Esta differença faz o sono dos Principes ao dos outros homens, que os Reys cuidaão dormindo, e dormem cuidando.

543 O sono dos Reys he hum sono desvelado, he

Cant. 5. 2.

Part. 7.
Num. 552.

Discurso LIII. 9

he hum dormir cuidadoso, hum descansar inquieto, hum desattender advertido, hum descuidarse vigiando. Nos outros homens o sono he prizaõ dos sentidos: nos Reys he dissimulaçaõ sómente. Por isso ao leaõ lhe deraõ o imperio dos animaes, porque dorme com os olhos abertos. Nenhum Rey fechou os olhos, que lhe não fizesse sentinella o coração: *Ego dormio, & cor meum vigilat*, dizia o Rey mais sabio.

544 Dormindo estava Faraó, quando vio aquel- Cant. 5. 2.
le sonho admiravel das sete vacas fracas, que comiaõ
as sete robustas, em que se significavaõ os sete annos
de fartura, e os outros sete de fome, que haviaõ de Gen. 41.
succeder no Egypto. Era Rey, por isso lhe inquieta-
vaõ o sono estes cuidados. Quatorze annos antes le-
vava Faraó adiantado o governo de seus vassallos, e
já entaõ sonhava com seus bens, e o desvelavaõ seus
males. Isto he dormir como Rey.

545 Nos outros homens o sono he huma morte:
nos Principes o sono saõ duas vidas. Faraó acordado
vivia no tempo presente; dormindo vivia no presen-
te, e mais no futuro: no presente por duraçaõ, no
futuro por cuidado. Mais vivia Faraó dormindo com
os olhos fechados, que acordado com os olhos aber-
tos: acordado com os olhos abertos via o que já
era; dormindo com os olhos fechados via o que
ainda não era, só porque havia de ser. Fechou os
olhos para dobrar a esfera da vista. Com os olhos
abertos via poucos espaços de lugar, com os olhos
fechados alcançava grandes distancias de tempo. Af-
sim dormia o Rey do Egypto Faraó. E o Rey dos
Assyrios Nabuco como dormia? Dormia sonhando
com o seu Reyno, e com os estranhos.

546 Vio Nabucodonosor aquella prodigiosa es- Num. 554^a
Dan. 2.
tatua,

tatua, que representava os quatro Imperios dos Assyrios, dos Persas, dos Gregos, e dos Romanos: o corpo estava descuidado com os sentidos prezos, e a alma andava cuidadosa levantando, e derrubando estatuas, fantasiando Reynos, e Monarchias. Mais fazia Nabucodonosor dormindo, que acordado; porque acordado cuidava no governo de hum Reyno, e dormindo imaginava na successão de quatro. Pois se Nabuco era Rey dos Assyrios, quem o metia com o Imperio dos Persas, com o dos Gregos, com o dos Romanos? Quem? A obrigação do officio, que tinha. Era Rey, e quem quer conservar o Reyno proprio, ha de sonhar com os estranhos. Do Reyno proprio ha de ter cuidado, e os Reynos alheios lhe haõ de dar cuidado. Ninguem governou bem o seu Reyno, que naõ attendesse ao governo de todos. O bom Rey tem por esfera o mundo: he Rey do seu Reyno pelo dominio, e Rey de todos os Reynos pelo cuidado. Muito me admirou sempre na fabrica do leito de Salamaõ, que os travesteiros, em que havia de inclinar a cabeça, os fizesse de ouro: *Reclinatorium aureum, ascensum purpureum*: A subida de purpura, mas a cabeceira de ouro. Parece-me isto com o que cuidaõ os rusticos, que os Reys dormem em lanções de brocado. Travesteiros de ouro saõ ricos, e preciosos, sim; mas muito duros, muito frios, e muito defagalhados. Quanto melhor he huma manta no Bussaco, ou huma cortiça na Arabida? Porém Salamaõ com toda a sua sabedoria naõ soube traçar á cama dos Reys outra cabeceira mais branda; porque naõ era feita para conciliar o sono, senaõ para o inquietar. Assim dormia inquieto Faraó, sonhando nos sete annos de fartura do seu Reyno,

Part. 4.

Num. 507.

Cant. 3. 10.

Discurso **LIII.** II

Reyno, e nos lete da fome. Assim dormia inquieto Nabucodonosor, sonhando na duração de sua Monarchia, e das tres, que lhe haviaõ de succeder. E até Joseph, a quem Deos hia creando para mandar, e ser Principe, em quanto os lavradores seus irmãos repousavaõ, elle sendo de menos annos, não podia dormir quieto: lá andava sonhando com as paveyas, e com as estrellas, revolvendo no pensamento o Ceo, e mais a terra. A purpura podemna despir os Principes, quando se deitaõ; mas os cuidados, que os desvelaõ, não podem. Quando a Christo no Pretorio de Pilatos o fizeraõ representar a figura de Rey, coroaraõno de espinhos; e vestiraõno de purpura. E notou advertidamente S. Paschasio, que a purpura tornaraõlha a despir, mas a coroa de espinhos nunca a largou da cabeça: *Porro spinas, quas capite gestavit, non mutavit, nec alicubi transposuit.* As espinhas faõ os cuidados, como lhe chamou o mesmo Christo, e a quem he Rey, ou o representa no mando, sempre estas espinhas lhe estaõ picando a cabeça, sempre lhe estaõ roendo os pensamentos, sempre lhe estaõ inquietando os sentidos, sem o deixar descansar, nem dormir.

547 Aos que servem não ha senhor taõ tyranno, que lhes não permita horas de descanso: aos que mandão, he tal a tyrannia do mesmo mandar, que se não tomaõ por alivio os mesmos cuidados, (como diz Tacito de Tiberio) nem hora, nem momento lhe consentem de quietação, e repouso. Só poderá replicar Num. 308 contra o encarecimento destes dictames, posto que verdadeiros, o desuso, e desprezo delles, e o ser ordinario no mundo tomar-se do mando a parte só do poder, da magestade, e da grandeza, e deixar-se a do

do pezo, e a dos cuidados com pouca, ou nenhuma attenção mais que ao descanso, á delicia, ao regalo, e a todos os antojos do appetite livre, e poderoso: em fim a igualar as indulgencias da suprema fortuna com os gostos, e prazeres da vida; porque se os que tem o mando, fazem, e padecem quanto o mesmo mando os obriga, dura, e triste servidaõ he a sua; e se o não fazem, nem o querem padecer, ainda he mais triste, e mais dura.

548 Esta foy a consideração, com que Pipino em França, Rachisio em Italia, Sigiberto em Inglaterra, Trebellio em Bulgaria, Henrique em Chipre, Joaõ em Armenia, Ludovico em Sicilia, Ramiro em Aragaõ, Veremundo em Castella, esta foy, digo, a consideração, da qual fortissimamente convencidos estes, e outros Principes, ou sendo Reys, renunciaraõ as coroas, ou sendo filhos de Reys, as heranças, elegendo antes ser subditos, e servir em huma Religião, que mandar, e ser senhores do mundo.

Num. 513. 549 Vede, se são loucos todos, os que querem
 Num. 514. mandar homens, ou servir a homens. O servir, e o mandar ambos começaraõ juntamente no dominio de Membroth. Nelle começou o imperio, e com elle a servidaõ. Assim o nota S. Jeronymo: *Quia hic primus fuit, qui alios sibi servire coegit.* Este dominio de Membroth quando começou? Segundo a mais certa chronologia começou no anno de 1932. da creação do mundo, que foy o mesmo anno, em que nasceo Abrahaõ. Agora noto eu, e he cousa muito digna de se advertir, que quando começou o mandar, e o servir, entaõ se encurtaraõ as vidas dos homens, porque dalli por diante, como consta da sagrada Escriitura, raros foraõ os que chegaraõ a cem annos,

Discurso LIII. 13

annos, e raríssimos os que os excederaõ. De sorte que antes de haver no mundo servir, nem mandar, viviaõ os homens oito centos, nove centos, e mais annos; porém depois que estas duas pestes entraraõ nõ mundo, depois que os homens começaraõ huns a mandar, e outros a servir; nenhum houve, a quem a morte não tirasse as sete, ou as oito partes da vida. E verdadeiramente, que se os trabalhos, e os desgostos mataõ, não he muito, que o servir, e o mandar sejaõ enfermidades mortaes.

550 Mas porque o servir a Deos, e o servir aos Num. 515 homens tudo tem nome de servir; vejamos quanta he a differença, que ha entre hum servir, e outro servir, para que todos os que servem, e os que mandaõ, queiraõ antes servir a Deos, e só a Deos. Os homens Num. 516 quando mandaõ, (e mais se tem o mando supremo) ou seja ingratitude natural, ou soberania, nem estimaõ, nem pagaõ os serviços, que se lhe fazem; como deveraõ; porque cuidaõ, que tudo se lhe deve. Pelo contrario Deos, a quem devemos tudo o que temos, e tudo o que somos, nenhuma cousa manda, a cuja remuneração se não obrigue como devedor. Os homens nas suas leys, se matastes, ou furtastes, castigaõvos; mas se não matais, nem furtais, não vos daõ por isso nada. Não assim Deos. Não só vos remunera, quando fazeis o que vos manda fazer, senão também quando não fazeis o que vos manda que não façais. Os homens; quando pagaõ, ou cui- Num. 517 daõ que pagaõ os serviços, que lhes fizestes, elles são os que os avaliaõ. O estylo de Deos em remunerar a quem o serve, vede quaõ differente he. Nós somos os que avaliamos, e elle o que paga. Os homens Num. 518 para fazer as merces olhaõ para o nascimento de quem

14 *Vieira abbreviado*

quem os servio: Deos só respeita, e faz caso do seu merecimento, e das acçoens de cada hum, e nenhum do nascimento. Os nascimentos levarão as cômendas dos homens, as de Deos só para o merecimento as tem guardadas.

Num. 519. 551 Os homens, a quem os serve, medemlhe os merecimentos pelos annos: Deos mede-os pelos coraçoens. Os homens medindo os merecimentos só pelos annos, fazem huma grande injustiça; porém Deos, que he justissimo, mede-os só pelos coraçoens; porque elle só os vê. Oh se os homens vissem os coraçoens, quaõ individados se achariaõ os de muitos, que cuidaõ, que os servem pouco! Por isso só se póde servir a quem vê o coração. Os homens,

Num. 520. a quem servis, podem pouco, e querem menos: se quizessem dar muito, não podem, e esse pouco, que podem, não querem. Deos pelo contrario póde tudo, e sempre quer. Quando os homens pedem aos homens, ainda que sejaõ Reys, pedem huns pobres a outros: só quando pedem a Deos, pedem a quem verdadeiramente he rico. Os Reys quando muito são ricos para alguns, Deos he rico para todos.

Num. 521. 552 Os homens (já que fallamos nos seus poderes) se deres por elles a vida, ainda que sejaõ Reys, e Monarcas, assim como elles vo la não deraõ, assim vo la não podem restituir; e Deos, sendo elle o que vos deo a vida, ainda que vós a não deis por elle, se a empregardes em seu serviço, davos pela temporal a eterna. Os Reys chamaõse senhores da vida; porque com justiça, ou sem ella a podem tirar; mas dalla nem a seus filhos, nem a si mesmos podem. Só Deos he verdadeiro senhor da vida, porque a dá no nascimento, porque a conserva na duração, porque a re-
fuscita

Discurso LIII. 15

suscita depois da morte, e a eterniza na patria. Verde a differença da vossa mesma vida santificada a Deos, ou aos homens: se a dais por amor de Deos, ficais bemaventurado: se a dais por amor dos homens, ficais morto. Os que a déraõ por amor de Deos, saõ os que adoramos naquelles altares: os que a déraõ por amor dos homens, os que pizamos nessas sepulturas.

353 Os homens (para que fallemos tambem pe-^{Num. 522}la sua boca, e não só pela divina) quando vos haõ mister, sois feu; quando os haveis mister, sois vosso. Assim o cantou ao som do Lima aquelle grande, e defenganado espirito, que por não ver as ribeiras do Tejo fugio dellas para taõ longe. Quando te haõ mister, es feu, quando os has mister, es teu, que não tens donos entaõ. E Deos pelo contrario he taõ bom Senhor, e taõ bom dono, que não havendo mister a ninguem, quando nos faz merce de se querer servir de nós, somos com grande honra seus: e quando nós o havemos mister. (que sempre havemos) nunca deixa de ser nosso.

554 Finalmente os homens, a quem servimos, pos-^{Num. 523}to que sejaõ Reys, saõ mortaes, e lhe succedem outros; porém Deos, quando não tiveramos outras obrigaçoens de o servir, só por ser immortal, e sempre o mesmo sem outro, que lhe haja de succeder, o deveramos servir só a elle. Entenderaõ isto tanto assim muitas naçoens, que na morte dos Reys se sepultavaõ com elles os seus criados, não só por fineza do muito, que os amavaõ, mas por não viverem em tempo de outros Principes, que não conhecessem seus serviços, e merecimentos.

DISCURSO LIV.

Tirado de hum sermão da segunda Dominga do Advento em que o Auctor mostra, que o juizo dos homens he mais temeroso, que o juizo de Deos.

M E R E C I M E N T O S.

Part. 5.
Num. 62.

555 **N**ÃO ha mayor delicto no mundo, que o fer melhor. Ao menos eu a quem amara das telhas abaixo, antes lhe desejava hum grande delicto, que hum grande merecimento. Hum grande delicto muitas vezes achou piedade: hum grande merecimento nunca lhe faltou a inveja. Bem se vê hoje no mundo: os delictos com carta de seguro, e os merecimentos homiziados. Saul condemnou tantas vezes á morte a David, e chegou a lhe atirar elle mesmo ás lançadas: e porque crimes? Porque se cantava pelas ruas de Jerusaleem, que David era mais valente, que Saul: *Percussit Saul mille, David autem decem millia*. Este premio tirou David de matar hum gigante com huma funda. Mais venturosos haviaõ de fer os tiros, se não deraõ tamanho estalo. Ao gigante derrubou-o a pedra, e a David o sonido. Eis-aqui porque David queria que o julgasse Deos, e não os homens. No juizo de Deos perdoaõse os peccados como fraquezas; no juizo dos homens castigaõse as valentias como peccados. Graças a Deos, que já nos imos emendando deste.

1. Reg. 18.
7.

DISCURSO LV.

Tirado de hum sermão da quinta Domingo da Quaresma.

M E N T I R A.

556 **A** Mentira he filha primogenita do ocio. Part. 4.
 Vede como se fórma dentro em vós mes- Num. 322.
 mos este monsturoso parto. Quem está ocioso, não
 tem mais que fazer, que porse a imaginar: da ocio-
 sidade nasce a imaginação, da imaginação a suspeita,
 da suspeita a mentira. Quem trabalha, trata da sua Num. 321.
 vida, quem está ocioso trata das alheyas. Quem tra-
 balha, como cuida no que faz, falla verdade; por-
 que diz as cousas como são. O ocioso como não tem Num. 322.
 que fazer, mente; porque diz o que imagina. He a
 imaginação no ocioso como a serpente de Heva. Es-
 tava ociosa Heva no Paraíso: entrou a serpente col-
 leandose mansamente sem pés, mas com cabeça:
 começou pela especulação, e acabou pela mentira.
 Começou pela especulação: *Cur præcepit vobis* Gen. 3. 1.
Deus: e acabou pela mentira, e duas mentiras: *Ne-*
quaquam moriemini: Eritis sicut Dei. Consentio Ib. 4. 5.
 Heva na mentira peçonhenta: de Heva passou a
 Adão, de Adão ao genero humano.

557 Não succede assim ás mentiras imaginadas,
 que vós como bicho da feda gerastes dentro em vós
 mesmos, fabricando de vossas entranhas a mortalha
 para vós, e o vestido para os outros? Meterá a lin-
 gua a tesoura, e sem tomar as medidas á verdade,
 vós lhe cortareis de vestir. Porque cuidais que se di-

zem tantas cousas mal feitas? Porque se fizeraõ? Naõ; que a mim me consta do contrario. He porque se imaginaraõ: e tanto que vieraõ á imaginação, já
 Num. 323. estaõ na prancha da lingua. Quantas vezes se diz do honrado, e da honrada, do innocente, e da innocente o que nunca lhe passou pela imaginação? Mas basta que o maldizente o imagine, ou o queira imaginar, para o pôr na conversação, e na praça, e o affirmar com tanta certeza, como se o lera em hum Euangelho. Deos vos livre de taes linguas, e muito mais de taes imaginaçoens; porque se a vossa honra lhe entrou na imaginação, nenhum remedio tendes,
 Num. 325. naõ ha de parar ahi, ha de passar á lingua. Diz o Apostolo Santiago, que naõ ha fera mais difficiltoza de enfrear, que a lingua. Para se pôr o freyo na lingua, haõse de meter as cabeçadas na imaginação. Concertaivos com os vossos pensamentos, se quereis estar seguros das vossas linguas. Mas porque dais entrada a quanto quereis no pensamento, por isso dizeis tantas cousas, que nunca passaraõ pelo pensamento.

Num. 526. 558 Vejo, que estaõ agora alguns no auditorio mui contentes, dizendo comfigo, que isto naõ falla com elles; porque he verdade, que naõ saõ mudos, e que quando se achaõ em conversação, tambem fallã nas vidas alheyas; mas que naõ saõ homens que digaõ o que imaginaõ: dizem o que ouvem, e quem diz o que ouve, naõ mente. Se vós loubereis quantas voltas daõ as palavras desde a boca até os ouvidos, naõ houvẽreis de dizer isso, ainda que foreis mui verdadeiros. Quantas vezes vos diffieraõ huma cousa, e percebestes outra? Quantas vezes ouvís o que naõ ouvís? Quantas vezes entre a boca do outro,

Discurso LV. 19

tro, e os vossos ouvidos ficou a honra alheya pendurada por hum fio? E queira Deos não ficasse enforcada. Isto acontece quando os homens ouvem com os ouvidos; mas quando ouvem com os corações, ainda he muito peyor. E os corações também ouvem? Nunca vistes corações? Os corações também tem orelhas: estay certos, que cada hum ouve, não conforme tem os ouvidos, senão conforme tem o coração, e inclinação.

559 Em quanto Moysés estava no monte Sinai Num. 327
recebendo a ley Deos, pediraõ os Judeos a Araõ, que lhe fundisse hum bezerro de ouro, e como era o primeiro dia da dedicacão daquella imagem, celebraraõ elles com grandes festas. Desce do monte Exod. 327
Moysés com Josué, ouviraõ as vozes ao longe: disse 18.
Moysés. Eu ouço cantar a coros: disse Josué: Não he senão tumulto de guerra. Aqui temos *choros* Cant. 7. 1.
castrorum. Se as vozes eraõ as mesmas, como a hum parecem musicas, e a outro parecem trombetas? A razãõ he clara. Moysés era religioso, Josué era soldado: ao religioso pareceraõlhe as vozes de coro, ao soldado de guerra. Os que ouvem saõ os ouvidos; mas os que ouvem bem, ou mal, saõ os corações. Tudo o que entra pelo ouvido, faz eco no coração, e conforme está disposto o coração, assim se formaõ os ecos. Cada hum ouve conforme o seu coração, e a sua inclinação. Deos nos livre de hum coração mal inclinado, se ouvir hum *Te Deum laudamus*, ha de dizer, que ouviu huma carta de excõmunhaõ.

560 Mais succede nesta passagem dos ouvidos á Num. 331.
boca. Como os ouvidos saõ dous, e a boca huma, succede, que entrando pelos ouvidos duas verdades,

fahe pela bôca huma mentira. Parece cousa de tregeito ; mas he certa. Quero vos mostrar como isto pôde fer. Quando quereis dizer , que fulano he grande mentiroso , dizeis , que he huma chimera. Mas que cousa he chimera ? Chimera he hum animal fingido , composto de dous animaes verdadeiros : hum monstro meyo homem , meyo cavallo he chimera : hum monstro meyo aguia , meyo serpente he chimera : hum monstro meyo leão , meyo peixe he chimera ; mas não ha taes monstros , nem taes chimeras no mundo. De maneira , que as ametades são verdadeiras , os todos , ou monstros , que dellas se compoem , são fingidos. As ametades são verdadeiras ; porque ha homem , e cavallo , ha aguia , e serpente , ha leão , e ha peixe : os monstros , que se compoem destas ametades , são fingidos ; porque não ha tal cousa no mundo. Isto mesmo fazem os mentirosos : partem duas verdades pelo meyo , e sem mudar , nem accrescentar nada ao que dissestes , de duas verdades partidas fazem huma mentira inteira. Defendeivos lá agora das vossas mentiras com dizer , que dissestes as mesmas palavras , que ouvistes , e que não accrescentastes nada. Que importa , que não accrescenteis , se diminuiestes ? Peyor he huma verdade diminuida , que huma mentira mui declarada ; porque a verdade diminuida na essencia he mentira , e tem apparencias de verdade ; e mentiras , que parecem verdades , são as peyores mentiras de todas.

Num. 332. 561 Mas porque acabemos de huma vez com as mentiras de ouvidas : para que seja mentira o que dizeis , não he necessario , que ouçais mal , nem que diminuais , ou accrescenteis o que ouvistes : pôde hum homem dizer pontualmente o que ouvio , e ouvir

Discurso LV. 21

vir pontualmente o que disserão, e com tudo isso mentir. Quantas vezes se dizem as palavras sinceramente com huma tenção muito fã, e vós as interpretaes, e corrompeis de maneira, que de hum louvor fazeis hum aggravo, de huma confiança huma injuria, de huma galantaria huma blasfemia, e de huma graça levantaiis huma tal labareda, que se originaraõ della muitas desgraças. E se isto succede, quando os homens dizem o que ouviraõ, e só o que ouviraõ, que será quando dizem o que imaginaraõ, e o que sonharaõ, ou o que ninguém imaginou, nem sonhou?

562 Dizem alguns, ou diz algum: Não sou eu Num. 333. daquelles, porque a mim nunca me sahio pela boca coufa, que me entraße pelos ouvidos: para afirmar hei de ver com os olhos primeiro, e se para isso for necessario, que os olhos não durmaõ quarenta noites, estando vigiando a huma esquina, hei-o de fazer sem descansar até ter averiguada a minha suspeita. Ah ronda do inferno! Ah sentinela de Sata-nás! Este mesmo, se lhe mandar o Confessor, que faça exame da consciencia meyo quarto de hora antes de se deitar, não o ha de poder fazer com o sono; mas para destruir honras, para abraçar casas estará feito hum Argos quarenta noites inteiras.

563 Não cuidem porém estes malignos vigiadores, que por ahi se livraõ de mentirosos. Fostes, vigiastes, observastes, visteis, dissestes, e tendes para vós, que fallastes verdade? Pois mentistes muito grande mentira. Os olhos mentem de dia, quanto mais de noite. Grande caso! No livro quarto dos Reys cap. 3. Sahiraõ em campanha contra os Moabitás ElRey de Israel, ElRey de Juda, e ElRey de 4. Reg. 3.
22. Edon.

Edon. Estavaõ ainda os exercitos para dar a batalha na manhã seguinte: eis que ao romper do Sol olharaõ os Moabitas para os arrayaes dos inimigos, e viraõ que pelo meyo delles corria hum rio de fangue. Começaraõ a clamar com grande alegria, fangue, fangue, sem duvida que os tres Reys peleijaraõ esta noite entre si, e mataraõse huns aos outros: vamos a recolher os despojos. Sahiraõ os Moabitas correndo tumultuariamente; mas elles foraõ os despojados; e os vencidos; porque o fangue, que viraõ, ou se lhes affigurou, que viraõ, naõ era fangue. Foy o caso; que passava hum rio por meyo dos arrayaes dos tres Reys, e como ao sahir do Sol feriraõ os rayos na agua, que hia correndo, fez taes reflexos a luz, que parecia fangue. Esta apparencia de fangue taõ enganosamente visto, e taõ falsa, e taõ facilmente crido, foy o que precipitou os Moabitas, e os levou a meteremse nas maõs de seus inimigos. Se reparais no caso, as duas cousas mais claras, que ha no mundo, he o Sol, e a agua. Os nossos Proverbios o dizem: Claro como a agua: Claro como a luz do Sol. E quaes foraõ as cousas, de que se formou aquelle engano nos olhos dos Moabitas, com que cuidaraõ, que o rio era fangue? Huma cousa foy o Sol, e outra cousa foy a agua: o Sol, porque ferio com seus rayos as aguas, e as aguas, porque feridas deraõ com os reflexos apparencias de fangue: de sorte que se enganaraõ os olhos nas duas cousas mais claras, que ha no mundo. Pois se os olhos se enganaraõ nas cousas mais claras, como se naõ enganaraõ nas mais escuras, e ás escuras? De dia enganavos o Sol, e de noite quereisvos desfengar com as trevas?

do vistes. Essa pequena luz he a que cega mais ; porque faz , que humas cousas pareçam outras. Trouxeram hum cego a Christo , pozlhe o Senhor as mãos nos olhos , e perguntoulhe se via ? Respondeo o cego : *Video homines velut arbores ambulantes* : Se-
nhor , vejo os homens como arvores , que andão : ^{Marc. 8.} ^{24.}

Mais cego estava agora este cego , que dantes ; porque dantes não via nada , agora via humas cousas por outras. Os homens , que são de tão differente figura , e estatura , via os como arvores , e as arvores , que estão prezas com as raizes na terra , via que andavaõ como homens. Eis aqui o que tem ver com pouca luz. O mesmo acontece a estes cegos vigiadores , que vão estudar de noite o que haõ de rezar de dia : *Video homines velut arbores ambulantes*.

565 O cego de Christo figuravafelhe , que os homens eraõ arvores , e estes cegos do diabo affigurafelhe , que as arvores são homens. Poemse a espreitar ; vem hum arvore em hum quintal , eis lá vay hum homem. A arvore está tão pregada pelas raizes , que dous cavadores a não arrancarão em hum dia , e elle ha de jurar aos santos Euangelhõs , que vio entrar , e fahir aquelle vulto : *Arbores ambulantes*. Oh maldito officio ! Oh infernal curiosidade ! Já se os olhos levarem alguma nuvemzinha , como sempre levaõ , ou de desconfiança , ou de odio , ou de inveja , ou de suspeita , ou de vingança , ou de outra qualquer paixão , ahi vos gabo eu. *Tenebrosa aqua in nubibus* ^{Ps. 17. 12.}
aeris : Notou David admiravelmente , que a agua nas nuvens he negra. Vedes lá vir hum aguaceiro escuro mais que a mesma noite : que negrume he aquelle ? Não he mais que agua , e nuvem : a nuvem he hum volante , e a agua he hum crystal , e destes dous

ingredientes tão puros; e tão diafanos se faz humã-
 escuridade tão negra, e tão espessa. Se quem vay vi-
 giar, e-espreitar a vossa vida, e a vossa honra, levar
 alguma nuvem diante dos olhos, ainda que seja tão
 delgada como hum volante, por mais que a vossa vi-
 da, e a vossa honra seja tão clara, e tão pura como
 hum crystal, halhe de parecer escura, e tenebrosa:
Tenebrosa aqua in nubibus aeris. Finalmente redu-
 zindo todo o discurso, ou todos os discursos, men-
 tem as linguas; porque mentem as imaginaçoens:
 mentem as linguas; porque mentem os ouvidos:
 mentem as linguas; porque mentem os olhos: e
 mentem as linguas; porque tudo mente, e todos
 mentem.

DISCURSO LVI.

*Tirado de hum sermão de Cinza para a Capella
 Real, que se não prégou por enfermidade do
 Auctor.*

MORTE.

Patt. 6.
 Nam. 50.

566

E Sta he a sentença de morte fulminada con-
 tra Adaão, e todos seus descendentes, a
 qual se tem executado em quantos atégora viverão,
 e se ha de executar em nós sem appellação de innocen-
 cia, sem respeito de estado; sem excepção de pessoa.
 A Igreja solemnemente hoje não só no la repete aos
 ouvidos com a voz, mas no la escreve na testa com a
 cinza, como se dissera a seus filhos huma piedosa
 mãy: Filhos, ouvi, e lede a sentença de vosso pay,
 e sabey, que sois pó; e vos haveis de converter em
 pó:

pó : *Pulvis es, & in pulverem reverteris.* O pó, Gen. 3. 19
 qué somos, he o de que se compoem os vivos: o pó,
 que havemos de ser, he o em que se resolvem os mor-
 tos. E sendo estes dous extremos tão oppostos, co-
 mo o ser, e não ser, não he muito, que os effeitos,
 e affectos, que produzem em nós, sejaõ tambem
 muito diversos; por isso amamos a vida, e tememos
 a morte.

567 Mas porque eu depois de larga consideração
 tenho conhecido, que estes dous effeitos no nosso en-
 tendimento, e estes dous affectos na nossa vontade
 andaõ trocados, o meu intento he polos hoje em seu
 lugar. O amor está fóra do seu lugar; porque está na
 vida. O temor tambem está fóra do seu lugar; por-
 que está na morte. O que farei pois, será destrocár es-
 tes lugares com tal evidencia, que fiquemos enten-
 dendo todos, que a morte, que tanto tememos, deve
 ser a amada, e a vida, que tanto amamos, deve
 ser a temida. Mais claro. O pó, que somos, he a vida,
 o pó, que havemos de ser, he a morte; e o mayor bem
 da vida he a morte, o mayor mal da morte he a
 vida.

568 Quem mais que todos quiz, soube, e pode Num. 51.
 experimentar os bens desta vida, e com effeito fez de
 todos elles a mais universal, e exacta experiencia,
 foy Salamaõ. E que juizo fez Salamaõ com toda a
 sua sabedoria, é depois de todas as suas experiencias
 entre a morte, e a vida? Elle mesmo o declarou:
Laudavi magis mortuos, quam viventes. Como se Ecc. 4. 2.
 disséra o mais sabio de todos os homens: Se com to-
 da a minha eloquencia houvera de orar pelos mortos,
 e pelos vivos, aos mortos havia de dar os parabens,
 e fazer hum largo panegyrico de suas felicidades; e
 aos

26 *Vieira abbreviado*

aos vivos havia de dar os pezames, e fazer huma oração verdadeiramente funebre, e triste, em que lamentasse suas misérias, e desgraças.

Num. 52.

569 Chora Christo a Lazaro, quando o ha de resuscitar, não o chorando morto; porque estando já livre dos trabalhos, das misérias, e dos perigos da vida por meyo da morte, agora por meyo da resurreição o tornava outra vez a meter nos mesmos trabalhos, nas mesmas misérias, e nos mesmos perigos. A todos esteve bem a resurreição de Lazaro, e só ao mesmo Lazaro esteve mal; porque a resurreição o tirou do descanso para o trabalho, do esquecimento para a memoria, da quietação para os cuidados, da paz para a guerra, do porto para a tempestade, do sagrado da inveja para a campanha do odio, da clausura do silencio para a soltura das linguas, do estado da invisibilidade para o de ver, e ser visto, de entre os ossos dos pays, e avós para entre os dentes dos emulos, e inimigos, em fim da liberdade, em que o tinha posto a morte, para o cativoiro, e cativoiros da vida.

Num. 53.

570 Persuadidos os homens á verdade deste desenganho, não he muito que a morte, lhe começasse a parecer menos feya, que a vida, antes que a vida lhe parecesse feya, e a morte formosa. Os Passianos, e outras naçoens, que barbaramente se chamaõ barbaras, choravaõ, e pranteavaõ os nascimentos dos filhos, e celebravaõ com festas as suas mortes; porque entendiaõ, que nascendo entravaõ aos trabalhos, e morrendo passavaõ ao descanso. E certamente, que as lagrimas dos nascimentos os mesmos nascidos tem mais ensino, que o da natureza, as approvaõ, e ajudaõ com as suas, e as festas, com que se celebra-
vaõ

vão as mortes, também os mortos pela experiencia do seu descanso, se podellem fallar, as louvariaõ. Por isso Samuel obrigado a fallar com Saul depois de morto, e sepultado, o que lhe disse foy: *Quare in-* ^{1. Reg. 28.}
quietasti me? Porque me inquietaste? Muitos Filo- ^{15.}
sofos, e particularmente os Estoicos, cuja seita pela preferencia da virtude se avizinhava mais ao lume da razão, não só davaõ licença a seus professores, para que antepuzessẽ a morte á vida, mas aos que em casos de honra tomavaõ por suas mãos a mesma morte, (a que chamavaõ porta da liberdade) os introduziaõ por ella á immortalidade da gloria. Assim o fez aquelle homem, mayor que todos os Romanos, Cataõ, cujo juizo, e authoridade na opiniaõ da mesma Roma se punha em balança com a dos deoses, como soberbissimamente cantou delle Lucano na demanda imperial de Cesar com Pompeo:

*Magno se judice quisque tuetur,
Victrix causa diis placuit, pars victa Catoni.*

571 E se alguem me replicar, que estes homens ^{Num. 54.}
eraõ gentios, eu lhe perguntarei primeiramente, se era gentio Samsaõ, ou Saul, ou Achitofel: e que fizeram em semelhantes casos? Samsaõ não duvidou matarse a si mesmo por se vingar, como elle disse, dos Filisteos pela injuria, que lhe tinhaõ feito em lhe arrancar os olhos. Saul por não vir ás mãos de seus inimigos, vencido em huma batalha, mandou ao seu pagem da lança, que o matasse, e porque não foy obedecido, elle pondo a ponta da espada no peito, com todo o pezo do corpo se atravessou nella. Achitofel, que era o Cataõ dos Hebreos, e cujos conselhos por testemunho da Escritura sagrada eraõ como os oraculos do mesmo Deos, porque Absalaõ, cujas
partes

28 *Vieira abbreviado*

partes seguira, os não quiz tomar, tomou elle por conselho anticipar por suas proprias mãos a morte, prevendo como sabio, que não podia deixar de ser vencedor David, a quem a tinha bem merecido.

Num. 56.

572 Mas inventou o amor da vida huma distincção fundada no que ella mais aborrece, que são as miserias, e no que mais estima, que são as felicidades. Fazendo pois huma grande differença entre os miseraveis, e os felices, dizem os defensores da vida, que para os miseraveis he mayor bem a morte;

Num. 57.

mas para os felices não; porque assim como a morte, e a sepultura para os contentes da vida he o seu mayor temor, assim para os descontentes della, e miseraveis he o mayor desejo. Por isto aquelle Filosofo, que refere Laercio, chamado Secundo, perguntado pelo Imperador Adriano, o que era a morte, respondeo, que era o medo dos ricos, e o desejo dos pobres: *Pavor divitum desiderium pauperum*. Melhor ainda, e mais nervosamente o disse Seneca o Tragico por boca de Licho. Era Licho hum famosissimo tyranno, o qual na ausencia de Hercules matou a Creonte Rey legitimo de Thebas, e se lhe apoderou do Reyno. Este pois, como tão grande mestre da tyrannia, dizia, que quem matava a todos, não sabia ser tyranno: *Qui morte cunctos luere supplicium jubet, nescit tyrannus esse*. Pois que havia de fazer hum tyranno para ser verdadeiramente tyranno, e cruel? Diz, que havia de dar a morte a huns; e a vida a outros conforme a fortuna de cada hum: aos felices a morte, aos miseraveis a vida: *Miserum vita, perire felicem jube*: Ao felice mandai, que morra, ao miseravel, que viva; porque tanta pena he condemnar o felice á morte, como o miseravel á vida.

Seneca in
Herc. Fu-
gen.

573 Para

Discurso LVI. 29

573 Para eu refutar os defensores da vida dos fe-Num. 59.
lices não quero outro argumento, senão o seu. Concedem que a morte he mayor bem, que a vida dos miseraveis: logo também he mayor bem, que a vida dos que elles chamaõ felices. E se não os mesmos felices o digaõ. Pergunto. Ha, ou houve, ou pôde haver neste mundo vida alguma tão mimosa da fortuna, e tão felice, que careça totalmente de miserias? Ninguem se atreverá a dizer, nem imaginar tal cousa: logo se não ha, nem pôde haver vida, que careça de miserias, o que se tem dito da vida dos miseraveis, se deve entender de todas, e de todos.

574 Os que vulgarmente se reputaõ, e chamaõ felices, tanto se enganaõ com a sua felicidade, como com a sua vida; por isso amaõ a vida, e temem a morte. Mas este engano lhe descobriremos agora, para que conheçaõ, que em todo o estado, e em toda a fortuna a morte he o mayor bem da vida.

575 Todos os bens, de que he capaz o homem, Num. 60.
em quanto vive neste mundo, ou sãõ bens da natureza, ou bens da fortuna, ou bens da graça; mas nenhum delles he tão solido, inteiro, e puro bem, que o gose sem tributo de miserias a vida, nem a possa livrar deste tributo, senão a morte. Entre os bens da natureza o mais excellente, o mais util, e o mais necessario he aquelle, sem o qual nenhum outro bem se pôde gozar, a saude. E só quem comprehender o numero sem numero de enfermidades, e dores, a que está sujeita, e exposta a saude, ou geradas dentro do mesmo homem, ou nascidas, e occasionadas de fóra, poderá conhecer exactamente, quaõ carregado de duríssimas pensoens, e quaõ cheyo de miserias ou deo, ou emprestou a mesma natureza ainda
aos

30 *Vieira abbreviado*

aos mais saõs, e robustos este calamitoso bem. Pois que remedio?

Herod. lib.
2.

576 Os Egypcios, entre os quaes nasceo a Medicina, para cada enfermidade, como refere Herodoto, tinhaõ hum Medico particular, mas nem por isso saravaõ todos, nem de todas. ElRey Ezechias mandou queimar os livros de Salamaõ, porque o povo recorrendo ás virtudes das hervas em suas enfermidades, deixava de acudir a Deos, que he a verdadeira raiz da faude. Assim o refere Eusebio Cesariense. Mas em quanto duraraõ os mesmos livros, nem aos enfermos particulares, nem ao mesmo Salamaõ aproveitou aquella grande ciencia Medica: até quando? Até que as proprias doencas os sujeitaraõ ao Medico universal, que sem aforismos, nem receitas cura em hum momento a todas, que he a morte: *O mors, veni nostris certus Medicus malis!* O' morte, vinde, que só vós sois o verdadeiro, e certo Medico para todos os nossos males! He exclamação proverbial dos Gregos referida por Plutarcho. Morrestes, acabaraõse as enfermidades, acabaraõse as dores, acabaraõse todas as molestias, e affligoens, que martyrizaõ hum corpo humano, e até o temor da mesma morte se acabou; porque os mortos já não podem morrer.

Plutarc. in
Conf. ad
Apol.

Par. 1.
col. 1047.

577 Tudo acaba a morte, e tudo se acaba com a morte, até a mesma morte. Quem morreo, já não póde morrer. Só os mortos tem este privilegio contra a jurisdicção, e imperio universal da morte. Saõ sujeitos á morte os Principes, os Reys, os Monarcas, só os mortos depois que huma vez lhe pagaraõ tributo, ficaraõ isentos de sua jurisdicção. Por isso Tertulliano chamou judiciosamente á sepultura *Mortis*

Discurso LVI. 31

tis asylum: A sylo, e sagrado da morte. Contra a alçada da morte, nem o Vaticano he sagrado, mas a sepultura sim; porque os mortos já não podem morrer.

578 Vede a grande differença dos mortos aos vivos. Os vivos sobre a terra temem a morte, os mortos, debaixo da terra esperão a resurreiçãõ: e quanto vay do esperar ao temer, e das isençoens da immortalidade às sujeiçoens de mortal, tanto melhor he o estado dos mortos, que o dos vivos. Os que escaparaõ vivos do incendio de Troya chamavaõ bem-aventurados aos que morreraõ peleijando por ella:

*O terque, quaterque beati,
Queis ante ora patrum magnæ sub manibus urbis
Contigit oppetere!*

Sem conhecer a bemaventurança, nem entender o que diziaõ levantaraõ hum admiravel pensamento; porque a felicidade, de que goçaõ os mortos por beneficio da morte, se não he como toda a bem-aventurança do Ceo, he como ametade della; porque já para elles não ha lagrimas, nem gemidos, nem dores, nem enfermidades, nem a mesma morte. As dores, e as enfermidades desta vida tem dous remedios; ou alivios: hum natural, que saõ as lagrimas, e os gemidos, e outro violento, e artificial, que saõ os medicamentos. E a morte não só nos livra das misérias da vida, senão tambem dos remedios della. Já dissemos que Cataõ se matou a si mesmo, mas não se matou de huma vez, senão de duas, com modo, e circunstancias notaveis. Estando saõ, e valente, meteo hum punhal pelos peitos: acudiraõ logo, e curárlhe a ferida; mas elle depois de curado, metendo as mãos na mesma ferida, a fez muito mayor, e se acabou de matar. De sorte que começou a se matar saõ,

32 - *Vieira abbreviado*

saõ, e acabou de se matar curado. Saõ para se livrar da vida, curado para se livrar da vida, e mais dos remedios. Por isso disse Santo Agostinho, que quantas saõ as medicinas, tantos saõ os tormentos. E taes saõ as dobradas misérias, a que está sujeita a mayor felicidade da natureza, que he a saude, bastando para a tirar padecidas, e não bastando para a conservar remediadas.

Num. 62. 579 Passemos aos bens da fortuna: e subindo ao mais alto ponto, aonde ella póde chegar, preguemos hum cravo na sua roda, para que concedendo ás suas felicidades a constancia, que não tem, vejamos se se podem jactar, ou presumir de que carecem de misérias. Os cetros, e as coroas saõ as que postas no cumme da magestade, levaõ a poz si com o imperio os applausos, e adoraçoens do mundo, e ao mesmo mundo, o qual cego com os reflexos daquelle esplendor os acclama felices, e felicissimos, não penetrando o interior, e solido da felicidade, mas olhando só, e parando no sobredourado das apparencias:

Senec. epist. 115. *Omnium istorum, quos incedere altos vides, bracteata felicitas est*, disse sabia, e elegantemente Seneca. Assim como os tectos sobredourados dos templos, e dos palacios o que mostraõ por fóra he ouro, e o que escondem, e encobrem por dentro, saõ madeiros comidos do caruncho, prégos ferrugentos, teas de aranha, e outras sevandijas, assim debaixo da pompa, e apparatus, com que costumamos admirar os que vemos levantados ao zenith da fortuna, se viramos juntamente os cuidados, os temores, os desgostos, e tristezas, que os comem, e roem por dentro, antes haviamos de ter compaixão das suas verdadeiras misérias, que inveja á falsa representen-

Discurso LVI. 33

presentação, e engano do que nelles se chama felicidade. Quem duvidou já mais de reputar a Carlos V. por felicissimo com tantas victorias, tanta fama, tantos augmentos da Monarchia? E com tudo no dia, em que renunciou o governo, confessou, que em todo o tempo d'elle nem hum só quarto de hora tivera livre de affliçoens, e molestias: *Se toto Regni tempore nec ad unum quidem horæ quadrantem puram habuisset, meramque lætitiā, sed multis illam curis, angoribus, doloribusque permistam.*

580 O diadema antigo, insignia dos Reys, e Imperadores, era huma faxa atada na cabeça. E dizia Seleuco Rey da Asia, que se os homens soubessem, quaõ pezáda era aquella tira de pano, e quaõ cheia de espinhas por dentro, nenhum haveria, que a levantasse do chaõ para a pôr na cabeça. El Rey Antigonio vendo que seu filho pelo ser se enloberbecia, com que lhe abateria os fumos? *An ignoras, o fili, Regnum nostrum non esse aliud, nisi splendidam servitutem?* Não sabes, filho, (lhe disse) que o nosso Reyno, e o reynar não he outra cousa, que hum cativo honrado? Os Reys são senhores de todos, mas são também cativos de todos. A todos mandão como Reys, e de todos são julgados como reos.

581 Como o Rey he a alma do Reyno, tem obrigação de viver em todos os seus vassallos, e padecer nelles, e com elles quanto elles padecerem. Se não padece assim, não he Rey; e se padece, que mayor martyrio? Hase de matar, e morrer, para que elles vivaõ: hase de cansar, para que elles descansem, e ha de velar, para que elles durmaõ, sendo mais quieto, e socegado o sono do cavador sobre huma cortiça, que o do Rey debaixo de ceos de brocado. Alli des-

34 *Vieira abbreviado*

velado marcha pelas campanhas com seus exercitos, alli navega os mares com as suas armadas, e a qualquer bandeira, que tremóla com o vento, lhe palpita o coração na contingencia dos successos. Taes são as miseraveis felicidades, ou as adoradas misérias dos que postos na região dos rayos, dos trovoens, e das tempestades a dignidade com razão, e a lisonja sem ella chama Serenissimos.

Num. 63.

582. Que seria, se eu aqui ajuntasse agora os catastrofes, e fins tragicos dos Xerxes, dos Cressos, dos Darios, e infinitos outros? Mas o meu intento só he descobrir as misérias dos felices. A este proposito ha muito que tenho notado huma couza para mim admiravel, e he que sendo Valerio Maximo tão universal nas historias, e noticias do mundo, e trazendo tantos exemplos assim domesticos, como estrangeiros em todas as materias, quando veyo a tratar da felicidade, só achou entre os Romanos a Metello homem particular, e entre os Reys de todas as naçoens a Gyges Rey de Lidia. Esta he a mesma salva, com que elle começa dizendo: *Volubilis fortuna complura exempla retulimus, constanter proptia admodum pauca narrari possunt.* Inchado pois Gyges com a singular, e continua prosperidade de sua fortuna, quizse canonizar pelo mais felice homem do mundo, e a este fim consultou pessoalmente o Oraculo de Apollo, para que a resposta, de que não duvidava, fosse huma prova authentica, e divina de sua felicidade: enganouse porém; ou acabou de se enganar o já enganado Rey; porque respondeo o Oraculo, que Aglao Sofidio era mais felice, que elle. E quem era Aglao Sofidio? Era hum lavradorzinho velho, o mais pobre de toda a Arcadia, ao qual hum

Valer. Maxim. lib. 7. cap. 1.

Discurso LVI. 35

hum pequeno enxido, que tinha junto á sua choupana, cultivado por suas proprias mãos, sem inveja sua, ou alheya, lhe dava o que era bastante para sustentar a vida.

583 Pois este Aglaô assim pobre era mais felice que Gyges com todas as suas fortunas? Sim; porque ellas mesmas fortunas, ainda que grandes, e continuas, não o livravaõ do temor da sua inconstancia; o qual só bastava ao fazer infelice. Debaixo deste temor se comprehendiaõ os cuidados, as suspeitas, as duvidas, as imaginaçoens, os indicios falsos, ou verdadeiros da ruina, que se lhe maquinasse, ou podia maquinar, e todos os infortunios possiveis no mar, e na terra, na guerra, e na paz, na inveja dos emulos, no odio, e potencia dos inimigos, no descontentamento, e rebeliaõ dos vassallos: em fim as violencias secretas, os roubos, os subornos, as traçoës, os venenos, com que nem o sustento necessario á vida, nem a mesma respiração he segura. Para que se veja se era felice quem todo este tumulto de inquietaçoens, que só conhecia o Oraculo, trazia dentro no peito. E como os bens da fortuna, ainda os mayores, quaes são os dos Reys, e ainda nos singular, e unicamente felices estão sujeitos a tantas misérias ou padecidas em si mesmas, ou no temor, e receyo, que não he tormento menor, nenhum outro remedio tem para escapar, e se livrar dellas a vida, senão o da morte. Taõ certo he ainda no mayor auge dos bens da fortuna, qual he a dos Reys, ser o mayor bem da vida a morte.

584 E para que em huma só demonstração vejamos inteira, e não por partes, esta mesma prerogativa da morte, não inculcada de novo, mas crida, ap-

provada, e impressa no juizo dos homens, ouçamos
hum notavel antiguidade.

Num. 70.

585 Houve entre os sabios da gentildade hum
homem chamado Sileno, semelhante na opiniaõ aos
nostros Profetas, cujas repostas, como inspiradas por
instinto mais que natural, eraõ recebidas, e cridas
como oraculos. A este Sileno pois consultou ElRey
Midas sobre qual fosse o mayor bem desta vida, e de-
pois de muitos rogos, e instancias a resposta, que
delle alcançou, foy esta: *Non nasci omnium est opti-
mum, mortuum autem esse longe est melius, quam
vivere*: O melhor de tudo he não nascer; mas no ca-
so de haver nascido, muito melhor he ao homem o
morrer, que o viver. Assim o disse Sileno, e não só
do vulgo foy recebido, como proverbio este dito,
mas o approvaõ, e celebraraõ sempre os dous ma-
yores lumes da Filosofia racional Plataõ, e Aristote-
les. Pindaro Principe dos Poetas Lyricos da Grecia
parece, que duvidoso ainda desta verdade quiz fa-
zer mayor exame della, e como pelo Oraculo de Del-
fos lhe fosse respondido o mesmo; que faria? Fez o
que devera fazer com semelhante desengano todo o
Christaõ. Deixou as Musas, e em vez de compor
versos, tratou de compor a vida: *His auditis, ad
mortem se comparasse, & paulo post vivendi finem fe-
cisse*, diz Plutarcho.

Num 71.

586 Não parou aqui a providencia divina, mas
para mayor prova deste desengano obrigou ao pay da
mentira, que fallava, e obrava nos idolos, a que mui-
to a seu pezar o confirmasse com dous notaveis pro-
digios. Agria era sacerdotiza da deosa Juno; e como
na mesma hora, em que havia de fazer o sacrificio,
tardassem os cavallos, que a costumavaõ levar em
carro-

Discurso LVI. 37

carroça, dous filhos, que tinha, chamados Biton, e Cleobo, se meteraõ no lugar dos cavallos, e com tanta força, e pressa tiráraõ a carroça, que nem hum momento de tempo faltou a mãy á pontualidade do sacrificio. Foy taõ admirado, e estimado este acto verdadeiramente heroico, de piedade para com a mãy, e de religião para com a deosa, que deo confiança a Agria para pedir a Juno em premio della, que désse áquelles seus dous filhos naõ menos, que a melhor cousa, que os deoses nesta vida podiaõ dar aos homens. Concedeo a deosa, como tambem servida, o que a mãy pedia; e qual seria o despacho da petição? No mesmo ponto cahiraõ mortos diante de seus olhos os mesmos filhos, confirmando a falsa deidade com verdadeiro documento, que entre os bens, e felicidades naturaes, que ao homem podem succeder nesta vida, o mayor, e mais seguro he a morte. A este famosissimo par Bithon, e Cleobo ajunta Plataõ outro naõ menos famoso, Agamedes, e Trofonio. Edificaraõ estes dous hum templo a Apollo Pithio, e no dia da dedicaçaõ oraraõ a Deos desta maneira: Que se aquella obra lhe agradava, o seu intento era pedirem lhes concedesse o que melhor podia estar a hum homem nesta vida; e porque elles naõ sabiaõ, que cousa fosse esta melhor, elle, de quem esperavaõ a merce, o resolvesse. Respondeo Apollo, que dalli a sete dias lhes concederia o que pediaõ; e o que succedeo ao setimo dia, foy, que deitandose a dormir Agamedes, e Trofonio, nunca mais acordaraõ: *Cumque obdormissent, nunquam deinde surrexissent.* E esta verdade entaõ admirada, e antes, e depois taõ mal entendida quiz a mesma providencia, ^{Num. 72.} para que acabassemos de entender, que ficasse esta-

38 *Vieira abbreviado*

belecida , e perpetuada , como em quatro estatuas ;
 não levantadas , mas cahidas , em Bithon , e Cleobo
 mortos , e em Agamedes , e Trofonio dormindo.

Num. 73. 587 A' vista pois destas quatro estatuas, as quaes
 em quanto vivas , e em pé eraõ o pó , que somos , e
 em quanto cahidas , e jazendo em terra saõ o pó , que
 havemos de ser , que fará todo o entendimento ra-
 cional , e christão ? Se o pó , que havemos de ser , he
 o mayor bem do pó , que somos , e se o mayor bem da
 vida he a morte ; que havemos ; ou que devemos fa-
 zer os vivos ? Se o melhor bem da vida he a morte ,
 passemos como mortos á melhor vida. E se dos mor-
 tos dizemos tambem , que os levou Deos para si ,
 deixemonos levar de Deos , e vivamos como mortos.

Num. 75. 588 O mesmo corpo nosso , que em quanto vivo
 está sobre a terra , depois da morte está debaixo da
 terra. E se o corpo , que está sobre a terra , se compa-
 rar comigo mesmo , quando estiver debaixo da ter-
 ra , nenhuma consideração póde haver mais efficaz
 para o persuadir a que viva como morto. Dizeme ,
 corpo meu , depois que estiveres debaixo da terra ,
 q̃ has de fazer ? Has de continuar nos mesmos vicios ,
 em que todo te empregavas , quando estavas sobre a
 terra ? Has de continuar nos mesmos vicios , que pó-
 de ser foraõ os que te mataraõ , e te apressaraõ a se-
 pultura ? Agora o não podes negar com a voz , e de-
 pois confessarás , que não , com o silencio. Todo o
 morto he como aquelle , de quem disse Tacito : *Ma-
 gis sine vitis , quam cum virtutibus* : O morto não
 tem virtudes , mas tambem não tem vicios. Não tem
 odio , não tem inveja , não tem cubiça , não tem am-
 bição : não se queixa , não murmura , não se vinga ,
 não mente , não adula , não rouba , não adultera.
 Pois

Discurso LVI. 39

Pois se de tudo isto has de carecer debaixo da terra, porque te não abstens dislo mesmo em quanto estás sobre ella?

589 O morto, quando o levão á sepultura, pelas Num. 76; mesmas ruas, por onde passeava arrogante, tão contente vai envolto em huma mortalha velha, e rota, como se fora vestido de purpura, ou brocado. Chegado á sepultura, tão satisfeito está com sete pés de terra, como com os mausoleos de Caria, ou as pyramides do Egypto; e se até essa pouca terra, que o cobre, lhe faltasse, diria, se podesse fallar, que a quem não cobre a terra, cobre o Ceo: *Caelo tegitur qui non habet urnam*. Pois se então tão pouca differença has de fazer da riqueza, ou pobreza das roupas; porque agora te desvanecem tanto, e gastas o que não tens na vaidade das galas? Pois se então has de caber em huma cova tão estreita; porque agora te não metes entre quatro paredes, e procuras a largueza da morada tanto mayor, que a do morador, e invejas a ostentação, e magnificencia dos palacios?

590 Ainda resta por te dizer o que mais me escandaliza. Se quando estás debaixo da terra, todos passam por cima de ti, e te pizaõ, e te não alteras por te ver debaixo dos pés de todos, agora que es o mesmo, e não outro, só porque estás com os pés sobre menos terra da que então has de occupar; porque te ensoberbeces, porque te iras, porque te inchas, e enches de colera, de raiva, de furor, e a qualquer sombra, ou suspeita de menos veneração, ou respeito o queres vingar não menos que com o sangue, e a morte? Mas he porque a mesma morte te não amansa, e emenda. Morreo o leão, morreo o tigre, morreo o basilisco, e onde está a braveza do leão,

onde está a fereza do tigre, onde está o veneno do basilisco? Já o leão não he bravo, já o tigre não he feroz, já o basilisco não he venenoso, já todos esses brutos, e monstros indomitos estão mansos; porque os amansou a morte: *Quoniam supervenit mansuetudo*. E se assim emenda, e tanta mudança faz a morte nas feras; porque a não fará nos homens?

Pl. 82. 10.

591 Perguntou hum Monge ao Abbade Moysés, famoso Padre do ermo, como poderia hum homem, adquirir a mortificação, que ensina S. Paulo, tal, que estando vivo, vivesse como morto. E respondeo o Abbade, que de nenhum outro modo, nem tempo, senão quando totalmente se persuadissem, que havia já hum triennio, que estava debaixo da terra: *Nisi quis arbitratus fuerit se habere jam triennium in sepulchro, ad hunc sermonem pervenire non potest*. E quem está certo, que o seu corpo ha de estar debaixo da terra, não tres annos, nem tres seculos, senão em quanto durar o mundo até o fim, como não persuadirá ao mesmo corpo, e o sujeitará a que viva como morto esses quatro dias, e incertos, em que póde tardar a morte? Se este corpo, que hoje he pó sobre a terra, á manhã ha de ser pó debaixo da terra; porque se não accommodará, e concordará comfigo mesmo a viver, e morrer de tal modo, que na vida logre o mayor bem da morte, e na morte não padeça o mayor mal da vida?

Discurso LVII. 41

DISCURSO LVII.

Tirado do sermão prégado nas exequias de D. Maria de Ataíde filha dos Condes de Atouguia Dama de Palacio.

M O R T E.

592 **C**afos succedem no mundo, que parece se Part. 4. descuida Deos do governo d'elle, e se al- Num. 468. guis são a nossa admiração mayores motivos, são os da vida, e da morte Esta admiração introduzio no juizo dos homens o erro de fados, e de fortuna, que se bem entre nós perderão a divindade, ainda conservaõ os nomes. Se repararmos bem com attenção quem vive neste mundo, e quem morre, he necessaria muita fé para crer, que ha providencia: *Domine non est tibi curæ?* Todo o motivo desta queixa de Martha foy ver, que a deixara Maria, e que estava com Deos. Tal he o motivo, que temos presente, mas com mayores circumstancias de dor, (não fei se diga de semrazaõ,) e assim havemos de ouvir hoje mais queixas.

593 Em fim Maria está com Deos: *Sedens secus* Num. 469. *pedes Domini*: desatou se dos cuidados, e das obrigaçoens do mundo, rompeo os laços da humanidade, deixou em soledade o sangue, o amor, e a mesma vida: *Reliquit me solam*. Contra este não esperado apartamento temos tres queixosas a modo de Martha, e não queixosas de Maria, porque o executa, senão de Deos porque o permite: *Domine non est tibi curæ?* E que queixosas são estas? A primeira

ra he a idade, a segunda a gentileza, a terceira a discrição. Pararão todas (como Martha, *Quæ stetit, & ait.*) E que conformemente se queixaõ ! Corpo, alma, e uniaõ he toda a fabrica do composto humano. Por parte da uniaõ queixase a idade cortada: por parte da alma queixase a discrição emmudecida: por parte do corpo queixase a gentileza eclipsada. Chora a idade o golpe, chora a discrição o silencio, chora a gentileza o eclipse; porque lhe não valeraõ contra a morte, nem á idade o mais florente, nem á gentileza o mais florido, nem á discrição o mais florido.

594 Primeiramente queixase a idade contra a morte, e que justificadamente se queixa! Oh morte cruel, que enganados vivem contigo os que dizem, Num. 470. que es igual com todos! Temse acreditado a morte com o vulgo de muito igual pelo despeito, com que piza igualmente os palacios dos Reys, e as cabanas dos pastores: *Æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres.* Que os palacios dos Reys, por mais cercados que estejaõ de guardas, não possaõ resistir ás execuções da morte, bem o experimentou esta vida. Justo era, que aquellas portas, que taõ cerradas costumão estar ás verdades, lhe deixe ao menos a natureza aberto este postigo aos defenganos. Mas nesta mesma igualdade cõmette grandes desigualdades a morte He igual; porque não faz excepção de pessoas: he desigual; porque não faz differença de idades, nem de merecimentos: matar a todos sem perdoar a ninguem igualdade he, mas tirar a vida a huns taõ tarde, e a outros taõ cedo, deixar os que são embaraço do mundo, e levar os que eraõ o ornato d'elle, que desigualdade mayor? Todos se queixaõ

Discurso LVII. 43

queixaõ da pressa, com que corre a vida; eu não me queixo senão da desigualdade, com que caminha a morte.

595 Apareceo huma vez a morte ao Profeta Num. 47x: Habachuc, e vio, que hia andando no triunfo de Christo: *Ante faciem ejus ibit mors*. Apareceo ou- Habac. 3. tra vez a morte a S. João no Apocalypse, e vio, que vinha pizando sobre hum cavallo: *Et ecce equus, & qui sedebat super eum, nomen illi mors*. Apare- Apoc. 6. 8. ceo terceira vez a morte ao Profeta Zacharias, e vio huma fouce com azas: *Vidi, & ecce falx volans*. De Zach. 5. 1. maneira que temos a morte a pé, morte a cavallo, e morte com azas. A vida sempre caminha ao mesmo passo, porque segue o curso do tempo: a morte nenhuma ordem guarda no caminhar, nem ainda no ser. Humas vezes he huma anatomia de ossos, que anda, outras hum cavalleiro, que corre, outras huma fouce, que voa. Para estes vem andando, para aquelles correndo, para os outros voando. Se a morte ou para todos andara, ou para todos correrá, ou para todos voara, era igual a morte. Mas andar para huns, para outros correr, e para mim voar! Oh morte, quem te cortara as azas! Mas bem he, que bata as azas, para que nós abatamos as rodas.

596 Pintase a morte com huma fouce segadora na mão direita, e hum relógio com azas na mão esquerda: se algum dia, ou hora foy assim a morte, troquese daqui por diante a pintura, que já não he assim: *Ecce falx volans*. Tirou a morte as azas do relógio da mão esquerda, e passou-as á fouce da mão direita; porque he mais apressada a fouce da morte em cortar, que o relógio da vida em correr. Ainda quando a morte não voa, corre mais que a vida. Aquelle
cavallo

cavallo , em que S. João vio a morte , diz o texto na versão de Tertulliano , que era verdè : *Et equus viridis*. Quem vio já mais cavallo verde ? Mas era o cavallo da morte. Vestese este animal indomito da cor dos annos , que corta , arreefe das esperanças , que piza , pintase das primaveras , que atropella. Todos os annos estão sujeitos á morte , mas nenhuns mais , que os que pareciaõ mais seguros , os verdes.

Num. 47 j. 597 Mostrou Deos huma vizaõ ao Profeta Amos , (que era homem do campo) e perguntoulhe , que via : *Quid vides tu Amos ?* Respondeo o Profeta : Senhor : *Uncinum pomorum* : o que vejo he huma vara comprida , e farpada , com que os rusticos alcançamos a fruta , e a colhemos das arvores. Pois essa vara , que vês , diz Deos , he a morte. Todo este mappa do mundo he hum pomar : as arvores , humas altas , outras baixas , saõ as diversas geraçoens , e familias : os fructos , huns mais maduros , outros menos , saõ os homens : a vara , que alcança ainda os ramos mais levantados , he a morte : colhe huns , e deixa outros. Ah Senhor , que essa he a morte como havia de ser , e não como he. Quem entra a colher em hum pomar , passa pelos pomos verdes , e colhe os maduros ; mas a morte não faz assim : vemos que deixa os maduros , e colhe os verdes. E já se colhera só os fructos verdes , colhera fructos , mas a queixa minha he . que deixa de colher os fructos , e colhe as flores : *Flores apparuerunt in terra nostra , tempus putationis advenit* : Apareceraõ as flores na nossa terra , não lhe aguardou mais tempo a morte : appareceraõ , e desapareceraõ. A'lerta , flores , que a primavera da vida he o outono da morte. A fouce segadora , que traz na maõ , instrumento he do Agosto , e não do Abril ;
mas

Discurso LVII. 45

mas armase assim com ardilosa impropriedade a morte, ameaça as espigas, para que se defacatelem as flores. Ha tal crueldade! Ha tal engano! Não me queixo do golpe, senão do tempo: *Flores apparuerunt, tempus putationis*. Que haja tempo de florescer, e tempo de cortar, he natureza; mas que o tempo de florescer, e o de cortar seja o mesmo! Que a idade mais florida seja a mais mortal! Que a vida mais digna de viver seja a mais sujeita á morte! E que haja imperio superior, que domine este tyranno! Que haja providencia no mundo; que o governe!

Domine, non est tibi curæ? Numi. 474

598 A estas queixas tão justificadas da idade se seguem as da gentileza, não menos lastimosa; mas mais pará lastimar. Por isso lá Jeremias no pranto de Belém as lagrimas, que houveraõ de ser de Lia, trasladou-as aos olhos de Rachel, não porque houvessem de ser mais sentidamente choradas, mas porque haviaõ de ser mais lastimosamente ouvidas. Queixase a gentileza contra a morte por conceder a tanto luzimento, tão breves dias, a tanta representaçãõ tão pouco theatro. E pois as queixas da boca de Rachel saõ melhor ouvidas, seja Rachel a primeira allegoria destas queixas.

599 Muito tenho reparado em quaõ desigualmente se houveraõ com Rachel quem lhe deo, o ser, e quem lho tirou, Labaõ, e a morte. Pedia Jacob a Labaõ o premio dos primeiros sete annos, que servira, e deolhe Labaõ a Lia em lugar de Rachel, allegando, que Lia era a filha primeira, e que havia de preceder. Teve paciencia Jacob, servio outros sete annos, e em huma jornada, que depois fez de Bethel a Belém, morreo Rachel, e ficou sepultada no caminho,

nho, e Lia depois deste successo viveo ainda muitos annos. Não sey se notais a desigualdade. De maneira, que Labão, quando houve de dar casa a huma das filhas, reparou na prerogativa dos annos, e precedeo Lia: e a morte quando houve de dar sepultura a huma das irmans, não reparou nos privilegios da idade, e precedeo Rachel. Pois se se ha de dar primeiro casa a Lia, que a Rachel, porque tem mais annos Lia; porque se ha de dar primeiro sepultura a Rachel, que a Lia, se tem menos annos Rachel? He possível, que para a casa ha de ser Rachel a ultima, e para a sepultura a primeira? Sim, que isso he ser Rachel. Nas leys de Labão tem precedencia para a casa a mayor idade, nas leys da morte tem precedencia para a sepultura a mayor belleza.

Nam. 47.

600 Desde a terra até o Ceo está estabelecida esta ley. Na terra a rosa Rainha das flores he efimera de hum dia: toda aquella pompa branca, toda aquella ambição encarnada, de que se veste, pela manhã são mantilhas, ao meyo dia galas, á noite mortalias. No Ceo a Lua Rainha das estrellas quem a vio cheya retrato da formosura, que logo a não visse minguan-te depois da mudança? Quando resplandece com toda a roda, então se eclipsa: quando faz opposi-ções ao Sol, então a encobre a terra. Ajuntese a formosura da terra com a formosura do Ceo, e na união de ambas veremos o mesmo exemplo.

601 Transfigurouse Christo no Thabor, appare-
cerão logo no mesmo monte com o Senhor Moysés,
Luc. 9. 31. e Elias: *Et loquebantur de excessu, quem completu-
rus erat in Jerusalem.* Ha tal prática em tal occa-
são! Huma vez, que a formosura de Christo quiz
fazer ostentação de suas galas, que logo os Profetas

lhe

Discurso LVII. 47

He hajaõ de cortar os lutos? Sim, e muito a seu tempo; porque a mesma formosura, que viaõ, era profecia da morte, em que fallavaõ: *Loquebantur de excessu*: de hum excessõ arguiaõ o outro; que quem excedia tanto na formosura, não podia durar muito na vida. Quanto se disse no Thabor, foraõ pregoens deste desengano. No Thabor fallaraõ os dous Profetas, e fallou S. Pedro: S. Pedro fallou como nescio; porque cuidou, que formosura taõ grande podia permanecer muito nesta vida: *Bonum est nos hic esse*; os Profetas fallaraõ como discretos; porque tanto que viraõ o extremo da formosura, logo deraõ por infallivel o excessõ da morte: *Loquebantur de excessu*. Antes, se bem repararmos, a mesma formosura de Christo no Thabor foy a mayor confirmação de sua pouca dura. Dizem os Euangelistas: *Resplenduit facies ejus sicut Sol, vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix*. Que o rosto de Christo ficou resplandecente como o Sol, e suas vestiduras brancas como a neve: formosura de neve, e Sol he grande; mas de dias breves. Quando o Sol se vê junto com a neve, saõ breves os dias do Sol, quando a neve se vê junta com o Sol, saõ poucas as horas da neve. Bem se vio: tanta neve, e tanto Sol que duração tiveraõ? Sabese que foy de hum só dia, não se sabe de quantas horas. Oh neve derretida a rayos do Sol! Oh Sol sepultado em occasos de neve! que larga materia de affinar a queixa offereceis neste passo á minha oração; mas obrigame a mim a discrição, a que remetta ao silencio o enternecido destas queixas, para que ouçamos o poderoso das suas.

602 Queixase finalmente a discrição, (que sem-
pre a discrição he a ultima em queixarse) e tomara
eu,

eu, que ella tivera melhor interprete para declarar com quanto fundamento se queixa. O mayor inimigo da vida quem vos parece que será? O mayor inimigo da vida he o entendimento. Taõ madrastra se houve com o homem a natureza, que produzindo tantos antidotos nas entranhas dos animaes, dentro na alma do homem lhe creou o mayor veneno. Se buscarmos a primeira origem da morte, na arvore da ciencia poz Deos o fruto da mortalidade: por onde os homens quizerão ser mais entendidos, por alli começaram a ser mortaes. Até no mesmo Deos teve lugar esta terrivel consequencia. Houve de encarnar, e morrer huma das pessoas divinas, e porque mais o Filho, que alguma das outras? A verdadeira razaõ sabe a Deos. Eu só sey, que á pessoa do Filho se attribue o entendimento, e que á pessoa do Filho se unio a mortalidade. Como o Verbo *ab eterno* procedeo por entendimento, *ab eterno* propendeo para mortal. Se isto foy em Deos, que será nos homens? Todos os homens são mortaes, mas o mais entendido, mais mortal que todos.

603 Naquelle parabola das dez virgens as vodas significavaõ a morte, e he muito de notar, que sendo cinco as entendidas, e cinco as nescias, todas as cinco entendidas morrerão primeiro. Entender muito, e viver muito ou no entendimento he engano, ou na vida he milagre. A razaõ disto a meu juizo deve ser; porque cada hum sente como entende. Quem entende muito, não póde sentir pouco, e quem sente muito, não póde viver muito. O homem he vivente, sensitivo, e racional: o racional apura o sensitivo, e o sensitivo apurado destroe o vivente.

Num. 478.

604 Mas como os homens igualmente amaõ a vida,

Discurso LVII. 49

vida, e se prezaõ do entendimento, daqui vem, que se persuadem difficultosamente a esta triste Filosofia.

Dizia David a Deos: *Da mihi intellectum, & vi-* Pl. 113.
vam: Senhor, daime entendimento, e vivirei. Ah 144.

David, e como não sabeis o que pedis! Se quereis morrer, pedi embora a Deos, que vos dê entendimento; mas se quereis viver, pedilhe, que vos tire o entendimento, que tendes.

605 Não havemos de ir buscar a prova a outra parte. Vay depois disto David á Corte d'ElRey Achiz, tem noticia, que o querem matar, e fazse doudo. E bem, David, não ereis vós o que dizieis a Deos, que vos desse entendimento para viver? Pois como agora para viver vos desfazeis do entendimento? Dantes governavase David pelo discurso, agora pela experiencia. Pelo discurso pareciahe a David, que não havia cousa para viver, como ser entendido; mas a experiencia mostrou depois a David, que era necessario ser desentendido para viver.

606 Já démos a razão disto em quanto natureza, Num. 479.
demola agora em quanto semrazão. Seja por hum exemplo. Entraraõ pelo Horto os soldados, que vinhaõ prender a Christo, mete maõ á espada S. Pedro, enveste a Malcho, e fere-o. Sempre reparei muito nesta envestida, e neste golpe. Se Pedro quer defender a seu Mestre, avance aos esquadroens armados, envista, e mate-se com elles. Mas a Malcho? A Malcho, que não trazia na maõ mais que huma lanterna com que alumiaa? Eisahi como trata o mundo as luzes: em apparecendo a luz, todos os golpes a ella. Em vez de arremeter aos que traziaõ as armas, arremete ao que trazia a luz; porque de nenhuma cousa se daõ os homens por mais offendidos, que da luz

Tom. II.

D

alhea.

50 *Vieira abbreviado*

alhea. Se vierdes com exercitos armados : *Cum gladiis, & fustibus*, tervos haõ quando muito por inimigo, mas naõ vos faraõ mal; porẽm se vos coube em sorte a lanterna, se Deos vos deo huma pouca de luz, (ainda que naõ seja para luzir, senaõ para alumiar) fostes mofino, apparelhai a cabeça. De tudo o dito se colhe, que quando vemos saltar ante tempo as luzes ou porque morrem, ou porque as mataõ, ou porque se mataõ, naõ temos materia de espanto, posto que a tenhamos grande de queixa: de espanto naõ, porque este he o mundo: de queixa sim, porque o governa Deos: *Domine, non est tibi curæ?*

607 He possivel, Senhor, que tendes providencia, e que haõ de viver as trevas, e morrer as luzes? O nescio sepultado nas trevas da ignorancia ha de ter pazes com a morte, e o entendido alumiado com as luzes da razãõ ha de andar em guerra com a vida? Ameaçando David aos poderosos com o inevitavel da morte, diz, que os nescios, e os entendidos todos haviaõ de morrer juntamente: *Cum viderit sapientes morientes, simul insipiens, & stultus peribunt*. Se assim fora ainda era desigualdade; mas que a morte apressada seja tributo do entendimento, e a vida larga attributo da ignorancia? Naõ lhe bastava aos nescios hum attributo, naõ lhe bastava serem infinitos no numero, senaõ tambem eternos na duraçaõ? Que no Paraíso dê fructos de morte a arvore da ciencia, e que no mundo a ignorancia seja arvore da vida? Que dentro de nós seja enfermidade mortal o entendimento, e que fóra de nós seja delicto mortal o uso da razãõ? Que sendo o racional natureza, ninguem possa ser racional sob pena de vida?

Discurso LVII. 51

vida? E que estas injustiças da morte sejaõ disposi-
çoens da providencia? *Domine non est tibi curæ?*

608 Mas acudamos já pela providencia divina, Num. 483
e respondamos ás nossas tres queixosas, que he tem-
po. Não se queixe a idade por cortada, nem a dis-
crição por emudecida, nem a gentileza por ecli-
psada, que para todos escolheo Maria a melhor parte.
He verdade, que morreo, mas por meyo da morte
eternizou a idade, melhorou a gentileza, canonizou
a discrição. Vede, se tem razão de estarem queixo-
sas, ou agradecidas.

609 Primeiramente eternizou a idade; porque Num. 484.
cortalla foy artificio de a eternizar. Dizia Job: *In
nidulo meo moriar, & sicut phœnix multiplicabo
dies meos*. Morrerei, e multiplicarei meus dias.
Notavel modo de fallar! Parece, que havia de dizer
Job: Morrerey, e acabarei meus dias; mas morrerei,
e multiplicarei meus dias: *Moriar, & multiplica-
bo dies meos*; como póde ser isso? O mesmo Job
dille como: *Sicut phœnix*. Reparo, diz Job, que
eu não fallo como homem, fallo como fenix: o ho-
mem diz: Morrerei, e acabarei meus dias, porque
com a morte acaba: a fenix pelo contrario diz: Mor-
rerei, e multiplicarei meus dias, porque na fenix o
cortar a vida he artificio de multiplicar a idade. En-
tre todas as mortes só huma ha no mundo, que não
seja digna de sentimento, he a da fenix. Se a fenix
morrera para acabar, fora a sua morte mais lastimo-
sa, e mais digna de sentimento, que todas, porque
he unica; mas como a fenix morre para renascer,
como a fenix diminue a vida para multiplicar a ida-
de, não he digna de lagrimas a sua morte, senão de
applausos. Callese logo a idade queixosa; que não

52 *Vieira abbreviado*

merece queixas quem morre fenix.

Num. 486. 610 Também a gentileza não tem razão nas suas queixas. O morrer não foy perder, foy melhorar a formosura. Oh se a cegueira do mundo tivera olhos para ver esta verdade, que menos idolatradas foraõ suas apparencias! Oh que admiraveis transformações de formosura faz invisivelmente a morte debaixo da terra! Os Chimicos não acharaõ atégora a pedra filosofal; porque não fizeraõ ensayo nas pedras de huma sepultura. Fallando Deos a Abrahaõ na gloriosa descendencia de seus filhos, humas vezes comparou-os a pó, e outras a estrellas para ensinar (diz Filo) que o caminho de se fazerem estrellas era desfazeremse em pó. Que cuidais, que he huma sepultura, senaõ huma officina de estrellas? Ainda a mesma natureza produz mayores quilates de formosura embaixo, que em cima da terra. As flores, formosura breve, criaõse na superficie, as pedras preciosas, formosura permanente, no centro.

611 Julgue agora a enganada gentileza, se foy injuriosa a Rachel a sepultura, ou se soube escolher Maria a melhor parte. Enterrouse flor para se congelar diamante: desfezse em cinzas para se formar em estrella.

Num. 487. 612 Mas quando por meyo da morte não alcançara a gentileza a melhoria da transformação, pergunto: E fora pequeno beneficio livrar-se por esta via dos damnos da mudança? Este genero apparente, a que os homens chamaõ formosura, ainda tem mais inimigos, que a vida, com ser taõ fragil. A vida tem contra si a morte, a formosura ainda antes da morte tem contra si a mesma vida: *Forma bonum fragile est, quantumque accedit ad annos, fit minor.* Os primeiros

Discurso LVII. 53

meiros tyrannos da formosura são os annos, e a sua primeira morte he o tempo. Debaixo do imperio da morte acaba, debaixo da tyrannia do tempo mudase.

613 E se alguém perguntara á formosura, qual lhe está melhor, se a morte, ou a mudança, não ha duvida, que havia de responder: Antes morta, que mudada. A formosura morta sustenta-se na memoria do que foy, a formosura mudada afronta-se no testemunho do que he. A victoria, que da formosura alcança a morte, he hum rendimento secreto, cobre-o á terra: a victoria, que da formosura alcança o tempo, he hum triumpho publico, todos a vem: e trazer o epitapho no rosto; ou telo na sepultura vay muito a dizer. Parece esta razão demasiadamente humana; mas Deos a fez divina.

614 Occultou Deos o sepulchro de Moysés, (a mayor formosura do mundo, sem ser affronta em hum homem) não porque os homens o não vissem morto, mas porque não vissem a sua formosura mudada: *Ne faciem, quæ radiaverat, suppressam videret.* Morta sim, mudada não, ninguém a ha de ver. Assim trata Deos a formosura, a que quer fazer o mayor favor: e tão certo he o juizo do mesmo Deos, que lhe está melhor á formosura a morte, que a mudança. Chegada pois a gentileza humana áquelle termo precizo de sua perfeição, em que o parar he vedado, o crescer impossivel, e o diminuir forçoso, fazer treguas com a morte por se não sujeitar á tyrannia do tempo, se não foy eleger a melhor parte, foy ao menos aceitar o melhor partido: *Maria optimam partem elegit.*

615 Finalmente a discrição não tem razão de
Tom. II. D 3 quei- Num. 488.

54 *Vieira abbreviado*

queixar-se; porque se a morte a emudeceo, a morte a canonizou. A discrição verdadeira não consiste em saber dizer, consiste em saber morrer. Até á morte ninguém se póde chamar com certeza nescio, ou discreto. O ultimo acerto, ou ultimo erro he o que dá nome ao juizo de toda a vida. Por isso Deos no principio do mundo approvando todas as creaturas, só ao homem não approvou; porque a approvaçã do homem está sempre dependendo do fim: *Non in exordio, sed in fine laudatur homo*, disse Santo Ambrosio.

616 Não se póde seguramente louvar o homem, nem quando começa, nem quando he, senão quando acaba de ser. Em quanto não chegou o dia ultimo, estava em opiniaõ a prudencia das virgens: affentouse a morte na suprema cadeira, definio quaes eraõ as nescias, e quaes as prudentes.

617 Em nenhuma cousa se vê tanto o acerto da eleiçã, como naquillo, que acertado huma vez não póde ter mudançã, ou errado huma vez não póde ter emenda. He eleiçã, de que depende tudo, e huma parte, que encerra em si o todo, e por isso a melhor parte: *Optimam partem elegit*.

Num. 491.

618 Tenho acabado, e satisfeito, se me não engano, ás nossas tres queixosas. Mas se ellas tiveraõ tempo para se queixar de novo, e eu forças para dizer, e vós paciencia para ouvir, he certo, que as queixas, que se fizeraõ tanto sem razã contra esta morte, se haviaõ de converter todas, e com muita razã contra nossas vidas.

619 Oh idades cegas! Oh gentilezas enganadas! Oh discriçãoens mal entendidas! Vive a idade, como se não houvera morte: vive a gentileza, como se não passara o tempo: vive a discrição, como se não temera

Discurso LVII. 55

mera o juizo. Oh acabemos já algum dia de ser cegos. Ponhamos diante dos olhos estas imagens funestas, retrato de nós mesmos, que não sem particular providencia nos mete Deos em casa tão repetidamente. Apenas ha casa illustre em Portugal, que se não visse cuberta de lutos este anno: e ainda não he acabado.

620 Já que os parentes morrem para si, e para Deos, morraõ tambem para nós. Consideremos, que foraõ o que fomos: que havemos de ser o que faõ: que alli vay a parar tudo: e que tudo, o que alli não aproveita, he nada. Se nos dá confianças a idade, reparemos quaõ fragil he, e quaõ sujeita ao menor accidente. Se a gentileza nos engana, desfengamentos huma caveira, que he o que só tem duravel a mayor formosura. Se a discriçaõ finalmente nos desvanece, saibamos ser discretos, que he saber salvarnos.

DISCURSO LVIII.

Tirado de hum sermaõ, que o Auêtor prégou na Igreja da Misericordia da Bahia ao enterro dos ossos dos enforcados.

MORTOS.

621 **H** Um dos grandes escandalos, que tenho Part. 5.
do mundo, he, porque se não ha de tes- Num. 373.
tar dos amigos. Na morte testaõ os homens de todos os seus bens, e por essa mesma razão parece, que haviaõ de testar dos amigos em primeiro lugar; porque entre todos os bens nenhum bem ha mayor, que os amigos, e entre todas as cousas nossas ne-

56 *Vieira abbreviado*

nhuma he mais nossa , que os amigos.

622 Pois se os amigos saõ os nossos mayores bens, e os bens mais nossos , porque naõ testamos delles ? A razã he esta; porque os bens, de que testaõ, e podem testar os homens , saõ aquelles , que permanecem depois da morte: e os amigos , ainda que sejaõ os nossos mayores bens , saõ bens, que se acabaõ com a vida. O mayor amigo permanece até á morte; depois da morte ninguem he amigo.

Part. 2.

Num. 450.

Num. 449.

623 Para que se defengam todos os mortaes de quaõ pouco se devem fiar os mortos dos vivos , ponhamos o exemplo nos mais respeitados , e nos mais respeitosos do mundo , que saõ os Reys , e os que andaõ mais chegados a elles.

624 Morreo ElRey Herodes, aquelle , que logo em seu nascimento quiz tirar a vida a Christo , e o obrigou a fugir ao Egypto ; e tanto que morreo , appareceo o Anjo a S. Joseph , e disselhe , que seguramente podia tornar para as terras de Israel : *Defuncti sunt enim , qui quærebant animam pueri* ; porque já eraõ mortos os que perleguiaõ ao minino.

625 Este porque do Anjo parece , que foy mais largo do que havia de ser. O Evangelista diz , que só morrera Herodes : *Defuncto Herode*. Pois se o que morreo foy só Herodes perseguidor de Christo , como diz o Anjo , que morreraõ todos os que o perseguaõ ? Porque com a morte dos Reys morrem todos os respeitos , que os acompanhaõ na vida. Herodes persegua a Christo por respeito da coroa , os demais perseguaõno por respeito de Herodes , e como morreo Herodes , tambem morreraõ com elle todos esses respeitos. E diz o Anjo angelicamente , naõ que morreraõ os respeitos , senaõ que morreraõ os respei-

Num. 450.

Discurso LVIII. 57

respeitosos, ou respectivos, isto he os familiares de Herodes. Em algumas naçoens da India quando morrem Reys, mataõse juntamente com elles todos os seus criados, e validos. Cá não se mataõ, mas tambem morrem. Morrem para elles, e vivem (como sempre viveraõ) só para si. E se isto succede aos Reys, que será dalli abaixo? Defenganemonos pois, que para os mortos não ha vivos. Todos morrem com quem morre: *Defuncto Herode, defuncti sunt enim*. Atai as palavras do Euangelista com as do Anjo, e notai muito aquelle *enim*. Morrem os vivos com os mortos sem outro achaque, nem porque, fenaõ porque elles morrerãõ. Não morreria muito tresvariado, e fóra de si quem nomeasse por seu testamenteiro a hum morto? Pois assim o fazem os que na morte encommendaõ os descargos de sua alma aos vivos.

627 Até os que na vida morriaõ por vós, na morte morrem convosco. Vede o nos filhos para com os pays, e nos irmaõs para com os irmaõs, e o que he mais que tudo nos amigos para com os amigos. O par mayor de amigos, que lemos na Escritura, (que os outros saõ fabulosos) foraõ Jonathas, e David. Morreo Jonathas, ficou David vivo, e tudo, o que fez por elle, foy tirar a fazenda a seu filho, e comprar hum Soneto, ou hum Canção á sua morte: *Doleo super te, frater mi Jonatha, decore nimis, & amabilis super amorem mulierum. Sicut mater unicum amat filium suum, ita ego te diligebam*. Reparay no *diligebam*, amava. Elle mesmo confessa, e diz não que ama, fenaõ que amava; porque com a morte de Jonathas morreo tambem o amor de David. Fiaivos lá de amigos, e mais dos mais discretos.

O que

2. Reg. 1.
26. & 27.

O que podeis esperar quando muito da sua memoria, ou do seu entendimento, he huma meya folha de papel com quatorze versos: melhor fora huma bulla de defuntos.

Num. 451.

628 Mas tornando a Herodes, e á declaraçãõ dos respeitos, porque na sua morte morreraõ com elle todos os seus, he de saber, que este Herodes, por sobrenome Ascalonita, foy o homem, que por todas as artes, e manhas soube melhor ganhar, sujeitar, e unir a si os animos dos homens. Como era intruso na coroa, reynou quarenta, e dous annos sempre com receyo de que o privassem do Reyno: a huns grangeava com favores, e merces, como Rey, a outros sujeitava com rigores, e castigos, como tyranno. E por este modo dominava de tal sorte a todos, que não havia no seu Reyno mais que huma só vontade, que era a sua. Bem se vio na entrada dos Magos em Jerusalem com voz de outro Rey: *Turbatus est Herodes: Turbout Herodes: Et omnis Ierosolyma cum illo*: E todos por elle, e com elle. E assim como todos viviaõ com elle, quando vivo, assim todos morreraõ com elle, quando morto. Em quanto vivo, huns viviaõ com elle pelo beneficio, outros pelo medo: tanto que morreo, morreraõ tambem todos com elle; porque nenhuns tinhaõ já que temer, nem outros que esperar.

Num. 454.

629 Mas muitas vezes saõ servidos, e honrados os mortos, não por si, mas por respeito dos vivos. Não vedes nas mortes, e funeraes, principalmente dos grandes, os concursos, e assistencias de todos os estados, que se fazem áquelles perfumados cadaveres, de cujas almas por ventura se não tem tanto cuidado? Pois não cuideis, que cuidamos, que o fazeis
por

Discurso LVIII. 59

por piedade dos mortos. Todos sabemos tão bem como vós, que são puras ceremonias, e lisonjas, com que incensais os vivos. Por mais que sejaõ funeraes os obsequios, aos vivos he que se fazem, e não aos mortos. Ouvis aquelles resposos de corpo presente tão concertados, e tão sentidos? Pois não se rezaõ aos defuntos, cantaõse aos vivos. Por isso os de Naim Num. 455. no enterramento do filho da viuva hiaõ com ella, e não com elle: *Ecce defunctus efferebatur, filius unicæ matris suæ, & hæc vidua erat: & multitudo copiosa plebis cum illa*; porque ordinariamente o que parece, que se faz aos defuntos, fazse aos vivos. O filho era defunto, e a mãy a acompanhada. Os da tumba levavaõ o morto, os do acompanhamento levava-os a viva. Elle hia para a sepultura, e elles não hiaõ com quem hia, hiaõ com quem ficava: *Cum illa.*

630 Se isto he o que passa nas Cidades pequenas, Num. 456. como a de Naim, que será nas grandes Cortes, onde he tamanha a lisonja dos vivos, como o esquecimento dos mortos? Ponhamonos na de Menfis. Morreo Jacob pay de Joseph no Egypto, e depois morreo tambem Joseph na mesma Corte. Mas he digno de admiração, e de pasmo o modo, com que se portaraõ os Egypcios em huma, e outra morte. Na de Jacob duraraõ os prantos, e as exequias setenta dias: Genef. 50. *Flevit eum populus septuaginta dies.* E porque logo se trasladou o seu corpo para a terra de Canaan, como tinha mandado, acompanharaõno até lá todos os Principes, e Grandes do paço de Faraó, e todos os Magistrados, e senhores do Egypto com grandes tropas de cavallaria, e apparato de carroças: Gen. 50. 7. *Ierunt cum eo cuncti seniores domus Pharaonis, cunctique* & 9.
maio-

60 *Vieira abbreviado*

*maiores natu Egypti: habuitque in comitatu cur-
rus, & equites.* Assim foraõ caminhando até fóra-
das rayas do Egypto, e depois que passaraõ o Jor-
daõ, e chegaraõ ao lugar do sepulchro, renovaraõ
outra vez as exequias por espaço de sete dias com
tantas lagrimas, e extraordinarios prantos, que ad-
mirados os Cananeos pozeraõ por nome áquelle si-
tio: *Planctus Egypti*: O pranto do Egypto: *Ubi ce-
lebrantes exequias planctu magno; atque vehementi,
impleverunt septem dies. Quod cum vidissent habi-
tatores terre Chanaan, vocatum est nomen loci illius:
Planctus Egypti.* Taõ sentida, e taõ magestosamen-
te como isto celebraraõ os Egypcios as exequias de
Jacob pay de Joseph.

Gen. 50. 10.
11.

631 E quaes vos parece agora, que seriaõ as do
mesmo Joseph, quando depois morreo no mesmo
Egypto? De industria referi todas as palavras, com
que a Escritura descreve as do pay, para que a mes-
ma Escritura nos diga tambem as do filho. Ouvi com
assombro o que diz: *Mortuus est Joseph expletis
centum, & decem vitæ suæ annis, & conditus aro-
matibus repositus est in loculo in Egypto*: Morreo
Joseph de idade de cento e dez annos, e ungido, como
era costume dos Hebreos, o meteraõ em hum lugar
do tamanho do seu corpo no Egypto. Enaõ diz mais
a historia sagrada, sendo estas as ultimas palavras de
toda a que escreveo Moysés. E que he das exequias?
Que he das lagrimas, e prantos? Que he da solemni-
dade do enterro? Que he dos apparatus funebres?
Que he dos mausoleos, e pyramides Egypciacas?
Que he do concurso da Corte? Que he do acompa-
nhamento, e assistencia dos tribunaes, dos Minis-
tros, e senhores grandes da casa de Faraõ, de que
Joseph

Num. 457.

Discurso LVIII. 61

Joseph era o mayor, o mais valido, o mais respeitado, e adorado, e sobre tudo o mais benemerito?

632 Nada disto diz Moylés, sendo sem duvida, que o havia de dizer, se o houvera, assim como com tanta especialidade, e miudeza descreveo as honras, e exequias de Jacob. Pois se a Jacob só por ser pay de Joseph sem outro merecimento, ou serviço, com que tivesse obrigado aos Egypcios, lhe fazem na morte tão magnificas exequias, e tão exquisitas honras, e o que he mais, acompanhadas de tantas lagrimas, e prantos, como falta tudo isto na morte de Joseph, na morte outra vez daquelle mesmo Joseph, a quem os mesmos Egypcios deraõ nome de Redemptor do mundo, porque ao Rey tinha remido, e conservado ao Reyno, e aos vassallos primeiro tinha dado a vida, depois a fazenda, e ultimamente a liberdade?

633 Aqui vereis quanto vay de mortos a mortos, quando concorre, ou falta o respeito dos vivos. Quando morreo Jacob, era vivo Joseph, e porque era vivo o filho, e tal filho, fizeraõ tantas honras ao pay. Pelo contrario, quando morreo Joseph, não deixou vivo depois de si a quem os Egypcios respeitassẽ, ou de quem dependessẽ; e como não havia vivos para os obsequios, não houve exequias para o defuncto. Só se podiaõ desculpar os Egypcios com Joseph, dizendo, que lhe faltaraõ com as lagrimas na morte, porque já lhas tinhaõ dado em vida, e assim foy. Nas exequias de Jacob o chorado não era o pay, era o filho; porque não choravaõ os Egypcios pelo morto, choravaõ para o vivo. Sahiaõ as lagrimas dos seus olhos, para que as vissem os de Joseph: e não as exprimia a dor, ou a saudade, sennaõ a dependencia, e
lisonja,

62 *Vieira abbreviado*

lisonja, como lagrimas de figuras pintadas, que assim como se rim sem alegria, tambem choraõ sem tristeza.

Num. 451. 634 Esta he a mayor miseria dos mortos, serem gente, que não pôdem fazer bem, nem mal. E porque com elles morrem, e se acabaõ todos os respeitos, e dependencias, porque se governaõ os affectos humanos; por isso assim como nelles aquella he a mayor miseria, assim para com elles esta he a mayor misericordia: misericordia sem respeito, misericordia sem dependencia, misericordia sem motivo algum, que não seja pura misericordia.

Num. 452. 635 Não sou muito amigo de authoridades; porque raramente se podem ajustar com quem disser o que não está dito. Ouçamos porém a de Santo Ambrosio, que melhor, e mais altamente tocou este ponto. Naquelle seu famoso livro, que intitoulou de *Officiis*, fallando da sepultura dos mortos diz, que entre todos os beneficios, que pôde fazer a piedade humana, este he o mais excellente: *Nihil hoc officio praestantius*. Outros diziaõ, que mayor beneficio, e mayor obra de misericordia he sustentar os pobres, e remir os cativos; porque a huns dáse a vida, e a outros a liberdade. Com tudo este grande Doutor da Igreja, e Mestre de Santo Agostinho diz, que dar sepultura aos mortos, ainda da parte de quem recebe o beneficio, he o mais excellente de todos, e dá a razaõ: *Nihil hoc officio praestantius, ei conferre, qui tibi jam non potest reddere*: He (diz) o mais excellente de todos, porque he beneficio feito a quem o não pôde pagar: eu accrescentara, nem dever. He fazer bem a quem vos não pôde fazer bem: eu accrescentara, nem mal. He obra, de que se não espera
agra-

Discurso LVIII. 63

agradecimento: eu accrescentara, nem queixa. He finalmente compadecerme eu, e remediar a quem não padece a miséria, nem sente o beneficio, que isto he ser morto. Obem, que se faz aos vivos, (como bem sabem os que o fazem, e não ignorão os que o recebem) póde-o negociar o interesse, póde-o sollicitar a dependencia, póde-o violentar o respeito, e nada disto se póde esperar de huns ossos secos, nem temer de humas cinzas frias. Lá disse com alta Filosofia Seneca, que a verdade do bem fazer não consiste em dar o beneficio, e perdello, senão em o perder, e dallo: *Beneficium est non dare, & perdere; sed perdere, & dare.* Dar o beneficio, e perdello he caso, que succede muitas vezes ou por imprudencia de quem o dá, ou por impossibilidade, ou por avareza, ou por ingratidão de quem o recebe, e neste caso a boa obra não he beneficio, he ignorancia; ou desgraça: pois quando he verdadeiro beneficio a obra boa? Quando quem a faz, sabe que a perde, e com tudo a faz: e taes são os beneficios, que se fazem aos mortos. Como os mortos não sentem, nem conhecem o beneficio, que se lhe faz, e ainda que o conhecerao, não o podem agradecer, nem pagar, tudo, o que se faz aos mortos, he como se se perdesse; e por isso a sepultura se chama perdição: *In sepulchro, in perditione.*

Num. 453.

Pl. 87. 12

DISCURSO LIX.

*Tirado de hum sermão do santissimo Sacramento, e
de outro de S. João Bautista prégado na profiss-
são da senhora Madre Soror Maria da Cruz,
filha do Excellentissimo Duque de Medina
Sidonia.*

MUNDO.

Part. 3.
Num. 543.

637 **N**A terra poz Deos a mesa aos homens, e he cousa tão digna de agradecimento, como de admiração, que de seis dias, em que creou o mundo, empregasse os tres mayores, e mais fecundos só em prover esta mesa. Tudo quanto nada no mar, tudo quanto voa no ar, tudo quanto nasce, ou palce na terra, são os simples, que produzio a natureza, para que delles compuzesse, e temperasse a arte o sustento, e regalo do homem. As especies, que se contém debaixo destes quatro generos vastissimos; tão varias na formosura, tão exquisitas nos sabores, e infinitas no numero, excedem sem limite a capacidade do gosto, e dos outros sentidos. E que discurso ha, que não palse na consideração do poder, magnificencia, e grandeza, com que mais parece quiz Deos enfastiar o appetite humano com a superfluidade da mesa, que fartar a necessidade com a abundancia?

Num. 547.

638 E se quizera fabricar outro mundo mais precioso, em que a terra fora ouro, o mar, e os rios prata, as areas perolas, os penhascos diamantes, as plantas esmeraldas, as flores rubis, e safiras, e os fructos,

Discurso LIX. 65

ctos, e seus sabores proporcionados a esta riqueza, e delicia, com outro aceno da mesma vontade, e sem mais tempo, que hum instante, o podéra crear de nada.

639 E não ha duvida, que dos bens temporaes Part. 5.
mais liberal he o mundo com suas promessas, que Num. 493.
Deos com suas liberalidades. Não costuma Deos dar tanto, quanto o mundo costuma prometter. Bem se segue logo, que mais dá a Deos quem lhe dá as promessas do mundo, que quem lhe torna as suas dadivas. Se dais a Deos, o que Deos vos dá, dareis muito; mas se dais a Deos o que o mundo vos promette, dais muito mais. Oh quanto liberal está com Deos quem dandolhe as mayores grandezas, ainda busca artificios de lhas dar accrescentadas! E que artificio póde haver para accrescentar os bens, e grandezas do mundo? Eu o direi. Os bens, e grandezas do mundo falsamente se chamaõ bens, porque são males, e sem razão se chamaõ grandezas, porque são pouquidades. Pois que remedio para fazer das pouquidades grandezas, e dos males bens? O remedio he deixallos, e deixallos em esperanças; porque esses, que o mundo chama grandes bens, só são bens quando se deixaõ, só são grandes quando se esperaõ. A esperança lhe dá a grandeza, o desprezo lhe dá a bondade: desprezados são bens, esperados são grandes, e assim mais dá quem despreza o que espera, que quem dá o que possui.

640 Ninguém melhor sacrifica a Deos o mundo, Num. 492.
que quem lho offerece em estatua; porque o mundo em estatua he muito mayor, que si mesmo. Para derrubar com huma pedra ao Golias bastou a funda de David: para derrubar com outra pedra a estatua de
Tom. II. E Na-

Nabuco forão necessários impulsos (posto que inviveis) do braço de Deos. O Golias tinha de altura seis covados , a estatua tinha sessenta , que nas grândeas mais pompofas do mundo sempre são mayores , que os gigantes , as estatuas. Nunca as machinas vivas igualaõ a medida das sonhadas.

641 Sonha a fantasia , promette a esperança , profetiza o defejo , representa a imaginação , e ainda que a foltura destes sonhos , o cumprimento destas promeffas , o prazo destas profecias , a verdade destas representagoens nunca chegaõ , mais triunfa o amor divino , quando piza o fantaltico , que o verdadeiro , o esperado , que o possuido. Deixar antes de possuir he usura de merecer ; porque quem mais dá , mais mereee , e quem dá os bens na esperança , da-os onde são mayores. A melhor parte dos bens desta vida he esperar por elles : logo mais faz quem se inhabilita para os esperar , que quem se priva de os possuir. Por isso Christo chamou os Principes dos Apotolos , quando lançavaõ as redes , e naõ quando as recolhiaõ : *Mittentes rete in mare*. Porque mais faz quem deixa as redes lançadas , que quem deixa os lanços recolhidos. As redes quando se lançaõ , levaõ em cada malha huma esperança , os lanços quando se recolhem , trazem muita rede vazia.

Part. 12.

Num. 69.

642 He este mundo como o monte Calvario , em que se vem todos os estados dos homens , e todos em cruz. Todos os homens do mundo ou são justos , ou peccadores , ou penitentes. Se sois justo , haveis de ter cruz ; porque Christo era justo , antes a mesma justiça , e tinha a sua. Se sois peccador , haveis de ter cruz ; porque o mao ladraõ era peccador , e estava crucificado. E se sois penitente , tambem haveis de

- ter

Discurso LIX. 67

ter cruz; porque o bom ladrao era penitente, e a cruz era a mayor parte da sua penitencia. Se fores Rey, haveis de ter cruz; porque Christo tinha hum titulo, que dizia *Rex Judæorum*, e o titulo, e mais o Rey ambos estavao pregados nella. E se fores dos que estaõ ao lado do Rey, tambem haveis de ter cruz; porque ao lado de Christo estava Dimas, e Gestas, e estava cada hum na sua.

643 Muito em seu lugar, e muito fóra de seu lu- Num. 70.
gar estavao estes duos ladroens. Estavao muito em seu lugar, porque estavao crucificados com as mãos, e pés pregados na cruz, e estavao muito fóra de seu lugar, porque estavao ao lado do Rey. Se viveres na corte, haveis de ter cruz, que pelas ruas de Jerusaleem levou Christo a Cruz ás costas: e se viveres no monte, tambem haveis de ter cruz, que no monte Calvario teve a Cruz a Christo nos braços. Em fim, se tiveres vontade de levar a cruz, levallaheis, que Christo desejou muito levalla, e levou-a: e se naõ tiveres vontade de a levar, tambem a levareis, que o Cyreneo naõ queria levar a cruz, e forçaraõno a que a levasse. De maneira, que ou por acto de virtude, ou por remedio de necessidade naõ ha passar esta vida sem cruz. Antes a mayor felicidade dos vivos he como o enterro dos defuntos: quanto mais pompa, mais cruces.

DISCURSO LX.

Tirado de hum sermão de S. Joseph prégado na Capella Real no dia do mesmo Santo, em que fez annos ElRey D. João IV. e de outro do nascimento da Mãe de Deos.

NASCIMENTO.

Part. 12.
Num. 397.

644 **Q**uestaõ foy mui duvidada entre os antigos, qual dia desta vida era mais felice, se o primeiro, se o ultimo, se o do nascimento, se o da morte. Daqui veyo, que seguindo varias gentes varias opinioens, humas se alegravaõ nos nascimentos, outras os celebravaõ com lagrimas: humas se entristeciaõ nas mortes, outras a solemnizavaõ com festas. Chegou finalmente a duvida ao tribunal d'ElRey Salamaõ, o qual inclinandose á parte, que parecia menos provavel, resolveo, que melhor he o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die nativitatis.*

Part. 7.
Num. 136.

645 Os homens (deve ser porque saõ mortaes) o que costumaõ festejar com mayores demonstraçoẽs de gosto, parabens, e applausos affim publica, como privadamente, saõ os nascimentos. Mas isto de nascer pelo que tem de si, nem merece alegria, nem tristeza; antes, se bem se considera, mais digno he de tristeza, que de alegria. Naõ de balde com ser o risivel a primeira propriedade de nossa natureza, a mesma natureza nos ensina a nascer chorando. Com lagrimas choraraõ muitas naçoens os nascimentos, que nós solemnizamos com festas, e naõ sey se nos

deve-

deverão tornar o nome de barbaros, que lhe damos. Queixamonos da vida, e festejamos os nascimentos, como se o nascer não fora principio da mesma vida, que nos traz queixosos. O nascimento he o principio da vida, como a morte o fim: e huma carreira, que tem o fim tão duvidoso, huma navegação, que tem o porto tão pouco seguro; como pôde ter o principio alegre? Nascemos sem saber para que nascemos, e bastava só esta ignorancia para fazer a vida pezada, quando não tivera tantos encargos sabidos. Os ditos, e os desgraçados todos nasceraõ, e como são mais os que accusaõ a fortuna, que os que lhe dão graças, mayor materia dão os nascimentos ao temor, que á esperança. A esperança promette bens, o temor ameaça males, e entre promessas, e ameaças tanto vem a se padecer o que se espera, como o que se teme. A quem começa a vida, tudo fica futuro, e no futuro nenhuma distincão ha de males a bens, todos são males, porque todos se padecem. Os males padecem-se, porque se temem, os bens padecem-se, porque se esperão; e para affligir o mal basta ser possível, para molestar o bem basta ser duvidoso. Se alguma cousa nos poderá segurar os sobresaltos desta contingencia, parece que era o tempo, o lugar, e as pessoas, de que nascemos; mas por mais que destas circumstancias conjecture a vã sabedoria felicidades, o certo he, que nem o tempo, as influe, nem a patria as produz, nem dos mesmos pays se herdaõ.

646 Do mesmo pay nasceo Isaac, e Ismael, e hum foy o morgado da fé, outro da heresia. Na mesma hora nasceo Jacob, e Esaú, e hum foy amado de Deos, outro aborrecido. Na mesma terra nasceo Caim, e Abel, e hum foy o primeiro tyranno, outro

o primeiro martyr. Assim que avaliar o nascimento pelos pays he vaidade, medillo pelo tempo he superstiçaõ, e estimallo pela patria he ignorancia, e só julgallo pelo fim he prudencia.

647 Salamaõ, o mais sabio de todos os que nasceraõ, faz huma comparaçaõ tão superior ao nosso juizo, que só podia caber no seu. Compara o dia da morte com o dia do nascimento, e na differença destes dous extremos quem não imaginará, que se compara o dia com a noite, a luz com as trevas, a alegria com a tristeza, a felicidade com a desgraça, e a cousa mais desejada com a mais temida, e com a mais terrivel a mais amavel? Sendo porém tão preñhe de admiraçaõ a proposta, mais digna de espanto he a sentença. Resolve Salamaõ, que melhor he o dia da morte, que o dia do nascimento: *Melior est dies mortis die natiuitatis*. E que tem o dia da morte para ser melhor, que o do nascimento? O dia do nascimento não he o mais alegre, e o da morte o mais triste? O do nascimento não he o que povoa o mundo, o da morte o que abre, e enche as sepulturas? O do nascimento o que veste de gala as familias, e as Cortes, o da morte o que as cobre de lutos? A morte não he o mayor inimigo da vida, e o nascimento não he o que, sendo ella mortal, a immortaliza? Que he o nascer, senão o remedio do não ser, e que seria do mundo, se em lugar dos mortos não nascerão outros, que lhe succedellem?

Ecl. 7. 2.

648 Até em Deos necessita de nascimento a mesma Trindade, porque sendo só a pessoa do Padre innascivel, Deos sem nascimento seria hum, mas não seria trino. Pois se tantos são os bens, e felicidades, que traz consigo o dia do nascimento, os quaes todos

Discurso LX.

71

dos funesta, contume, e acaba o dia da morte, que motivo teve o juizo de Salamaõ, para antepor o dia da morte ao dia do nascimento? Entendeo-o melhor, que todos o mayor interprete das Escrituras. He melhor (diz S. Jeronymo) o dia da morte, que o dia do nascimento; porque no dia do nascimento ninguem póde saber o para que nasce, e só no dia da morte se sabe o fim, para que nasceo: *Certe quod in morte quales simus notum sit, in exordio vero nascendi, qui futuri simus, ignoratur.* Se no nascimento de Judas, e Dimas se levantasse a figura certa ao que cada hum havia de ser em sua vida, a do primeiro diria, que havia de ser Apostolo, a do segundo, que havia de ser ladraõ; e assim foraõ na vida. Mas o verdadeiro juizo do fim, para que cada hum delles nascera, ainda estava incerto: veyo finalmente o dia da morte, que foy o mesmo, em que ambos acabaraõ, e esse dia declarou com assombro do mundo, que Judas nascera para morrer enforcado como ladraõ, e Dimas para confessar, e prégar a Christo como Apostolo.

D. Hyer.

ibi.

DISCURSO LXI.

Tirado de hum sermaõ da primeira Dominga do Advento, que o Auctor prégoou na Capella Real.

NASCIMENTO.

649 **B** Em me parecia a mim, que não podia faltar Deos a dar huma grande satisfação no dia do juizo á desigualdade, com que nascem os homens, sendo todos da mesma natureza. Não se faz

Part. 3.

Nam. 205.

E 4

aggra-

72 *Vieira abbreviado*

aggravo na desigualdade do nascer a quem se deo a eleição do resuscitar. E quanta gente bem nascida se verá naquella dia mal resuscitada! Entre a resurreição natural, e a sobrenatural ha huma grande differença, que na resurreição natural cada hum resuscita como nasce: na resurreição sobrenatural cada hum resuscita como vive. Na resurreição natural nasce Pedro, e resuscita Pedro: na resurreição sobrenatural nasce pescador, e resuscita Principe: *Sedebitis in regeneratione judicantes duodecim tribus Israel.* Oh que grande consolação esta para aquelles, a quem não alcançou a fortuna dos altos nascimentos! A resurreição he hum segundo nascimento com alvedrio.

Matth. 19.
28.

Numb. 206.

Job. 17. 14.

Heb. 9. 27.

650 Tanta propriedade considerou Job neste segundo nascimento, que até outro pay, e outra mãy disse, que tinhamos na sepultura: *Putredini dixi: Pater meus es tu: mater mea, & soror mea, verumibus.* Temos outro pay, e outra mãy na sepultura, em que jazem nossos ossos; porque alli somos outra vez gerados, dalli sahimos outra vez nascidos. Notai agora. *Statutum est hominibus semel mori:* Quiz Deos, que morressemos huma só vez, e que nascessemos duas; porque como o morrer bem dependia de nosso alvedrio, bastava huma só morte; mas como o nascer bem não estava na nossa mão, eraõ necessarios dous nascimentos, para que podersemos emendar no segundo tudo, o que nos faltasse no primeiro. Bem podéra Deos fazer, que nascessem os homens todos iguaes, mas ordenou sua providencia, que houvesse no mundo esta mal soffrida desigualdade, para que a mesma dor do primeiro nascimento nos excitasse á melhoria do segundo.

651 Homens humildes, e desprezados do povo,
boa

boa nova: se a natureza, ou a fortuna foy escallia comvosco no nascimento, sabey, que ainda haveis de nascer outra vez, e taõ honradamente, como quizerdes: entaõ emendareis a natureza, entaõ vos vingareis da fortuna.

652 Que mayor vingança da fortuna, que as mu- Num. 2072
danças taõ notaveis, que se veraõ naquelle dia! Virão naquelle dia as almas do grande, e do pequeno: buscar seus corpos á sepultura, e talvez á mesma Igreja: e que succederá pela mayor parte? O pequeno achará seus ossos em hum adro sem pedra, nem le-treiro, e resuscitará taõ illustre como as estrellas: o grande pelo contrario achará seu corpo embalsama-do em caixas de porfido aos hombros de leoens, ou elefantes de marmore com soberbos, e magnifi-cos epitafios, e resuscitará mais vil, que a mesma vileza.

653 Oh que metamorfose taõ triste, mas que ver-dadeira! Vede se ha de dar Deos boa satisfação aos homens da desigualdade, com que hoje nascem. O ser bem nascido, que he huma vaidade, que se acaba com a vida, he verdade, que o não poz Deos na nos-sa mão; mas o ser bem resuscitado, que he aquella nobreza, que ha de durar por toda a eternidade, essa deixou Deos no alvedrio de cada hum. No nasci-mento somos filhos de nossos pays, na resurreiçaõ se-remos filhos de nossas obras. E que seja mal resusci-tado por culpa sua quem foy bem nascido sem me-recimento seu, lastima grande! Resuscitar bem so-bre haver nascido mal he emendar a fortuna; resus-citar mal sobre haver nascido bem he peyór, que degenerar da natureza. Que resuscite bem David so-bre nascer de Jessé, grande gloria do filho de hum pastor;

pastor; mas que resuscite mal Absalaõ sobre nascer de David, grande afronta do filho de hum Rey! Se os homens se prezaõ tanto de ser bem nascidos, como fazem taõ pouco caso de ser bem resuscitados? Nenhuma cousa trazem na boca os grandes mais ordinariamente, que as obrigaçoens, com que nascerão. E aposto eu, que mui poucos sabem quaes saõ estas obrigaçoens? Nascer bem he obrigação de resuscitar melhor. Estas saõ as obrigaçoens, com que nascestes.

Num. 208.

654 O mais bem nascido homem, que houve, nem pode haver, foy Christo, ninguém teve melhor pay, nem melhor mãy, e foy notar Santo Agostinho, que se Christo nasceo bem, resuscitou melhor: *Gloriosior est ista nativitas, quam illa: illa corpus mortale genuit, ista edidit immortale*. Christo, diz Santo Agostinho, nasceo mais nobremente no segundo nascimento, que no primeiro: no primeiro nascimento nasceo mortal, e passivel, no segundo, que foy a sua resurreiçaõ, nasceo impassivel, e immortal. Eis aqui as obrigaçoens dos bem nascidos, nascerem a segunda vez melhor do que nascerão a primeira.

655 Se Deos pozera na maõ do homem o nascer, quem houvera, por bom que fosse, que naõ se fizesse muito melhor? Pois este he o caso, em que estamos. Se havemos de tornar a nascer, porque naõ trabalharemos muito por nascer muito honradamente? Naõ nascer honrado no primeiro nascimento tem a desculpa de que Deos nos fez: *Ipsè fecit nos*. Naõ nascer honrado no segundo nenhuma desculpa tem: tem a gloria de sermos nós os que nos fizemos: *Ipsi nos*.

656 Que gloria será naquelle dia para hum homem

Discurso LXI. 75

mem poder tomar para si em melhor tentido o elogio do grande Bautista : *Inter natos mulierum non surrexit maior* : Entre os nascidos das mulheres nenhum resuscitou mayor. Ser o mayor dos nascidos, em quanto nascido, he pequeno louvor, e de pouca dura: ser o mayor dos nascidos, em quanto resuscitado, illo he verdadeiramente o ser mayor. Na nossa maõ está, se o quizermos ser. Nesta vida o mais venturoso póde nascer filho do Rey : na outra vida todos, os que quizerem, podem nascer filhos do mesmo Deos : *Dedit eis potestatem filios Dei fieri*. E que não sejaõ isto consideraçõens, sennão verdades, e fé catholica? Bemdito seja aquelle Senhor, que he nossa resurreiçãõ, e nossa vida : *Ego sum resurrectio, & vita*.

DISCURSO LXII.

Tirado do panegyrico, que fez o Auçtor na segunda novena de S. Francisco Xavier intitulada Nada, que foraõ todas as riquezas, que elle desejou, e possuio, e o mesmo quer persuadirnos.

N A D A.

657 **I** Sto, que a baixo do Ceo chamamos mundo, não he outra cousa, que huma maquina natural maravilhosamente composta de mar, e terra, abraçados, e unidos entre si. Donde se segue, que quem debaixo de hum pé tiver a terra, e debaixo do outro o mar, terá sujeito o mundo todo, e será senhor delle. Tal he a dobrada superioridade, que significa aquelle dobrado *super* do nosso thema : *Sinistrum*

nistrum super terram, dextrum super mare. E houve já mais no mesmo mundo quem fosse senhor de toda elle? Muitos o presumirão como Nabucodonosor, e Assuero: muitos o desejarão como Alexandre Magno, e Julio Cesar: algum houve, que o poz em praxe como Tiberio: *Ut describeretur universus orbis*, e hum só, que realmente tivesse esta grande fortuna, que foy o mesmo que a perdeu, Adão.

Luc. 2. 1.

Pl. 8. 7.

658 Descrevendo David não a grandeza da perda, senão a do senhorio, disse: *Constituísti eum super opera manuum tuarum*: Que constituiria Deos a Adão sobre todas as obras de suas mãos, isto he sobre tudo, o que tinha creado neste mundo inferior, sendo o mesmo Adão a mayor, e ultima obra sua. E bastando, como nota Santo Agostinho, estas palavras para declaração do dominio universal do primeiro homem, accrescenta o mesmo Profeta: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus*: Que todas as mesmas creaturas lhe tinha Deos. posto debaixo dos pés com expressão de humas serem as da terra, outras as do mar, como se fallara no nosso caso: as da terra: *Oves, & boves insuper, & pecora campi*: as do mar: *Volueres cæli, & pisces maris, qui perambulant semitas maris*, entrando neste segundo coro as aves como creadas tambem com os peixes no elemento da agua.

659 De forte, que este senhorio do mundo em Adão se declarou por dous termos, hum de superioridade nelle, como cabeça, pelo adverbio *super*: *Constituísti eum super opera manuum tuarum*, e outro de sujeição nas cousas postas a seus pés pelo adverbio *sub*: *Omnia subjecisti sub pedibus ejus*. E porque; ou com que mysterio? Porque assim como a

posse

posse corporal, e civil das cousas se toma com as mãos, pondo as mãos nellas, assim a espiritual, e moral se toma com os pés, pizando-as, e metendo-as debaixo delles.

660 Fundase a realidade desta cerimonia naquella promessa de Deos, tantas vezes repetida aos filhos de Israel para quando entrassem na terra de promissão: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit*: Tudo, o que pizarem os vossos pés, será vosso. D'ut. 11. 24. Josue 1. 3. A terra de promissão sempre significa nas divinas letras a bemaventurança ou da outra vida, que consiste em ver a Deos, ou desta, que consiste em o servir, e agradar: e assim como chegou a dizer Origenes, Origen. hom. 1. que se elle no Ceo pizasse o lugar de Lucifer, a cadeira de Lucifer seria sua; assim he certo, que tudo, o que pizamos neste mundo, he nosso, e só do que pizamos, somos verdadeiros senhores. Tudo o mais por grande, alto, e sublime que seja, se o não metemos debaixo dos pés por desprezo, mas o trazemos ou na cabeça por estimação, ou no coração por amor, ou nas palmas por ostentação, ou no desejo (os que o não tem) por ambição, e cubiça, tão fóra estamos de ser senhores de qualquer destas cousas, que antes ellas nos dominaão, senhoreão, e possuem a nós, e nós somos seus escravos. De qualquer outro modo, que se tratem as cousas deste mundo, ou são pezo, ou são embaraço, ou são cuidado, ou são dor, ou são sujeição, ou são cativoiro; só pizadas, e metidas debaixo dos pés são dominio.

661 Supposto pois, que meter tudo debaixo dos pés he o verdadeiro modo de dominar, e possuir tudo; esse mesmo dominar, e possuir, bem apertado, que vem a ser, ou em que consiste? Couza maravilhosa!

lhosa! Consiste em não ter, nem querer nada de quanto se possue, ou póde possuir. Texto expresso de S. Paulo: *2. Cor. 6. 10. Nihil habentes, & omnia possidentes*: Nada temos, e tudo possuímos. Pois se o nada he o contrario do tudo, e o não ter he o contrario do possuir, como podem possuir tudo os que não tem nada? S. João Chrysostomo cõmentando o mesmo texto diz assim: *Quomodo hoc est? Immo quomodo contrarium est?* Vós dizeis como póde ser isto? Eu pelo contrario digo, como póde não ser? Elle o prova em S. Paulo antes das mesmas palavras: eu o provarei em S. Francisco Xavier, que o confirmou com as obras: elle, como tão eloquente, com muitos, e elegantes argumentos: eu com hum só argumento; e sem elegancia. Argumento assim. Porque tem Xavier o mar, e a terra debaixo dos pés? Porque ter debaixo dos pés he desprezar, e ter debaixo dos pés he dominar: logo porque Xavier correndo tantas terras, e navegando tantos mares, nenhuma cousa quiz do mar, nem da terra; por isso o nada da terra lhe deo o dominio de toda a terra: *Pedem super terram*, e o nada do mar o dominio de todo o mar: *Pedem super mare*.

Fol. 192.

662 Agora para acabar fallemos hum pouco com nosco. Navegando ao mesmo Oriente os Portuguezes, fizeraõse senhores do mar, e da terra: e como usaraõ deste dominio naquelles felices principios tão absoluto? Com grande differença. O texto não diz, que o Anjo tinha hum pé no mar, e outro na terra, senão hum pé sobre a terra: *Sinistrum super terram*, e outro sobre o mar: *Dextrum super mare*. Quem tem os pés sobre o mar, e sobre a terra, piza o mar, e piza a terra, e só quem os piza, os senhorea verda-

Discurso LXII. 79

verdadeiramente: *Omnis locus, quem calcaverit pes vester, vester erit.* E isto he o que fez Xavier.

663 Porém os que navegaraõ, e conquistaraõ o Oriente com outro espirito, naõ meteraõ o mar, e a terra debaixo dos pés; mas meteraõ os pés no mar, e na terra para adquirir o que debaixo de si escondia a terra, e o que debaixo de si escondia o mar. Xavier foy lá levar a benção de Deos, elles foraõ lá buscar a benção de Ifachar. E que diz essa benção: *Inundationem maris quasi lac sugent, & thesauros absconditos arenarum.* As tormentas do cabo de Boa Esperança, e os tufoens dos mares da China parecer-lhehaõ mar leite: *inundationem maris quasi lac sugent*; porque vaõ bulcar os thesouros, que estaõ escondidos nas areas: *Et thesauros absconditos arenarum.* As perolas buscallashaõ debaixo do mar de mergulho na costa da pescaria: o ambar esperarãõ, que as tempestades, ou as baleas o lancem às prayas: os diamantes cavallosaõ debaixo da terra de Colocondã: os rubís desenterrallosaõ na de Pegu: as safiras hillashaõ buscar mais longe na dos Persas, e Medos. E porque se meteraõ debaixo da terra, e debaixo do mar, e naõ a terra, e o mar debaixo dos pés; por isso os naõ dominaraõ verdadeiramente.

664 Democrito, por testemunho de Seneca, o mais subtil de todos os Filósofos, teve para si, que todas estas, que chamamos estrellas, saõ outros tantos mundos mayores que este, que habitamos; e posto que naõ se enganou na grandeza, em serem outros mundos disse hum erro, em que outros o seguirãõ. Ouvindo isto Alexandre Magno, saltaraõlhe as lagrimas pelos olhos, e disse chorando: He possivel, que ha tantos mundos, e que eu ainda naõ acabei de conquistar

quistar hum! Assim disse aquelle monstro de soberba, e o mesmo havia de dizer, se os conquistara todos; porque não sabia em que consiste o dominio do mundo. O dominio do mundo não consiste em o possuir, consiste em o pizar. Essa he a razaõ altissima, porque Deos sendo taõ liberal deo todo o mundo ao primeiro homem, e creando tantos homens, creou hum só mundo. Porque para cada homem possuir hum mundo, era necessario que fossem tantos mundos, quantos são os homens; mas para todos os homens, e cada hum homem pizar todo o mundo basta hum só mundo. Desta sorte o dominou Xavier, pizando-o, e não querendo delle nada: e do mesmo modo o dominarão todos, os que o souberão pizar.

665 Oh se os cubicosos de riquezas souberão entender, e penetrar bem este ponto! Ouvi huma notavel ponderação de S. Paulo, não sei se bem entendida: *Scitis gratiam Domini nostri Jesu Christi, quoniam propter vos egenus factus est, cum esset dives, ut illius inopia vos divites essetis*: Bem sabeis a grande merce, e graça de Deos, com que elle por amor de nós sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza. Suppoem o Apostolo, que todos sabemos isto; mas he certo, que muitos o não sabem, antes cuidão, que ha cousa, que se não póde saber. Se dissera, que Deos sendo rico se fez pobre para nos enriquecer com a sua riqueza, bem se entendia; mas para nos enriquecer com a sua pobreza? Sim. E he lastima, que não entendaõ esta Filosofia os Christãos, entendendo-a os gentios. Quem são os ricos neste mundo? Os que tem muito? Não. Porque quem tem muito, deseja mais, e quem deseja mais, faltalhe o que deseja, e essa falta o faz pobre:

Inven-

1. Cor. 8.
9.

Discurso LXII. 81

Inventus est qui aliquid concupisceret post omnia:
 Houve neste mundo hum homem, diz Seneca, que depois de ter tudo, ainda desejou mais. Este declarou elle, que foy Alexandre; mas com encarecimento falso, porque Alexandre nunca foy senhor de tudo. O senhor de tudo foy só Adaó. Mas a esse tambem o perdeu a sua pobreza; porque tendo tudo, ainda quiz mais do que tinha. De maneira, que não he rico quem tem muito, ainda que seja tudo. Pois quem he o verdadeiro rico? Aquelle que não quer nada, porque nenhuma cousa lhe falta. E esta he a verdadeira riqueza, com que Christo nos enriqueceo com a sua pobreza, ensinandonos a não querer nada, como elle não quiz.

666 Ainda não está dito; porque aqui se devem notar duas cousas muito particulares. A primeira dizer S. Paulo, que o Filho de Deos nos enriqueceo com a sua pobreza, e não com a sua omnipotencia: *Ut illius inopia vos divites essetis.* E porque? Porque com a sua omnipotencia póde Deos dar muitas riquezas aos homens; mas fazellos ricos não póde. Deo muitas riquezas aos Assyrios, aos Persas, aos Gregos, aos Romanos; mas todos elles com estas riquezas sempre ficavaõ pobres; porque lhe faltava o mais, que todos appeteciaõ, e por isso se destruiaõ com guerras. Que remedio logo para Deos poder fazer os homens ricos? O remedio foy o que elle tomou fazendose homem, e pobre, e ensinandonos com a sua pobreza a não querer nada. Torno a dizer a não querer nada: e esta he a segunda energia das palavras de S. Paulo, em que me admiro não reparassem os Interpretes. Se diz, que Christo se fez pobre para nos enriquecer com a sua pobreza; por-

Tom. II. F que

82 *Vieira abbreviado*

Ita Senec.
ep. 88. in
fine.

Apud. Se-
nec. ep.
111.

Part. 1.
col. 639.

que não significou essa pobreza com a palavra *pau-
pertas*, senão com a palavra *inopia*? Porque *pauper-
tas*, a qual se define *parvi possessio*, significa a po-
breza, que possui pouco; porém a palavra *inopia*
por aquella negação *in*, que nega tudo, significa a po-
breza, que não quer nada, e só a *inopia*, e a pobre-
za, que não quer nada, he a que faz o homem verda-
deiramente rico: *Ut ejus inopia vos divites essetis*.
Assim o entenderão, como dizia, até os mesmos gen-
tios, por onde Atalo famoso Filosofo em frase tam-
bem gentilica disse: *Nihil desideres oportet, si vis
Jovem provocare nihil desiderantem*: Se queres ser
tão rico, que desafies ao mesmo Jupiter, não desejes
nada, assim como elle nada deseja. A porta certa da
riqueza não he accrescentar a fazenda, senão dimi-
nuir a cubiça.

667 Que ricos seriaõ os homens, e logõ, e neste
mesmo instante se soubessem conhecer, e estimar os
thesouros do não querer! Comparemos pois com
os olhos bem abertos hum nada com outro nada: o
nada do que se possui com o nada do que se não quer,
e acharemos, que o nada do que se possui (ainda sem
encargo, ou encargos da consciencia) he huma car-
ga pezadissima, chea de cuidados, de desgostos, de
temores, de dependencias, de sujeiçoens, de cati-
veiros: huma materia tanto mayor, quanto ellas fo-
rem mayores, sempre aparelhada, e exposta aos gol-
pes, e vaivens do tempo, e da fortuna, e sem des-
canço, sem quietação; sem liberdade: huma riqueza
rica de misérias, e a mais necessitada, e extrema po-
breza. Pelo contrario o nada do não querer he hum
thesouro só escondido aos cegos, no qual se encer-
ra a isenção de todos os males, perigos, e pezares
desta

Discurso LXII. 83

desta vida, e descanso sem trabalho, a alegria sem tristeza, a liberdade sem sujeição, e a posse segura, e inalteravel de todos os bens, e do mayor de todos, que he do senhorio de nós mesmos.

668 Se acaso esta riqueza vos não parece riqueza, porque os menores a não appetecem, nem os iguaes a invejaõ, nem os mayores a perseguem, e carregão de pensoens, e tributos: se vos não parece riqueza, porque não depende no campo do Sol, e da chuva, que a criem, nem do muito Sol, que a seca, nem da muita chuva, que a inunda, e afoga, nem da formiga, da lagarta, do gafanhoto, e das outras pragas, de que nenhuma industria, ou poder humano a póde defender: se vos não parece riqueza, porque não se fazem sobre ella pleitos, nem está sujeita a affecto, ou odio do Juiz, nem á verdade, ou falsidade das testemunhas, nem a ser citada, e levada a juizo para ouvir, e ser ouvida nos tribunaes: se vos parece, que não he riqueza, porque se não adquire com trabalho, nem se conserva com cuidado, nem se perde com dor propria, com que ás vezes mais doe com agrado, e triunfo dos inimigos: se vos parece, que não he riqueza, porque por ella se não entrega a cubiça ás ondas, e tempestades do mar, nem os exercitos se combatem nas campanhas, e se derrama o sangue, e perdem as vidas, para sustentar a mesma vida, e o mesmo sangue: se vos parece, que não he riqueza, porque com anticipada crueldade de apossuir vos não desejaõ a morte os filhos, os parentes, e quaesquer outros, que a esperaõ herdar: se vos parece, que não he riqueza, porque a não daõ os Reys, nem a consultaõ os Ministros, nem a solicitaõ os requerimentos, e vós sois o requerente, o Ministro, e

84 *Vieira abbreviado*

o Rey, que só comvosco vos despachais: se vos não parece riqueza, porque vos não tira, nem inquieta o sono; a vigilancia, e astucia do ladrao, a diligencia, e negociação do emulo, e a calumnia, e engano do que a quer para si. Finalmente, se todas estas conveniencias não bastaõ, sendo cada huma dellas riquissima, considerai, que da riqueza do não querer nem vos haõ de pedir conta os homens, nem vós a haveis de dar a Deos; antes o mesmo Deos em premio do vosso não querer vos ha de dar aquella unica bemaventurança, e semelhante á sua, na qual, como diz Santo Agostinho, tereis tudo o que quizerdes, e nada do que não quizerdes: *Ibi erit quidquid voles, & non erit quidquid noles.*

Parr. 8.
Fol. 87.

669 Porque não será alguma vez a nossa virtude, como saõ os nossos vicios? Que vicio ha, que não deseje insaciavelmente sempre mais, e mais? Salamaõ, que tanto conhecia o bem, e o mal do mundo, diz, que lançando os olhos por todo elle, achou quatro cousas, que nunca se fartaõ, e sempre estaõ dizendo *Affer, affer*: mais, mais, mais: *Tria sunt insaturabilia, & quartum nunquam dicit: Sufficit.* Que quatro cousas sejaõ estas, explica o mesmo Salamaõ por metáforas, e vem a ter segundo a commua interpretação dos Padres, e Expositores a ira, a sensualidade, a cubiça, e a ambiçaõ: a ira, que se não farta de sangue, e de vinganças: a sensualidade, que se não farta de deleites, e prazeres: a cubiça, que se não farta de dinheiro, e riquezas: a ambiçaõ, que se não farta de honras, e dignidades.

Prov. 30.
15.

670 Isto disse de seu tempo o mais sabio homem de todos os tempos, e ainda mal, porque tanto se verifica, e se experimenta nos nossos! Mas o que eu
mui-

Discurso LXIII. 85

muito admiro, e reparo, he, que todos estes infaciaveis sejaõ vicios. Naõ haverá tambem huma virtude infaciavel? Infaciavel queria Christo, que fosse a nossa virtude, quando disse: *Beati qui esuriunt, & Math. 5. 6. sitiant justitiam.* Mas somos nesta passagem da vida, como os filhos de Israel na do deserto, que nos enfastia o manná, e todo o nosso appetite, e a nossa fome he pelas grossarias do Egypto. O manná era do Ceo, nós somos terra: os vicios nunca nos fartaõ, a virtude logo nos enfastia.

DISCURSO LXIII.

Tirado de hum sermão do Rosario.

NECESSIDADE.

671 **N**O palacio d'ElRey Dario, em quanto Part. 10.
Num. 283. elle dormia tres Guardas mōres da pessoa Real, que lhe vigiavaõ o sono, filosofando, ao que parece, sobre o socego, com que descansava aquelle grande Monarcha, sem o desvelar o governo de cento, e dezoito Reynos, de que era senhor, excitaraõ entre si aquella famosa questãõ, que refere Esdras: Qual fosse a mais poderosa cousa do mundo. Despertou o Rey, e lendo a questãõ, que os mesmos authores della lhe tinhaõ posto escrita debaixo dos trave-seiros, prometteo grandes premios a quem melhor a resolvesse. Hum disse, que a mais poderosa cousa do mundo he o Rey; porque os Reys podem quanto querem, e ainda que queiraõ o que naõ podem, ninguem ha, que lhes resista, tudo executaõ, e conseguem. Outro disse, que mais poderoso he o vinho; Tom. II. F3 por-

porque á força saborosa deste licor se rendem muitas cabeças coroadas, e o podéra provar com a de Noé, da qual fiou Deos o governo, e restauração do mundo, e não arreando na mayor tempestade, que foy a do diluvio, o vinho o derrubou. O terceiro finalmente, que era Zorobabel, disse, que mais poderosa he a mulher, e o provou com hum notavel exemplo de certa mulher chamada Apemen, bastando o primeiro de todos, que foy o de Heva. Mas não contente com esta resolução, em que manifestamente venceo as dos companheiros, accrescentou, e concluiu, que a mais poderosa cousa do mundo he a verdade: *Veritas magna, & fortior præ omnibus.*

Esd. 34. 35.

Num. 284.

Is. 41.

672 Esta ultima sentença approvou o Rey: esta foy applaudida de todos com publicas acclamaçoens: *Et omnes populi clamaverunt, & dixerunt: Magna est veritas, & prævalet:* E esta segui eu, e tive por certa muitos annos; porque com este grande conceito da verdade na cabeça me nasceraõ, e cresceraõ nella as cans em todas as partes da Europa. Porém depois que passado a este mundo novo vejo de mais longe o velho, tenho achado por experiencia, que muitas vezes mais poderosa he a mentira, que a verdade. Não se pôde isto dizer sem escandalo da razão, e horror da mesma natureza; mas não se pôde negar: E porque? Porque a mentira he crida, e acreditada, e a verdade não tem fé, nem credito: a mentira escusa os culpados, e a verdade não pôde defender os innocentes: a mentira he absoluta sobre sua palavra, e a verdade condemnada sem ser ouvida: a mentira profana sacrilegamente a religião, e o sacerdocio, e a verdade não lhe val sagrado: em fim a mentira, que devera ser pizada, traz debaixo dos pés a ver-

Discurso LXIII. 87

a verdade , e a verdade , de que se diz , que náda sobre tudo , se vê tão soçobrada , e afogada da violencia , que nem respirar póde.

673. E posto que os juizes sejaõ rectos , ou o queiraõ parecer , he tal o enredo dos testemunhos falsos , induzidos , e sobornados ou com o dinheiro , ou com o odio , ou com o temor , ou com a dependencia , ou com a lisonja , ou com tudo , que a mentira he a que vence , e a falsidade a que triunfa. Assim que muitas vezes a mentira hoje no mundo he mais poderosa , que a verdade : assumpto , que eu podéra provar com exquisitos , e formidaveis exemplos , se não fora outro o meu intento.

674 Supposto pois , que na nossa experiencia Num. 23. por abuso seja mais poderosa a mentira , que a verdade , e na sentença de Zorobabel por razão seja mais poderosa a verdade , que todo outro poder ; segue-se por ventura daqui , que a cousa mais poderosa do mundo ou bem , ou mal governado seja qual-quer dellas ? Não. Porque ainda ha no mundo outra cousa mais poderosa. E qual he ? A necessidade : a necessidade , a pobreza , a fome , a falta do necessario para o sustento da vida he o mais forte , o mais poderoso , o mais absoluto imperio , que dispoticamente domina sobre todos os que vivem. Não ha cousa tão difficultosa , tão ardua , tão repugnante á natureza , a que a não obrigue , a que a não renda , a que a não sujeite , não por vontade , mas por força , e violencia , a durissima , e inviolavel ley da necessidade.

675. A necessidade he a que leva o soldado á guerra , e a escalar as muralhas , onde vendo cahir huns a ferro , e voar outros a fogo. avança com tudo , e não desmaya. A necessidade he a que engolfa o ma-

88 *Vieira abbreviado*

rinheiro nas ondas do Oceano: ellas com os naufragios á vista, e elle com tal ousadia, que metido dentro em quatro taboas se atreve a pelejar não só com os ventos, e tempestades, mas com todos os elementos. A necessidade he a que mete, ou precipita o mineiro ao mais profundo das entranhas da terra, e sem temor, que as mesmas montanhas, que tem sobre si, cayaõ, e o sepultem, elle lhe vay cavando as raizes, e sangrando as veyas. Finalmente com mais ordinario, e geral desprezo da vida, e da saude quem faz, que o lavrador não tema os regelos do inverno, nem o segador as calmas ardentes do estio, nem o pastor os dentes do lobo, e do urso, e em muitas partes as unhas do leão, e do tigre, lenaõ a necessidade? E posto que huns, e outros tantas vezes perecem em taõ conhecidos perigos, a mesma necessidade com implicação manifesta da propria conservação he a que para sustentar a vida os obriga a perder a mesma vida. Até o pobre, e atrevido ladraõ, que desde o primeiro passo, com que salteou os caminhos, começou a caminhar para a forca, se ao pé della lhe perguntaõ quem o trouxe a taõ miseravel estado, responde com o laço na garganta, que a necessidade. E para que ninguem se admire deste grande poder da necessidade sobre todos, a razão he, diz o proverbio, porque todos os outros poderes são sujeitos ás leys, e só a necessidade não tem ley: *Neceffitas caret lege*.

Num. 286. 677 Assim como os sabios dos Persas, e Medos deraõ o principado do poder á verdade, assim os Gregos, e Latinos, mais sabios que elles, sobre a mesma controversia o deraõ ao amor. Estes disseraõ: *Omnia vincit amor*, e não houve nação taõ dura, e bar-

Discurso LXIII. 89

barbara, que se não affinasse, ou alistasse debaixo desta sentença. Mas se no mesmo caso concorrer o amor, e a necessidade, quem vos parece, que ha de vencer? Claudiano disse: *Paupertas me seva premit, blandusque Cupido: Sed toleranda fames, non tolerandus amor.* Quer dizer, que apertado hum homem por huma parte da fome, e por outra do amor, com a fome ser cruel, e o amor brando, a fome he toleravel, o amor não. Eu creyo, que quando este Poeta isto escreveu, devia de ter bem comido, e tambem bebido. Em dizer: *Sed toleranda fames, non tolerandus amor*, não soube o que disse. Havia de dizer pelo contrario: *Sed tolerandus amor, non toleranda fames*; porque quando concorrem juntos o amor, e a fome, a fome triunfa do amor, e vence o que tudo vence. E se não, ponhamos ambos em campo, e vejamos qual leva a victoria.

678 Padecia-se grande fome nas terras de Canaan, quando Jacob para remedio della de onze filhos, que tinha, mandou os dez ao Egypto. Trouxe-rao pão para alguns dias, mas com obrigação de levarem tambem o filho undecimo, que era Benjamin, quando fossem buscar mais. Era Benjamin o mimo, e amor de Jacob: e não se podem crer os extremos, que elle fez para não apartar de si o filho, que unicamente amava. Instavao os irmãos, e a todas as instancias respondia, e satisfazia o pay: até que finalmente o apertarao com huma, a que não teve solução, nem reposta, e se deo por vencido. E qual foy esta? A da necessidade. Em quanto durou o pão, esteve forte Jacob; mas tanto que se foy acabando aquelle fiador da vida, e lhe disserao os filhos, que elles, e seus netos morrerião todos á fome, se não levasssem

Claud. de

paupert.

amant.

Num. 287.

vallem a Benjamin, cedeo o amor á necessidade, e venceo a necessidade o amor. Assim o disse em proprios termos o mesmo Jacob: *Si sic neceſſe eſt, facite quod vultis*: Já que assim o péde a necessidade fazei o que quizerdes. O que quizerdes, diz, e não o que eu quero; porque eu não quizera apartar de mim o unico filho, que tanto amo; mas a minha vontade, e o meu amor he força, que se deixe vencer da necessidade. He ponderação de S. João Chryſoſtomo, o qual nos encommenda, que reparemos nella: *Vide nunc, quomodo neceſſitas patris amorem vincit*: Reparaí neste caſo, e vede como a necessidade vence o amor do pay.

679 O amor dos pays he o mais forte de todos, e nenhum pay amou mais, que Jacob, nem houve filho mais amado, que Benjamim; porém á viſta da necessidade, e da fome aparteſe o pay do filho, e o filho do pay, rompaõſe os coraçoens de ambos com dor, chore a auſencia, ſuspirem as ſaudades, rendaſe violentado o amor, e a necessidade triunfe: *Si ſic neceſſe eſt, facite quod vultis*. Mas que muito he, que o amor do pay para dar de comer aos filhos vençeſſe a necessidade, e fome de Canaan, ſe na fome de Samaria, e de Jeruſalem venceo tanto a necessidade o amor das mãys, que chegaraõ a comer ſeus proprios filhos!

Num. 288. 680 Eſtes ultimos exemplos poucas vezes viſtos ſaõ os que com mayor horror da natureza encarecem o poder, e violencia da necessidade; mas os que cada dia acontecem, não ſaõ menos feyos, menos tristes, nem menos para temer. O primeiro effeito, ou conſeſquencia da necessidade he o desprezo da honra, o ſegundo a deſtruicão da virtude, e ponho em

Discurso LXIII. 91

segundo lugar a destruição da virtude; porque o muro da virtude he a honra, e derrubado este muro, a virtude, que elle defendia, facilmente se rende. Quem se não envergonha dos homens, que vê, facilmente perde o respeito a Deos, que não vê. Os Romanos para a emulação de tal sorte edificaraõ os templos da honra, e da virtude, que pelo da virtude se entrava ao da honra; e o demonio para a tentação primeiro bate o da honra para derrubar o da virtude. Por isso sendo todo o peccado offensa de Deos, e crime de lesa Magestade divina, introduzio o mesmo demonio no mundo, que alguns peccados não fossem infames, para que tirado o temor da deshonra, ficasse facilitado o precipicio da culpa.

681 Aberta pois a primeira brecha no muro da honra, a penas se acha virtude tão constante, que sitiada da necessidade, e apertada da fome pela triste condição sómente de ter com que sustentar a vida, não renda à consciencia, e a alma a tão infame partido. Esta he a razão conhecida até dos gentios; porque Virgilio quando descreveo o portico, e entrada do inferno, adornado feamente daquelles monstros horrendos, collocou tambem entre elles a pobreza, e a fome: *Malesuada fames, & turpis egestas*. Virg. 6. A' fome chamou *malesuada*, e á pobreza *tur-*Æncid.
pis, porque não ha vicio, nem maldade, que a fome não persuada, nem torpeza, ou infamia, que a necessidade, e pobreza não facilite.

682 Vamos á Escritura sagrada, em que no velho, Num. 289, e novo testamento desta mesma fome, e desta mesma pobreza temos dous admiraveis reparos, e ambos em dous descendentes da nossa Ruth, David, e o filho de David, Christo. Jejuou Christo no deserto qua-

to quarenta dias, e em todo este tempo não o tentou o demonio. No fim do jejum teve o Senhor foina : *Postea esuriit*, e no mesmo ponto diz o Evangelista, que o demonio se chegou a elle, e o tentou: *Et accedens tentator*. Pois se o tentador, que não só era demonio, senão o mayor de todos os demonios, em quarenta dias se não atreveo a chegar a Christo, antes o temia, e fugia delle, e retirado estava observando sómente a prodigiosa abstinencia daquelle homem; como agora, e logo no mesmo ponto, em que reconheceo, que tinha fome, se atreveo a o acommeter, e tentar? Porque he tão natural effeito da fome o enfraquecer a virtude, que até hum santo tão forte, tão constante, e tão milagroso, que pode passar sem comer quarenta dias, entendeo o demonio, que apertado da fome não poderia resistir á tentação.

683 S. Basilio : *Sentiens diabolus, quia ubi famas, ibi imbecillitas, aggreditur ad tentandum*. Fez o demonio, diz S. Basilio, este discurso: Onde ha fome, ha fraqueza; pois agora he o tempo de tentar este homem, posto que tão milagroso, porque se a fome o tem meyo rendido, a tentação o acabará de vencer. Elle bem deve de conhecer, que sou eu o demonio; mas hum homem com fome, e sem remedio, ainda que o comer, que se lhe offerece, seja dado pelo demonio, ha o de aceitar.

Num. 290. 684 Assim animado o tentador, fez descubertamente o tiro, e o que disse a Christo, foy : *Si Filius Dei es, dic ut lapides isti panes fiant*. Com muita razão argue aqui S. Pedro Chrysologo ao demonio de que quiz tentar, e não soube: *Cupis tentare, sed nescis*. A primeira cousa, que o demonio disse, foy a primeira, que havia de callar. Vem cá, demonio

igno-

Chrysol.
serm. de
tent. 11.

Discurso LXIII. 93

ignorante, queres render, e derrubar a este mesmo homem, a quem tentas, e trazeslhe á memoria o ser Filho de Deos: *Si Filius Dei es?* Não sabes, que o mayor brio, e o mayor empenho de hum homem de alto nascimento para não commetter indignidades, nem vilezas, he lembrarse da nobreza de seus pays, e não querer pôr mancha na sua geração? Assim he, diz o demonio, mas isso se entende, quando o filho de bons pays tem que comer; porém quando está com fome, e se vê apertado da necessidade, nem faz caso de pays, nem se lembra de geraçoens, nem olha para as manchas da honra, nem para o credito, e reputação da pessoa, a tudo fecha os olhos, com tanto que tenha com que sustentar a boca. Assim o cuidou o demonio de Christo, e se nelle se enganou, não se enganou em Esaú, nem em Jonathas, nem no Prodigio, e infinitos outros. A regra geral he: *Ubi fames ibi imbecillitas*: e assim como á fome se segue a fraqueza, assim á fome de muitos dias muitas fraquezas.

685 O outro descendente, e mais chegado de Num. 2913
Ruth foy David. E que nos dirá de si aquelle valente de Deos, que com as mãos defarmadas espedaçava leoens, e com huma pedra derrubava gigantes? Diz o que ninguem podéra imaginar; porque diz assim: *Infirmata est in paupertate virtus mea, & ossa mea conturbata sunt*: Na minha pobreza enfra- Psal. 30. 11.
queceose a minha virtude, e chegou a fraqueza a tanto, que até os mesmos ossos me derrocou! Quem podéra imaginar de David duas taes cousas, pobreza, e fraqueza? Nem a pobreza diz bem com hum Rey, nem a fraqueza com hum homem tão valente. Mas em tudo fallou David como quem bem se conhecia como homem, e muito melhor ainda como Rey. Só
estra-

estranhará. o nome de pobreza nos Reys quem não sabe, que os Reys são mais pobres, que os vassallos. Não he mais pobre quem tem menos, senão quem necessita de mais. E ninguem tem mais necessidade; nem mayores necessidades, que os Reys: necessidade de fabricar armadas; necessidade de fornecer exercitos, necessidade de fortificar praças, e presidiar fortalezas, necessidade de salarear Ministros nos Reynos proprios, necessidade de manter, e authorizar Embaixadores nos estranhos; necessidade de sustentar com decencia; apparato, e magnificencia Real a propria Magestade, e mil necessidades outras publicas, e occultas, das quaes pedia o mesmo David a Deos o livrasse: *De necessitatibus meis erue me*; e cercada, antes opprimida de tantas, e tão forçosas necessidades a falsa potencia, e verdadeira pobreza dos Reys, vede a quantas quebras de consciencia, e a quantas fraquezas de virtude estará exposta: *Infirmata est in paupertate virtus mea*? Fraqueza nos mesmos tributos, e subsidios necessarios, tolerando que carreguem sobre os pequenos, e miseraveis, e fiquem izentos os grandes: fraqueza nas doações inofficeosas, e indevidas, não se pagando no mesmo tempo, o que se deve aos legitimos acredores: fraqueza nas chamadas graças feitas prodigamente aos que a lograão de perto, esquecidos os que servem, e trabalham ao longe: fraqueza na observancia, e dissimulação das leys com os poderosos: fraqueza na igualdade da justiça: fraqueza no verdadeiro, e desinteressado exame das causas: fraqueza na attenção ao luxo, e regalo, para que tudo sobeja: fraqueza no descuido da conservação do que se perde, para que tudo falta, e tantas outras fraquezas de virtude, que
ainda

Discurso LXIII. 95

ainda nos Reys, que parecem timoratos, mais se pôde chorar, que dizer.

686 Isto confessava David de si no tempo, em que ^{Num. 292.} era Rey. Mas antes de cingir a coroa, e depois que seu proprio filho lha tirou da cabeça, em que a sua pobreza foy mais manifesta, tambem não faltaraõ fraquezas á sua virtude. No tempo, em que servia a ^{1. Reg. 27.} ElRey Achis faltando á fé da hospitalidade, rouba- ^{8. & seq.} va os vassallos do mesmo Rey, e para que se não sou-
belle, matava a todos, o que não podia fazer licita-
mente, porque a sua authoridade ainda era privada.
No tempo, em que andava escondido de Saul, por ^{1. Reg. 25.} que Nabal Carmelo lavrador grosso o não quiz soc- ^{22.} correr, deliberou, e jurou, que a elle, e a todos os de sua casa havia de tirar a vida, e pôr o fogo a quan-
to possuia.

687 No tempo, em que fugia de Absalaõ, por ^{2. Reg. 16.} hum presente, com que Siba criado do Principe Isbo- ^{1.} seth lhe sahio ao caminho, sem mais informaçãõ, ^{2. Reg. 19.} que a sua, lhe deo todos os bens de seu senhor: e o ^{27. & seq.} peyor, e mais he, que depois de lhe constar da inno-
cencia de Isboseth, devendo mandar enforçar a Siba
como ladraõ, e falsario, para não emendar de todo
o que tinha feito, mandou, que o ladraõ, e o rouba-
do partissem entre si os bens. Não consta das Escri-
turas a restituicãõ desta injustiça; mas, como notaõ
todos os Theologos, e Expositores, he certo, que
depois a fez David; porque doutro modo não se sal-
varia. Tanta razão, e tantas razoens teve este he-
roe, por tantas outras qualidades grande, para dizer,
e confessar, que na sua pobreza enfraquecera a sua
virtude: *Infirmata est in paupertate virtus mea.*

DISCURSO LXIV.

Tirado do discurso primeiro das cinco pedras da fundação de David prégadas em Roma.

OBRAS.

Part. 14.
Num. 81.

688

As obras são filhas dos pensamentos, no pensamento se concebem, do pensamento nascem; com o pensamento se criaõ, se augmentaõ, e se aperfeiçoão: e como os filhos recebem dos pais a natureza, o sangue, e o appellido, assim se recebe do pensamento todo o bem grande, e louvavel, que resplandece nas obras. Todos cõmunmente cuidaõ, que as obras são filhas do pensamento, ou ideas, com que se concebem; e conhecem as mesmas obras: eu digo, que são filhas do pensamento, e da idea, cõm que cada hum se concebe, e se conhece a si mesmo.

Num. 82.

689

A imagem mais perfeita, a proporção mais ajustada, e a medida mais igual da obra he o conhecimento de si mesmo em quem a faz. Quando Apelles pintava a Alexandre, tinha na mente a Alexandre: quando Alexandre conquistava o mundo, tinha na mente a si mesmo. Na idea de Apelles cabia Alexandre em hum quadro: na idea de si mesmo não cabia Alexandre no mundo, e por isso o conquistou todo.

Discurso LXV. 97

DISCURSO LXV.

Tirado de hum sermaõ da quinta terça feira da Quaresma pregado em Roma á serenissima Rainha de Suecia Christina Alexandra em obsequio de hum dictame daquelle sublime espirito, que detestando as beatarias publicas, só reputava por verdadeiras virtudes as que se occultavaõ aos olhos do mundo: e de outro da canonizaçaõ de S. Francisco Xavier.

OLHOS.

690 **A** Mayor graça da natureza, e o mayor pe- Part. 7.
rigo da graça são os olhos. São duas lu- Num. 125.
zes do corpo, são dous laços da alma. Mas como os
mesmos olhos ou são os proprios, com que vemos,
ou os alheyos, com que fomos vistos; questaõ pôde
fer não vulgar, e util curiosidade saber, quaes delles
sejaõ o mayor laço, e o mayor perigo. Eu em tanta
estreiteza de tempo não o tenho para disputar: e af-
fim digo resolutamente, que o mayor perigo, e o
mayor laço são os olhos alheyos. E porque? Porque
sendo tão natural no homem o desejo de ver, o ap-
petite de ser visto he muito mayor. Considerava
Job a sua morte, e vede a espinha, que mais lhe pi-
cava o coração: *Nec aspiciet me visus hominis*: Mor- Job. 7. 8.
rerei, e não me veráõ mais os olhos dos homens. O
ulo de ver tem fim com a vida, o appetite de ser vis-
to não acaba com a morte.

691 Esta foy a origem das estatuas Romanas se-
Tom. II. G pul-

98 *Vieira abbreviado*

pulchraes. Punhase a estatua imagem do defunto sobre o sepulchro, para que o homem, que dentro del-
le não podia ver, sobre elle fosse visto. Já que me fal-
ta a vida propria, ao menos não me falte a vista alheya.
De maneira, que devendo os marmores da sepultura
ser huns espelhos; em que se vissem os vivos, são hu-
ma anticipada resurreição da arte, em que se vem os
defuntos. Taõ immortal he nos mortaes o desejo de
ser vistos! E se esta ambição vive nos mortos, nos
vivos que será? Será o que diz o texto, que propuz,
com mayor erro ainda, e indignidade na vida, que a
ambição, e vaidade depois da morte: *Nemo in occul-
to quid facit*. Ninguém faz occultamente cousa di-
gna de louvor; porque occulta não póde ser vista.
Tirai do mundo, diz Seneca, os olhos alheyos, e
nada se fará do que o mesmo mundo admira, e pre-
za: *Nemo oculis suis lautus est: ubi testis, ac spe-
ctator abscessit, subsidunt omnia, quorum fructus
monstrari, & conspici.*

Senec. epist.
95.

Part. 8.
fol. 403,

692 A inclinação mais natural, mais viva, e que
mais fortes, e profundas raizes tem lançado na natu-
reza humana, he o desejo ou appetite da gloria.
Aristoteles lhe chamou ao homem: *Animal glorio-
sum*. E Tacito mais versado nas politicas do mundo,
que nas do espirito, disse, que este he o ultimo vi-
cio, de que se despem os sabios: *Glorie cupiditatem
etiam sapientibus novissimam exui*. E já Plataõ tinha
dito pela mesma frase, que era a ultima tunica, de
que se despiaõ as almas. Posto que em dizer, que as
almas se despiaõ, disse mais do que devera; porque
sendo ellas immortaes, e os cadaveres mortos, não só
nos gentios, senão tambem nos Christãos vão com
elles amortalhadas á sepultura. Assim o prégoou mais
sabia-

Tacit. 4. his-
tor. cit. ibid.
a Lypsio.

Discurso LXV. 99

labiamente, que todos, S. João Chrysostomo: *Cum reliqua vitia unà cum morte dissolvantur, superbia post mortem omni conatu in ipso cadavere contendit naturam suam prodere.* Chrysost.
serm. de
vanagl.

693 E se não digaõno tantas testemunhas de mar-
more, em que o mesmo appetite de fazer immortal
a gloria ou fabrica em vida, ou manda fabricar de-
pois da morte os soberbos sepulchros, e escrever,
ou gravar nelles com letras de bronze os gloriosos
epitafios. Mas passando dos que servem á vaidade
aos que professão a virtude; quantos vimos ainda
com opiniaõ de santos, que depois de vencerem os
outros vicios, se deixaraõ vencer miseravelmente da
mesma gloria de os ter vencido? Quantos pizaraõ
animosamente o mundo, e depois de o meter debai-
xo dos pés, os derrubou, e pizou a elles a mesma glo-
ria de o ter pizado? Saõ como os que pizaõ a planta
de Noé, e bebendo depois o licor do que pizaraõ,
perdem como o mesmo Noé o juizo. Os mais sizu-
dos dizem a Deos: *Non nobis, Domine, non nobis, sed nomini tuo da gloriam.* Pl. 113.
11. Isto he o que fazem os
mais timoratos partindo pelo meyo aquelle *Nomi-
ni tuo da gloriam*: isto he deixando para Deos a glo-
ria, e tomando para nós o nome. Se prégamos a glo-
ria para Deos, mas para nós o nome de grande Pré-
gador: se ensinamos a gloria para Deos, mas para
nós o nome de grande letrado: se fazemos obras de
misericordia, a gloria para Deos, mas para nós o no-
me de caritativo: se nos mortificamos, e jejuamos,
a gloria para Deos, mas para nós o nome de absti-
nente: finalmente se exercitamos quaesquer virtu-
des, ou todas, a gloria para Deos, mas para nós o no-
me de virtuoso, e santo.

100 *Vieira abbreviado*

Fol. 407. 694. Os generosos, e fieis soldados, e Capitaens toda a gloria das suas façanhas, e victorias a devem renunciar de sua parte, e não a querer para si, e para sua fama, e honra; senão inteiramente para o Rey, a quem servem. Isto he o que fez entre os Hebreos Joab no memoravel cerco da insigne Cidade de Rabbat, que tinha rendida, reservando o nome da victoria para David: *Ne nomini meo adscribatur victoria*. E isto entre os Romanos Germanico no trofeo, que levantou sobre hum monte de armas depois das Germanicas domadas, e sujeitas ao Imperio dedicando o mesmo trofeo depois dos deoses a Augusto sem menção alguma de seu proprio nome, como notou Tacito: *Congeriem armorum struxit superbo cum titulo, & cum ea monumenta Augusto sacravisset, de se nihil addit*. A acção de Joab se não foy li-fonja, foy cortezia: a de Germanico pareceo modestia, e póde ser demasiada presumpção, como não deixou de morder o mesmo Tacito; mas ambos elles por este rodeyo sendo publico negociaraõ mayor gloria, porque de homem a homem a gloria mayor he de quem a dá: e que excessõ de gloria como dar victorias a David, e trofeos, e triunfos a Augusto?

2 Reg. 12
28.

Tacit. l. 2.
annal.

DISCURSO LXVI.

Tirado de hum sermaõ, prégado na Capella Real pelo bom successo das nossas armas.

OPINIÃO.

Part. 7.
Num. 490. 695. **A**S materias da opiniaõ são muito delicadas, e a consciencia da honra não ad-mitte

Discurso LXVII. 101

mitte escrúpulos. A mais perigosa consequencia da guerra, e o que mais se deve recear nas batalhas, he a opiniaõ. Na perda de huma batalha arriscale hum exercito, na perda da opiniaõ arriscale hum Reyno. Num. 487. Salamaõ o Rey mais sabio dizia, que melhor era o bom nome, que o oleo, com que se ungiaõ os Reys: *Melius est bonum nomen, quam oleum unctionis, quo ungebantur capita Regum;* porque a unção pôde dar Eccles. 7. 22. ex vers. Chald. Reynos, a opiniaõ pôde tirallos.

DISCURSO LXVII.

Tirado de hum sermaõ da quinta Dominga da Quaresma, e de outro da primeira oitava de Paschoa pregado no graõ Pará na occasiã, em que chegou a nova de se ter desvanecido a esperança das minas, que com grandes empenhos se tinhã ido descobrir.

O U R O.

696 **S**E ha cousa no mundo, que podéra competir no senhorio com Deos, he o idolo universal do ouro, e prata. Muitas naçoens ha no mundo, que não conhecem a Deos: nenhuma, que não adore, e obedeça a este idolo. E ainda dos que professão servir a Deos, quem ha, que o não sirva? Pois assim como ninguem pôde servir a dous senhores, assim diz Christo, que não pôde servir a Deos, e mais ao dinheiro: *Non potestis Deo servire, & mammonæ.* Servir a Deos com o dinheiro bem pôde ser, e he bem que seja; mas servir a Deos, e ao dinheiro juntamente he impossivel. Quando Zacheo se resolveo a servir

Part. 2.
Num. 272.
Tom. II. G 3

102 *Vieira abbreviado*

servir a Christo, logo renunciou o dinheiro: e quando Judas se resolveo a servir o dinheiro, logo renunciou a Christo. Arrependido o mesmo Judas de ter vendido a seu Mestre, lançou os trinta dinheiros no templo: *Projecit eos in templum*. E os Ministros do templo resolverão, que não se podiaõ meter na bolça: *Non licet mittere eos in cõrbonam*. Mofo dinheiro, que nem roubado, nem restituído, nem no templo, nem na bolça teve lugar com Deos: e assim he todo. Se o roubais, perdeis a Deos: se o restituís, perdeis o dinheiro: se quereis servir a Deos, Deos, e o dinheiro não cabem no mesmo templo: se quereis servir ao dinheiro, o dinheiro, e Deos não cabem na mesma bolça: *Aut unum odio habebit, & alterum diliget: aut unum sustinebit, & alterum contemnet*. Ou haveis de renunciar o dinheiro, se amais, e prezais a Christo, como fez Zacheo, ou haveis de renunciar a Christo se amais, e prezais o dinheiro, como fez Judas. Oh quantos Judas, e quão poucos Zacheos ha no mundo! Se Deos tivera tantos servos, e tão diligentes como tem o dinheiro, que bem servido que fora! Mas quantos desserviços se fazem a Deos em serviço deste mau idolo? O mayor sacrilegio de todos he, que em vez de os homens se servirem do dinheiro para servir a Deos, chegaõ a se servir de Deos para servir ao dinheiro: *Servire me fecisti in peccatis tuis*. Quantas vezes os bens Ecclesiasticos, que são de Deos, os vemos applicados, e consumidos em usos profanos, e os vasos do templo de Jerusaleem ou levados aos thesouros de Nabuco, ou servindo nas mesas de Balthasar! Quando já mais se encontrou Deos com o interesse, que o desprezado não fosse Deos? Ou quem seguiu os idolos de

Matth. 27.
6.

Matth. 6.
25.

Isai 43. 24.

Discurso LXVII. 103

de Joroboão, que não virasse as costas á arca do testamento? O ouro, que os Hebreos roubaraõ no Egypto, adoraraõno no deserto. E quantos ha, que fazem o mesmo só com a figura mudada? Que importa, que não adoreis a fôrma, se adorais a materia? Que importa, que não adoreis o bezerro de ouro, se adorais o ouro do bezerro? E no mesmo tempo (como os de Azoto) pondeis a Deos, e o idolo sobre o mesmo altar, e credes com affectada hypocrisia, que podeis servir juntamente a hum, e a outro?

697 Este Estado sem ter minas foy já tão reques- Part. 4.
Num. 427. tado, e perseguido de armas, e invasoens estrangei-
ras; que teria se tivesse esses thesouros? Lá traz Christo Senhor nosso a comparação de hum campo, que era cultivado sómente na superficie da terra, fer-til de flores, e fructos; porém sabendo hum homem acaço, que no mesmo campo estava enterrado, e es-
condido hum thesouro: *Thesouro abscondito in* Matth. 13.
agro, o que fez com todo o segredo, e diligencia, ^{44.}
foy ir logo comprar o campo a todo o custo, e deste modo ficou senhor não do campo por amor do cam-
po, senão do campo por amor do thesouro. De sor-
te, que toda a desgraça do campo em mudar de se-
nhorio, e passar de hum dono a outro dono esteve
em ter thesouro dentro em si, e saberse, que o tinha.
Contentemonos de que nos dem-os nossos campos
pacificamente o que a agricultura colhe da superfi-
cie, e não lhe desejemos thesouros escondidos nas
entranhas, que espertem a cubiça alheya, principal-
mente quando os mesmos campos não estão cerca-
dos de tão fortes muros, que lhe possaõ facilmente
defender a entrada. E terras, que tem ouro, e prata, Num. 428.
e não tem muros fortes, que as defendeaõ, natural-

mente estão expostas á cubiça, e invasão dos inimigos; porque o ouro, e a prata, que tem, excita a cubiça, e os muros, e fortificaçoens, que não tem, facilita a invasão.

Num. 429. 598 A paz das outras naçoens segurança he muito enganosa. Onde ha nova occasião de interesse; não ha consideração, que dure. Ouvi hum dito notavel de Jeremias: *Numquid fœderabitur ferrum ferro ab Aquilone, & æs?* Cuidais, que o ferro do Norte, (do Norte diz nomeadamente: *Ab Aquilone*) cuidais, que o ferro do Norte se póde confederar com outro ferro, e o seu bronze com outro bronze? Enganais-vos, diz o Profeta áquelles, com quem fallava: e o mesmo vos certifico eu sem ser Profeta. Livrouvos Deos da prata, porque vos quiz livrar do ferro. A arte com a prata liga os outros metaes, e a cubiça com a prata desfaz, e rompe todas as ligas.

Num. 432. 699 Mas dado, que as minas tão esperadas, e appetecidas não tivessem por consequencia de sua fama estes perigos de fóra, bastava a consideração dos trabalhos, e misérias domesticas, que com ellas se vos haviaõ de levantar debaixo dos pés, para que o vosso juizo, se o tivesses, tratasse antes de sepultar as mesmas minas depois de achadas, que procurar de as desenterrar, e descobrir, ainda que foraõ muito certas. Hum dos mayores castigos, que Deos podia dar a esta Cidade, e a este Estado, era descobriremse nelle minas; porque essas minas, que tanto se desejaõ, e estimaõ, ordinariamente não as descobre, nem as dá Deos por merecimentos, senão em castigo de grandes peccados. São castigos escondidos debaixo de apparencias contrarias; porque se appetecem, estimaõ, e festejaõ enganosa, e enganadamente, sendo

Num. 433.

Num. 434.

Discurso LXVII. 105

do certo, que debaixo do preço, e esplendor do ouro, e prata se occultaõ, e escondem grandes trabalhos, affliçoens, e miserias, com que a Justiça divina por peccados quer castigar, e açoutar as mesmas terras, onde as veyas destes metaes se descobrem. Deos tanto pôde açoutar com varas de ferro, como com varas de ouro, e de prata, antes estes açoutes são muito mais pezados, quanto a prata, e o ouro pezaõ mais, que o ferro.

700 Aquella ponta de terra montuosa, que hoje chamamos Cabo de S. Vicente, antigamente se chamava Promontorio sagrado por estar alli o sepulchro Num. 435? de Tubal, primeiro pay da nossa nação, e tambem o de Hercules, hum dos mais famosos, e amados Reys da Lusitania. Havia minas neste promontorio, as quaes por causa da mesma veneração tambem era vedado cavaremse: e dizem as historias daquelle tempo, que só em hum caso se permittia aos moradores aproveitaremse do ouro, e prata das ditas minas. Mas qual era este caso? Couza verdadeiramente admiravel, e muito digna de se notar. O caso era, quando cahia do Ceo algum rayo, que penetrasse a terra, e descobrisse os preciosos metaes, que nella estavam escondidos. De sorte, que naquella terra, tambem nossa, o abriremse minas, e o cahirem rayos do Ceo tudo vinha junto, como se o Ceo nos prégara, que o descobrimento de minas na terra não são felicidades, e boas fortunas, como se imagina, senão execuçoens da ira de Deos, e castigos do Ceo.

701 E para que vos não pareça, que são isto encarecimentos lenitivos, inventados para divertir a tristeza, e dar especie á consolação, troquemos este Num. 436? ouro, e prata em miudos, e vejamos os proveitos, e in-

e interesses, que do descobrimento de minas havia de resultar á vossa terra no caso, em que se tivessem achado. Eu nunca fuy ao Potosi, nem vi minas; porém nos livros, que descrevem o que nellas passaõ, não só causa espanto, mas horror ler a fabrica, e as maquinas, os artificios, e a força, o trabalho, e os perigos, com que as montanhas se cavaõ, as betas se seguem, e perdidas se tornaõ a bulcar: os entros de pedrenas impenetraveis, ou de aguas subterraneas, que arrebentaõ das penhas, as quaes ou se haõ de esgotar com bombas, ou abri-lhe novo caminho, furando por outra parte os mesmos montes: o estrondo dos maços, das cunhas, das alavancas, e dos outros instrumentos de ferro, alguns dos quaes tem cento e cincoenta libras de pezo, com que se batem; cortaõ, e arrancaõ as pedras, ou se precipitaõ com mayor perigo do alto: e tudo isto naquellas profundissimas concavidades, ou infernos, onde nunca entrou o rayo do Sol, alumados malignamente aquelles infelices Cyclopes só com a luz escaça, e contrafeita de alguns fogos artificiaes, cujo halito, fumo, e vapor ardente lhe toma a respiração, e muitas vezes os afoga.

Num. 437. 702 Faz aqui padecer a cubiça muito mais do que profetiza Isaías, que fará em algum tempo a penitencia: *Introibunt in speluncas petrarum, & in voragines terræ: projiciet homo idola argenti sui, & simulacra auri sui, quæ fecerat sibi ut adoraret, talpas, & vespertilioes*: Meterse haõ os homens pelas covas, e pelas concavidades mais profundas da terra não para buscar ouro, ou prata, mas abominando, e lançando de si os idolos, que do ouro, e da prata tinhaõ feito, toupeiras, e morcegos. Vede agora

Isai 2. 19.
10.

Discurso LXVII. 107

ra estas mesmas figuras como as ajunta, e introduz todas a cubiça neste escuro, e horrendo theatro da paciencia sem virtude. Alli os penitentes arrependidos entraõ pelas grutas, e concavidades da terra: aqui os cubiçosos, e enganados tambem se metem naõ pelas covas, que a terra tem aberto, senaõ pelas que elles cavaõ, e rompem á viva força, muito mais penetrantes, e profundas. Alli desprezaõse os idolos de ouro, e prata, conhecida sua mentira, e vaidade: aqui estima-se, e adora-se tanto a mesma vaidade, que por novos, e occultos caminhos de tantos estadios-se vay buscar, e defenterrar o ouro, e prata para se fundirem, e lavrarem idolos. Alli as figuras dos idolos saõ toupeiras, e morcegos: *Talpas, & vesper-tillions*: e aqui os homens desfigurados como toupeiras vivem debaixo da terra sem ter olhos para ver a luz, e como morcegos fogem do Sol, e do dia, e se vaõ mais sepultar, que viver naquella escura, e perpetua noite. Ainda tem outra propriedade; porque huns como toupeiras com os pés, e maõs na terra andaõ cavando, e revolvendo, e mudando continuamente, e outros como morcegos suspensos no ar estaõ picando as pedras, e sangrando as suas veyas com o corpo, e com a vida pendente de huma corda. Houve já mais algum Anacoreta dos que habitavaõ as covas, que fizesse tal penitencia? Pois ainda naõ ouvistes o mais temeroso della.

703 Solapadas por baixo aquellas grandes montanhas, todo o pezo immenso dellas se sustenta sobre pilares da mesma materia, que vaõ deixando a espaços, os quaes se se enfraquecem, ou quebraõ como acontece muitas vezes, qual he o effeito? Toda a montanha, ou grande parte della cahe de repente, e a mul-

Num. 4387

Num. 440.

a multidão, que andava desenterrando a prata, fica sepultada com ella sem hum momento sem outra noticia de tamanho, e tão miseravel estrago, que a que deo aos de muito longe o estrondo da ruina, e o tremor de toda a terra. Isto he o que se escreve, e se escreve muito menos do que verdadeiramente he. Baste por prova, que a sevicia, e crueldade dos Neros, e Dioclecianos cõmutavaõ a morte, e os tormentos dos Christãos em os mandar servir, e trabalhar nas minas: e a Igreja, que com tanta difficuldade, e consideração examina, e avalia os merecimentos dos santos, canonizava, e venerava por martyres aos que nellas acabavaõ a vida. Ainda falta por dizer o que mais vos havia de destruir, e assolar. Quantos Ministros Reaes, e quantos officiaes de justiça, de fazenda, de guerra vos parece, que haviaõ de ser mandados cá para a extração, segurança, e remessa deste ouro, ou prata? Se hum só destes poderosos tendes experimentado tantas vezes, que bastou para assolar o Estado, que fariaõ tantos? Não sabeis o nome do serviço Real (contra a tenção dos mesmos Reis) quanto se estende cá ao longe, e quão violento he, e insupportavel? Quantos Administradores, quantos Provedores, quantos Thesoureiros, quantos Almoxarifes, quantos Escrivaens, quantos Contadores, quantos Guardas no mar, e na terra, e quantos outros officiaes de nomes, e jurisdicoens novas se haviaõ de crear, ou fundir com estas minas para vos confundir, e sepultar nellas? Que tendes, que possuis, que lavrais, que trabalhais, que não houvesse de ser necessario para serviço d'ElRey, ou dos que se fazem mais que Reis com este especioso pretexto? E vós mesmos não haveis de ser vossos; porque vos haviaõ

Discurso LXVII. 109

haviaõ de apenar para o que tivesséis, ou não tivesséis prestimo, e só os vossos engenhos haviaõ de ter muito que moer, porque vós, e vossos filhos haviéis de ser moidos.

704 Fique logo por conclusãõ, que muito mayor Num. 441.
merce vos fez Deos, e muito mais bemafortunados fostes em não se acharem as minas, que se o ouro, e prata, que se suppunha, e esperava dellas, se descobrisse. Ouvi a sentença de hum gentio fundado só na razaõ natural, e experiencia sem nenhum principio de fé, que a nós nos devia levantar mais da terra: *Aurum irreperitum, & sic melius situm cum terra celat*: O ouro, diz Horacio, he melhor não se achar, nem descobrir, que acharle: *Aurum irreperitum*. E porque? Porque em quanto a terra o esconde, e encobre: *Cum terra celat*, está elle no sitio, e lugar, que lhe deo a natureza, que he o melhor: *Et melius situm*. Excelente razaõ. As cousas naturaes em quanto estaõ no seu proprio lugar, em que as situou a natureza, nenhum damno fazem; tiradas dellê, saõ muito damnosas. A agua no seu centro não peza, o fogo na sua esfera não queima; a terra se sobe ao ar, faz rayos, o ar se se mete debaixo da terra, faz terremotos, deruba casas, e Cidades: assim tambem o ouro, e prata das minas, em quanto estaõ escondidas lá no centro da terra, onde as poz a natureza, conservaõse innocentes, e não fazem mal a ninguem; mas se se cavaõ, e se tiraõ fóra, entãõ saõ muito perniciosas, e fazem grandes estragos. Olhay para o passado, se vos não quereis enganar com o presente.

705 Aquella idade dourada taõ celebre nos primeiros tempos, quem a fez? Parece, que a havia de fazer o ouro, e não a fez o ouro, que havia, senãõ o ouro,

110 *Vieira abbreviado*

ouro, que não havia; porque ainda se não tinha descoberto. Em quanto no mundo não houve ouro, então foy a idade de ouro; depois que appareceo o ouro no mundo, então começou a idade de ferro: *Famque nocens ferrum, ferroque nocentius aurum Proderat*. O que era necessario, e util para a vida, e conservação dos homens, notou Seneca, Democrito, e ainda o mesmo Epicuro, que o poz a natureza muito perto de nós, e muito descoberto, e patente, como são as plantas, os fructos, os animaes. Pelo contrario o que não só era inutil, mas pernicioso, polo muito longe de nós, occulto, e escondido, onde o não vissemos, e este he o ouro, e a prata. Houvese em tudo a natureza como mãy: a mãy dá a maçã ao filhinho, e escondelhe a faca. Porque? Porque quer que coma, mas não quer que se fira: e se o minino chora pelo que o ha de ferir, não he justo, que os homens de razão, e de juizo tenham sentimento de mininos.

Num. 444. 706 Mas vejo, que me perguntaõ os curiosos, e me arguem os criticos: Se as minas eraõ tão damnozas, e perniciosas ao homem, e por isso lhas escondeo, e encubrio Deos; porque as creou, ou para que? Para responder a esta pergunta façovos primeiro outra. E a arvore da sciencia, que foy a occasião, e a origem de todos os males do mundo, porque a creou Deos no Paraíso? Ou aquella arvore era boa, ou má; como argumenta Santo Agostinho: se era má, para que a plantou Deos: se era boa, para que a prohibio? Ameaça ao homem com a morte, se comer daquelle fructo, e pinta o mesmo fructo com taes cores, que leva a poz de si os olhos: *Pulchrum oculis, aspectuque delectabile*? Sim. Porque aquelle fructo tão formoso

Discurso LXVII. III

mo não foy creado, para que Adaõ comesse, ou provasse delle, senão para que Deos tentasse a Adaõ, e o provasse com elle. Esta he tambem a razão porque Deos creou o ouro, e a prata, e lhe deu tanta formosura de cores. Chilon hum dos sete sabios da Grecia dizia, que assim como a pedra de toque prova o ouro, e a prata, assim o ouro, e a prata são a pedra de toque dos homens. Quereis provar quem são os homens, tentai-os com ouro, e com prata. Do ouro o disse o Ecclesiastico: *Qui post aurum non abiit: probatus est in illo.* E da prata o disse David: *Ut excludant eos, qui probati sunt argento.* E notai, que o que nesta tentação ficou approvado, foy hum só: *Qui probatus est in illo:* e os que ficaraõ reprovados, e excluidos, foraõ muitos: *Ut excludant eos, qui probati sunt argento.* Ora já que todos os dias pedimos a Deos, que nos livre das tentações, ou que nos não meta nellas: *Ne nos inducas in tentationem,* demos-lhe muitas graças, pois nos livrou desta, em que nós nos tinhamos metido.

707. Eis aqui os augmentos, que havia de ter o Reyno com os haveres, que lhe promettiaõ as nossas minas. Enchersehia a terra de ouro, e prata; mas elle ouro, e prata, posto que naturalmente desce para baixo, havia de subir para cima: não havia de chegar aos pequenos, e pobres, mas todo se havia de abarcar, e consumir nas mãos dos grandes, e poderosos; porque, como bem disse o outro, as magnetes atrahem o ferro, e os magnates o ouro, e as obras pias, em que esses thesouros se haviaõ de despender, eraõ mais cavallos, e mais carroças, e mais galas, e mais palacios, e obras magnificas, e ostentosas, e tambem haviaõ de ter parte nelles os idolos bautizados, que

Eccli. 31:

8. 10.

Palm. 67:

31.

Num. 452.

112 *Vieira abbreviado*

que lá se adoraõ, e que tantas vidas, e fazendas tem destruido. Isto succederia no reynado, e governo de Salamaõ: vede, se se póde esperar, ou temer outro tanto, quando não forem Salamoens os que tenhaõ o governo.

DISCURSO LXVIII.

Tirado de hum sermaõ da quarta Dominga da Quaresma.

P A M.

708 **A** Mayor pensaõ, com que Deos creou o homem, he o comer. Lançai os olhos por todo o mundo, e vereis que todo elle se vem a resolver em buscar o paõ para a boca. Que faz o lavrador na terra cortando-a com o arado, cavando, regando, mondando, semeando? Busca paõ. Que faz o soldado na campanha carregado de ferro, vigiando, peleijando, derramando o sangue? Busca paõ. Que faz o navegante no mar içando, amainando, sondando, lutando com as ondas, e com os ventos? Busca paõ. O mercador nas casas de contratação passando letras, ajustando contas, formando companhias? O estudante nas Universidades tomando postillas, revolvendo livros, queimando as pestanas? O requerente nos tribunaes, pedindo, allegando, replicando, dando, promettendo, annullando? Busca paõ. Em buscar paõ se resolve tudo, e tudo se applica a o buscar. Os pobres daõ pelo paõ o trabalho, os ricos daõ pelo paõ a fazenda, os de espiritos generosos daõ pelo paõ a vida, os de espiritos baixos daõ pelo paõ a honra, os de nenhum espirito daõ pelo paõ a alma, e en-

Part. 12.

Num. 212.

Discurso LXVIII. 113

nenhum homem ha, que não dê pelo pão, e ao pão todo o seu cuidado. Parecevos, que tenho dito muito? Pois ainda não está discorrido tudo.

709 Tirai o pensamento dos homens, e lançai-o Num. 213 por todas as outras cousas do mundo, achareis, que todas ellas estão servindo a este fim, ou pensão do sustento humano. A este fim nascem as hervas, a este fim crescem as plantas, a este fim florecem as arvores, a este fim produzem, e amadurecem os fructos, a este fim trabalham os animaes domesticos em casa, a este fim pascem os manfos no campo, a este fim se criaõ os sylvestres nas brenhas, a este fim os do mar, e os dos rios nadaõ em suas aguas, em fim tudo, o que nasce, e vive neste mundo, a este fim vive, e nasce. Que digo eu o que vive, e o que nasce? Os elementos não são viventes, e a este mesmo fim cansamos, e fazemos trabalhar aos proprios elementos. O fogo nas forjas, e nas fornalhas, a agua nas levadas, e nas azenhas, o ar nas vellas, e nos moinhos, a terra nas vinhas, e nas searas, e até o Sol, e a Lua, e as estrellas não deixamos estar ociosas desta pensão; porque o que todos aquelles orbes celestes fazem andando em perpetua roda, e voltando sem nunca descansar, he produzir, e temperar com suas influencias o que ha de comer o homem. Ha mais para onde subir? Ainda ha mais. Subi do Ceo acima até ao mesmo Deos, e achareis, que elle he o que mais occupado está, que todos em nosso sustento; porque todas as outras cousas cada huma trabalha em si, e Deos, ainda que sem trabalho, obra em todas. De maneira, senhores, que Num. 214 a occupaço do Ceo, e da terra, e de todo este mundo, a mayor pensão, o mayor cuidado, e o mayor trabalho dos homens he buscar pão para a boca; pois

114 *Vieira abbreviado*

isto, por que todos trabalhaõ, hei de ensinar hoje o modo, com que se possa alcançar sem trabalho.

710 Todos os homens querem ter paõ, e muito paõ: dous alvitres lhe trago hoje para isso: hum para terem paõ, outro para terem muito. Vamos ao primeiro. Mas que alvitre vos parece, que será este? Que meyo vos parece, que se póde dar para hum homem em toda a sua vida ter o paõ certo, sem nunca lhe haver de faltar? Será por ventura ajuntar mais? Trabalhar mais? Lavrar mais? Negociar mais? Desvelar mais? Poupar mais? Mentir mais? Adular mais? Alguns cuidaõ, que estes são os meyos de ter paõ; mas enganaõse. Sabeis qual he o meyo seguro de ter paõ, sem nunca haver de faltar? He seguir a Christo. Assim lhe aconteceu a cinco mil homens, porque seguiaõ a Christo tiveraõ paõ no deserto. Se cinco mil homens com mulheres, e filhos entrassem de repente em huma grande Cidade, naõ haveria promptamente, que lhes dar a comer, quanto mais em hum deserto. Em hum deserto porém se achavaõ estes homens sem casa, sem venda, e sem dinheiro para comprar o mantimento, ainda que o houvesse, e sobre tudo com fome de tres dias; mas porque seguiaõ a Christo tiveraõ que comer todos, sem lhes faltar nada. Senhores meus, que taõ desvelados andais todos, e taõ esfaimados por ter de comer, e por deixar de comer a vossos filhos, segui, e servi a Christo, e eu vos seguro da sua parte, que nem a vós, nem a elles lhes faltará paõ.

711 Temos dito o primeiro alvitre, que promettemos, que he como havemos de alcançar o paõ: vamos agora ao segundo, como havemos de alcançar muito. Oh que ponto este para os cubiçosos, e para os avarentos!

Discurso LXVIII. 115

rentos! Se eu os consultasse a elles do remédio para accrescentar paõ, para multiplicar fazenda, huns haviaõ de dizer, que negociar, e melhor, que tudo, negociar para o Maranhão; porque o que em Portugal val dous, aqui se vende por vinte. Este meyo terá muito bom quando no mundo não houver quatro cousas: quando em Zelanda não houver Pechilingues: quando em Argel não houver Turcos: quando na agulha de marear não houver Suestes: e quando na costa do Maranhão não houver baxios. Mas em quanto ha estas quatro cousas, he muito arriscado modo de ganhar esse.

712. Outros diraõ, que he bom meyo servir a El-Rey em algum posto grande, ou muito junto a elle, ou muito afastado d'elle, que estes saõ os postos, em que os homens se aproveitaõ. Dizem, que o Rey se ha de tratar como o fogo, nem taõ perto, que queime, nem taõ longe, que não aquece. A's aveças ha de fer. Do Rey ou muito perto, ou muito longe. Se tendes posto muito perto ao Rey, tudo se vos sujeita, tudo vos vem ás mãos; e se tendes posto muito longe do Rey, tudo vós sujeitais, e em tudo vós metteis a mão. Este modo de accrescentar fazenda não ha duvida, que he muito prompto, e muito effectivo, e tambem me atrevera eu a dizer, que era bom, se neste mundo não houvera huma conta, e no outro mundo outra. Se no outro mundo não houvera inferno, e neste mundo não houvera justiça, era muito bom; mas nesta vida limoeiro, e na outra vida fogo eterno: nesta vida confiscado, e na outra vida queimado, não he bom modo de ganhar.

713. Buscaís mil traças, e invençoens para ajuntar o alheyo ao vosso, e essas saõ as que em lugar de

116 *Vieira abbreviado*

vo lo accrescentar, vo lo roem, e vo lo desbarataõ. He o alheyo pontualmente, como o vomitorio. Receitavos o Medico hum vomitorio: e que vos acontece depois, que o tomais? Lançaillo a elle, e tudo o mais, que tinheis dentro. Assim he o alheyo, guardavos de o meter no estamago; porque primeiramente não vo lo ha de lograr, e ha vos de puxar, e levar comsigo o mais, que tiverdes nelle. E vede quaõ pouco basta para fazer estes effeitos. Achab era Rey, tomou a Naboth huma vinha, e tanto que a vinha se ajuntou ao Reyno, perdeu o Reyno, e mais a vinha. Fez a vinha o que faz o vinho, vomitou-a

Num. 109. Achab, e com ella tudo o mais. Lá disse S. Paulo, que hum pequeno fermento corrompe toda a massa:

1. Cor, 5. *Modicum fermentum totam massam corrumpit*; e taes são os effeitos do alheyo, ainda que a massa, com que se ajunta, ou mistura, seja huma Monarchia inteira. Que comparação tinha a vinha de Naboth com o Reyno de Achab? Mas era alheya, posto que taõ pequena. E como se Naboth com as vides da sua vinha lhe pozera o fogo, assim ardeo em hum momento a casa de Achab, a Coroa, o Reyno, a vida sua, e de sua mulher, a honra, a fama, o estado, a successão, e até os ossos de ambos.

Num. 233. 714 Conta Tito Livio de hum Principe dos Piezenigos chamado Cures, que querendolhe tomar suas terras Suatislao Principe dos Ruthenos, elle o houve ás mãos em huma emboscada, e mandandolhe tirar a cabeça, fez da sua caveira huma taça encaftoada em ouro, por onde bebia, com esta letra: *Quærendo aliena, propria amisit*: Buscando o alheyo, perdeu o proprio. Oh que boa lembrança para a mefa dos Principes, e dos que o não são! Se em todas

Liv. lib. 23.
cit. a Fabr.
Dom. 8. post
Pent.

Discurso LXVIII. 117

as meas se bebera por esta taça, não se comera em tantas o pão alheyo, e se no Brasil deramos em desenterrar caveiras, em quantas poderamos escrever a mesma letra! Cujá he esta caveira? He de fulano. Viveo rico, e morreo pobre: testou de muitos mil cruzados, e seus filhos pedem esmola. Pois que foy isto? Que ar mau deo por esta fazenda? *Quarendo aliena, propria amisit*: Misturou a sua fazenda com a alheya, perdeo a alheya, e mais a sua. Fazenda adquirida com deservico de Deos, e contra seus mandamentos! Deos nos livre.

715 Outros dirão, que para ter muito, o melhor remedio he tello, guardar, poupar, não gastar, morrer de fome, e matar á fome; porque dizem, que muito mais cresce a fazenda com poupar muito, que com ajuntar muito. Este meyo eu confesso, que he muito bom; mas bom para ajuntar fazenda para outros, e não para si; porque o que eu poupo, e o que não gasto, não he meu; he daquelles, a quem eu o hei de deixar, e depois o haõ de gastar muito alegremente: e poupar, e morrer de fome, para que outros vivaõ, e alardeem, he humã avareza mui louca.

716 Pois que remedio para accrescentar a fazenda util, discreta, e muito seguramente? O remedio he muito facil: dar da que tiverdes por amor de Deos. De maneira, que ambos os nossos pontos se vem a resumir a Deos. Quereis ter pão? Servi a Deos. Quereis ter muito? Dai por amor de Deos. Pois o dar, o tirar de mim he caminho de accrescentar? Antes parece caminho de diminuir. Se fora dar por amor dos homens, ou por outro respeito, sim, que era caminho de perder o que se dá; mas dar por amor de Deos não ha mais certa negociação, não ha mais

118 *Vieira abbreviado*

certo modo de ajuntar fazenda. Vede-o no nosso
 Joan. 6. 5. Euangelho: *Unde ememus panes, ut manducent hi?*
 Perguntou o Senhor, onde achariaõ paõ, para que
 comessem todos. Respondeo Santo André, que to-
 dos os paens, que havia, não passavaõ de cinco: *Est*
 Ibi. 9. *puer unus hic, qui habet quinque panes*, e com es-
 tes, sendo só cinco, quiz Christo dar de comer a to-
 dos. Pois, Senhor, não vedes que tendes doze disci-
 pulos, que sustentar, e que os paens não são mais
 que cinco? Se tivésseis muito paõ, então estavaõ
 bem essas liberalidades; mas sendo tão pouco? An-
 tes por isso mesmo: se os Apostolos tiveraõ doze
 paens, então não era necessario mais, porém como
 não tinhaõ mais, que cinco, era força buscar algum
 modo de os accrescentar, e não podia haver meyo
 mais breve, nem mais certo, que dallos aos pobres.
 E assim foy, que os Apostolos, porque deraõ cinco
 paens, não só receberaõ doze paens, senão doze al-
 cofas: *Duodecim cophinos*. Se os Apostolos toraõ de
 animo avarento, e acanhado, e quizeraõ comer os
 seus cinco paens, sahira menos de meyo paõ a cada
 hum; mas porque cada hum deo o seu pedaço de paõ,
 ficou com huma alcofa cheia: *Duodecim cophinos*.

717 Ides daqui para Portugal, não embarcaes
 nada convosco, que haveis de comer? Respondeis:
 Levo huma letra de tantos mil cruzados. Pois tendes
 por certo, que não vos póde faltar paõ, porque le-
 vais a letra de hum mercador, e não tendes por cer-
 to com tantas escrituras de Deos, que vos não ha de
 faltar nada? Apertemos mais este ponto. Na praça
 de Londres quereis ir para Liorne, levais letra de
 hum herege: na de Amsterdaõ para Alemanha, le-
 vais letra de hum Judeo: na de Veneza para Con-
 tan-

Discurso LXVIII. 119

tantinopla, levais letra de hum Turco, e ides seguro de que vos não ha de faltar paõ. Pois com as letrás de hum herège, de hum Judeo, de hum Turco cuidais que ides muito seguro, e com as de Deos não? *Ab modicæ fidei*, que não tendes fé!

718 Dizeime: Se no monte da piedade de Roma, Num. 244. ou no banco de Veneza se déra a cento por hum, houvera quem alli não metera o seu dinheiro? Pois os os pobres tão os banqueiros de Deos. Dase naquelle banco a cento por hum, e fendó nós tão amigos de accrescentar, não metemos todo o nosso cabedal naquelle banco. Pois credeme, que o banco de Veneza pôde quebrar, como está hoje menos seguro com a guerra do Turco, e o de Deos não ha de quebrar, nem quebrou nunca.

DISCURSO LXIX.

Tirado de hum sermão da primeira Dominga do Advento, em que o Auçtor mostra, que tudo passa.

PASSAMENTOS.

719 **A** Verdade, e desengano, de que tudo passa, Part. 5. posto que seja por huma parte tão evidente, Num. 2. que parece não ha mister prova, he por outra tão difficultoso, que nenhuma evidencia basta para o persuadir. Lede os Filósofos, lede os Profetas, lede os Apostolos, lede os santos Padres, e vereis como todos empregaraõ a penna, e não huma, senão muitas vezes, e com todas as forças da eloquência na declaração deste desengano, posto que por si mesmo tão claro.

720 Consideraime o mundo desde seus principios, e veloheis sempre como nova figura no theatro apparecendo, e desapparecendo juntamente, porque sempre passando. A primeira scena deste theatro foy o Paraíso terreal, no qual appareceo o mundo vestido de immortalidade, cercado de delicias, mas quanto durou esta apparencia? Estendeo Heva o braço á fruta vedada, e no brevissimo espaço, em que o bocado fatal passou pela garganta do homem, passou tambem com elle o mundo do estado da innocencia ao da culpa, da immortalidade á morte, da patria ao desterro, das flores ás espinhas, do descanso aos trabalhos, da felicidade summa ao summo da infelicidade, e miseria. Oh miseravel mundo, que se pararas assim, e te contentaras com comer o teu pão com o suor do teu rosto, foras menos miseravel! Mas não serias mundo, se de huma miseria grande não passasses sempre, e por tua natural inclinação a outra mayor. Os homens naquella primeira infancia do mundo todos vestião de pelles, todos eraõ de hum cor, todos fallavaõ a mesma lingua, todos guardavaõ a mesma ley; mas não foy muito o tempo, em que se conservaraõ na harmonia desta natural irmandade. Logo variaraõ, e mudaraõ as pelles com tanta differença de trajos, que cada dia de pés a cabeça apparecem com nova figura. Logo variaraõ, e mudaraõ as linguas com tanta dissonancia, e confusaõ, como a da torre de Babel. Logo variaraõ, e mudaraõ as cores com a diversidade das terras, e climas, e com a mistura do sangue, posto que todo vermelho. Logo variaraõ, e mudaraõ as leys, não com as de Platóã, Solon, ou Licurgo, mas com a do mais imperioso, e violento legislador, que he o proprio alvedrio.

Discurso LXIX. 121

drio Tudo mudaraõ, ou tudo se mudou; porque tudo passa.

721 As vidas naquelle tempo; ou naquelle principio costumavaõ fer de sete, de oito, de novecentos, e quasi de mil annos, e que brevemente se acabou este bom costume! Entaõ o viver muitos seculos era natureza, hoje chegar naõ a hum seculo, mas perto d'elle he milagre. Tardaraõ em passar até Noé, e tambem passaraõ. Com aquellas vidas naõ só creciaõ os annos; senaõ tambem os corpos: e dos filhos de Deos, que eraõ os descendentes de Seth, e das filhas dos homens, que eraõ as descendentes de Caim, nasceraõ os gigantes, de quem diz a Escriitura: *Erant gigantes super terram*. Alguns ossos, que ainda du-
 raõ destes, que o mesmo texto sagrado chama varoens famolos, demostraõ pela symetria humana, que naõ podiaõ ser menos que de vinte, e mais covados: e ainda na historia das batalhas de David temos memoria de outros quatro, posto que de muito menor estatura. Mas em fim acabou a era dos gigantes; porque tudo nesta vida, e mais depressa o que he grande, acaba, e passa.

722 Diminuidos os homens nos corpos, e nas idades, quando tinhaõ a morte mais perto da vista, (quem tal crera) entaõ cresceraõ mais na ambiçaõ, e soberba, e sendo todos iguaes, e livres por natureza, houve alguns, que entraraõ em pensamento de se fazerem senhores dos outros por violencia; e o conseguiraõ. O primeiro, que se atreveo a pôr coroa na cabeça, foy Membroth, que tambem com o nome de Nino, ou Belo deo principio aos quatro Imperios, ou Monarchias do mundo. O primeiro foy o dos Assyrios, e Chaldeos; e onde está o Imperio Chaldaico?

O se-

122 *Vieira abbreviado*

O segundo foy o dos Persas; e onde está o Imperio Persiano? O terceiro foy o dos Gregos; e onde está o Imperio Grego? O quarto, e mayor de todos foy o dos Romanos; e onde está o Imperio Romano? Se alguma cousa permanece deste, he só o nome, todos passaraõ; porque tudo passa.

723 Em tres famosas visões representou Deos estes mesmos Imperios a hum Rey, e a dous Profetas. A primeira visãõ foy a Nabucodonotor na estatua de quatro metaes: a segunda a Zacharias em quatro carroças de cavallos de differentes cores: a terceira a Daniel em hum conflicto dos quatro ventos principaes, que no meyo do mar se davaõ batalha. Pois se todas estas visões eraõ de Deos, e todas representavaõ os mesmos Imperios, porque variou tanto a sabedoria divina as figuras, e sobre a primeira da estatua taõ clara, e manifesta accrescentou outras duas taõ diversas em tudo? Porque a estatua na dureza dos metaes, de que era composta, e no mesmo nome de estatua, parece, que representava estabillidade, e firmeza: e porque nenhum daquelles Imperios havia de perseverar firme, e estavel, mas todos se haviaõ de mudar successivamente, e ir passando de humas nações a outras, por isso os tornou a representar na variedade das carroças, e na incôstancia das rodas, e na carreira, e velocidade dos cavallos. Mas não parou aqui a energia da representação, como não encarecida ainda bastantemente. A estatua estava em pé, e as carroças podiaõ estar paradas; e porque aquelles Imperios correndo mais precipitadamente, que á redea solta, não haviaõ de parar no mesmo passo, nem por hum só momento, e sempre se haviaõ de ir mudando, e passando, por isso finalmente

Discurso LXIX. 123

nalmente os representou Deos na cousa mais inquietada, mudavel, e instavel, quaes são os ventos, e muito mais quando embravecidos, e furiosos: *Et ecce* Dan. 7. 2.
quatuor venti cæli pugnabant in mari magno.

724 Em quanto passaraõ estes quatro Imperios, Num. 7.
que foy a terceira, quarta, quinta, e sexta idade do mundo, entrando tambem pela setima, quem haverá, que possa comprehender quanto passou no mesmo mundo? Quando começou o primeiro Imperio, entãõ começou tambem a idolatria, digno castigo do Ceo, que pois os homens se fizeraõ adorar, chegasse os mesmos homens a adorar paos, e pedras. Os Reys porém, que eraõ, ou tinhaõ sido os idolatras, canonizados depois pela adulaçaõ, e lisonja ou na vida, ou depois da morte, vinhaõ tambem elles a fer idolos. Assim Saturno, assim Jupiter, assim Mercurio, assim Apollo, assim Marte, assim Venus, assim Diana: e posto que todos estes deixaraõ os seus nomes gravados nas estrellas, ellas permanecem, mas elles passaraõ. Passaraõ os idolos, e tambem passaraõ os Oraculos, com que nelles respondia o pay da mentira; porque ao som da verdade do Euangelho todos emudeceraõ.

725 Entãõ começaraõ as guerras, e que direi dos Num. 8.
exercitos inumeraveis, das batalhas campaes, e maritimas, das victorias, e triunfos de humas naçoens, e da ruina, abatimento, e servidaõ de outras, taõ varia, e alternada sempre? Só digo, que assim a gloria, e alegria dos vencedores, como a dor, e afronta dos vencidos, tudo passou, porque tudo passa. O exercito de Xerxes, que foy o mayor, que vio o mundo, constava de cinco mil naos, e cinco milhoẽs de combatentes; e porque de huma parte, e da outra

tra fez continente o Helesponto, e cavou, e fez navegavel o monte Atho, disse delle Marco Tullio, que caminhava os mares a pé, e navegava os montes:

Cicer. lib.
2. de Fin.

Tantis classibus Xerxes in Graciam transit, ut Helesponto juncto, Athoque monte perfosso, maria ambularit, terramque navigarit, maria pedibus peragrans, classibus montes. Mas todo aquelle immenso, e formidavel apparato, que visto fez tremer o mar, e terra, taõ brevemente passou, e desapareceo, sendo desbaratado, e vencido, que só ficou delle este dito. O mesmo Temistocles, que com muito desigual poder o desfez, e poz em fugida, tambem passou, como na Grecia, e fóra della passaraõ todos os famosos Capitaens, e suas victorias. Passou Pirrho, passou Mitridates, passou Filippe de Macedonia, passaraõ Heitor, e Achilles, passaraõ Anibal, e Scipiaõ, passaraõ Pompeo, e Julio Cesar, passou o grande Alexandre, nome singular, e sem parilha, e até Hercules, ou fosse hum, ou muitos, todos passaraõ, porque tudo passa.

Num. 9.

726 Costumaõ as letras seguir as armas, porque tudo leva a poz de si o mayor poder, e assim florece-raõ variamente, e em diversas partes no tempo destes Impérios todas as sciencias, e artes. Floreceo a Filosofia, floreceo a Mathematica, floreceo a Theologia, floreceo a Astrologia, floreceo a Medicina, floreceo a Musica, floreceo a Oratoria, floreceo a Poetica, floreceo a Historia, floreceo a Architectura, floreceo a Pintura, floreceo a Estatuaría; mas assim como as flores se murchaõ, e seçaõ, assim passaraõ os Authores mais celebrados das mesmas sciencias, e artes. Na Estatuaría passou Phidias, e Lysippo, na Pintura passou Timantes, e Apelles, na Architectura pas-

Discurso LXIX. 125

passou Meliagenes , e Democrates , na Musica passou Orpheo , e Amphion , na Historia Tuciddes , e Livio , na Eloquencia Demosthenes , e Tullio , na Poetica Homero , e Virgilio : na Astrologia Anaxagoras , e Ptholemeo , na Medicina Esculapio , e Hippocrates , na Mathematica Euclides , e Archimedes , na Filosofia Platao , e Aristoteles , na Theologia Mercurio Tremigisto , e Apollonio Tyaneo , e por junto em todas as sciencias passaraõ no mesmo tempo os sete fabios de Grecia ; porque ou junto , ou dividido tudo passa. Só a Ethica , e Moral como taõ necessaria á vida , e a virtude parece , que naõ havia de passar ; mas os Platonicos , os Peripateticos , os Epicureos , os Cinicos , os Pitagoricos , os Estoicos , os Academicos , elles , e suas escolas , e feitas todos passaraõ.

727 Nenhuma cousa he mais propria desta con- Num. 10.
sideraçaõ , em que imos , que os jogos , e espectaculos publicos , que os homens inventaraõ a titulo de passatempo , como se o mesmo tempo naõ passara mais velozmente , que tudo quanto passa. Huns jogos forãõ os Circenses , outros os Dionysios , outros os Juvenaes , outros os Nemeos , outros os Maratoneos , todos cheyos de differentes divertimentos , em que ou se perdia a honestidade , como nos de Venus , ou o juizo , como nos de Baccho ; mas nenhuns mais indignos dos olhos humanos , e piedade natural , que os Gladiatorios. Sahia toda a Roma ao Anfiteatro , a que ? A ver , e festejar como se matavaõ homens a homens : cahiaõ huns , sobrevinhaõ outros , e outros , sem estar o posto vago hum só momento , acclamando a cabeça do mundo com applausos mais carnicieiros , que crueis assim no dar , como no receber das feridas , tanto a intrepidez dos mortos , como a furia
dos

dos matadores. Os jogos Seculares se chamavaõ afim, porque se celebravaõ huma só vez de seculo a seculo: e dizia o pregaõ publico, que convidava para elles: *Venite ad ludos, quos nemo vidit unquam, nec visurus est*. Vinde ver os jogos, que ninguem vio, nem ha de tornar a ver: e com este defengano da vida passada, e desesperaçaõ da futura os hiaõ todos a ver, e se chamavaõ jogos. Os Olympicos foraõ os mais celebres, e famosos de todos, em que de cinco em cinco annos corria todo o mundo a huma Cidade do mesmo nome ou a levar, ou a ver quem levava huma coroa de louro. Por estes jogos, mais que pelo curso do Sol, se contavaõ, e distinguiãõ os annos. Mas como toda a competencia era a correr, e o que mais corria o que triuntava, não podiaõ deixar de passar as Olympiadas, como passaraõ todos os outros jogos daquelles tempos, ou todos os passatempõs daquelles jogos.

Num. 11. 728 Só huma cousa ha, que não póde passar, porque o que nunca foy, não póde deixar de ser, e taes parece, que foraõ as fabulas, que neste mesmo tempo se inventaraõ, e fingiraõ; mas se ellas não passaraõ em si mesmas, passaraõ naquelles casos, e cousas, que deraõ occasiaõ a se fingirem. Na seca universal, que abrazou todo o mundo, passou a fabula de Faetonte: no diluvio particular, que inundou grande parte delle, passou a fabula de Deucalion: no estudo, com que ElRey Atlante contemplava o curso, e movimento das estrellas, passou a fabula de trazer o Ceo aos hombros: na especulaçaõ continua de todas as noites, com que Endemion observava os effeitos do planeta mais vizinho á terra, passou a fabula dos seus amores com a Lua; e porque tambem os nos-

fos

Discurso LXIX. 127

Os vícios, a nossa traca virtude, e a nossa mesma vida passa como fabula, o amor, e complacencia de nós mesmos passou na fabula de Narciso: a riqueza sem juizo na fabula de Midas: a cubiça insaciavel na fabula de Tantalos: a inveja do bem alheio na fabula, e abutre de Ticio: a inconstancia da fortuna mais alta na fabula, e roda de Euxion: o perigo de acertar com o meyo da virtude, e não declinar aos vícios dos extremos na fabula de Scilla, e Carybdes: e finalmente a certeza da morte, e a incerteza da vida pendente sempre de hum fio passou, e está continuamente passando na fabula das Parcas. Assim envolverão, e misturarão os sabios daquelle tempo o que ha com o que não ha, e o certo com o fabuloso; para que nem o louvor nos desvaneca, nem a calumnia nos defanime, pois o verdadeiro, e falso, a verdade, e a mentira tudo passa.

729 Mas não he justo, que nesta passagem de tu- Num. 127
do o que passou no tempo dos quatro Imperios profanos do mundo, passemos nós em silencio aquella Republica sagrada, que alcançou a todos quatro, e por ser fundada por Deos parece, que tinha direito a não passar. Nasceu a Republica Hebreia no cativello do Egypto, e quem então lhe levantasse a figura, facilmente lhe podia prognosticar os tres cativellos, e transmigraçoens, com que foy arrancada da patria: Huma vez cativa por Salmanasar, em que passou desterrada aos Assyrios: outra vez cativa por Nabucodonosor, em que passou desterrada aos Babylo-nios: e a terceira, e ultima vez cativa por Tito, e Vespasiano, em que passou desterrada a todas as terras, e naçoens do mundo.

730 Começou no famoso Triumvirato de Abra-
haão,

128 *Vieira abbreviado*

haõ, Isaac, e Jacob, tantas vezes nomeado, e honrado por boca do mesmo Deos; mas nem por isso deixaraõ de passar todos tres. Succedeolhe Joseph, o que sonhou as suas felicidades, e as adoraçoens de seu pay, e irmaõs, e posto que todas se cumpriraõ, todas passaraõ, como se foraõ sonho. Teve o mesmo povo tres estados de governo, o dos Juizes, o dos Reys, o dos Capitaens, e se bem subindo, e descendo, as varas se trocaraõ com os cetros, e os cetros com os bastoens, nenhum daquelles estados foy estavel, todos passaraõ. Nos Juizes passou a espada de Gedeão, o arado de Sangar, e a queixada de Samsão. Nos Reys passou a valentia de David, a tabedoria de Salamaõ, e a piedade, e religião de Josias. Nos Capitaens passou o braço invencivel de Judas Machabeo vencedor de tantas batalhas: passou a façanha immortal de Eleazaro, que metendose debaixo do elefante, matou a sua propria sepultura: e passou mais glorioso, que todos, o honrado, e zeloso testamento do velho Mathatias, digno de ser escrito em bronzes. E porque não fiquem totalmente em silencio as heroínas da mesma nação: quatro houve nella insignes na formosura, Sara, Rachel, Esther, e Judith, todas porém fataes a quem as amou. Sara a hum peregrino com perigos, Rachel a hum pastor com trabalhos, Esther a hum Rey com desgostos, e Judith a hum General com a morte. Este acabou miseravelmente a vida; mas as formosuras antes de se acabarem as vidas já tinhaõ passado. Floreceraõ no mesmo povo, além de outros igualmente verdadeiros, dezasseis Profetas canonicos, quatro mayores, e doze menores; mas em espaço de tres seculos os mayores, e menores desde Oseas a Malachias todos passa-

Discurso LXIX. 129

passarão. Passarão os milagres da vara, passaram os da serpente de metal, passaram os de Elias, e de Elifeo: e porque só faltava passar a ley de Moysés, e o sacerdocio de Araão, a ley, e o sacerdocio também passaram, porque tudo passa.

731 Agora quizera eu perguntar ao mundo, se ^{Num. 13.} como me enche a memoria de tantas cousas, que todas passaram, me mostrara alguma aos olhos, que não passasse. A's sete fabricas, a que a fama deo o nome de maravilhas, acrescentarão alguns como oitava o Anfitheatro Romano; mas a maravilha oitava, ou nona he, que todas essas maravilhas, que parecião eternas, passaram. A primeira maravilha foraão as Pyramides do Egipto; a segunda os Muros de Babilonia, a terceira a Torre de Faro; a quarta o Colosso de Rhodés, a quinta o Mausoleo de Caria; a sexta o Templo de Diana Efesina; a setima o Simulacro de Jupiter Olympico. E deixando o Anfitheatro, de que só se vêem as ruinas, as Pyramides cahirão, os Muros arrazaraõ-se, o Colosso desfezse; o Mausoleo sepultouse; a Torre sumiõse, o Farol apagouse, o Templo ardeu, e o Simulacro, como simulacro, desvanecese em si mesmo. Tem mais que dizer, ou que oppor o mundo? Só póde appellar para as mais fortes, e bem fundadas Cidades; Cortes, e Metropoles dos mais poderosos Imperios: argumento verdadeiramente de grande voato antes de se lhe tomar o pezo. Ninive Corte de Nino foy a mayor Cidade do mundo: andavase de porta a porta não menos, que em tres dias de caminho: edificada de proposito com arrogancia de que nenhuma outra a igualasse, como não igualou. Mas onde está esta Ninive? Ecbatanis Corte de Arfaxad, e Cidade, que o texto sagrado chama

potentissima, era cercada de sete ordens de muros, todos de pedras quadradas, cada hum de vinte e sete palmos por todas as faces, e as portas com prodigiosa altura de cem covados. Mas onde está essa Ecbatanis? Suza Corte de Assuero, e Metropole de cento e vinte e sete Provincias, cujo palacio representava hum ceo estrellado fundado sobre columnas de ouro, e pedras preciosas, e cujos muros eraõ de marmores brancos, e jaspes de diferentes cores, bem se deixa ver quaõ forte, e inexpugnavel seria, pois defendia taõ grande Monarchia, dominava tantos Reynos, e guardava tantos thesouros. Mas onde está Suza? Se houvessemos de fazer a mesma pergunta ás ruinas de Thebas, de Memphis, de Bactra, de Carthago, de Corintho, de Sebeste, e da mais conhecida de todas Jerusaleem, necessario seria dar volta a toda a redondeza da terra. De Troya disse Ovidio:

In Heroid.

nam seges est ubi Troya fuit. E o mesmo podemos dizer das planicies, valles, e montes, donde se levantavaõ ás nuvens aquelles vastissimos corpos de casas, muralhas, e torres. De humas se naõ sabem os lugares, onde estiveraõ, de outras se lavraõ, semeaõ, e plantaõ os mesmos lugares sem mais vestigios de haverem sido, que os que encontraõ os arados, quando rompem a terra, para que os homens compostos de carne, e sangue se naõ queixem da brevidade da vida, pois tambem as pedras morrem, e para que ninguem se atreva a negar, que tudo quanto houve passou, e tudo quanto he passa.

Num. 14.

732 A razãõ deste curso, ou precipicio geral, com que tudo passa, naõ he humã só, senãõ duas: humã contraria a toda a estabilidade, e outra repugnante ao mesmo ser. E quaes sãõ? O tempo, e an-
tes

Discurso LXIX. 131

tes do tempo o nada. Que cousa mais veloz, mais fugitiva, e mais instavel, que o tempo? Taõ instavel, que nenhum poder, nem ainda o divino o pode parar; por isso os quatro animaes, que tiravaõ pela carroça da gloria de Deos neste mundo, não tinhaõ redeas. Descreveo o tempo no palacio do Sol o mais engenhoso de todos os Poetas, e dividindo-o em suas partes, disse assim elegantemente.

*A dextra lavaque dies, & mensis, & annus,
Sæculaque, & posita spatiis equalibus hora,
Verque novum stabat, cinctum florente corona,
Stabat nuda Æstas, & spica ferta gerebat,
Stabat & Autumnus calcatis sordibus urvis,
Et glacialis Hyems canis hirsuta capillis.*

Meram.
lib. 2.

Elegantemente, torno a dizer, mas falsa, e imprópriamente. Aquelle *Stabat* tantas vezes repetido he o que tirou toda a semelhança de verdade á engenhosa pintura; porque nem a Primavera com as suas flores, nem o Estio com as suas espigas, nem o Outono com os seus fructos, nem o Inverno com os seus frios, e neves, por mais tolhido, e entorpecido que pareça, podem estar parados hum momento. Passaõ as horas, passaõ os dias, passaõ os mezes, passaõ os annos, passaõ os seculos, e se houvesse jeroglifico, com que se podessem pintar, havia de ser todos com azas, não só correndo, e fugindo, mas voando, e desaparecendo.

733 Nem elcusa esta impropriedade estar o Sol assentado: *Sedebat in folio Phæbus*; porque o Sol póde parar, como no tempo de Josué, ou tornar a traz, como no tempo de Ezechias; mas o tempo em nenhum tempo nem parar, nem deixar de ir por diante, sempre, e com a mesma velocidade. Bem

132 *Vieira abbreviado*

emendou esta sua impropriedade o mesmo Poeta, quando depois disse:

Met. lib.

4.

*Ipsa quoque assiduo labuntur tempora motu,
Non secus ac flumen, neque enim consistere flumen,
Aut levis hora potest.*

E como o tempo não tem, nem pôde ter consistência alguma, e todas as cousas desde seu principio nascerão juntamente com o tempo, por isso nem elle, nem ellas podem parar hum momento, mas com perpetuo moto, e revolução insuperavel passar, e ir passando sempre.

Num. 15.

734 A segunda razaõ ainda he mais natural, e mais forte, o *Nada*. Todas as cousas se resolvem naturalmente, e vão buscar com todo o pezo, e impeto da natureza o principio, donde nascerão. O homem porque foy formado da terra, ainda que seja com dispendio da propria vida, e summa repugnancia da vontade, sempre vay buscar a terra, e só descança na sepultura. Os rios esquecidos da doçura de suas aguas, posto que as do mar sejaõ amargosas, como todos nascerão do mar, todos vão buscar o mesmo mar, e só nelle se desafogaõ, e paraõ como em seu centro. Assim todas as cousas deste mundo, por grandes, e estaveis que pareçaõ, tirou-as Deos com o mesmo mundo do não ser ao ser, e como Deos as creou de nada, todas correm precipitadamente, e sem que ninguem as possa ter maõ, ao mesmo nada, de que forão creadas. Vistes o torrente formado da tempestade subita como se despenha impetuoso, e com ruido, e tanto que cessou a chuva, tambem elle cessou, e se sumio subitamente, e tornou a ser o nada, que dantes era? Pois assim he tudo, e somos todos,

Pl. 57. 8.

diz David: *Ad nihilum devenient tamquam aqua de-*

de-

Discurso LXIX. 133

decurrrens. Sonhastes no ultimo quarto da noite, quando as representações da fantasia são menos confusas, que possuieis grandes riquezas, que gofaveis grandes delicias, e que estaveis levantado a grandes dignidades; e quando depois acordastes, visteis com os olhos abertos, que tudo era nada. Pois assim passão a ser nada em hum abrir de olhos todas as apparencias deste mundo, diz o mesmo Profeta: *Velut somnium surgentium, Domine, imaginem ipsorum ad nihilum rediges.* De sorte, que estas são as duas razoes, porque todas as cousas passão. Passão, porque voão com o tempo, e passão, porque voão caminhando para o nada, donde sahirão; por isso, como diz o Espirito Santo, quando humas passaraõ, ou tem passado, he necessario, que venhaõ outras para tambem passar: *Generatio præterit; & generatio advenit: terra autem in æternum stat.* Pl. 72. 20. Ecclef. 1. 4.

735 Mas se bem se repara nesta mesma sentença, Num. 16. sendo tão poucas as suas palavras, assim como humas confirmaõ; assim outras parece que impugnaõ, e destroem quanto imos dizendo. Porque se a terra está sempre firme, e estavel: *Terra autem in æternum stat*, segue-se ao menos, que a mesma terra não passa, e que ha no mundo alguma cousa, que não passe. Concederemos pois esta excepção ao nosso assumpto, e diremos, que passão as figuras, como diz S. Paulo, mas que a terra, que he o theatro, não passa? Não digo, nem concedo tal. A terra toda não passa, mas passão, e sempre estão passando todas as partes della. A terra compoemse de Reynos, os Reynos compoemse de Cidades, as Cidades compoemse de casas, e campos, principalmente de homens, e tudo isto, que tudo he terra, (e toda a terra)

134 *Vieira abbreviado*

ra) perpetuamente está passando.

736 Daniel revelando a Nabucodonosor a intelligencia da sua estatua, disse, que Deos muda os tempos, e as idades, e conforme ellas passa os Reynos de huma parte para outra : *Ipse mutat tempora, & etates, transfert Regna, atque constituit.* Assim passou o Reyno do mesmo Nabuco para a Persia, o dos Persas para a Grecia, o dos Gregos para Roma, e o dos Romanos para tantos outros, quantos hoje coroaõ outras cabeças, as quaes se devem lembrar daquella infallivel sentença : *Regnum à gente in gentem transfertur propter injustitias.* O nosso Reyno não sendo no sitio original dos mayores, quantas vezes passou a outras gentes? Passou aos Suevos, passou aos Alanos, passou aos Carthaginezes, passou aos Romanos, passou aos Arabes, e Saracenos, e dentro da mesma Hespanha tambem passou, e tornou a passar. Os terremotos, que se geraõ do ar violentado nas entranhas da terra, são muito raros; mas os que se fazem na superficie della, sempre a trazem em perpetuo movimento.

Num. 17. 737 E se os grandes Reynos, e Imperios não são estaveis, e passaõ, que seraõ as Cidades particulares, para que não he necessario, que a roda da fortuna dê toda a volta? Não fallo daquellas, que acabaraõ como de morte subita abrazadas até á ultima cinza no incendio de huma noite, como Troya, e Lugduno. Desta disse judiciosamente Seneca : *Quando una nox fuit inter urbem maximam, & nullam, nihil privatum, nihil publice stabile est : tam hominum, quam urbium fata voluntur.* Deixadas pois estas, que subitamente passaraõ do ser ao não ser, só fallo das que por seus passos contados vieraõ de hum dominio

nio

Discurso LXIX. 135

nio a outro dominio. E quantas vezes as Pombas de Babylonia, quantas os Leoens de Jerusaleem, quantas as Aguias de Roma, e de Constantinopla virão sobre suas muralhas outras bandeiras? O mayor theatro de Marte no nosso seculo, e por ventura, que em nenhum outro, foraõ as guerras Belgicas, e na grande Provincia de Hollanda excepta Dorth, por isso chamada a Virgem, nenhuma Cidade houve, que não fosse conquistada, e alternasse o dominio. Que direi dos confins sempre incertos, e tão frequentemente mudados de Hespanha com França, e de França com Germania, de Germania com a Turquia, e da Turquia com Italia? Annos ha, que a antiga Creta, hoje Candia, sem ser das ilhas errantes do Archipelago, tem posto em duvida o mundo para onde ha de ir, e se ha de reconhecer as Cruzes, ou as meyas Luas.

738 Em quanto ás casas, membros menores, de Num. 18.
que se compoem innumeravelmente as Cidades; quem poderá comprehender o inextricavel labyrintho, com que á maneira de peixes no mar se andaõ sempre movendo, e passando de hum dono para outro dono? Ouçamos a familiar evidencia, com que o grande juizo de Santo Agostinho demonstrou a hum delles esta perpetua instabilidade. Introduz hum rico, que jactancioso de ser senhor da sua casa, dizia: *Domum meam habeo*. E perguntalhe o Santo assim: *Quam domum tuam? Quam pater meus mihi dimisit. Et unde ille habuit? Avus noster illam reliquit.* Aug. com. in Ps. 122.
Recurre ad proavum, inde ad abavum, & jam nomina non potes dicere. Pater tuus híc eam dimisit, transivit per illam, sic & tu transibis. Esta casa, de que vos jactais ser senhor, porque he vossa? Porque

136 *Vieira abbreviado*

a herdei de meu pay : e vosso pay de quem a houve ? De meu avo : e de quem a houve vosso avo ? De meu bisavo : e vosso bisavo de quem ? De meu tresavo : já não tendes palavras , com que proseguir de quem mais foy , e a quem mais passou esta casa , que chamais vossa. Pois assim como ella passou , e vossos antepassados passaraõ por ella , assim ella , e vós também haveis de passar.

739 Por este modo sem firmeza , nem estabilidade alguma estaõ sempre passando neste mundo as casas , as quintas , as herdades , os morgados : huns , porque os faz passar a morte , outros , porque os manda passar a justiça , outros , porque os convida a passar a riqueza dos que os compraõ , outros , porque os obriga a necessidade dos que os vendem , outros , porque a força , e poder os rouba , e senhorea por violencia : em summa , que não ha pedra , nem telha , nem planta , nem raiz , nem palmo de terra , que não esteja sempre passando , porque tudo passa.

Num. 19.

740 Deste tudo , que está sempre passando , he o homem não só a parte principal , mas verdadeiramente o tudo do mesmo tudo. E vendo o homem com os olhos abertos , e ainda os cegos , como tudo passa , só nós vivemos como se não passáramos. Somos como os que navegando com vento , e maré , e correndo velocissimamente pelo Tejo acima , se olhaõ fixamente para terra , parece-lhe que os montes , as torres , e a Cidade he a que passa , e os que passaõ são elles. He o que disse o Poeta : *Montes , urbesque recedunt*. Mas demos volta a esta mesma comparação , e veremos na terra outro genero de engano ainda mayor. A mayor ostentação de grandeza , e magestade , que se viu neste mundo , e huma das tres , que Santo

Agosti-

Discurso LXIX. 137

Agostinho desejava ver, foy a pompa, e magnificencia dos triunfos Romanos. Entravaõ por huma das portas da Cidade, naquelle tempo vastissima, encaminhados longamente ao Capitolio: precediaõ os soldados vencedores com acclamaçoens: seguiaõse representadas ao natural as Cidades vencidas, as montanhas inacessiveis escaladas, os rios caudalosos vadeados com pontes, as fortalezas, e armas dos inimigos, e as machinas, com que foraõ expugnadas, em grande numero de carros os despojos, e riquezas, e tudo o raro, e admiravel das regioens novamente sujeitas: depois de tudo isto a multidão dos cativos, e tal vez os mesmos Reys maniatados, e por fim em carroça de ouro, e pedraria, tirada por elefantes, tigres, ou leões domados, o famoso triunfador, ouvindo a espaços aquelle glorioso, e temeroso pregaõ: *Memento te esse mortalem*. Em quanto esta grande procissão (que assim lhe chama Seneca) caminhava, estavaõ as ruas, as praças, as janellas, e os palanques, que para este fim se faziaõ, cubertos de infinita gente, todos a ver. E se Diogenes entaõ perguntasse, quaes eraõ os que passavaõ: se os do triunfo, se os que estavaõ vendo, não ha duvida, que pareceria a pergunta digna de riso. Mas o certo he, que tanto os da procissão, e do triunfo, como os das janellas, e palanques, que os estavaõ vendo, huns, e outros igualmente passavaõ, porque a vida, e o tempo nunca pára, e ou indo, ou estando, ou caminhando, ou parados, todos sempre, e com igual velocidade passamos.

741 Declarou esta verdade tão mal advertida com huma semelhança muito propria Santo Ambrosio elegantemente: *Et si non videmur ire corporali-*

Num. 263
Ambros. in
ter, Pl. 1. v. 12

138 *Vieira abbreviado*

ter, progredimur. Nam sicut in navibus dormientes ventis aguntur in portus, sic vite nostrae spatio defluente, ad proprium unusquisque finem, cursu labente, deducimur. Tu enim dormis, & tempus tuum ambulat. Todos imos embarcados na mesma nao, que he a vida, e todos navegamos com o mesmo vento, que he o tempo, e assim como na nao huns governaõ o leme, outros mareaõ as vellas, huns vigiaõ, outros dormem, huns passeiaõ, outros estaõ assentados, huns cantaõ, outros jogaõ, outros comem, outros nenhuma cousa fazem, e todos igualmente caminhaõ ao mesmo porto, assim nós, ainda que o naõ pareça, insensivelmente imos passando sempre, avizinhandose cada hum ao seu fim; porque tu, conclue Ambrosio, dormes, e o tempo anda: *Tu dormis, & tempus tuum ambulat.* Disse pouco em dizer, que o tempo anda, porque corre, e voa; mas advertio bem em notar, que nós dormimos; porque tendo os olhos abertos para ver, que tudo passa, só para considerar, que nós tambem passamos, parece, que os temos fechados.

Num. 21.

Socrat. in
Crat.

742 Dito foy do grande Filósofo Heraclito, allegado, e celebrado por Socrates: *Non posse quemquam his in eundem fluvium descendere:* Que nenhum homem podia entrar duas vezes em hum rio: E porque? Porque quando entrasse a segunda vez, já o rio, que sempre corre, e passa, he outro. E daqui infiro eu, que o mesmo succederia, se naõ fosse rio, senaõ lago, ou tanque aquelle, em que o homem entrasse, porque ainda que a agua do lago, e do tanque naõ corre, nem se muda, corre porém, e sempre se está mudando o homem, que nunca permanece no mesmo estado: *Et nunquam in eodem statu permanet.*

Iob. 14. 2.

Discurso LXIX. 139

net. Assim o disse Job, e quem o não disser assim de todo o homem, e de si mesmo, não se conhece. Admirate Philo Hebreo de que perguntando Deos a Adaõ onde estava: *Adam ubi es*, elle não respondeu. Gen. 3. 9. fe. Mas logo escuta ao mesmo Adaõ, e a qualquer outro homem, a quem Deos fizesse a mesma pergunta; porque como póde responder onde está quem não está? Se dissera: Estou aqui, (como subtilmente argue Santo Agostinho) entre a primeira syllaba, e a segunda já o estou não seria estou, nem o aqui seria o mesmo lugar; porque como tudo está passando, tudo se teria mudado. Por isso conclue o mesmo Philo, que se Adaõ houvesse de responder propria, e verdadeiramente onde estava, havia de dizer *Nusquam* em nenhuma parte; porque em nenhuma parte está aquillo, que nunca está, mas sempre passa: *Ad quod proprie respondere poterat, nusquam, eo quod Phil. humana res nunquam in eodem statu maneat.*

743 Considerando este continuo passar do ho-Num. 22. mem, (não fóra de si, senão onde verdadeiramente parece que está, e permanece, que he dentro em si mesmo) diziaõ os Sabios da Grecia, como refere Eusebio Cesariense, que todo o homem, que chega a ser velho, morre seis vezes. E como? Passando da infancia á puericia, morre a infancia: passando da puericia á adolescencia, morre a puericia: passando da adolescencia á juventud, morre a adolescencia: passando da *juventud* á idade de varaõ, morre a *juventud*, passando da idade de varaõ á velhice, morre a idade de varaõ: e finalmente acabando de viver por tanta continuacão, e successão de mortes, com a ultima, que só chamamos morte, morre a velhice. Assim o consideravaõ aquelles Sabios mais larga, e menos
fabia-

140 *Vieira abbreviado*

fabriamente do que de veraõ, aos quaes por isso emen-
dou S. Paulo, dizendo, que morria todos os dias:
1. Cor. 15. *Quotidie morior*. E já póde ser, que da communica-
3.ª. çãõ, que Seneca teve com S. Paulo, ensinou elle esta
mesma ligãõ ao seu discipulo, quando lhe disse: *Sin-
gulos dies singulas vitas puta*. Se o Sol, que sem-
pre he o mesmo, todos os dias tem hum novo nasci-
mento, e hum novo occaso, quanto mais o homem
por sua natural inconstancia taõ mudavel, que ne-
nhum he hoje o que foy hontem, nem ha de ser á
manhã o que he hoje! Desenganemonos pois todos,
e diga, ou digase cada hum com El Rey Ezechias:
Isai. 38. *De mane usque ad vesperam finies me*. E seja a con-
12. clusaõ deste largo discurso, que entãõ definiremos
bem, e conheceremos o que he esta vida, e este
mundo, quando entendermos, que naõ só estamos
nelle em perpetua passagem, mas em perpetuo pas-
samento.

DISCURSO LXX.

*Tirado de hum sermaõ da segunda oitava da Pas-
choa prégado em Roma: dia, em que he obrigaçaõ,
e costume de toda Italia prégár da paz.*

P A Z.

Part. 6.
Num. 199.

744 **N**A casa, ou familia, que he huma Repu-
blica pequena, e na Republica, que he
huma casa, ou familia grande, toda a paz consiste
em que o imperio do que manda, e a sujeiçaõ dos
que obedecem, elle ordenando, e elles subordena-
dos estejaõ concordes.

745 Ago-

Discurso LXX. 141

745 Agora pergunto eu: E que será necessário de huma, e da outra parte, para que a ordem desta concordia se conserve, e com a ordem, e a concordia se consiga a paz? Respondo com a mesma proporção, que são necessarias outras duas cousas: da parte do superior, e do que manda, igualdade: da parte dos inferiores, e dos que são mandados, paciencia: sem igualdade de huma parte, e sem paciencia da outra não se poderá conseguir, nem conservar a paz. Vós, que na familia, ou na Republica sois mandados, e sujeitos, se quereis paz, paciencia.

746 Aqui vereis, senhores, o engano deste mundo. Todas as guerras deste mundo se fazem a fim de conseguir a paz: *Omnis homo*, diz Santo Agostinho, *etiam belligerando, pacem requirit: pacis intentione geruntur & bella*. A guerra se applica á sabedoria, na guerra se emprega a potencia, com a guerra se despendem as riquezas, e com a guerra se pertende a paz; mas he engano: *Viam pacis non cognoverunt*. A paz não se conquista com exercitos armados, conquista-se com huma só espada, e com dous escudos: com huma só espada, que he a da justiça, e com dous escudos, que são os das suas balanças. Divida a espada igualmente pelo meyo o que partir, e ponha-se as partes, ou as ametades iguaes, huma em huma balança, e outra na outra, e debaixo desta igualdade se achará a justiça, e neste equilibrio a paz.

747 Tal foy o primeiro juizo de Salamaõ, e a primeira sentença do Rey pacifico. Assentado Salamaõ no trono Real, a primeira cousa, ou caso, que lhe foy proposto, foy a contenda de duas mulheres sobre hum minino, o qual cada huma dellas protestava,

142 *Vieira abbreviado*

3 Reg. 3.
25.

va, que era seu filho. Não havia testemunhas, nem outra prova. E que faria o Rey? O que eu acabo de dizer. Manda que o minino se parta pelo meyo: *Dividite infantem*: e esta foy a igualdade da espada da justiça: manda mais, que das duas ametades huma se dê a huma mulher, e a outra á outra: *Date dimidiam partem uni, & dimidiam partem alteri*: e esta foy a igualdade das balanças. Oh admiravel jergolifico da justiça igual, e digno de o tomar por empreza o Rey pacifico! Mas não parou aqui a decisão da causa. Descuberta com esta industria a verdade, não se partio o minino, mas vivo, e inteiro se deo á que era sua mãy: e nestas duas partes da sentença de Salamaõ se manifestaraõ os dous effeitos da justiça particular, ou universal, que devem observar os Reys. A justiça particular tem obrigação de dar a cada hum o seu, e nesta ordinariamente se huma parte fica satisfeita, a outra fica queixosa; porém a justiça universal, e commua tem obrigação de ser igual com todos, e desta igualdade, que a todos satisfaz, e abraça, nasce a verdadeira, e constante paz. Em huma igual, em outra desigual Salamaõ, e em ambas justo; mas só na da igualdade Rey pacifico.

Num. 208.

748 Senhores meus, vós que na familia, ou na Republica tendes o officio, e a obrigação de as conservar em paz, igualdade: *Æquet amor quos æquavit natura*, diz Santo Ambrosio. E se acalo com os exemplos de Jacob, de Isaac, e de Rebecca me replicardes, que inclinar mais á huys, que a outros, ainda entre pays, e filhos, he affecto natural, com os mesmos exemplos vos respondo, que tambem he natural seguirse a desigualdade destas inclinaçoens a rotura da paz, e as discordias domesticas; e civis. O

verda-

Discurso LXX. 143

verdadeiro, e único exemplo he só o de Christo hoje, como Mestre Rey, e como Mestre Pay: *Stetit in medio discipulorum*. Ouvi huma grande maxima politica, e economica tirada do mesmo texto. O Principe he senhor da Republica, o pay he senhor da casa, mas nem o Principe, nem o pay he senhor da sua inclinação: *In medio*.

749 Todas as cousas deste mundo tem a sua in- Num. 209.
clinação natural: só huma ha, que não tem inclinação: e qual he? O centro. Todas as partes do universo propendem, carregão, e inclinão para o centro: só o centro, que está no meyo de todas, não inclina para parte alguma. E porque razão? Porque se o centro se inclinasse a huma, ou a outra parte, não mesmo ponto se arruinaria toda a maquina do mundo. De maneira, que todas as partes do universo se inclinão ao centro, e o centro a nenhuma dellas se inclina, porque está no meyo: *In medio*. Grande documento da natureza para as inclinaçoens das vontades superiores. Quereis levar apos vós as inclinaçoens de todos, não vos inclineis a nenhum. Porque o centro posto no meyo não tem inclinação a nenhuma das partes, por isso todas as partes do universo se inclinão concordemente ao centro, e com a mesma inclinação, e com a mesma concórdia se unem entre si, e se conservaõ em paz. Agora entenderéis o Num. 210.
proprio sentido de hum texto muito commum, mas não pouco difficil: *Domini sunt cardines terre, & posuit super eos orbem*. Quer dizer, que Deos assentou, e estabeleceo o mundo sobre os centros da terra. Essa he a significação da palavra *Cardines*, como se lê no original Hebreo: e aqui está a difficuldade. A terra não tem, nem póde ter mais que hum centro,

1. Reg. 2.
8.

tro, e em ser hum só consiste toda a sua firmeza: como diz logo a Escriitura, que Deos poz, e estabeleceo o mundo sobre os centros da terra? Porque falla do mundo politico com allusão ao mundo natural. O mundo natural tem hum só centro, e o mundo politico tem muitos centros. O centro do mundo natural he o meyo da terra, os centros do mundo politico são todos os que tem o mando, e o governo do mesmo mundo, ou de suas partes, diz S. Jeronymo. Dentro deste orbe politico ha muitos circulos mayores, ou menores, e cada hum tem o seu centro. Os circulos mayores são os Reynos, e o centro do Reyno he o Principe: os circulos menores são as Cidades, e o centro da Cidade he o Magistrado: os circulos minimos são as familias, e o centro da familia he o pay. Estes são pois os centros muitos, e varios, sobre os quaes Deos estabeleceo este orbe racional do mundo politico: *Domini sunt cardines terræ; & posuit super eos orbem.* E que se segue daqui? Segue-se, que para cada hum destes centros se conservar dentro da sua esfera, e para a conservar a ella em paz, e concordia, he necessario que se ponha, como verdadeiro centro no meyo, e se mantenha, e sustente na indifferença deste equilibrio sem inclinação a huma, nem a outra parte: *In medio.*

Num. 211. 750. Aos Reis de Israel dizia Deos fallando com cada hum: *Nec declinabis ad dexteram, neque ad sinistram.* Eu vos fiz Rey, eu vos fiz Governador, eu vos fiz pay do meu povo, pelo que adverti, que o inclinar em vós he declinar, e assim vos deveis portar de maneira, que nem inclineis para huma parte, nem para a outra, nem para a esquerda, nem para a direita. Nesta ultima palavra está a minha duvida:

Discurso LXX. 145

Neque ad dexteram. Que o Principe não incline para a parte esquerda, que he a peyor parte; bem está; mas para a direita, porque não? A parte direita não he a melhor? Sim. Pois porque não quer Deos, que o Principe se incline nem á melhor parte? Porque melhor he não inclinar, que inclinar ao melhor. Declararmehei com hum exemplo domestico: Hum dos companheiros de nosso Padre Santo Ignacio, e que depois lhe succedeo no Generalato foyto Mestre Laines, e querendo o Santo empregar este grande talento, que era o mais eminente de todos (como bem se vio sendo Theologo do Papa no Concilio Tridentino) naquelle exercicio, que fosse mais conforme á sua inclinação, perguntoulhe a que se inclinava. E que responderia Laines? Inclino-me a não me inclinar. Este he o verdadeiro dictame de hum perfeito superior: inclinar-se a não ter inclinação: *Nec declinabis ad dexteram, neque ad sinistram*; porque inclinar-se a huma parte, qualquer que seja, he saltar ao equilibrio da igualdade, e com a desigualdade perder a uniaõ, perder a paz, perder a concordia, perder, e perturbar tudo. E assim seria na familia, ou na Republica, se se movesse o centro, se se deixasse o meyo, e se se inclinasse a cabeça: *Stetit in medio*: não só no meyo: *In medio*, mas no meyo sem inclinação: *Stetit*.

751 No corpo natural bem se póde inclinar a ca-^{Num. 212.}
beça sem movimento, nem mudança do corpo: no
corpo politico não póde. Vede huma grande figura
no meyo do mundo, que foy o monte Calvario: ^{Pf. 79. 12.}
Operatus est salutem in medio terræ. O mesmo Christo,
que resuscitado *stetit in medio*, morrendo, in-
clinou a cabeça: *Inclinato capite.* E que aconteceu ^{Joan. 19.}
^{30.}

146 Vieira abbreviado

no mesmo ponto? *Et ecce velum templi scissum est in duas partes, & terra mota est, & petra scissæ sunt, & monumenta aperta sunt, & multa corpora, quæ dormierant, surrexerunt.* Inclinou-se huma cabeça coroada, inclinou-se huma cabeça, que tinha escrito em cima o titulo de Rey: *Inclinato capite?* *Et ecce:* e o que no mesmo ponto se seguiu a esta inclinação, forão terremotos, divisoens, inquietaçoens, tumultos: tudo perturbado, tudo descomposto, tudo alterado, e desunido. Até as pedras insensiveis se quebraraõ de dor: *Petræ scissæ sunt:* até no mais lagrado houve divisoens, e roturas: *Velum templi scissum est:* até as sepulturas se abriraõ: *Monumenta aperta sunt;* porque em semelhantes casos muitas cousas, que estavaõ sepultadas no esquecimento, se desenterraõ, e em despeito dos vivos sahem outra vez á luz do mundo, e resuscitaõ os mortos: *Et multa corpora, quæ dormierant, surrexerunt.* Pelo que, senhores meus, se quereis quietação, se quereis paz, igualdade: e igualdade recta, e sem inclinação a nenhuma das partes, como a de Christo hoje posto em meyo dos discipulos: *Stetit in medio discipulorum.*

DISCURSO LXXI.

Tirado de hum sermaõ historico, e panegyrico nos annos da serenissima Rainha de Portugal.

P A Z.

Part. 14.
Num. 13.

752

Que de tempos costuma gastar o mundo, não digo no ajustamento de qualquer ponto

Discurso LXXI. 147

ponto de huma paz, mas só em rejeitar, e compor os cerimoniaes della! Tratados preliminares lhe chamaõ os politicos: mas quantos degraos se haõ de subir, e descer, quantas guardas se haõ de romper, e conquistar antes de chegar ás portas da paz, para que se fechem as de Jano? E depois de aceitas, com tanto exame de clausulas as plenipotencias: depois de assentadas com tantos ciumes de authoridade as juntas: depois de aberto o passo ás que chamaõ conferencias, e se havião de chamar differenças, que tempos, e que eternidades são necessarias para compor os intrincados, e porfiados combates, que alli se levantaõ de novo? Cada proposta he hum pleito, cada duvida huma dilação; cada conveniencia huma discordia, cada razão huma difficuldade, cada interesse hum impossivel, cada praça huma conquista, cada capitulo, e cada clausula delle huma batalha, e mil batalhas. Em cada palmo de terra encalha a paz, e em cada gota de mar se afoga, em cada atomo de ar se suspende, e pára Os avisos, e as postas a correr, e cruzar os Reynos, e a paz muitos annos sem dar hum passo.

DISCURSO LXXII.

Tirado de hum sermaõ da publicação do Jubileo.

PECCADO.

753 **O** Hi se Deos nos descobrira, e mostrara neste auditorio a fealdade de hum peccado, ainda dos menos feyos? Sabeis vós, e vós, (fallo particularmente com o genero feminino) sabeis

Part. 7.
Num. 167.

148 *Vieira abbreviado*

Num. 168.

porque não tendes ao peccado o horror, e aborrecimento, que o menor delles merece? He porque não conheceis a sua fealdade. Representalla como verdadeiramente he, não he possível, mas para que vejais, ao menos quanto mayor he, que a da lepra; consideraime huma cara (que não merece nome de rosto, nem ainda de monstro) disformissimamente macilenta, seca, e escaveirada, a cor verdeneira, e funesta, as queixadas sumidas, a testa enrugada, os olhos sem pestanas, nem sobranceiras, e em lugar das mininas com duas grossas belidas, calva, rameiosa, desnarigada, a boca torta, os beiços azues, os dentes enfrestados, amarelllos, e podres, a garganta carcomida de alporcas, em lugar de barba hum lobinho, que lhe chegue até os peitos, e no meyo del- le hum cancro fervendo em bichos, manando podridão, e materia; não só ascoroso, e medonho á vista, mas horrendo, pestilente, e insupportavel ao cheiro. Cuidais que tenho dito alguma cousa? Do que verdadeiramente he, nem sombras; mas isto basta para se conhecer, que nenhum rosto ha cuberto de lepra, cuja fealdade não seja muito menos feya, que a do peccado.

DISCURSO LXXIII.

Tirado de hum sermão de Santo Antonio pregado no Maranhão, no qual debaixo da allegoria dos peixes reprehendeo os vicios dos homens.

Part. 2.

Num. 333.

754

QUero hoje á imitação de Santo Antonio voltarme da terra ao mar, e já que os homi-
mens

Discurso LXXIII. 149

mens se não aproveitaõ, prégar aos peixes. O mar está tão perto, que bem me ouviráõ.

Em fim, que havemos de prégar hoje aos pei- Num. 334.
xes? Nunca peyor auditorio. Ao menos tem os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem, e não fallaõ. Huma só cousa podéra descontentar ao Prégador, que he serem gente os peixes, que se não ha de converter; mas esta dor he tão ordinaria, que já pelo costume se não sente.

Vos estis sal terræ. Haveis de saber, irmãos Num. 335.
peixes, qñe o sal filho do mar, como vós, tem duas propriedades, as quaes em vós mesmos se experimentaõ: conservar o saõ, e preservallo, para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinhaõ as prégaçoens do vosso Prégador Santo Antonio, como tambem a devem ter as de todos os Prégadores. Huma he louvar o bem, outra reprehender o mal: louvar o bem para o conservar, e reprehender o mal para preservar delle. Nem cuideis, que isto pertence só aos homens; porque tambem nos peixes tem seu lugar. Assim o diz o grande Doutor da Igreja S. Basilio: *Non carpere solum, reprehendereque possumus pisces, sed sunt in illis, & quæ prosequenda sunt, imitatione*: Não só ha que notar, diz o Santo, e que reprehender nos peixes, senaõ tambem que imitar, e louvar. Quando Christo comparou a sua Igreja á rede de pescar: *Sagenæ missæ in mare*, diz Math. 13.
que os pescadores recolheraõ os peixes bons, e lan- 47.
çaraõ fóra os maõs: *Collegerunt bonos in vasa, malos autem foras miserunt*. E onde ha bons, e maos, ha que louvar; e que reprehender. Supposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermaõ em dous pontos. No primeiro louvar-
Tom. II. K 3 vos-

150 *Vieira abbreviado*

voshei as vossas virtudes, no segundo reprehender-voshei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos ás obrigaçoens do sal, que melhor vos está ouvillas vivos, que experimentallas depois de mortos.

755 Começando pois pelos vossos louvores, irmãos peixes, bem vos podéra eu dizer, que entre todas as creaturas viventes, e sensitivas vós fostes as primeiras, que Deos creou. A vós creou primeiro, que as aves do ar, a vós primeiro, que aos animaes da terra, e a vós primeiro, que ao mesmo homem. Ao homem deolhe Deos a monarchia, e dominio de todos os animaes dos tres elementos, e nas provisoens, em que o honrou com estes poderes, os primeiros nomeados foraõ os peixes: *Ut præsit piscibus maris, & volatilibus cæli, & bestiis universæ terræ.* Entre todos os animaes do mundo os peixes saõ os mais, e os peixes os mayores. Que comparação tem em numero as especies das aves, e dos animaes terrestres com as dos peixes? Que comparação na grandeza o elefante com a balea? Por isso Moysés Chronista da creação, callando os nomes de todos os animaes, só a ella nomeou pelo seu: *Creavit Deus cete grandia.* E os tres Musicos da fornalha de Babylonia o cantaraõ tambem como singular entre todos: *Benedicite cete, & omnia, quæ moventur in aquis, Domino.* Estes, e outros louvores, estas, e outras excellencias de vossa geração, e grandeza vos podéra dizer, ó peixes; mas isto he lá para os homens, que se deixaõ levar destas vaidades.

756 Vindo pois, irmãos, ás vossas virtudes, que saõ ás que se podem dar o verdadeiro louvor, passo ás virtudes naturaes, e proprias vossas. Fallando dos peixes Aristoteles, diz, que só elles entre todos os ani-

Genef. 1.
26.

Genef. 1.
21.

Dan. 3. 79.

Nam. 338.

Discurso LXXIII. 151

animaes se não domão, nem domesticaõ. Dos animaes terrestres o caõ he tão domestico, o cavallo tão sujeito, o boy tão servçal, o bugio tão amigo, ou tão lisongeiro, e até os leões, e os tigres com arte, e beneficios se amansaõ. Dos animaes do ar a fora aquellas aves, que se criaõ, e vivem com nosco, o papagayo nos falla, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda, e nos recrea, e até as grandes aves de rapina encolhendo as unhas reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes pelo contrario lá vivem nos seus mares, e rios, lá se mergulhaõ nos seus pégos, lá se escondem nas suas grutas, e não ha nenhum tão grande, que se fie do homem, nem tão pequeno, que não fuja delle. Os Authores communmente condemnaõ esta condicaõ dos peixes, e a deitaõ á pouca docilidade, ou á demasiada bruteza; mas eu sou de muito differente opiniaõ. Não condemnno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece, que se não fora natureza, era grande prudencia. Peixes, quanto mais longe dos homens, tanto melhor: trato, e familiaridade com elles, Deos nos livre. Se os animaes da terra querem ter seus familiares, façãono muito embora, que com suas penfoens o fazem. Cantelhe aos homens o rouxinol, mas na lua gayola: digalhe ditos o papagayo, mas na sua cadeya: vá com elles á caça o açor, mas nas suas piores: façalhe bufonarias o bugio, mas no seu cepo: contentese o caõ de lhe roer hum osso, mas levado onde não quer pela trella: prezese o boy de lhe chamarem formoso, ou fidalgo, mas com o jugo sobre a cervíz, puxando pelo arado, e pelo carro: glorie-se o cavallo de mastigar freyos dourados, mas debaixo da vara, e da espora; e se os tigres, e leões

152 *Vieira abbreviado*

lhe comem a ração da carne, que não caçaraõ no bosque, sejaõ prezos, e encerrados com grades de ferro. Entre tanto vós peixes longe dos homens, e fóra dessas cortezanias vivireis só comvosco, fim; mas como o peixe na agua.

Num. 345. 757 Vós sois os que sustentais as Cartuxas, e os Bussacos, e todas as santas familias, que professão mais rigorosa austeridade: vós os que a todos os verdadeiros Christãos ajudais a levar a penitencia das Quaresmas: vós aquellos, com que o mesmo Christo festejou a sua Paschoa as duas vezes, que comeo com seus discipulos depois de resuscitado. Prezeme-se as aves, e os animaes terrestres de fazer esplendidos, e custosos banquetes dos ricos, e vós gloriai-vos de ser companheiros do jejum, e da abstinencia dos justos. Tendes todos, quantos sois, tanto parentesco, e sympathia com a virtude, que prohibindo Deos no jejum a peyor, e mais grosseira carne, concede o melhor, e mais delicado peixe. E posto que na semana só dous se chamaõ vossos, nenhum dia vos he vedado. Hum só lugar vos deraõ os Authores entre os signos celestes; mas os que só de vós se mantem na terra, saõ os que tem mais seguros os lugares do Ceo. Em fim sois creaturas daquelle elemento, cuja fecundidade entre todos he propria do

Genf. 1. 5.
Sept.

Num. 346.

758 Deitouvos Deos a benção, que crescelleis, e multiplicasseis: e para que o Senhor vos confirme esta benção, lembraivos de não faltar aos pobres com o seu remedio. Entendei, que no sustento dos pobres tendes seguros os vossos augmentos. Tomai o exemplo nas irmans Sardinhas. Porque cuidais que as multiplica o Creador em numero tão innumeravel?

Por-

Discurso LXXIII. 153

Porque são sustento de pobres. Os Solhos, e os Salmoens são muito contados, porque servem á mela dos Reys, e dos poderosos; mas o peixe, que sustenta a fome dos pobres de Christo, o mesmo Christo o multiplica, e augmenta. Aquelles dous peixes companheiros dos cinco paens do deserto multiplicarão tanto, que deraõ de comer a cinco mil homens. Pois se peixes mortos, que sustentão a pobres, multiplicão tanto, quanto mais, e melhor o faraõ os vivos? Crescei, peixes, crescei, e multiplicai, e Deos vos confirme a sua benção.

759 Vede, peixes, e não vos venha vangloria, quanto melhores sois, que os homens. Os homens tiverão entranhas para deitar Jonas ao mar, e o peixe recolheo nas entranhas a Jonas para o levar vivo á terra. He possível, que os peixes ajudaõ á salvação dos homens, e os homens lançaõ ao mar os Ministros da salvação! Num. 337.

760 Este he, peixes, em commum o natural, que em todos vos louvo, e a felicidade, de que vos dou o parabem não sem inveja. Mas para que da admiração de huma tão grande virtude vossa passemos ao louvor, ou inveja de outra não menor, admiravel he igualmente a qualidade daquelloutro peixezinho, a que os Latinos chamaraõ Torpedo. Este peixe conhecemos cá mais de fama, que de vista; mas isto tem as virtudes grandes, que quanto são mayores, mais se escondem. Está o pescador com a cana na mão, o anzol no fundo, e a boya sobre a agua, e em lhe picando na isca a Torpedo, começalhe a tremer o braço. Póde haver mayor, mais breve, e mais admiravel effeito? De maneira que num momento passa a virtude do peixezinho da boca ao anzol, do anzol á linha, Num. 340.
Num. 342.

á linha, da linha á cana, e da cana ao braço do pescador. Com muita razão disse, que este vosso louvor o havia de referir com inveja. Quem dera aos pescadores do nosso elemento, ou quem lhe pozera esta qualidade trememente em tudo, o que pescaõ na terra? Muito pescaõ; mas não me espanto do muito: o que me espanta he, que pesquem tanto, e que tremaõ tão pouco. Tanto pescar, e tão pouco tremer! Poderá-se fazer problema, onde ha mais pescadores, e mais modos, e traças de pescar, se no mar, ou na terra? E he certo, que na terra. Não quero discorrer por elles, ainda que fora grande contolação para os peixes: baste fazer a comparação com a cana, pois he o instrumento do nosso caso. No mar pescaõ as canas; na terra pescaõ as varas, (e tanta forte de varas) pescaõ as ginetas, pescaõ as bengalas, pescaõ os bastoens, e até os cetros pescaõ, e pescaõ mais que todos; porque pescaõ Cidades, e Reynos inteiros. Pois he possível, que pescando os homens coutras de tanto pezo, lhe não trema a mão, e o braço? Se eu prégara aos homens, e tivera a lingua de Santo Antonio, eu os fizera tremer.

761 Antes porém que vos vades, assim como
 Num. 347. ouvistes os vossos louvores, ouvi tambem agora as
 vossas reprehensões: servirvoshaõ de confusão, já
 que não seja de emenda. A primeira, cousa que me
 desedifica, peixes, de vós, he que vos comeis huns
 aos outros. Grande escandalo he este; mas a circun-
 stancia o faz ainda mayor. Não ló vos comeis huns
 aos outros., senaõ que os grandes comem os peque-
 nos. Se fora pelo contrario, era menos mal. Se os
 pequenos comeraõ os grandes, bastara hum grande
 para muitos pequenos; mas como os grandes comem

Discurso LXXIII. 155

os pequenos, não bastão cem pequenos, nem mil para hum só grande. Olhai, como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, perversis que cupiditatibus facti sunt veluti pisces invicem se devorantes*: Os homens com suas más, e perversas cubiças vem a ser como os peixes, que se comem huns aos outros. Taõ alheya cousa he não só da razaõ, mas da mesma natureza, que sendo todos creados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma patria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer. Santo Agostinho, que prégava aos homens, para encarecer a fealdade deste escandalo mostrouho nos peixes. E eu que prégo aos peixes, para que vejais, quaõ feyo, e abominavel he, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar para a terra. Não, não. Não he isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos, e para o sertão? Para cá, para cá. Para a Cidade he, que haveis de olhar. Cuidais, que só os Tapuyas se comem huns aos outros? Muito mayor açougue he o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquelle bullir, vedes todo aquelle andar, vedes aquelle concorrer ás praças, e cruzar as ruas, vedes aquelle subir, e descer as calçadas, vedes aquelle entrar, e subir sem quietação, nem socego? Poistudo aquillo he andarem buscando os homens como haõ de comer, e como se haõ de comer.

762 Morreo algum delles, vereis logo tantos so-Num. 348.
bre o miseravel a despedaçalho, e a comello. Comemno os herdeiros, comemno os testamenteiros, comemno os legatarios, comemno os acredores, comemno os officiaes dos orfaõs, e os dos defuntos, e ausentes, come-o o Medico, que o curou, ou ajudou a mor-

a morrer, come-o o sangrador, que lhe tirou o sangue, come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lançol mais velho da casa, come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que cantando o levaõ a enterrar: em fim ainda ao pobre defunto o não comeo a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comeraõ sómente depois de mortos, parece que era menos horror, e menos materia de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considereis, peixes, que tambem os homens se comem vivos, assim como vós. Vivo estava Job, quando dizia:

Job. 19. 22. *Quare persequimini me, & carnibus meis saturamini?* Porque me perseguis tão deshumanamente, vós, que me estais comendo vivo, e fartandovos da minha carne? Quereis ver hum Job destes? Vede hum homem desses, que andaõ perseguidos de pleitos, ou accusados de crimes, e olhai quantos o estaõ comendo. Come-o o Meirinho, come-o o Carcereiro, come-o o Escrivaõ, come-o o Solicitador, come-o o Advogado, come-o o Inquiredor, come-o a testemunha, come-o o Julgador, e ainda não está sentenciado, e já está comido. São pcyores os homens, que os corvos. O triste, que foy á forca, não o comem os corvos, senaõ depois de executado, e morto, e o que anda em juizo, ainda não está executado, nem sentenciado, e já está comido.

Num. 349. 763 E para que vejais como estes comidos na terra saõ os pequenos, e pelos mesmos modos, com que vós vos comeis no mar, ouvi a Deos queixando-se deste peccado: *Nonne cognoscent omnes, qui operantur iniquitatem, qui devorant plebem meam, ut cibum panis?* Diz Deos, que comem os homens não só

Discurso LXXIII. 157

só o seu povo, senão declaradamente a sua plebe : *Plebem meam*. Porque a plebe, e os plebeos, que são os mais pequenos, os que menos podem, e os que menos avultaão na Republica, estes são os comidos. E não só diz, que os comem de qualquer modo, senão que os engolem, e os devoraão, não como os outros comeres, senão como pão : *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. A differença, que ha entre o pão, e os outros comeres, he, que para a carne ha dias de carne, e para o peixe dias de peixe, e para as frutas diferentes mezes no anno; porém o pão he comer de todos os dias, que sempre, e continuamente se come: e isto he o que padecem os pequenos, são o pão quotidiano dos grandes: e assim como o pão se come com tudo, assim com tudo, e em tudo são comidos os miseraveis pequenos, não tendo, nem fazendo officio, em que os não carreguem, em que os não multem, em que os não defraudem, em que os não comaão, traguem, e devorem: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis*. Parece-vos bem isto, peixes? Representaseme, que com o movimento das cabeças: estais todos dizendo, que não e com olhades huns para os outros, vós estais admirando, e pasmando de que entre os homens haja tal injustiça, e maldade. Pois isto mesmo he o que vós fazeis. Os mayores comeis os pequenos, os muito grandes não só os comem hum por hum, senão os cardumes inteiros: e isto continuadamente sem differença de tempos, não só de dia, senão também de noite, ás claras, e ás escuras; como também fazem os homens.

764 Se cuidais por ventura, que estas injustiças entre vós se toleraão, e passaão sem castigo, enganai-vos.

Num. 350.

vos. Assim como Deos as castiga nos homens, assim tambem por seu modo as castiga em vós. Os mais velhos, que me ouvis, e estais presentes, bem vistes neste Estado, e quando menos ouvirieis murmurar aos passageiros nas canoas, e muito mais lamentar aos miseraveis remeiros dellas, que os mayores, que cá foraõ mandados, em vez de governar, e augmentar o mesmo Estado, o destruirão; porque toda a fome, que de lá traziaõ, a fartavaõ em comer, e devorar os pequenos. Assim foy. Mas se entre vós se achaõ a caso alguns dos que seguindo a esteira dos navios, vaõ com elles a Portugal, e tornaõ para os mares patrios, bem ouviriaõ estes lá no Tejo, que elles mesmos mayores, que cá comiaõ os pequenos, quando lá chegaõ, achaõ outros mayores, que os comiaõ tambem a elles. Este he o estylo da divina Justiça tão antigo, e manifesto, que até os gentios o conheceraõ, e celebraraõ.

Vos, quibus rector maris, atque terræ

Fus dedit magnum necis, atque vitæ,

Ponite inflatos, tumidosque vultus:

Quidquid à vobis minor extimescit,

Maior hoc vobis Dominus minatur.

Notay, peixes, aquella diffinição de Deos: *Rector maris, atque terræ*: Governador do mar, e da terra: para que não duvideis, que o mesmo estylo, que Deos guarda com os homens na terra, observa tambem comvosco no mar. Necessario he logo, que olheis por vós, e que não façais pouco caso da doutrina, que vos deo o grande Doutor da Igreja Santo Ambrosio, quando fallando comvosco, disse: *Cave ne dum alium insequeris, incidas in validiorem*. Guardese o peixe, que persegue o mais fraco para o comer,

Discurso LXXIII. 159

comer, não se ache na boca do mais forte, que o engula a elle! Nós o vemos aqui cada dia. Vay o Xaleão correndo a traz do Bagre, como o caão apos da lebre, e não vê o cego, que lhe vem nas costas o Tubarão com quatro ordens de dentes, que o ha de engulir de hum bocado. He o que com mayor elegancia vos disse tambem Santo Agostinho: *Prædo minoris fit prædo maioris*. Mas não bastaõ, peixes, estes exemplos, para que acabe de se persuadir a vossa gula, que a mesma crueldade, que usais com os pequenos, tem já aparelhado o castigo na voracidade dos grandes.

765 Dirmeheis (como tambem dizem os ho. Num. 352. mens) que não tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentaõ entre vós muitos, que não comem os outros? O mar he muito largo, muito fertil, muito abundante, e só com o que bota às prayas; póde sustentar grande parte dos que vivem dentro nelle. Comeremse huns animaes aos outros he voracidade, e sevicia, e não estatuto da natureza.

766 Descendo ao particular, direi agora, peixes, Num. 356. o que tenho contra alguns de vós. E começando aqui pela nossa costa, no mesmo dia, em que cheguei a ella, ouvindo os Roncadores, e vendo o seu tamanho, tanto me moverão a riso, como a ira. He possível, que sendo vós huns peixinhos tão pequenos, haveis de ser as roncadas do mar? Se com huma linha de cozer, e hum alfenete torcido vos póde pescar hum aleijado, porque haveis de roncar tanto? Mas por isso mesmo roncais. Dizeime, o Espadarte porque não ronca? Porque ordinariamente quem tem muita espada tem pouca lingua. Isto não he regra geral; mas he regra geral, que Deos não quer roncadores, e que

e que tem particular cuidado de abater, e humilhar aos que muito roncaõ. S. Pedro, a quem muito bem conheceraõ vossos antepassados, tinha taõ boa espada, que elle só avançou contra hum exercito inteiro de soldados Romanos; e se Christo lha não mandara meter na bainha, eu vos prometto, que havia de cortar mais orelhas, que a de Malco. Com tudo, que lhe succedeo naquella mesma noite? Tinha roncado, e barbateado Pedro, que se todos fraqueassem, só elle havia de ser constante até morrer, se fosse necessario: e foy tanto pelo contrario, que só elle fraqueou mais que todos, e baltou a voz de hum mulherzinha para o fazer tremer, e negar. Antes disso já tinha fraqueado na mesma hora, em que prometteo tanto de si. Disse-lhe Christo no Horto, que vigiasse, e vindo dahi a pouco a ver se o fazia, achou-o dormindo com tal descuido, que não só o acordou do sono, senão tambem do que tinha braço-nado: *Sic non potuisti una hora vigilare mecum?* Vós, Pedro, sois o valente, que haviéis de morrer por mim, e não podestes huma hora vigiar comigo? Pouco ha tanto roncar, e agora tanto dormir? Mas assim succedeo. O muito roncar antes da occasião he final de dormir nella. Pois que vos parece, irmãos Roncadores? Se isto succedeo ao mayor pescador, que póde acontecer ao menor peixe? Medivos, e logo vereis quaõ pouco fundamento tendes de bronzar, nem roncar.

Marc. 14.
37.

Num. 357. 767 Se as Baleas roncaraõ, tinha mais desculpa a sua arrogancia na sua grandeza. Mas ainda nas mesmas Baleas não seria essa arrogancia segura. O que he a Balea entre os peixes, era o gigante Golias entre os homens. Se o rio Jordaõ, e o mar de Tiberiades

Discurso LXXIII. 161

viagens tem communicação com o Oceano ; como devem ter, pois d'elle manaõ todos , bem deveis de saber , que este gigante era a ronca dos Filisteos. Quarenta dias continuos esteve armado no campo desafinando a todos os arrayaes de Israel , sem haver quem se lhe atrevesse : e no cabo , que fim teve toda aquella arrogancia ? Bastou hum pastorzinho com hum cajado , e huma funda para dar com elle em terra. Os arrogantes , e soberbos tomaõse com Deos , e quem se toma com Deos , sempre fica debaixo. Assim que , amigos Roncadores , o verdadeiro conselho he callar.

768 Nesta viagem, de que fiz menção, e em to- Num. 358.
das as que passei a linha Equinocial, ví debaixo della o que muitas vezes tinha visto, e notado nos homens, e me admirou: que se houvesse estendido esta ronha, e pegado tambem aos peixes. Pegadores se chamavaõ estes, de que agora fallo, e com grande propriedade, porque sendo pequenos, não só se chegaõ a outros mayores, mas de tal sorte se lhe pegaõ aos costados, que já mais os desafferraõ. De alguns animaes de menos força, e industria se conta, que vaõ seguindo de longe aos leões na caça para se sustentarem do que a elles sobeja. O mesmo fazem estes Pegadores, tão seguros ao perto, como aquelles ao longe; porque o peixe grande não póde dobrar a cabeça, nem voltar a boca sobre os que traz ás costas, e assim lhe sustenta o pezo, e mais a fome. Este modo de vida mais astuto, que generoso, se acaso se passou, e pegou de hum elemento a outro, sem duvida, que o aprenderaõ os peixes do alto, depois que os nossos Portuguezes o navegaraõ ; porque não parte Viso-Rey, ou Governador para as Conquistas, que
Tom. II. L não

162 *Vieira abbreviado*

naõ vá rodeado de pegadores , os quaes se arrimaõ a elles, para que cá lhe matem a fome , de que lá naõ tinhaõ remedio. Os menos ignorantes desenganados da experiencia despegaõse, e buscaõ a vida por outra via ; mas os que se deixaõ estar pegados á merce, e fortuna dos mayores vemlhe a succeder no fim o que aos Pegadores do mar.

Num. 369. 769 Rodea a nao o Tubaraõ nas calmarias da Linha com os seus Pegadores ás costas , taõ cirzidos com a pelle , que mais parecem remendos , ou manchas naturaes , que os hospedes , ou companheiros. Lançaõlhe hum anzol de cadea com a raçaõ de quatro soldados , arremessase furiosamente á preza , engole tudo de hum bocado , e fica prezo. Corre meya companhia a alallo acima , bate fortemente o convez com os ultimos arrancos , em fim morre o Tubaraõ , e morrem com elle os Pegadores. Parece-me que estou ouvindo a S. Mattheus , sem ser Apostolo pescador , descrevendo isto mesmo na terra. Morto Herodes , diz o Euangelista , appareceo o Anjo a Joseph no Egypto , e disselhe , que já se podia tornar para a patria ; porque eraõ mortos todos aquelles , que queriaõ tirar a vida ao Minino : *Defuncti sunt enim qui querebant animam pueri*. Os que queriaõ tirar a vida a Christo Minino , eraõ Herodes , e todos os seus , toda a sua familia , todos os seus adherentes , todos os que seguiaõ , e pendiaõ da sua fortuna. Pois he possivel , que todos esses morressem juntamente com Herodes ? Sim. Porque em morrendo o Tubaraõ , morrem tambem com elle os Pegadores : *Defuncto Herode, defuncti sunt qui querebant animam pueri*. Eis aqui , peixezinhos ignorantes , e miseraveis , quaõ errado , e enganoso he este modo de vida , que escolhestes.

Matth. 2.
20.

Discurso LXXIII. 163

770 Considerai, pegadores vivos, como morrerão Num. 361.
os outros, que se pegarão áquelle peixe grande, e
porque? O Tubaraõ morreo, porque comeo, e elles
morrem pelo que não comeraõ. Póde haver mayor
ignorancia, que morrer pela fome, e boca alheya?
Que morra o Tubaraõ, porque comeo, matou-o a sua
gula; mas que morra o Pegador pelo que não comeo,
he a mayor desgraça, que se póde imaginar! Não
cuidei, que tambem nos peixes havia peccado origi-
nal. Nós os homens fomos taõ desgraçados, que
outrem comeo, e nós o pagamos. Toda a nossa mor-
te teve principio na golodice de Adaõ, e Heva, e
que hajamos de morrer pelo que outrem comeo,
grande desgraça! Mas nós lavamonos desta desgra-
ça com huma pouca de agua, e vós não vos podeis la-
var da vossa ignorancia com quanta agua tem o mar.

771 Deos tambem tem os seus pegadores. Hum Num. 360.
destes era David, que dizia: *Mibi autem adhaerere*
Deo bonum est. Peguemse os outros aos grandes da Pf. 72. 2.
terra, que eu só me quero pegar a Deos. E posto que
deste modo só se podem pegar os homens, e vós,
meus peixeziños, não, ao menos deveis imitar aos
outros animaes do ar, e da terra, que quando se che-
gaõ aos grandes, e se amparaõ do seu poder, não se
pegaõ de tal forte, que morraõ juntamente com el-
les. Lá diz a Escriptura daquella famosa arvore, em
que era significado o grande Nabucodonosor, que
todas as aves do Ceo descansavaõ sobre seus ramos, e
todos os animaes da terra se recolhiaõ á sua sombra,
huns, e outros se sustentavaõ de seus fructos; mas
tambem diz, que tanto que foy cortada esta arvore,
as aves voaraõ, e os outros animaes fugiraõ. Che-
gaivos embora aos grandes; mas não de tal maneira

164 *Vieira abbreviado*

pegados, que vos mateis por elles, nem morrais com elles.

Num. 362.

772 Com os Voadores tenho tambem huma palavra, e não he pequena a queixa. Dizeime, Voadores, não vos fez Deos para peixes, pois porque vos meteis a ser aves? O mar fello Deos para vós, e o ar para ellas: contentaivos com o mar, e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas, e para as vossas escamas, e conhecereis, que não sois ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dirmeheis, Voador, que vos deo Deos mayores barbatanas, que aos outros do vosso tamanho. Pois porque tivestes mayores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas azas? Mas ainda mal, porque tantas vezes vos defengana o vosso castigo! Qui- zestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto mata-os o anzol, ou a fiska, a vós sem fiska, nem anzol matavos a vossa presumpção, e o vosso capricho. Vay hum navio navegando, e o marinheiro dormindo, e o Voador toca na vella, ou na corda, e cahe palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome, e engana-os a isca, ao Voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca he o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha, e viver, que voar por cima das entenas, e cahir morto! Grande ambição he, que sendo o mar tão immenso, lhe não baste a hum peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambição. O Voador fello Deos peixe, e elle quiz ser ave, e permite o mesmo Deos, que tenha os perigos de ave, e mais os de peixe. Todas as vel-
las

Discurso LXXIII. 165

las para elle são redes, como peixe, e todas as cordas laços, como ave. Vê, Voador, como correo pela posta o teu castigo. Pouco ha nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em hum convez amortalhado nas azas. Não contente com ser peixe, quizeste ser ave, e já não es ave, nem peixe, nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deo-te a agua, tu não quizeste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contentese cada hum com o seu elemento. Se o Voador não quizerá passar do segundo ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem legu- ro estava elle do fogo, quando nadava na agua; mas porque quiz ser borboleta das ondas, vieraõselhe a queimar as azas. Se o mar tomara exemplo nos rios, Num. 363; depois que Icaro se afogou no Danubio, não haveria tantos Icaros no Oceano.

773 Mas já que estamos nas covas do mar, antes Num. 365. que sayamos dellas, temos lá o irmão Polvo, contra o qual tem suas queixas, e grandes não menos que S. Basilio, e Santo Ambrosio. O Polvo com aquelle seu capello na cabeça parece hum Monge, com aquelles seus rayos estendidos parece huma estrella, com aquelle não ter osso, nem espinha parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta apparencia tão modesta, ou desta hypocresia tão santa testemunhaõ contestemente os dous grandes Doutores da Igreja Latina, e Grega, que o dito Polvo he o mayor traydor do mar. Consiste esta trayção do Polvo primeiramente em se vestir, ou pintar das mesmas cores de todas aquellas cores, a que está pegado. As cores, que no cameleão são gala, no polvo são malicia: as figuras, que em Protheo são fabula, no polvo são verdade, e artificio. Se está nos limos, faz-

166 *Vieira abbreviado*

se verde, se está na area fazse branco, se está no lodo, fazse pardo, se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, fazse da cor da mesma pedra. E daqui que succede? Succede, que o outro peixe innocente da trayção vay passando delacautelado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu proprio engano, lançalhe os braços de repente, e falo prizioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais; porque nem fez tanto. Judas abraçou a Christo, mas outros o prenderaõ: o Polvo he o que abraça, e mais o que prende. Judas com os braços fez o final, e o Polvo dos proprios braços faz as cordas. Judas he verdade, que foy traidor, mas com lanternas diante: traçou a tração ás escuras, mas executou-a muito ás claras. O Polvo escurecendose a si tira a vista aos outros, e a primeira tração, e roubo que faz, he á luz, para que não distinga as cores. Vê, peixe aleivososo, e vil, qual he a tua maldade, pois Judas em tua comparação já he menos traidor.

Num. 367.

774 Oh que excessão tão affrontoso, e tão indigno de hum elemento tão puro, tão claro, e tão crystalino, como o da agua, espelho natural não só da terra, senão do mesmo Ceo! E que neste mesmo elemento se crie, se conserve, e se exercite com tanto damno do bem publico hum monstro tão dissimulado, tão fingido, tão astuto, tão enganoso, e tão conhecidaamente traidor! Vejo; peixes, que pelo conhecimento, que tendes das terras, em que batem os vossos mares, me estais respondendo, e convindo, que tambem nellas ha falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas, e muito mayores, e mais perniciosas traçoens. E sobre o mesmo sujeito, que defendeis, tambem podereis applicar aos semelhantes
outra

Discurso LXXIV. 167

outra propriedade muito propria ; mas pois vos a callais, eu tambem a callo ; com grande confusão poderão vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em Antonio vosso Prégador, e vereis nelle o mais puro exemplar da candura, da sinceridade, e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento, ou engano.

DISCURSO LXXIV.

Tirado de hum sermaõ da terceira quarta feira da Quaresma prégado na Capella Real.

PERTENDENTES.

775 **S**egundo a experiencia, e queixa commua, ^{Part. 2.}
ou seja com razão, ou sem ella, acho eu ^{Num. 89.}
que os pertendentes das Cortes em seus requerimentos são como os nossos Argonautas, e primeiros descobridores da India ; senão que navegação ao revez, e fazem a viagem ás aveças. Os nossos descobridores primeiro passarão o cabo de Naõ, e depois o cabo de Boa Esperança : os pertendentes pelo contrario começam pelo cabo de Boa Esperança, e acabão pelo de Naõ.

776 Terrivel palavra he hum *non*. Naõ tem direi- ^{Num. 90.}
to, nem aveço: por qualquer lado que o tomeis, sempre soa, e diz o mesmo. Lede-o do principio para o fim, ou do fim para o principio, sempre he *non*. Quando a vara de Moysés se converteo naquella serpente tão feroz, que fugia della, porque o não morresse, disselhe Deos, que a tomasse ao revez, e logo perdeu a figura, a ferocidade, e a peçonha. O *non*,
naõ

168 *Vieira abbreviado*

naõ he assim: por qualquer parte, que o tomeis, sempre he serpente, sempre morde, sempre fere, sempre leva o veneno comfigo. Mata a esperança, que he o ultimo remedio, que deixou a natureza a todos os males. Naõ ha correctivo, que o modere, nem arte, que o abrande, nem lisonja, que o adoce. Por mais que confeiteis hum naõ, sempre amarga: por mais que o enfeiteis, sempre he feyo: por mais que o doureis, sempre he ferro. Em nenhuma solfa o podeis pôr, que naõ seja mal soante, aspero, e duro. Quereis saber qual he a dureza de hum naõ? A mais dura cousa, que tem a vida, he chegar a pedir, e depois de chegar a pedir, ouvir hum naõ: vede o que será? A lingua Hebraica, que he a que fallou Adaõ, e a que mais naturalmente significa, e declara a essencia das cousas, chama ao negar o que se pede, envergonhar a face. Assim disse Bethsabee a Salamaõ: *Petitionem unam precor a tè, ne confundas faciem meam*. Tragovos, senhor, huma petição, naõ me envergonheis a face. E porque se chama envergonhar a face negar o que se pede? Porque dizer naõ a quem pede, he darlhe huma bofetada com a lingua. Taõ dura taõ aspera, taõ injuriosa palavra he hum naõ: para a necessidade dura, para a honra affrontosa, para o merecimento insoffrivel. E se hum naõ he taõ duro para quem o ouve, creyo eu, que naõ he menor a sua dureza para quem o diz, e tanto mais, quanto mais generoso for o coração, e mais soberano o animo, que o houver de pronunciar. Os Reys, e Principes soberanos naõ podem deixar de ouvir petições, e ser importunados de requerimentos, a que naõ devem deferir. E porque dizer naõ a pertendentes he cousa taõ dura para elles, como para o mes-

mo

3. Reg. 2.
16.

Num. 91.

Num. 92.

Discurso LXXIV. 169

mo Principe, será materia mui propria deste lugar, e deste Euangelho pôr hoje em questaõ, e averiguar duas cousas. Primeira: Se he conveniente, e decente a hum Rey dizer não? Segunda: Qual he o modo, com que o deve dizer no caso, que convenha?

777 Dos Imperadores, que precederaõ ao Imper- Num. 93.
rio de Trajano, diz o seu Panegyrista Plinio, que desejavaõ muito ser rogados, e que todos lhe pedissem, tó pelo gosto que tinhaõ de dizer não: *Priores Principes à singulis rogari gestiebant non tam præstandi animo, quam negandi.* Mas como estes, que elle chamava Principes, verdadeiramente erã tyrannos, e mais monstros da natureza humana, que homens, excluido sem controversia, este escandalo da razaõ, e da humanidade, e começando a nossa questaõ pelas razoes provaveis de duvidar, parece que não he conveniente, nem decente á magestade, e authoridade de hum Rey, que pronuncie de palavra, ou firme com a penna hum não. Ou o Rey diz não, porque não quer, ou porque não póde: se porque não quer, offende o amor: se porque não póde, desacredita a grandeza. E se as petiçoens, e os requerimentos são taes, que se não devem conceder, entendaõ os pertendentes o não; mas não o oução: seja discurso seu, e não reposta, ou resolução Real. Mais decente negativa he para o governo, e menos desuberta desconsolação para os que requerem, que elles tomem por si o defengano. Defengane-os a dilacão, defengane-os o tempo: e se de dia não cuidaõ, nem de noite sonhaõ mais, que no seu despacho, os mesmos dias, e noites lhe digaõ o que se lhe não diz, e por ellas saibaõ o que não querem entender. Sustentem-se na sua esperança, posto que fal-

fa, e fique sempre inteiro ao Principe o pundonor de que não negou. Se por este modo se estendem os requerimentos, e se entretém, e multiplicaõ os que vem requerer, isso mesmo he hum certo genero de grandeza, e authoridade haver muitos pertendentes. O que elles gastaõ, e despendem, sustenta a Magestade da Corte, e tambem as Cortes dos que não são Magestade. Já que pertendem sem merecimento, paguem as custas da sua ambição, e sirvalhes a elles de castigo, e aos mais de exemplo.

Nuza. 49.

778 Contra o sofistico destas razoens (que verdadeiramente tem muito de vaidade) parece que são mais solidas as do dictame contrario. Taõ vil he na mentira o fim, como honrado na verdade o não. A verdade (que por isso se pinta despida) não sabe encubrir, nem fingir, nem enfeitar, nem corar, e muito menos enganar: e a primeira virtude do throno, ou seja da justiça, ou da graça, he a verdade. Todo o artificio he cousa mecanica, e não nobre, quanto mais real. O Sol abranda a cera, e endurece o barro, porque obra conforme a desposição dos sujeitos; mas em todos, e com todos descubertamente; por isso o calor he inseparavel da luz. Importa distinguir o bastão do cetro. Os estratagemas não são para o despacho: sejaõ embora para a campanha, mas não para a Corte: para os inimigos, e não para os vassallos. Saibaõ os pertendentes se podem esperar, ou não, para que no fim não desesperem. Quem diz, que he arte de não desgostar, não diz, nem cuida bem. Melhor he dar hum desgosto que muitos. Queixemse de que os não satisfizeraõ, mas não possaõ dizer justamente, que os enganáraõ. Se he dura palavra hum não, mais duras são as boas palavras, que suspendem,

Discurso LXXIV. 171

dem, e encobrem o mesmo não, até que o descobre o effeito. Quem fez o não tão breve, não quiz que se dilataste.

779 Pedio Philippe de Macedonia á Republica Num. 95. de Athenas o deixasse passar com exercito pelas suas terras, o que o Senado lhe não quiz conceder; e porque o estylo dos Athenienses (que ainda hoje se chama estylo Laconico) era resumir tudo, o que se havia de dizer, ás palavras mais breves, tomaraõ hum grande pergaminho, (que era o papel daquelle tempo) e escreveraõ nelle hum não com tamanhas letras, que o enchia todo, e cerrado, e sellado, esta foy a reposta, que deraõ aos Embaixadores de Philippe. He muito celebre nas historias Gregas este breve, e grandissimo não; mas na nossa Athenas ainda os ha mayores. Tantas petiçoens, tantas remissoens, tantas provisoens, tantas patentes, tantas certidoens, tantas justificaçoens, tantas folhas corridas, tantas vistas, tantas informaçõens pedidas muitas vezes á Asia, e á America, tantas consultas, tantas interlocutorias, tantas replicas, tantas outras ceremonias, e mysterios por escrito, a que se não sabe o numero, nem o nome, e ao cabo de quatro, de seis, e de dez annos ou o despacho, ou o que significa o despacho em meya resma de papel, he hum não. Não fora melhor este defengano ao principio? E as despesas deste injusto entretenimento, que se devem restituir nesta vida, ou se haõ de pagar na outra, por cuja conta correm? Já que não haveis de fazer ao pertendente a merce, que pede, porque lha não fareis ao menos do que ha de gastar inutilmente na pertençaõ? Ao outro, que apresentava o seu memorial, disse ElRey D. Joaõ o II. na primeira audiencia, que

172 *Vieira abbreviado*

que não tinha lugar o que pedia, e elle beijoulhe a mão. Entendestefme, replicou ElRey. Senhor, fim. Porque me beijais logo a mão? Porque me fez V. Alteza a merce do dinheiro, que trazia para gastar na Corte, e agora o torno a levar para minha casa. Estas são as merces do defengano, e os despachos do não dito a seu tempo. Não o dizer será mayor politica, mayor authoridade, e decencia; mas dizello em muitos casos he obrigação, e consciencia.

Num. 96. 780 Disputada assim problematicamente a nossa questão, de humas, e outras razoes de duvidar se conclue com certeza, que o não, sem ser cousa alguma, he como as outras cousas deste mundo, que todas tem seus bens, e seus males, suas utilidades, e seus inconvenientes. Para não cahir, ou tropeçar nestes, que a cada passo se offerecem, ou atravessão em tanta multidão de requerimentos, o primeiro cuidado, ou cautela do prudente Principe deve ser evitar, quanto for possivel, as occasioens de dizer não. Mas como se podem evitar, ou atalhar estas occasioens, sendo os pertendentes, e as pertensoens, os requerentes, e os requerimentos tantos? Digo, que fazendo com destreza, e constancia, que sejaõ menos, e muito menos, e usando para isso dos meynos, que agora apontarei.

Num. 97. 781 O primeiro meyo he, que os validos, ou privados, por mais juntos que estejaõ á pessoa Real, e por mais dentro que estejaõ na graça, sejaõ os primeiros, a que se não conceda o que pertenderem. A razão, ou consequencia he manifesta. Porque se os que estão de fóra, virem que os que estão de dentro, e tão de dentro, não alcançaõ o que pertendem, como se atreverão elles a pertender? Dirão porém

Num. 99.

Discurso LXXIV. 173

os mesmos validos, ou alguém por elles, que não parece, nem he justiça, nem ainda bom exemplo, e credito do mesmo Rey, que aos que servem, e trabalham junto á sua pessoa, e sustentão o pezo da Monarchia, devendo ser os primeiros, e mais remunerados, fiquem sem merce, e sem premio. E he pouca merce, e pouco premio o ser validos? Aos validos, que lograão a graça do Principe, bastalhe a merce da mesma graça. Por isso vemos os cheyos de graça tão cheyos: e todas as outras se lhe podem negar confiadamente, e elles prezaremse muito das negações.

782 Os Filósofos distinguem dous generos de negações, humas se chamaão puras negações, e outras, a que deraão nome de privaçoens. A pura negação nega o acto, e mais a aptidão: a privação suppoem a aptidão, e nega o acto. O silencio he negação de fallar, mas com grande differença no homem, e na estatua: na estatua he pura negação; porque a estatua não falla, nem he apta para fallar, senão inepta. Porém no homem he privação; porque ainda que o homem não falle, he apto, e capaz de fallar. Daqui se segue, que assim como o silencio na estatua he incapacidade, e no homem virtude, assim o que se nega ao indigno, he pura negação, a qual o affronta, e o que se nega ao digno, he privação, que o honra, e acredita, e tanto mais, quanto for mais digno. Taes são as negações, que os Principes fizerem, e devem fazer aos seus validos. São privaçoens, com que não só se acredita a si, senão tambem a elles; porque o mayor credito do valido he que a sua privança seja privação. Por isso os validos com mais nobre, e heroica etimologia se chamaão privados, e

quan-

174 . *Vieira abbreviado*

quando elles folgarem de o fer, ou o Principe fizer que o sejaõ, ainda que não folguem, as privaçoens dos privados faraõ mais toleraveis as negaçoens dos que o não faõ. E defenganados os de mais com este exemplo, nem elles se atreverão a pedir o que se lhe deve negar, nem o Principe será forçado a negar o que lhe pedirem, ficando livre por este meyo de muitas, e molestas occasioens, em que contra o decoro, e agrado da Magestade seja obrigado a dizer não.

Num. 103. 783 O segundo meyo, ou industria de prevenir, e atalhar o não, e as occasioens de o dizer he que o Principe em todos os seus despachos, e resoluçoens seja inteiro, justo, e recto, e conhecido por tal. Desta justiça, e inteireza, (que por outra parte he a sua primeira obrigação) se seguirão dous effeitos notaveis. O primeiro, que ninguem se atreverá a pedir fenaõ o que for justo: o segundo, que pedindo todos sómente o justo, a todos concederá o Principe o que pedirem, e nunca dirá não.

Num. 104. 784 O mais justo, recto, inteiro, e constante homem, que houve entre os Romanos, foy Marco Porcio Cataõ. E que conseguiu com esta inteireza, e constancia de sua justiça inflexivel? Conseguiu, como refere Plinio, que ninguem no seu Consulado se atrevêo a lhe pedir cousa, que não fosse justa. Assim lho disse com admiração a eloquencia de Tullio: *O te felicem, Marce Porci, à quo rem improbam petere nemo audeat!* Tal será a reverência do governo, e tal a felicidade do Rey, que em todas suas resoluçoens, e despachos observar constantemente justiça. A justiça, como definem os Theologos, e Juristas, não he outra cousa, que huma perpetua, e constante vontade de dar a cada hum o que merece. Se esta vontade

Discurso LXXIV. 175

tade (que ordinariamente he tão mudavel nos affectos humanos) for constante, e perpetua no Principe, todos se desenganarão, que não haõ de alcançar d'elle, senão o que for devido a seus serviços, e proporcionado a seus merecimentos: e por meyo deste desengano conseguirá a felicidade de que ninguém se atreverá a lhe pedir, senão o que for justo: *O te felicem, à quo rem improbam petere nemo audet!* Felice; porque não se atrevendo ninguém a pedir, senão o justo, seraõ muito menos as petições, e requerimentos. Felice; porque não pedindo ninguém, senão o que lhe he devido, haverá com que satisfazer a todos. Felice; porque sendo as petições, e requerimentos justificados, sempre o Principe concederá o que se lhe pedir, e nunca dirá não. Não he melhor, e mais decente, e mais breve, e mais util, que o não o digaõ a si mesmos aquelles, que haviaõ de pedir, do que dizerlho a elles o Principe depois de pedirem? Pois isso he o que succederá, se ninguém se atrever a pedir, senão o que merecer.

785 Seja o Principe justo, e tão constantemente Num. 105. justo, que por nenhum outro motivo, nem respeito dê a ninguém, senão o que merecer, e lhe for devido, e logo os vassallos se não atreverão a pertender as semrazoens, e exorbitancias, que vemos, e se benzerão de pedir, como de tentação: *Non petam, & Isai. 7. 11. non tentabo Dominum.*

786 Oh se os Reys tantas vezes, e tão injuriosamente Num. 106. tentados ao menos não consentissem na tentação! Não digo, que castiguem severamente algumas petições, posto que imitariaõ nisso a Salamaõ, o qual por huma petiçãozinha (que assim lhe chamou a intercessora: *Petitionem parvulam*) mandou

cortar

cortar a cabeça a Adonias. E verdadeiramente ha petiçoens, que bem interpretadas são libellos infamatorios dos mesmos Principes, em cujas mãos se metem. Porque se são dolosas, como era esta de Adonias, suppoem que são nescios: se são exorbitantes, suppoem que são prodigos: se são contra os Canones Apostolicos, (como são muitas) suppoem que não são Catholicos: e de qualquer modo, que peçaõ o que não he justo, suppoem que são injustos. Mas se antes de fazerem as petiçoens suppozerem, e se desenganarem, que nenhuma cousa haõ de conseguir, senão o que ditar a inteira, e recta justiça, elles se comporão com a sua ambição, e tomarão por partido o não pedir: *Non petam*. Notai onde está o *Non*, e vede quanto mais conveniente he para o vassallo, e mais expediente para o governo, e mais decente para o Rey o não antes do *Petam*, que depois da petição. He mais conveniente para o vassallo, porque melhor lhe está, que desenganado tome por si mesmo o não, e o ponha antes das suas petiçoens, que ouvido depois dellas. He mais expediente para o governo, porque cessando o tumulto, e inundação dos requerimentos, que verdadeiramente o atogão, terão mais facil expedição os negocios. E finalmente he mais decente, e decoroso para o Rey, porque nenhum, que vier buscar o premio, ou o remedio aos pés da Magestade, se apartará delles descontente. Viraõ a ser por esta via todas as petiçoens da nossa Corte, como as que se despachão na do Ceo. David dizia a Deos: *Intret postulatio mea in conspectu tuo*. Entre, Senhor, a minha petição ao vosso conspecto. Nas Cortes da terra deseja o pertendente, que faya a sua petição, na do Ceo deseja, que en-

tre;

Discurso LXXIV. 177

tre ; porque huma vez ; que a petição foy tal , que podesse entrar , infallivelmente fahé despachada. Assim será cá tambem ; se ninguem pedir , fenaõ o que for justo ; porque o Rey justo á petição justa nunca pôde dizer naõ.

787 Mas que fará o Rey para adquirir este cre-^{Num. 107} dito , e reputação universal de justo , e por meyo della evitar as petições , e requerimentos injustos , sem os quaes fique livre dos inconvenientes , e dissabores do naõ ? Digo que só o poderá conseguir applicando o naõ tambem a si , e primeiro a si , que aos subditos. He grande documento do nosso texto , e digno de se reparar muito nelle. *Non est meum dare vobis* ; diz o Senhor , que o dar naõ he feu : e o naõ primeiro cahê sobre elle , que sobre os dous , a quem negou o que pertendiaõ. Primeiro sobre o *meum* , e depois sobre o *vobis*. Assim ha de fazer o Rey , que quer ser justo , e ter opiniaõ de tal. Cuidaõ os Reys , que o dar he feu ; e o Rey dos Reys diz , que naõ he feu o dar : *Non est meum dare*. Pois Christo em quanto Deos , e em quanto homem naõ he senhor de tudo ? Sim he. Logo pode-o dar a quem quizer , e como quizer ? Distingo : com justiça sim , sem justiça naõ. Santo Ambrosio : *Non est meum , qui justitiam servo , non gratiam* : Eu dou por justiça , e naõ por graça : por justiça he meu o dar , por graça , como vós quereis , naõ he meu : *Non est meum dare vobis*.

788 Nenhuma cousa anda mais mal entendida ,^{Num. 108} e peyor praticada nas Cortes , que a distincção entre a justiça , e a graça. Donde se segue , que apenas ha merce das que se chamaõ graça , que naõ seja injustiça , e contenha muitas injustiças. Naõ nego , que os Reys podem fazer graças , e que o fazellas he muito

178 *Vieira abbreviado*

proprio da beneficencia, e magnificencia Real; mas isso ha de ser depois de satisfeitas as obrigaçoens da justiça. O que perde não só o governo, mas as consciencias, e almas dos Principes, he cuidarem, que podem tudo, porque podem tudo. Se assim lho dizem, he lisonja, e se o crem, he engano. O Rey póde tudo o que he justo: para o que for injusto, nenhum poder tem. Esta he a verdadeira, e mayor lisonja, que se póde dizer aos Reys; porque he fazellos poderosos como Deos. Deos he omnipotente: e poderá Deos fazer huma injustiça? De nenhum modo. Pois assim devem entender os Reys, que são poderosos. E se os subditos se persuadirem, que o Rey assim o entende, e assim o observa, nem elles desenganados pedirão, senão o que for justo, nem o Rey importunado terá occasioens de dizer não.

Num. 109. 789 O terceiro meyo de se cortarem as occasiões de dizer não, he a observancia inviolavel das leys. Se as leys se conservarem em todo o seu vigor sem dispensação, sem privilegio, sem excepção da pessoa, o não diloha a ley, e não o Rey. As leys de Deos prohibitivas todas começam por não: *Non occides: Non mæchaberis: Non furaberis: Non falsum testimonium dices.* Houve algum homem até hoje, por atrevido, e insolente que leja, que fizesse petição a Deos para matar, para adulterar, para furtar, para levantar falso testemunho? Nenhum. Porque estas leys são inviolaveis, e indispensaveis. Pois o mesmo succederá ao Principe, se conservar, e mantiver as suas inviolavel, e indispensavelmente. E por este modo tão decoroso, e tão facil se livrará de muitas occasiões de dizer não, porque já o tem dito a ley.

Discurso LXXIV. 179

790 Pronunciou Deos depois do primeiro pec- Num 110.
 cado a ley universal da morte, á qual quiz que ficaf-
 se fujeito Adaõ, e todo o genero humano: e no mef-
 mo ponto, em que fez a ley, fez tambem, que fofle
 inviolavel. A ley da morte parece inviolavel de fua
 mefina natureza, mas naquelle tempo podiafe vio-
 lar facilmente; porque comendo Adaõ, e qualquer
 outro homem do fructo da arvore da vida, ficava
 ilento de morrer. E que fez Deos? *Ne forte sumat* Genef. 3.
etiam de ligno vitæ, & comedat, & vivat in æter- 21.
num: Porque não aconteça, que Adaõ affim como
 quebrou a primeira ley, comendo da arvore da fci-
 encia, quebre tambem a segunda comendo da arvo-
 re da vida, e fique immortal: *Collocavit ante Para-*
disum Cherubim, & flammeum gladium ad custodi-
endam viam ligni vitæ: Poz á porta do Paraifo hum
 Cherubim com huma espada de fogo, para que fem
 excepção defendeffe a entrada a todos; e fe algum
 intentaffe eximirfe da ley de morrer, morrefse pri-
 meiro. Esta foy a ordem cerrada do Cherubim, e
 este o rigor indifpenfavel da ley, da qual não quiz
 Deos, que fofle privilegiado nem feo proprio Filho.
 O privilegio chamafe em direito: *Vulnus legis*; fe-
 rida da ley; e o poder, e a espada do legislador não
 ha de fer para ferir as leys, fenaõ para ferir, matar,
 e queimar a quem intentar quebrallas, que por iffo
 a espada do Cherubim era espada, e de fogo. Bem
 podéra Deos cortar, ou fegar a arvore da vida, com
 que fe elcufavaõ todos aquelles apparatus de hor-
 ror; quiz porém, que a arvore ficaffe em pé, e a ley
 fe guardaffe com tudo inviolavelmente; para que
 entendeffem os legisladores, que ainda que elles pof-
 faõ dispensar nas leys, e o modo da difpenfação fe-
 ja fa-

180 *Vieira abbreviado*

ja facil , nem por isso o haõ de permittir. Mas , Senhor , a arvore da vida está carregada de fructos , huns nascem , outros cahem , e todos se perdem , podendo-se aproveitar com tanta utilidade. Oh malditas utilidades ! Este he o engano , que perde aos Principes. Dispensaõse as leys por utilidades , (que ordinariamente saõ dos particulares , e não suas) e abre-se a porta á ruina universal , que só se póde evitar com a observancia inviolavel das leys. Percaõse os fructos da arvore da vida , que saõ a mais preciosa cousa , que Deos creou : percaõse as mesmas vidas , e não se recupere a immortalidade : morra , e sepultese o mundo todo ; mas a ley não se quebre , nem se dispense.

Num. 111. 791 E que se seguio deste rigor indispensavel da ley ? Seguiu-se aquelle desengano universal , que Pl. 88. 4. prégon David: *Quis est homo , qui vivit , & non videbit mortem ?* Que homem ha , que viva , e não haja de morrer ? E desenganados huia vez os homens de que a ley era inviolavel , sendo a morte a cousa mais aborrecida , e a vida a mais amada , ninguem houve já mais , que se atrevesse , nem lhe viesse ao pensamento intentar ser dispensado para não morrer. Guardem-se as leys tão severa , e inviolavelmente , que se desenganem todos , que se não haõ de duvidar ; e com o não , que ellas dizem , se livrarão os Principes de o dizer.

Num. 113. 792 Eu não nego , que em materia de conceder , e negar póde haver mayor razão em huns , que em outros ; mas a consequencia de concedestes a outro , logo não me haveis de negar a mim , he argumento , que se não solta com mayor razão.

Num. 114. 793 Persuadase o Principe , que o que se concede

Discurso LXXIV. 181

de a hum, porque o pede, tambem se deve conceder aos outros, ainda que o não peçaõ. Entenda, que as dispensaçoens, e privilegios não só são feridas da ley, mas feridas mortaes, e que a ley morta não pôde dar vida á Republica: confidere, que as leys são os muros della, e que se hoje se abriu huma brecha, por onde possa entrar hum só homem, á manhã será tão larga, que entre hum exercito inteiro. Olhe para as leys politicas, para as ordenanças militares, e para tantas pragmaticas economicas, que sendo instituidas para remedio, vieraõ por esta causa a ser discreditado. E leja a ultima, e a unica resolução do Principe justo tratar as suas leys, como suas, sustentando-as, e mantendo-as em seu vigor inviolavel, e indispensavelmente; porque o que a ley nega a todos sem injuria, depois que se concede a hum, (ainda que seja com razaõ) não se pôde negar a outro sem agravado. E he inelhor, mais facil, e mais decente, que as mesmas leys digaõ o não conservandose, do que quebrallas o Principe pelo não dizer.

794 O quarto, e ultimo meyo, ou industria de Num. 115.
evitar o não he anticipar os provimentos, e não ter lugares vagos; porque tanto que o lugar está provido, cessaõ as pertençaõs. Admiravel he a diligencia, e cuidado, que a natureza poem em impedir o vacuo. E que em todo o universo não haja lugar vazio. A este fim vemos subir a agua, descer o ar, moverse a terra, romperemse os marmores, estallarem os bronzes, e correrem todas as creaturas com impeto contra suas proprias inclinaçoens. Daqui nascem os frequentes terremotos, e os extraordinarios, e horrendos, que não poucas vezes derrubaraõ, e destrui-raõ Cidades inteiras. O mesmo que faz a natureza

por impedir o vacuo, faz a ambição pelo occupar. E havendo lugares vagos, de todas as partes concorrem tumultuariamente a elles os pertendentes, não por impedir, (que só se impedem huns a outros) mas por occupar o vacuo, e tanto com mayor, e mais violento impeto, quanto a natureza acode ao bem commum do universo, e a ambição ao particular de cada hum. E quaes sejaõ os terremotos, e perturbaçoens da Republica, que daqui se levantaõ, basta que o digaõ as batalhas interiores de Roma no concurso dos Consulados. No governo Monarchico he muito facil atalhar todos estes inconvenientes, anticipando o vacuo de tudo aquillo, que se póde perceber, ou pedir, com prevenir vigilantemente, que não haja lugares vagos; e assim o deve fazer todo o prudente Principe.

Num. 117. 795 A mayor, e mais difficultosa occasião, que tem havido neste genero, foy o provimento da successão de David. Queria David, e sabia, que era conveniente ao bem do Reyno, que o seu successor fosse Salamaõ, e que assim o tinha Deos decretado. Contra isto estava ser Salamaõ illegitimo, e menor, e Adonias seu competidor não só legitimo, mas de todos os filhos de David, que entaõ viviaõ, o primogenito, e como tal assistido do sequito commum do Ecclesiastico, e popular, e de grande parte da milicia. Era chegado o negocio a termos, que em hum banquete, que naquella dia tinha dado Adonias a todos os Principes, e senhores da sua parcialidade, já se lhe faziaõ os brindes á saude d'ElRey. Teve noticia disto naquella mesma hora David; e que resolução tomaria? Selese, diz, a minha mula, (que eraõ os cavallo, de que entaõ usavaõ os Reys) monte nel-

Discurso LXXIV. 183

te nella Salamaõ, e ungido pelo Profeta Nathan
faya por Jerusaleem com trombetas, e atabales dian-
te, e digaõ todos: Viva ElRey. Assim se executou
no mesmo ponto. Ouvio-se no banquete com assom-
bro o som das trombetas, foubese o que passava,
retiraõ-se cheyos de medo os convidados, e todos no
mesmo dia beijaraõ a maõ a Salamaõ. Mas que razãõ
deo de si David, e do que tinha mandado? Como
respondeo ao direito, e pertençaõ de Adonias? E
como enfeitou, ou adoçou o naõ de o naõ ter no-
meado a elle? Nenhuma cousa lhe disse, nem teve
necessidade de lha dizer, porque vendo Adonias o
lugar provido, compoz-se com a sua fortuna, foy
beijar a maõ a Salamaõ, e nem a elle, nem a seu pay
replicou huma só palavra. Tanto importa o prom-
pto provimento dos lugares para pôr silencio á am-
bição dos pertendentes, e tambem ao naõ dos Prin-
cipes.

796 A praxe desta politica exercitou gloriosa- Num. 118.
mente no nosso Reyno ElRey D. Joaõ o II. digno de
ser chamado D. Joaõ o do bom memorial, assim co-
mo D. Joaõ o I. se chamou o de boa memoria. Ti-
nha este prudentissimo Rey hum memorial secreto,
no qual trazia apontados todos os que se avantaj-
vaõ em seu serviço, ou fossem Ministros do Estado,
ou da Justiça, ou da Fazenda, ou da Guerra: e segun-
do o merecimento de cada hum lhe tinha destinado
os lugares, e os premios, assim como fossem vagan-
do. Era proverbio dos Hebreos, de que tambem
usou Christo: *Ubi cumque fuerit corpus, illic congre-* Luc. 17. 37.
gabuntur & aquile. Onde houver corpo morto,
logo alli correrãõ as aguias. Falla das aguias vultu-
rinas, que sãõ aves de rapina, as quaes tem agudif-

184 *Vieira abbreviado*

sima vista, e subtilissimo olfato, e em vendo, ou cheirando corpo morto, logo correm a empolgar, e cevar-se nelle. Assim succede com a ambição dos per-tendentes a todos aquelles, por cuja morte vaga officio, cômenda, vara, cadeira, mitra, governo, ou outro emolumento util, e pingue, em que empre-gar (não digo as unhas) as mãos. Mas que fazia nes-tes casos quotidianos o Rey do bom memorial? Co-mo nelle tinha já destinadas as pessoas, a quem havia de fazer o provimento, respondia, que já o lugar, officio, ou beneficio estava provido, e as aguias, que corriaõ famintas aos despojos do morto, enco-lhiaõ as azas, embainhavaõ as unhas, e ainda que queriaõ grasnar, tapavaõ o bico.

Num. 119. 797 He o que aconteceo hoje aos nossos dous petendentes. No mesmo caminho, em que se fez a petição, acabava Christo de dizer, que hia a Jerusa-lem a morrer. Joaõ era a aguias, e Diogo seu irmaõ, e como lhe cheirou a corpo morto, tambem quize-raõ empolgar, e aproveitar-se da occasião; mas ainda que os lugares, que pediaõ, tivessem sido do morto, e elle fora como os outros mortos, que morrem, e não resuscitaõ, a razão, com que Christo lhes tapou a boca, foy com dizer, que aquelles lugares já esta-vaõ destinados, e dados a outrem: *Non vobis, sed quibus paratum est à Patre meo.*

Num. 121. 798 Temos apontado os meynos, com que anti-cipadamente se podem atalhar, ou diminuir as occa-siões de se dizer, nem ouvir este tão duro adverbio. Mas porque se podem offerecer com tudo algumas, em que seja forçoso negar, vejamos agora o modo, ou modos, com que nos taes casos com menos senti-mento dos vassallos, e menor mortificação do Prin-cipe,

Discurso LXXIV. 185

cipe se ha de dizer o não. ElRey, que está no Ceo, disse a hum seu confidente, que tinha vinte e quatro modos de negar: teve esta noticia hum Embaixador, que havia tempos requeria certo despacho, e com a confiança de criado antigo, que tinha sido de Sua Magestade, começou huma nova instancia com estas palavras: Cá ouço, que V. Magestade tem vinte e quatro modos de negar: Senhor, se V. Magestade tem vinte e quatro modos de negar, eu tenho vinte e cinco de pedir. Quaes fossem estes vinte e quatro modos de negar, eu o não sei, nem me occorrem; mas como são, e podem ser mais os modos de pedir, necessario será contra a importunidade dos pertendentes repulsallos talvez com hum não mais, ou menos desenganado segundo o que pedir a materia.

799 Primeiramente me parece, que são merece-Num. 122
dores de hum não muito claro, e muito seco certo genero de alvitreiros, que inventando, e offerecendo novos arbitrios, e industrias de accrescentar o erario, ou fazenda Real, juntamente dizem (e aqui bate o ponto) que elles haõ de ser tambem os executores, e para isso pedem meynos, e jurisdicoens. Nasceo cizania, diz Christo, entre a seara de hum pay de familias, o que vendo os criados, vieraõ logo mui zelosos encarecendo aquella perda da fazenda de seu amo, e offerecendo-se a ir mondar a seara, e arrancar a cizania: *Vis, imus, & colligimus ea?* Math. 13.
Quereis, senhor, que a vamos colher? Colher, disse-28.
raõ, e não arrancar, porque estes zelos, e offerecimentos sempre se encaminhaõ á colheita. Respondeo o pay de familias sem lhes agradecer o cuidado: e que respondeo? *Ait illis: Non.* Disselhe: Não. Af- Math. 13.
fim se ha de responder com hum não muito seco, e 29.
muito

186 *Vieira abbreviado*

muito resolutos a semelhantes propoſtas.

Num. 123. 800 Em outras occaſioens de negar ſe coſtuma eſcuſar hum não com outro; e porque he modo muito ordinario, e uſado, não he bem que paſſe ſem exame, e ſem censura. Em toda a terra, como demoſtra Ariſtoteles, he ley natural, que os ſabios governem, e os que menos ſabem, obedeçaõ, e ſirvaõ. Em toda a terra he ley natural confirmada com as civis, que os que forem mais eminentes em cada genero, ſubaõ aos mayores lugares, e tenhaõ os primeiros premios. Mas tiraſe por excepçaõ a noſſa terra, na qual para alcançaõ eſtes premios, e para ſubir a eſtes lugares não baſta a eminencia dos talentos, nem dos merecimentos, ſe falta certo grao de qualidade, baſtando ſó eſſa qualidade ſem outro merecimento, nem talento para pertender, e alcançaõ, ou alcançaõ ſem pertender os meſmos lugares. E ſe os eſtrangeiros ſe admiraõ, e palmaõ de ver, que os homens, que elles, e o mundo venera, não occupem aquelles poſtos, respondeſe a eſte não com

Genef. 29. outro não: *Non eſt in loco noſtro conſuetudinis*. Se hum dos noſſos pertendentes do Euangelho (e ſeja Santiago, que veyo a Portugal) viera hoje, e em lugar da cadeira, que pedio, pertendera a de qualquer Biſpado do Reyno, haviaõlhe de responder, que no Reyno não; porque era filho de hum peſcador: que Num. 124. o mayor favor, que ſe lhe podia fazer, era darlhe hum Biſpado ultramarino: e logo lhe nomeariaõ ſatyricamente o de Meliapor por ſer na coſta da Peſcaria. Se Joſué conquiſtador de trinta e tres Reynos, e de quem ſe prezou o Sol ſer ſoldado, quizeſſe ſer Capitaõ General, tambem lhe haviaõ de oppor, que tinha ſido criado de Moysés: e Joſeph, o qual teve mayor

Discurso LXXIV. 187

mayor industria, que todos os homens, para adquirir fazenda a seu Rey, e mayor fidelidade para a conservar, se quizesse ser Veador da Fazenda, vede se lho consentiriaõ as ovelhas, que tinha guardado seu pay? Não fallo em Bartholo, se lhe viesse ao pensamento a regencia da Justiça, ou a Navarro a da Consciencia; porque o segundo tendo ensinado em Portugal com assombro de todas as Universidades o que aprendeo na de Coimbra, foy a tomar por si o não, e ir morrer em terras estranhas, porque se lhe não dissesse na nossa: *Non est in loco nostro consuetudinis*. A censura deste, que se chama costume, he que não he costume, senão abuso contrario á natureza, á razaõ, á virtude, e prejudicial á Republica: e que os Principes, que se escusaõ com este modo de não, elle não só os não escusa, mas accusa, e condemna mais, fazendo-os odiosos aos vassallos, ao mundo, e ao mesmo Deos, o qual por isso fez a todos os homens filhos do mesmo pay, e da mesma mãy.

801 Excluido pois este abuso particular da nossa Num. 125?
terra, o modo, que em todas, e todos approvaõ, e os melhores politicos ensinaõ, como mais decente, he, que nas occasioens de negar, para abrandar a dureza do não, depois de mandar consultar as materias, se escuse o sabio Principe com os seus Concelhos. He necessario porém advertir neste meyo, que deve ser applicado com tal moderação, e cautela, que por enfeitar o não não se afee a authoridade do Rey, nem o credito dos Concelhos, nem as mesmas razoes da escusa. Havendo pois o Principe de se escusar, ou escudar com os seus Concelhos, diga, que mandou considerar a materia, e que se conformou com elles, e não diga mais.

DIS-

DISCURSO LXXV.

Tirado de hum sermaõ da terceira Dominga do Advento, prégado na Capella Real.

PERTENCOENS.

Part. 6.

Num. 105.

802 **H**Uma cousa, que eu desejava muito ao Reyno de Portugal, conta o Evangelista S. Joaõ, que se vio hoje na Republica de Jerusalem. Diz, que os do governo daquella grande Cidade mandaraõ humba embaixada aos desertos de Judea, na qual offereciaõ ao Bautista a mayor dignidade, que nunca houve no mundo, querendo-o reconhecer, e adorar por Messias. O que reparo muito neste caso he, que em vez de o Bautista vir do deserto á Corte a pertender a dignidade, a dignidade foy da Corte ao deserto a pertender o Bautista. E isto he o que eu desejava, como dizia, para o nosso Reyno. He força, que haja pertençaens, e pertendentes, mas estes não haõ de ser as pessoas, senaõ os officios. E porque? Porque não póde haver nem mais bem governada, nem mais bem servida Republica, que onde os officios forem os pertendentes, e os homens os pertendidos. Assim foy hoje o Bautista o pertendido, e o Messiado o pertendente.

Num. 107.

803 Oh que venturoso seria o nosso Reyno, se nelle se introduzisse esta nova, e admiravel politica! Num. 108. Em todo o Reyno bem governado não devem os homens pertender os officios, senaõ os officios pertender os homens. As razoes desta politica do Ceo pouco entendida, e menos praticada na terra saõ muitas.

Discurso LXXV. 189

muitas. Eu para mayor brevidade, e clareza a reduzirei neste discurso a tres principaes com nome de conveniencias. Primeira; porque andarão mais authorizados os officios. Segunda; porque estará mais desembaraçada a Corte. Terceira; porque vivirão mais descansados os benemeritos.

804 Quanto á primeira conveniencia de que os officios, quando não forem pertendidos, então serão mais authorizados, não faltará quem cuide, ou diga o contrario: e parece que com bons fundamentos. Não he grande authoridade, e credito do ouro entre os outros metaes, que todos o desejem, procurem, e fação tantos extremos por elle? Não foy grande authoridade da formosura, que pela de Helena contendessem com tanto empenho, e se dessem tantas batalhas a Grecia, e Troya? Logo da mesma maneira será grande authoridade, e credito dos officios, que concorraõ muitos a os pertender, e que a ambição, e emulação dos oppositores se empenhe com todas as forças em os conleguir. E quanto maiores forem as negociaçoens, as diligencias, as controversias, as valias, e ainda as adulaçoens, e os sobornos dos que os pertendem alcançar, tanto mais crescerá a estimação, e authoridade dos mesmos officios assim pertendidos. Pelo contrario se elles forem os que haõ de pertender, não terãõ estimação, nem sequito, e ficarão solitarios, e quando menos mal-providos. Já Tertuliano ponderou gravemente a quantas indignidades se sujeitaõ, e abatem os que pertendem subir ás dignidades: e se os officios se fizerem pertendentes, pelo mesmo caso se farão indignos, e perderão o nome da honra, e dignidade, que he o que os acredita, e authoriza.

190 *Vieira abbreviado*

Num. 110. 807 Ora antes que desfaça a apparencia destas objecções, quero-as convencer com a evidencia de hum exemplo, que todos trazemos diante dos olhos, e ninguem o póde negar. O officio, os Embaixadores, e os que hoje os mandaraõ, e o mesmo Bautista tudo era ecclesiastico, seja pois tambem ecclesiastico o exemplo. Pergunto: Quando esteve mais authorizado na Igreja o officio, e dignidade Episcopal? Quando os Santos (de que he infinito o numero) se não atreviaõ a o pertender, mas pertendidos elles, buscados, e acclamados se metiaõ pelos bosques, e se escondiaõ nas covas, temendo, e fugindo de taõ alta dignidade? Ou agora quando tantos frequentaaõ os palacios dos Reys, e os tribunaes, e casas dos ministros, fazendo opposiçaõ com a cara descuberta ás Mitras, e ostentando letras, antiguidades, e cargos da Religiaõ, e talvez os procedimentos, e as mesmas virtudes, para que as cabeças cheas destes pensamentos sejaõ coroadas com aquella sagrada insignia? Torno a perguntar: Quando esteve o officio, e dignidade Episcopal mais authorizada: agora quando tantos a pertendem, ou quando ella era a pertendente? Agora que a procura descubertamente a ambiçaõ, ou quando a recusava a modestia, e fugia della a consciencia? Os mesmos sagrados Canones respondem á minha pergunta, e que dizem? *Queratur cogendus, qui rogatus recedat, & invitatus fugiat.* Notai a palavra *Queratur*, busquesse. E quem ha de ser buscado? O Bispado, e o officio? Não, senão o homem digno d'elle. E esse homem digno, que qualidades ha de ter? Grande casa? Grande nobreza? Grande appellido? Grandes cargos antecedentes? Não diz isto o Canon. Pois que diz? Que seja tal, que
o ha-

Discurso LXXV. 191

o hajaõ de obrigar por força a aceitar: *Queratur cogens*, e que rogado com a Igreja se retire, e convidado com a dignidade fuja della: *Qui rogatus recedat, & invitatus fugiat.*

806 E quanto ao concurso dos pertendentes, e Num. 114.
competidores, quando os homens são os que pertendem os officios, e não elles aos homens, tão fóra está esta multidão de accrescentar a authoridade ao officio, que antes se desacredita a si, e a elle, e se não digaõ os mesmos pertendentes, porque pertendem o officio? Ou pela honra, ou pelo interesse: se pela honra, mal a podem dar ao officio os que se pertendem honrar com elle: e se pelo interesse, bem se vê, que não querem o officio para o servir, senão para se servirem delle: e onde ficará o officio mais autorizado: onde servir, ou onde for servido? Pelo contrario, quando o officio he o pertendente do homem, sendo o homem sempre o mais digno, na mesma dignidade do homem pertendido se conserva a authoridade do officio pertendente, e na exclusão dos indignos sempre excluidos fica sempre a authoridade segura de se arriscar, ou perder.

807 Seguiase agora a segunda conveniencia de Num. 124.
que por este modo estariaõ mais desembaraçadas as Cortes, ponto de pouco gosto, e utilidade para os que neste embaraço tem a sua lavoura, e sem cavar nem semear, a sua colheita. Mas porque este tumulto, e confusão nas portas, e escadas dos ministros, e nas mesmas ruas he tão frequente, que igualmente tropeçam nellas os pés, e os olhos, para não gastar o pouco tempo, que nos resta, em materia tão sabida, e tão vista, deixada a conveniencia della á consideração dos que me ouvem, passemos como mais im-
por-

192 *Vieira abbreviado*

portante, e menos advertida á terceira.

Num. 117.

808 A terceira conveniencia deste trocado modo de pertender he, que viviráõ mais descansados os benemeritos. Procuraráõ sómente merecer, estando muito certos, que ainda que vivaõ retirados da Corte, e muito longe dos olhos do Principe, lá os iráõ buscar, e pertender as dignidades, como ao Bautista no seu deserto. Consideraime (diz S. Basilio) a Deos no Ceo, e a David no campo, e notai quaõ diferentes são no mesmo tempo os cuidados do supremo Monarcha, e do humilde pastorinho. David está solícito sobre o rebanho, e Deos fazendo conselhos sobre David: David levando as ovelhas ao pasto, e Deos preparandolhe o throno. Ainda eu considero mais descansado a David, do que a eloquencia de Basilio o representa. Quando elle fugindo de Saul se acolheo á Corte d'ElRey Achiz, e para viver se fingio doudo, valia-se para esta dissimulação das artes, em que se exercitara quando pastor, e hum era tocar o tamboril, e a frauta. Assim o exprime o texto Grego. Consideraime pois ao pastorzinho como Tityro á sombra da faya tocando a sua frauta, e Deos, que lhe conhecia o talento, decretandolhe a coroa. Póde haver mayor cuidado no Ceo, e mayor descanso na terra? Pois este he o que gofáõ no seu retiro os benemeritos.

Num. 118.

809 Passemos do campo ao mar, e ponhamonos nas prayas, e ribeira do Tiberiades. Por ventura em toda a sua vida, quando Pedro ouvia dizer, que em Jerusalem residia o Summo Pontifice, ou fosse Simon, ou Mathias, ou Joazaro, ou Eleazaro, ou Anano, ou Caifaz, que são os que succederaõ em seu tempo, veyolhe algum dia ao pensamento, ou acor-

Discurso LXXV. 193

acordado, ou sonhando, que poderia elle subir áquella suprema dignidade? He certo, que nunca a sua barca navegou com tão prospero vento, e maré, que tal cousa lhe passasse pela imaginação. E com tudo desde a sua eternidade o tinha Deos destinado para outra, e mais universal tiara, não dependente dos Cesares Romanos, ou dos seus Tenentes na Syria, e na Judea, que eraõ os que punhaõ huns, e despunhaõ outros, mas estabelecida em si, e em seus successores pela eleição immutavel da providencia divina.

810 Se não bastaõ os exemplos humanos para Num. 122 nos persuadir esta honrada, e descansada industria; põnhamos os olhos em todas as outras creaturas, a que a natureza não deo razaõ, nem sentido, e veremos como todas as que tem valor, e prestimo, occupadas sãõ em crescer, e se fazer a si mesmas, sem ellas pẽtenderem, nem buscarem a outrem, todas as buscaõ, e pertendem a ellas. Que fazia a oliveira, a figueira, e a vide, senaõ carregar-se de fructos, quando toda a republica verde das arvores, e plantas lhe foy offerecer o governo, e o imperio? Não o quizeraõ aceitar, porque se contentaraõ com o merecer. Deixese crescer o pinheiro, e subir até ás nuvens na Noroega, que lá o irãõ tirar para mastro grande, e levar a bandeira no tope. Cresça também o cedro gigante do Libano, e saiba, que quando daquelle monte for passado ao de Sion, não he para o sobredourar o ouro do templo, mas para elle com mayor dignidade cobrir, e revestir o mesmo ouro. Bem mal cuidava o marfim na sua fortuna, quando se via endurecer nos dentes do elefante, e dalli foy levado para throno de Salamaõ. Que descuidados

crescem os rubins em Ceilaõ, e em Collocondâ os diamantes, e lá os mandaõ conquistar com armadas os Reys para resplendor, e ornato de suas coroas. Empreguem logo o seu cuidado os grandes sujeitos em aperfeiçoar os talentos, e dotes, que nelles depositou a natureza, ou a graça, e se por retirados, e escondidos cuidarem, que perdem o tempo, e estimação, lembremse, que sepultadas as perolas no fundo do mar, e a prata no centro da terra, nem ás perolas falta quem pelas desafogar afogue a respiração, nem á prata quem pela desenterrar enterre a vida.

Num. 123.

Os que se acharem com espiritos guerreiros, exercitem a architectura militar, e a formatura dos exercitos na paz, e dem sós por sós consigo as batalhas secas, para que depois as possuão tingir no sangue dos inimigos. O politico faça-se versado em toda a lição das historias, e aprenda mais na pratica dos exemplos, que na especulação do discurso a resolução dos casos futuros, e a experiencia dos passados. O inclinado ás letras procure com o estudo universal as noticias de todas as sciencias, e não cuide, que só com a memoria de poucos textos das leys lhe podem dar as demandas, e trapaças o falso, e mal merecido nome de letrado: em fim por humilde, e rasteira que seja a inclinação, ou fortuna de cada hum, faça-se no seu estado insigne, lembrandose que os antigos Romanos do arado eraõ escolhidos para o batão, e do triunfo tornavaõ outra vez ao arado.

Discurso LXXVI. 195

DISCURSO LXXVI.

*Tirado de hum sermão da terceira quarta feira da
Quaresma pregado na Capella Real.*

PERTENDENTES CONSOLADOS.

811 **D**ous lugares, e dous pertendentes, hum Part. 1.
col. 299. memorial, e hum intercessora, hum Principe, e hum despacho são a representação politica, e a historia christã deste Euangelho. Nos lugares temos as merces, nos pertendentes as ambiçoens, na intercessora as valias, nõ memorial os requerimentos, no Principe o poder, e a justiça, no despacho o desengano, e o exemplo. Este ultimo ha de ser a veyra, que hoje havemos de sangrar. Queira Deos, que a acertemos, que he muito funda. A enfermidade mais geral, de que adoecem as Cortes, e a dor, ou o achaque, de que todos cõmunmente se queixaõ, he de mal despachados. Em alguns se queixa o merecimento, em outros a necessidade, em muitos a propria estimaçaõ, e em todos o costume. O benemerito chamalhe semrazaõ, o necessitado diz, que he crueldade, o presumido toma-o por aggravado, e o mais modesto dalhe nome de desgraça, e pouca ventura. E que naõ houvesse atégora no pulpito quem tomasse por assumpto a consolaçaõ desta queixa, o alivio desta melancolia, o antidoto deste veneno, e a cura desta enfermidade? Muitos dos enfermos bem haviaõ mister hum hospital. Mas á obrigaçaõ desta cadeira (que he de Medicina das almas) só lhe toca disputar a doença, e receitar o remedio. E se este for

provado, e pouco custoso, será facil de applicar. Ora eu movido da obrigação, e da piedade, e parecendo-me esta materia huma das mais importantes para todas as Cortes do mundo, e a mais necessaria para a nossa no tempo presente, determino prégar hoje a consolação dos mal despachados. Nem com a ambição dos Zébedeos hei de condemnar os pertendentes, nem com a negociação da mãy hei de arguir os intercessores; nem com a resolução de Christo hei de abonar os Principes, e os Ministros: só com o desenganho do requerimento: *Nescitis quid petatis*, pertendo consolar efficazmente a todos os que se queixaõ dos seus despachos, ou se sentem dos alheyos. Consolar hum mal despachado he o assumpto do sermaõ.

Jerem.
Thren. 1.
17,

812 Havendo pois de consolar hoje os mal despachados, aquella gente muita, e não vulgar, de quem se póde dizer: *Non est qui consoletur eam*, para que procedamos distintamente, e fallemos só com quem devemos fallar, he necessario excluir primeiro desta honrada lista os que importunamente, e sem razão se querem meter nella. E quem são estes? São aquelles, que sendo hoje tanto mais do que eraõ, e tendo tanto mais do que tinhaõ, e estando tanto mais levantados do que estavaõ, ainda se queixaõ, e se chamaõ mal despachados.

813 Adão antes de Deos o formar, não era nada: formado era huma estatua de barro lançada naquelle chaõ: bafejou-o Deos, pozse Adão em pés, começou a ser homem, e foy com tão extraordinaria fortuna, que tinha (diz o texto) elle só tres presidencias. A presidencia da terra sobre todos os animaes, a presidencia do ar, sobre todas as aves, a presiden-

Discurso LXXVI. 197

fidencia do mar sobre todos os peixes. Estava bem despachado Adaõ? Parece, que não podia ser mais, nem melhor. Com tudo nem elle, nem sua mulher ficaraõ contentes, ainda pertendiaõ. E que? Não mais, que ser como Deos: *Eritis sicut Dii*. Ha tal Genes. 3. 5. ambição de subir? Ha tal desatino de crescer? An-

tehontem nada, hontem barro, hoje homem, á manhã Deos? Não se lembrará Adaõ do que era hontem, e muito mais do que era antehontem? Quem hontem era barro; não se contentará com ser hoje homem, e o primẽiro homem? Quem antehontem era nada, não se contentará com ser hoje tudo, e mandar tudo? Não. Porque já entãõ era Adaõ, como hoje são muitos de seus filhos, que sahem como elle ao barro, e ao nada, de que foraõ creados. Mal creados, e maos criados; por isso descontentes, e ingratos, quando deveraõ estar mui contentes, e mui agradecidos. E a razão desta semrazaõ he; porque dos sentidos perderaõ a vista, e das potencias a memoria, nem olhaõ para o que são, nem se lembraõ do que foraõ.

814 Mas do que ereis, e do que sois, passemos ao que tinheis, e ao que tendes. Enthronizado Joseph no governo, e Imperio do Egypto, soube ElRey Faraó, que tinha pay, e irmãos na terra de Canaan, e mandou-os logo chamar, para que viessem ser companheiros da fortuna de seu irmão. O recado foy notavel, e dizia assim: *Properate, nec dimittatis quidquam de supellectili vestra, quia omnes opes Egypti vestrae erunt*: Vinde logo, e não deixeis cousa alguma das vossas alfayas, porque todas as riquezas do Egypto haõ de ser vossas. Este porque não entendo. Antes, porque todas as riquezas do Egypto haviaõ de ser suas, não era necessario, que trouxessem cou-

la alguma do que tinhaõ em Canaan. Pois porque lhes manda Faraó, que tragaõ todas as suas alfayras. Por isso mesmo: para que cotejando as alfayras da fortuna presente com as da fortuna passada, conhecessem melhor a merce, que o Rey lhes fizera. Eraõ os irmãos de Joseph huns pobres lavradores, e pastores: sahiaõ das cabanas, e telhados de colmo para virem morar em palacios dourados debaixo das pyramides, e obeliscos do Egypto. Pois tragaõ as suas pelles, as suas mantas, os seus pellotes de pano da ferra: tragaõ as suas çamarras, as suas alparcas, as suas gualteiras: tragaõ as suas escudellas de pao, e os seus tarros de cortiça, para que quando se virem com as paredes ricamente entapizadas, a prata rodar pelas mesas, a seda, e ouro das galas, as perolas, e os diamantes das joyas, os criados, os cavallos, as carroças, conheçaõ quanto vai de tempo a tempo, e de fortuna a fortuna, e dem muitas graças a Faraó. Quer cada hum conhecer, e ver, e apalpar a muita merce, que o Rey lhe tem feito? Coteje as suas alfayras, as de casa, e as da rua, as suas, e as dos seus. A comparaçaõ deste muito com aquelle pouco oh quanto serviria para o agradecimento, e para a modestia, e ainda para fazer lastro á mesma fortuna!

815 Visto já o que ereis, e o que sois, o que tinheis, e o que tendes, resta a combinaçaõ dos lugares, onde estaveis, e onde estais. No segundo livro dos Reys cap. 7. estaõ registadas as merces, que Deos tinha feito a David, e diz assim o registo: *Ego tuli te de pascuis sequentem greges, ut esses dux super omnem populum*: Eu (diz Deos) tirei a David de entre os pastores, onde guardava as ovelhas de seu pay, e o fiz Capitaõ, e Governador sobre

Discurso LXXVI. 199

bre todo o meu povo. Não só diz Deos o lugar, onde o poz, senão também o lugar, donde o tirou: o onde, e mais o donde. Pois, Senhor meu, que tão grandioso fois, se quereis, que fiquem registadas em vossos livros as merces, que fizestes a David, porque mandais, que se registem também nelles o exercicio, de que vivia, e o lugar humilde, de que o levantastes? Para que á vista deste lugar conheça melhor David a grande merce, que lhe tenho feito. Quando se vir com o bastão na mão, lembrese que na mesma mão trazia o cajado. Se algum dia (que tudo se póde temer dos homens) lhe parecerem pequenas a David as merces, que lhe fiz, lembrarse-ha do lugar, que tinha antes, e do que tem agora: lembrarse-ha donde o tirei, e onde o puz, e logo lhe parecerão grandes. Estes ondes, e estes dondes não se costumão registar nos livros das merces. Seria bem, que ao menos se registassem nas memorias dos que as recebem. Já que tivestes tanta estrellá, pondelhe huma estrellinha á margem. Lembrese o descontente com David onde estava, e onde está: lembrese com os irmãos de Joseph do que tinha, e do que tem: lembrese com Adão do que era, e do que he, e logo verá qual deve ser o queixoso, se o despacho, ou o despachado.

816 Não despachou Christo hoje os nossos per-tendentes; mas eu noto, que nenhum delles se queixou. Pedirão as duas supremas cadeiras do Reyno, pedirão que Christo os despachasse logo, com tres letras: *Dic: Dic, ut jedeant hi duo filii mei*. E foraõ respondidos logo com outras tres: *Non: Non est meum dare vobis*. E sendo este não tão claro, tão seco, tão defenfeitado, queixouse por ventura a in-

terceffora? Queixaraõse os pertendentes? Nem hum
 ma palavra disseraõ. E porque? Porque eraõ gente
 que sabia tomar as medidas á sua fortuna. Compara-
 raõ o que tinhaõ sido com o que eraõ, e o que eraõ
 com o que pertendiaõ ser. Na comparação do que ti-
 nhaõ sido com o que eraõ, viaõ a melhora do seu
 estado: na comparação do que eraõ com o que per-
 tendiaõ ser, reconheciaõ o excesso da sua ambição.
 E estas duas comparaçoens lhes taparaõ a boca de
 maneira, que não teve por ondê brotar a queixa.
 Hontem remando a barca, e remendando as redes,
 hoje despachados cada hum de nós com hum das
 doze cadeiras do Reyno de Christo: e que ainda não
 estejamos contentes, e nos atrevamos a pertender os
 dous lugares supremos? Mais razaõ tem logo nosso
 Mestre de negar, do que teve nossa mãy, e nós de
 pedir. Elle negou como justo, nós pedimos como
 demasiados, e nescios: *Nescitis quid petatis*.

817 Excluidos já os queixosos, e descontentes
 sem causa, (e que por ventura saõ a causa de haver
 tantos descontentes) ouçaõ agora os benemeritos
 mal despachados a muita razaõ, que tem de se conso-
 lar. A do Euangelho, como logo mostrarei, he a mais
 forte de todas. Mas sem recorrer a motivos da fé, se
 eu fora hum dos benemeritos, em mim mesmo, e no
 meu proprio merecimento achára taõ grandes ra-
 zoens de me consolar, que sem outra merce, nem
 despacho me dera por mui contente, e satisfeito.
 Discorrei hum pouco comigo.

818 Ou mereceis os premios, que vos faltaõ, e
 com que vos faltaõ, ou não: se os não mereceis, não
 tendes de que vos queixar: se os mereceis, muito me-
 nos. Ainda não sabieis, que não ha virtude, nem
 mere-

Discurso LXXVI. 201

merecimento sem premio? Assim como o vicio he o castigo, assim a virtude he o premio de si mesma. O mayor premio das acçoens heroicas he fazellas. Com melhores palavras o disse Seneca, porque fallava em melhor lingua: *Quid consequar, inquis, si hoc fortiter, si hoc gratè fecero? Quod feceris: Se* Senec. de beneficiis lib. 4. cap. 1. me perguntas, que as de conseguir pelo que fizeste ou forte, ou generosamente, respondote, que te-lo feito: *Rerum honestarum pretium in ipsis est: O* premio das acçoens honradas, ellas o tem em si, e o levaõ logo consigo, nem tarda, nem espera requerimentos, nem depende de outrem: saõ satisfação de si mesmas. No dia, em que as fizestes, vos satisfizestes.

819 E se fóra de vós mesmo esperaveis outro premio, contentaivos com o da opiniaõ, e da honra. Se vossos serviços saõ mal premiados, bastevos saber, que saõ bem conhecidos. Este premio mental assentado no juizo das gentes ninguem volo póde tirar, nem diminuir. Que importa, que subais mal consultado dos Ministros, se estais bem julgado da fama? Que importa, que sahisseis escusado do tribunal, se o tribunal fica accusado? Passai pela chancellaria esse despacho, deixai-o por brazaõ a vossos descendentes, e sereis duas vezes glorioso. Só vos dou licença, que vos arrependais de ter pertendido. Pouco fez, ou baixamente avalia suas acçoens quem cuida, que lhas podiaõ pagar os homens.

820 Se servistes a patria, que vos foy ingrata, vós fizestes o que devieis, ella o que costuma. Mas que paga mayor para hum coraçãõ honrado, que ter feito o que devia? Quando fizestes o que devieis, entãõ vos pagastes. Ouvi ao Mestre divino, que tudo nos ensina. Dizia Christo a seus soldados, a quem encar-

Luc. 17.
10.

encarregou não menos, que a conquista do mundo, em que todos deraõ a vida: *Cum feceritis omnia, dicite: Servi inutiles sumus*: Quando fizerdes tudo, dizei, que sois servos inuteis. Notavel sentença! O servo inutil he aquelle, que não faz nada; mas o que faz muito, e muito mais o que faz tudo, ha de cuidar, e dizer, que he servo inutil? Sim. Ninguem entendendo melhor este texto, que o veneravel Beda. Não falla Christo da utilidade, que recebe o Senhor, senão da utilidade, que não recebe o servo. O servo não recebe utilidade do seu serviço, porque he obrigado a servir: e assim ha de servir, quem serve generosamente. O mesmo Christo se declarou, e deo a razão muito como sua: *Quod debuimus facere, fecimus*: O que deviamos fazer, isso fizemos. Quem fez o que devia, devia o que fez, e ninguem espera paga de pagar o que deve. Se servi, se pelejei, se trabalhei, se venci, fiz o que devia ao Key, fiz o que devia á patria, fiz o que me devia a mim mesmo: e quem se desempenhou de tamanhas dividas, não ha de esperar outra paga. Alguns ha tão desvanecidos, que cuidaõ, que fizeraõ mais do que deviaõ. Enganaõie. Quem mais he, e mais póde, mais deve. O Sol, e as estrellas servem sem cessar, e sempre com grande utilidade; mas effa toda he do universo, e nada sua. Prezaivos lá de filhos do Sol, e tão illustres como as estrellas, e abateivos a mendigar outra paga!

821 Eu não pertendo com isto escusar os que vós accusais. Porque vós sois benemerito, não devem elles ser injustos; antes aprender da vossa generosidade a ser generosos, e liberaes. Que daõ, ou que podem dar a quem deo por elles o sangue? Mas
por-

Discurso LXXVI. 203

porque ainda com o pouco, que podem, faltao ao agradecimento, quero eu que vos não falte a consolação. Se vosso feitos foraõ Romanos, consolaivos com Catao, que não teve estatua no Capitolio. Vinhaõ os estrangeiros a Roma, viaõ as estatuas daquelles varoens famosos, e perguntavaõ pela de Catao. Esta pergunta era a mayor estatua de todas. Aos outros pozlhes estatua o Senado, a Catao o mundo. Deixai perguntar ao mundo, e admirarse de vos não ver premiado. Essa pergunta, e essa admiração he o mayor, e melhor de todos os premios. O que vos deo a virtude, não volo póde tirar a inveja: o que vos deo a fama, não volo póde tirar a ingraticidão. Deixai os ser ingratos, para que vós sejais mais glorioso. Hum grande merecimento sobre huma grande ingraticidão fica muito mais subido. Senão houvessem ingraticidoens, como haveria finezas? Não deis logo queixas ao desagradecimento, dailhe graças.

822 Dirmeheis, que vedes differentemente premiados os que fizeraõ menos, ou não fizeraõ nada. Dor verdadeiramente grande! Já disse huma Rainha ^{In vita} de Castella, que os seus serviaõ como vassallos, os ^{Joan. 2.} nossos como filhos. E não póde deixar de ser grande escandalo do amor, e grande monstruosidade da natureza, que fossem huns os filhos, e sejaõ outros os herdeiros. Mas essa mesma injustiça vos deve servir de consolação. Se o mundo, e o tempo fora taõ justo, que distribuiria os premios pela medida do merecimento, entãõ tinheis muita razão de queixa; porque vos faltava o testemunho da virtude, para que os mesmos premios foraõ instituidos; mas quando as merces não são prova de ser homem, senão de ter homem, e quando não significaõ valor, senão.

senão valia, pouca injuria se faz a quem se não fize. Dizia com verdadeiro juizo Marco Tullio, que as merces feitas a indignos não honraõ os homens, e affrontaõ as honras. E assim he. As commendas e semelhantes peitos não são cruz, são aspa, e quando se vem tantos entambenitados da honra, bem vos podeis honrar de não ser hum delles. Sejaõ effes emboa exemplo da fortuna, sede-o vós da virtude: *Virtutem ex me, fortunam ex aliis.*

Virgil.
Æn. 12.

823 Finalmente se os homens vos são ingratos não sejais vós ingrato a Deos. Se os Reys vos não dão o que podem, contentaivos com que vos deem Deos o que não podem dar os Reys. Os Reys podem dar títulos, rendas, estados; mas animo, valor, fortaleza, constancia, desprezo da vida, e as outras virtudes, de que se compoem a verdadeira honra, não podem. Se Deos vos fez estas merces, fazei pouco caso das outras, que nenhuma vale o que custa. Sobre tudo lembrese o Capitaõ, e soldado famoso de quantos companheiros perdeu, e morrerão nas mesmas batalhas, e não se queixaõ. Os que morrerão fizeraõ a mayor fineza, porque deraõ a vida por quem lha não pôde dar. E quem por merce de Deos ficou vitorioso, e vivo, como se queixará de mal despachado? Se não beijastes a mão Real pelas merces, que vos não fez, beijai a mão da vossa espada, que vos fez digno dellas. Olhe o Rey para vós como para hum perpetuo acredor, e gloriaivos de que se não possa negar de devedor vosso o que he senhor de tudo. Se tivestes animo para dar o sangue, e arriscar a vida, mostrai, que tambem vos não falta para o soffrimento. Entaõ batalhastes com os inimigos, agora he tempo de vos vencer a vós. Se o soldado se vê

Discurso LXXVI. 205

vê despidido, folgue de descobrir as feridas, e de envergonhar com ellas a patria, por quem as recebeo. Se depois de tantas cavallarias se vê a pé, tenha essa pela mais illustre carroça de seus triumphos. E se em fim se vê morrer á fome, deixese morrer, e vinguet. Perdeloha quem o não sustenta, e perderá outros muitos com esse defengano. Não faltará quem diga por elle: *Quanti mercenarii abundant panibus, ego autem hic fame pereor!* Este ingrato, e escandaloso epitafio será para sua memória muito mayor, e mais honrada commenda de quantas podem dar os que as dão em huma, e muitas vidas.

824 Estes são os motivos gloriosos, com que eu não só me consolara, mas ainda me devanecera, se fora hum dos mais benemeritos. Mas (porque *Non omnes capiunt verbum istud*) vamos á razão divina do Evangelho, com que se não podem deixar de consolar, e conformar todos os que tem fé, e ainda os que a não tem. Ouvime ao principio como homens, e depois como Christãos. *Nescitis quid petatis.* Não sabeis o que pedis. Nenhum homem ha neste mundo, (fallando do Ceo abaixo) que saiba o que deseja, nem o que pede. Fundemos esta verdade na experiencia, para que as consequencias della sejaõ de mayor, e mais segura consolação. E porque a petição do Evangelho foy de huma mãy, e dous filhos, põnhamos tambem o exemplo em dous filhos, e huma mãy.

825 A mais encarecida, a mais empenhada, e a mais importuna, e impaciente petição, que fez mulher neste mundo, foy a de Rachel a seu marido Jacob: *Da mihi liberos, alioquin moriar:* Jacob, dai-me filhos, senão hei de morrer. Respondeolhe Jacob, que

Luc. 15. 17

Matth. 19.
11.

Genes. 30.

os.

206 *Vieira abbreviado*

os filhos só Deos os dá, e só elle os póde dar. E con-
 fer esta razaõ taõ certa, e taõ experimentada, não
 se conformava com ella Rachel. Instava: *Da mihi li-*
beros. Dizialhe, que advertisse, como estava na pri-
 mavera de seus annos, e que ainda lhe restavaõ mu-
 tos, em que podia ter naturalmente o que tanto de-
 sejava. Mas esta mesma esperanza a inquietava mais:
Da mihi liberos. Aninhava-a com o exemplo de sua
 avó Sara, que depois de taõ comprida esterilidade
 houvera a Isaac seu pay. Mas Rachel sempre mais im-
 paciente: *Da mihi liberos*. Ajuntava Jacob a estas
 razoens ás da lisonja, mais poderosas muitas vèzes
 com a fraqueza, e presumpção daquelle sexo: dizia-
 lhe, que olhásse para si, e se consolasse com a rosa,
 a qual sendo a belleza dos prados, é a Rainha das flo-
 res, he flor, que não dá fructo. Mas nem a lisonja,
 nem a razaõ, nem o exemplo, nem a esperanza baf-
 tava a lhe moderar as ancias, nem as vozes: *Da mi-*
hi liberos: *Da mihi liberos*. Esta era a petição, este
 o aperto, estas as instancias. Mas qual foy o despa-
 cho, e o successo? Caso verdadeiramente admiravel!
 O despacho foy assim como Rachel pedia, e o suc-
 cesso em tudo contrario ao que pedia. O que pedia
 Rachel, não só era filho, senão filhos: *Da mihi li-*
beros. E assim lho concedeo Deos; porque a fez mãy
 de Joseph, e de Benjamim. Mas o successo foy em
 tudo contrario ao que pedia; porque parindo feliz-
 mente o primeiro filho, morreo de parto, e no mes-
 mo parto do segundo. Lembraivos agora dos ter-
 mos, com que Rachel pedia os filhos: *Da mihi libe-*
ros, alioquin moriar: Daime filhos, (dizia) se não
 hei de morrer. E quando cuidava, que havia de mor-
 rer, se não tivesse filhos, porque teve filhos, e no mes-
 mo

Discurso LXXVI. 207

no ponto, em que os teve, morreo. Cuidava, que pedia a vida, e pedia a morte: cuidava, que pedia a alegria sua, e de sua casa, e pedia a tristeza, o luto, a orfandade della, e os que lhe haviaõ de trocar a mesma casa em sepultura. Taõ errados sãõ os pensamentos, e desejos humanos: e taõ certo he, que no que pedimos com mayores ancias, naõ sabemos o que pedimos: *Nescitis quid petatis.*

826 Confirmado o desengano da mãy dos Zebedeos com o exemplo desta mãy, confirmemos o de seus dous filhos com o exemplo de outros dous, posto que filhos de differentes pays. Sabida he a historia de Sanção, e sabida a do Prodigio, ambos famosos por seus excessos. Deixados pois os principios, e progressos de huma, e outra tragedia, ponhamo-nos ao fim de ambas, e vejamos o estado de extrema miseria, a que os passos de cada hum os levarãõ por taõ diversos caminhos. Vedes aquelle homem robusto, e agigantado, que com aspecto ferozmente triste, tosquiados os cabellos, cavados os olhos, e correndo sangue, atado dentro em hum carcere a duas fortes cadeyas, anda moendo em huma atafona? Pois aquelle he Sanção. Vedes aquelle mancebo macilento, e pensativo, que roto, e quasi despido com huma corneta pendente do hombro; arrimado sobre hum cajado está guardando hum rebanho vil do gado mais ascoroso? Pois aquelle he o Prodigio. Quem haverá, que se naõ admire de huma tal volta de fortuna em dous sujeitos taõ notaveis, hum taõ valente, outro taõ altivo! He possivel, que nisto pararaõ as façanhas, e victorias de Sanção? He possivel, que nisto pararaõ as riquezas, e bizarrias do Prodigio? Nisto pararaõ, ou para melhor dizer, naõ para-

pararaõ só nisto ; porque o Prodigio perecendo á fome no meyo do montado , não tinha licença para se sustentar das bolotas, com que apascentava o seu gado : e Sanção tirado em publico para ludibrio do povo foy tratado com taes escarneos, e indecencias, que de corrido, e affrontado com suas proprias mãos se tirou a vida. Mas qual seria a causa destes successos, e de duas mudanças tão estranhas? Agora não vos peço admiração, senão palmo. Ambas estas mudanças de fortuna não tiveraõ outra causa, que o bom despacho de duas petigoens, em que Sanção, e o Prodigio se empenharaõ. Pedio Sanção a seus pays, que lhe dessem por mulher huma Filisteia : *Quam, quæso, ut accipiatis mibi uxorem.* Concederaõlhe os pays o que pedia : e esta Filisteia foy a causa das guerras, que Sanção teve com os Filisteos, e dos enganos, e traçoens de Dalila, e da sua prisaõ, e do seu cativoiro, e da sua cegueira, e das suas affrontas, e do fim lastimoso, e tragico do seu valor. Da mesma maneira pedio o Prodigio a seu pay lhe dèsse em vida a herança, que lhe havia de caber por sua morte : *Da mibi portionem substantiæ, quæ me contingit.* Concedeolhe o pay o que pedia, e esta herança consumida em larguezas, e vicios da mocidade foy causa da sua pobreza, da sua vileza, da sua miseria, da sua fome, da sua servidaõ, da sua deshonna, que só tiveraõ de desconto o pezar, e arrependimento. Torne agora Rachel, e perguntemos áquella mãy, e a estes dous filhos, se pediriaõ depois de tão pesadas, e contrarias experiencias o que antes dellas pediraõ. Pediria Rachel filhos, se soubesse, que o ter filhos lhe havia de custar a vida? Pediria Sanção a Filisteia, se soubesse, que ella havia de ser a causa de sua

Judic. 14.
2.

Luc. 15.
12.

Discurso LXXVI. 209

sua affronta, de sua morte, e de perder os olhos, com que a virá? Pediria o Prodigio a herança anticipada, se foubra, que com ella havia de comprar a miseria, a servidão, a deshonra? Claro está que não. Pois se agora não haviaõ de pedir nada do que pediraõ, senão antes o contrario; porque o pediraõ então? Já sabeis a resposta. Pediraõno, porque não sabião o que pedião: pediraõno, porque ninguem sabe o que pede: e pediraõno, porque foraõ aquella mãy, e aquelles dous filhos, como a mãy, e os dous filhos do nosso Euangelho: *Nescitis quid petatis*.

827 Supposto este principio certo, e infallivel, que ninguem sabe o que pede, tirem agora a consequencia os que se tem por mal despachados. Se vós foubesleis, que vos estava bem o que pedistes, então tinheis razãõ de estar contente, se vo lo concederaõ, ou descontente, se vo lo negaraõ. Mas quando ignorais igualmente, se vos estava bem, ou mal o que pertendieis, porque vos desconsoiais? Se me desconso, porque cuido, que me podia estar bem; porque me não consolo considerando, que me podia estar mal, e mais quando nas cousas deste mundo o mal he o mais certo. Consolaivos com a desgraça de Rachel, consolaivos com a tragedia de Sansão, consolaivos com o arrependimento do Prodigio. E se estes exemplos vos movem menos por serem de longe, consolaivos com os de mais perto, e com os que vistes, e vedes com vossos olhos. Quantos vistes, que cuidavaõ, que estava o seu remedio, onde acharaõ a sua perdição? Quantos vistes, que cuidavaõ, que estava a sua honra, donde tiraraõ o seu descredito? Quantos vistes, que cuidavaõ, que estava o seu augmento, onde experimentaraõ a sua ruina? Quantos

210 *Vieira abbreviado*

Ovid. met.
2.

finalmente vistes, que os esperava a morte, onde elles esperavaõ os mayores interesses, e felicidades da vida? Alcançaraõ o que pediraõ, aceitaõ muito contentes o parabem do despacho; mas o despacho não era parabem: *Pœnam pro munere poscis*, disse o Sol a Faetonte, quando lhe pedio o governo do seu carro: Olha filho, que cuidas, que pedes mercê, e pedes castigo. O auctor he fabuloso, mas a sentença verdadeira. E se não perguntai-o aos nossos Faetontes, aos do Oriente na Asia, aos do Meyo dia na Africa, aos do Occidente na America. O mesmo carro, que pediraõ, foy o seu precipicio, e o mesmo excessõ dos rayos o seu incendio. Se lhes buscardes os ossos fulminados, (como se buscaraõ os de Faetonte) hũs achareis nas ondas, outros nas areyas, outros nos hospitaes, outros nos carcerees, e nos desertos, e poucos nas mesmas terras, que perderaõ, que fora mais honrada sepultura. Estes sãõ os vossos bem despachados. Quantos partiraõ, levavaõ apoz si as invejas: quando tornaraõ, ou não tornaraõ, trouxeraõ as lagrimas. E se elles se enganaraõ com o seu desejo, e com a sua fortuna, porque não souberaõ o que pediraõ; vós que tambem o não sabeis, porque vos haveis de enganar? Defenganaivos com o seu engano, e consolaivos com o seu erro, pois nem elles, nem vós sabeis o que pedis: *Nescitis quid petatis*.

Discurso LXXVII. 211

DISCURSO LXXVII.

*Tirado de hum sermão de São Pedro Nolasco, em
que o Auçtor louva a São Pedro, porque deo
tudo para remir cativos, e pedio esmola
para lhes dar mais.*

P E D I R.

828 **N**ÃO ha cousa que tanto repugnem os <sup>Part. 2.
Num. 208.</sup> homens como o pedir. He tal esta repugnancia, que nem o sangue a modera, nem o amor a facilita, nem ainda a mesma ambição, que he mais, a vence. Deixar he grandeza, pedir he sujeição: deixar he desprezar, pedir he fazerse desprezado: deixar he abrir as mãos proprias, pedir he beijar as alheyas: deixar he comprar-se, porque quem deixa, livra-se: pedir he vender-se, porque quem pede, cativa-se: deixar finalmente he acção de quem tem, ^{Num. 209.} pedir he acção de quem não tem. É tanto vay de pedir a deixar, quanto vay de não ter a ter. Quem dá o que tem, dá a fazenda: quem pede para dar, dá o sangue, e o sangue mais honrado, e mais sensitivo, que he o que sahe ás faces. Quem dá o que tem, pôde dar o que val pouco; mas quem dá o que pede, não pôde dar, senão o que custa muito; porque nenhuma cousa custa tanto, como o pedir.

829 A palavra mais dura de pronunciar, e que para sahir da boca huma vez se engole, e affoga muitas he *Pego: Molestum verbum est, onerosum, & dimisso vultu dicendum Rogo*, diz Seneca, e acrescenta, que até aos deoses não pediriaõ os homens,

se o não fizessem em secreto. O certo he, que hou-
ve homem, a quem Deos convidou, e offereceo, qu
Isai. 7. 11. pedisse, e respondeo: *Non petam*. Considerai a qu
chegaõ muitas vezes os homens por não chegar
pedir, e vereis os que o não experimentastes, quan-
to deve custar. Finalmente he sentença antiquissima
de todos os sabios, que ninguem comprou mais caro
que quem pedio: *Nulla res carius constat, quam*
quæ precibus emptæ est. Quem para dar, espera que
lhe peçaõ, vende: e quem pede, para que lhe dem,
compra, e pelo preço mais caro, e mais custoso.

Part. 14.
Num. 31.

Cassiod. in
Ps. 25. 3.

830 O melhor modo de pedir he agradecer. Af-
fim como o ingrato só pela ingratidaõ perde o benefi-
ficio passado, assim o agradecido só pelo agradeci-
mento sollicita, e alcança o futuro: *Fugiter sibi*
subvenire facit, cui collatum beneficium ante ocu-
los semper assistit. Christo para nos ensinar a pedir
dava graças, e Deos dá huma graça por outra. Pelas
graças, que lhe damos, dános as graças, que lhe pedi-
mos. Mas não espera Deos nestes casos nova petiçaõ;
porque o mesmo agradecer para com Deos he pedir,
e o agradecimento das merces, ou graças passadas
he memorial das futuras.

DISCURSO LXXVIII.

*Tirado de hum sermaõ das novenas de S. Francisco
Xavier.*

PEREGRINAC, A M.

Part. 8.
col. 429.

831

O Ir pelo mundo não he a mesma cousa pa-
ra todos, diz Seneca. Se o homem for sa-
bio

Discurso LXXVIII. 213

io, he peregrinação, se for nescio, he desterro: *Sapiens peregrinatur, stultus exulat.* He peregrinação, Senec. de rem. fort. tuit. e for sabio; porque terá muito que aprender do que ir, e experimentar, e será para elle a mesma peregrinação estudo. Pelo contrario, se for nescio, não verá outro fructo das terras, que andar, senão estar fora da patria, e isto propriamente he desterro. A Geografia do mundo melhor se aprende vista no mesmo mundo, que pintada no mappa. Assim o fizeram os dous mayores, e mais famosos Mestres de huma, e outra Filosofia, Plató, e Aristoteles.

DISCURSO LXXIX.

Tirado de hum sermão de nossa Senhora do O.

P R E S E N C, A.

832 **A** Presença para ser presença ha de ter alguma cousa de ausência. O objecto da vista para se poder ver ha de ser presente; mas se está pegado, e unido á mesma potencia, he como se estivera ausente: ha de estar apartado dos olhos para se poder ver. Assim a presença para ser presença não ha de passar a ser intima, nem ha de estar totalmente unida, senão de algum modo distante. He a queixa de Narciso com verdadeira razão em historia fabulosa: *Quod cupio, mecum est: inopem me copia fecit*: O que desejo, tenho-o em mim, e porque o tenho em mim, careço do que tenho. Pois que remedio? *Votum in amante novum*: O remedio he hum desejo novo, qual nunca desejou quem amasse. E que desejo he este? *Vellem quod amamus abesse*: Desejar

Tom. II.

O 3

que

214 *Vieira abbreviado*

que o que amo, se ausente, e se aparte de mim.

Part. 7.

Num. 350.

833 A presença sem vista he mayor pena, que a ausencia; porque o não ver estando presente, ou não ver estando ausente, ainda que seja a mesma privação, não he a mesma dor. Estar ausente, e não ver he padecer a ausencia na ausencia; mas não ver estando presente he padecer a ausencia na presença. E se isto nas palavras he contradição, que violencia será na vontade?

DISCURSO LXXX.

Tirado de hum sermão de nossa Senhora da Conceição.

PRIMAZIA.

Part. 5.

Num. 141.

834 **B** Em dizia ha muitos annos hum dos mayores Oradores de Hespanha: Ninguem pôde pôr o pé, senão sobre pégada alheya. Boa satisfação para a desculpa, mas muito desconfolada para o desejo. Desta mesma se valeo Terencio, aquelle tão celebrado Comico, o qual pedia perdaõ ao theatro Romano de lhe representar o que já tinha ouvido, e allegava em seu abono, que o mesmo tinhaõ feito os velhos, e assim o faziaõ os modernos.

Terent. in

Eun.

Nullum est jam dictum, quod non dictum sit prius.

Quare equum est vos cognoscere, & ignoscere.

Quod veteres factitarunt, sic faciunt novi.

E se isto se usava na cabeça do mundo ha mais de mil annos, que será hoje entre nós, onde não he tão facil inventar novos argumentos, como novos trajos?

Num. 142.

835 Eu porém não me acabo de sujeitar a este di-

ctame;

Discurso LXXXI. 215

Estame; porque ainda que os antigos beberão primeiro nas fontes, nem por isso as esgotarão: *Multum egerunt qui ante nos fuerunt, sed non peregerunt*, diz Seneca: Muito fizeram os que vierão antes de nós, mas não perfizerão. Entre o fazer, e o perfazer ha grandes intervallos: *Multum autem restat operis, multumque restabit*. Assim como elles accrescentarão sobre o que tinhão dito os mais antigos, assim nós podemos accrescentar, e descobrir de novo o que elles não acharão, como também sobre nós os que depois vierem. Isto escreveu animosamente o mayor espirito dos Estoicos.

DISCURSO LXXXI.

Tirado de hum sermão da terceira Dominga do Advento, em que o Auêtor mostra haver juizo de cada hum para consigo, sobre aquella pergunta, que os Embaixadores fizeram ao Bautista:

Propheta és tu?

PROFETAS.

836 **T**Enhão os Reis Profetas ao lado, e elles te- Part. 5.
Num. 97.
rão seguras as suas glorias. Christo Senhor nosso nasceu entre dous animaes, morreu entre dous ladroens, e transfigurouse entre dous Profetas. Entre dous animaes esteve pobre, entre dous ladroens esteve crucificado, e entre dous Profetas esteve glorioso. Ora já que importa tanto ao Reyno o ter Profetas, examinemos o *Propheta es tu*, e vejamos por onde se haõ de conhecer os verdadeiros Profetas. Primeiramente advirto, que os Profetas não Num. 98.

se haõ de conhecer, nem avaliar pelo numero. Ainda que sejaõ mais os que dizem huma cousa, nem por isso se haõ de ter por Profetas. Os quatrocentos Profetas contados eraõ mais, que Micheas, e Micheas pezado era mais que os quatrocentos.

Num. 99.

Num. 100.

837. Supposto pois, que os Profetas se naõ haõ de conhecer pelo numero; por onde se haõ de conhecer? Por tres cousas: pelos olhos, pelo coração, e pelos successos. Conhecemse os verdadeiros Profetas pelos olhos, porque o ver he o fundamento do profetizar. Os Profetas na Escritura chamaõse *Videntes*: Os que vem. Só os que vem, saõ Profetas. Assim como a mais nobre profecia sobrenatural consiste na visãõ, assim a mais certa profecia natural consiste na vista: só quem vio, pôde profetizar naturalmente com certeza. E a razãõ he muito clara. A profecia humana consiste no verdadeiro discurso: o discurso verdadeiro naõ se pôde fazer sem todas as noticias, e todas as noticias só as pôde ter quem vio com os olhos. Nenhuma cousa houve mais assentada na antiguidade, que ser inhabitavel a Zona torrida; e as razoens, com que os Filósofos o provavaõ, eraõ ao parecer taõ evidentes, que ninguem havia, que o negasse. Descobrirãõ finalmente os pilotos, e marinheiros Portuguezes as costas de Africa, e da America, e souberãõ mais, e filotofaraõ melhor sobre hum só dia de vista, que todos os sabios, e Filósofos do mundo em cinco mil annos de especulaçaõ. Os discursos de quem naõ vio, saõ discursos: os discursos de quem vio, saõ profecias.

Num. 101.

838. Outro sinal da profecia he o coração; porque conforme cada hum tem o coração, assim profetiza. Os antigos quando queriaõ prognosticar o futuro,

turo,

Discurso LXXXI. 217

turo, sacrificavaõ os animaes; consultavaõ-lhe as entranhas, e confôrme o que viaõ nellas, assim prognosticavaõ. Naõ consultavaõ a cabeça, que he o assento do entendimento, senaõ as entranhas, que he o lugar do amor; porque naõ prognosticava melhor quem melhor o entende, senaõ quem mais ama. E este costume era geral em toda a Europa antes da vinda de Christo, e os Portuguezes tinhaõ huma grande singularidade nelle entre os outros gentios. Os outros consultavaõ as entranhas dos animaes, os Portuguezes consultavaõ as entranhas dos homens. Assim o diz Strabo no livro 3. *Lusitanis vetus mos erat ex intestinis hominum exta prospicere, atque inde omnia, & divinationes captare*: Era costume dos antigos Portuguezes (diz Strabo.) consultar as entranhas dos homens, que sacrificavaõ, e dellas conjecturar, e adivinhar os futuros. A superstição era falsa, mas a allegoria era muito verdadeira. Naõ ha lume de profecia mais certo no mundo, que consultar as entranhas dos homens. E de que homens? De todos? Naõ: Dos sacrificados. As entranhas dos sacrificados eraõ as que consultavaõ os antigos: primeiro faziaõ o sacrificio, entaõ consultavaõ as entranhas. Se quereis profetizar os futuros, consultai as entranhas dos homens sacrificados: consultem-se as entranhas dos que se sacrificaraõ, e dos que se sacrificãõ, e o que elles differem, isso se tenha por profecia. Porém consultar as entranhas de quem naõ se sacrificou, nem se sacrificava, nem se ha de sacrificar, he naõ querer profecias verdadeiras: he querer cegar o presente, e naõ acertar o futuro.

839 O ultimo final de conhecer os Profetas saõ os successos. No Deuteronomio prometteo Deos a seu

seu povo, que lhe daria Profetas, e o final, que lhe deo para os conhecer, foy só este: *Hoc vobis signum: Quod Propheta prædixerit, & non evenerit, hoc Dominus non est locutus.* Quando duvidares de algum se he Profeta, ou não, observareis esta regra: Se o que elle disser antes, succeder depois, tende-o por verdadeiro Profeta; mas se o que elle disser, não succeder, tende o por Profeta falso. Não póde haver final nem mais facil, nem mais certo. Sabeis a quem haveis de ter por Profetas? Sabeis de quaes haveis de cuidar, que acertarão com os futuros? Aquelles, de quem tiveres experiencia, que tudo, ou quasi tudo o que disserão antes, veyo a succeder depois. Este dictame seguiu Faraó com Joseph, Nabucodonosor com Daniel, e todos os Principes prudentes com seus conselheiros. Mas assim como ha Profetas de antes, assim ha Profetas de depois. Ha muitos mui prezados de Profetas, que depois de acontecerem os maos successos então profetizaõ pelo arrependimento o que fora melhor ter profetizado antes pelo discurso. Este foy hum dos tormentos da paixão de Christo. Ataraõ a Christo hum pano pelos olhos, davaõlie com as maos sacrilegas na sagrada cabeça, e diziaõ por escarneo, que profetizasse quem lhe dera: *Prophetiza nobis Christe, quis est, qui te percussit.* Profetizar depois de levar na cabeça he profecia de quem tem os olhos tapados: he escarneo da paixão de Christo. Não haveis de profetizar quem vos deo, senão quem vos póde dar; porque he melhor reparar os golpes, que curallos: e se o successo mostrar, que a profecia foy certa, a quem a disser, tende-o por Profeta: *Propheta es tu.*

Matth. 26.
68.

840 Já sabeis, que havemos de fazer a mesma pergun-

Discurso LXXXI. 219

pergunta na nossa terra: *Propheta es tu? Quid di-* Num 97.
cis de te ipso? Vós, que tantas cousas dizeis de vós,
sois também Profeta? *Propheta, & plusquam Pro-*
pheta. Os vossos discursos são vaticínios, as vossas
proposições são revelações, os vossos dictames são
profecias, os vossos futuros não tem contingencia:
o que succede depois, he tudo o que dissestes antes:
tendes intelligencias na secretaria do Espirito San-
to: não se decreta lá cousa, que se não registe pri-
meiro com vosco. Basta isto? Ainda tendes mais. Se
se tratao materias de estado, sois hum Profeta Da-
niel: se se tratao materias de guerra, sois hum Pro-
feta Ilaias: se se tratao materias de mar, sois hum
Profeta Jonas: se se tratao materias ecclesiasticas,
sois hum Profeta Ezechiel: se fazeis advertencias aos
Reys, sois hum Profeta Nathan: se chorais as calami-
dades do povo, sois hum Profeta Jeremias: se pedís
soccorros ao Ceo, sois hum Profeta Baruch: e se ten-
des algum interesse, como tendes muitos, sois hum
Profeta Balaão. Muitas graças sejaõ dadas a Deos,
que nos deo tantos Profetas na nossa idade. Não de
balde estaõ prognosticadas tantas felicidades ao nos-
so Reyno! Não poderá elle deixar de fer muito glo-
rioso, tendo dentro em si tantos, e taes Profetas.

DISCURSO LXXXII.

*Tirado de hum sermão da Sexagesima pregado na
Capella Real contra os estylos dos Pregadores.*

PREGADORES.

Part. 1.
col. 1.

col. 14.

841. **E** Se quizesse Deos, que este tão illustre, e
tão numerofo auditorio sahisse hoje tão
desenganado da pregação, como vem enganado com
o Pregador! Ouçamos o Euangelho, e ouçamolo to-
do, que todo he do caso, que me leyou, e trouxe de
tão longe: *Ecce exiit, qui seminat, seminare*. Diz
Christo, que sahio o Pregador Euangelico a semear
a palavra divina: *Semen est verbum Dei*. O trigo,
que semeou o Pregador Euangelico, diz Christo,
que he a palavra de Deos. Os espinhos, as pedras, o
caminho, e a terra boa, em que o trigo cahio, são os
diversos coraçoes dos homens. Os espinhos são os
coraçoes embaraçados com cuidadões, com rique-
zas, com delicias, e nestes afogale a palavra de Deos.
As pedras são os coraçoes duros, e obstinadões, e
nestes secase a palavra de Deos, e se nasce, não cria
raizes. Os caminhos são os coraçoes inquietos, e
perturbados com a passagem, e tropel das cousas do
mundo, humas, que vão, outras, que vem, outras, que
atravessaão, e todas passaão, e nestes he pizada a pala-
vra de Deos, porque ou a desattendem, ou a despre-
zaão. Finalmente a terra boa são os coraçoes bons,
ou os homens de bom coração, e nestes prende, e
fructifica a palavra divina com tanta fecundidade, e
abundancia, que se colhe cento por hum: *Et fru-
ctum fecit centuplum*.

842 Este

Discurso LXXXII. 221

842 Este grande fructificar da palavra de Deos he o em que reparo hoje: e he huma duvida, ou admiração, que me traz suspenso, e confuso depois que subo ao pulpito. Se a palavra de Deos he tão efficaç, e tão poderosa, como vemos tão pouco fructo da palavra de Deos? Diz Christo, que a palavra de Deos fructifica cento por hum: e já eu me contentára com que fructificasse hum por cento. Se com cada cem sermoens se convertera, e emendara hum homem, já o mundo fora santo. Este argumento de fé fundado na authoridade de Christo se aperta ainda mais na experiencia comparando os tempos passados com os presentes. Lede as historias Ecclesiasticas, e achallasheis todas cheyas de admiraveis effeitos da prégação da palavra de Deos. Tantos peccadores convertidos, tanta mudança de vida, tanta reformatão de costumes, os grandes desprezando as riquezas, e vaidades do mundo, os Reys renunciando os cetros, e as coroas, as mocidades, e as gentilezas metendose pelos desertos, e pelas covas: e hoje? Nada disto. Nunca na Igreja de Deos houve tantas prégaçãoens, nem tantos Prégadores como hoje. Pois se tanto se semea a palavra de Deos, como he tão pouco o fructo? Não ha hum homem, que em hum sermão entre em si, e se resolva: não ha hum moço, que se arrependa: não ha hum velho, que se desengane: que he isto? Assim como Deos não he hoje menos omnipotente, assim a sua palavra não he hoje menos poderosa do que dantes era. Pois se a palavra de Deos he tão poderosa, se a palavra de Deos tem hoje tantos Prégadores; porque não vemos hoje nenhum fructo da palavra de Deos? Esta tão grande, e tão importante duvida será a materia do sermão.

222 *Vieira abbreviado*

maõ. Quero começar prégandome a mim. A mim será, e também a vós: a mim para aprender a pregar, a vós para que aprendais a ouvir.

843 Fazer pouco fructo a palavra de Deos no mundo póde proceder de hum de tres principios, ou da parte do Prégador, ou da parte do ouvinte, ou da parte de Deos. Para hum alma se converter por meyo de hum sermaõ ha de haver tres concursos: ha de concorrer o Prégador com a doutrina persuadindo, ha de concorrer o ouvinte com o entendimento percebendo, ha de concorrer Deos com a graça allumiando. Para hum homem se ver a si mesmo saõ necessarias tres cousas, olhos, espelho, e luz. Se tem espelho, e he cego, não se póde ver por falta de olhos: se tem espelho, e olhos, e he de noite, não se póde ver por falta de luz. Logo ha mister luz, ha mister espelho, e ha mister olhos. Que cousa he a conversão de hum alma, senão entrar hum homem dentro em si, e ver-se a si mesmo? Para esta vista saõ necessarios olhos, he necessaria luz, e he necessario espelho. O Prégador concorre com o espelho, que he a doutrina: Deos concorre com a luz, que he a graça: o homem concorre com os olhos, que he o conhecimento. Ora supposto que a conversão das almas por meyo da prégação depende destes tres concursos, de Deos, do Prégador, e do ouvinte; por qual delles havemos de entender, que falta? Por parte do ouvinte, ou por parte do Prégador, ou por parte de Deos? Primeiramente por parte de Deos não falta, nem póde faltar. Esta proposição he de fé definida no Concilio Tridentino, e no nosso Euangelho a temos. Do trigo, que deitou á terra o sementeiro, hum parte se logrou, e tres se perderaõ.

E por-

Discurso LXXXII. 223

E porque se perderão estas tres? A primeira perdeo-se, porque a afogaraõ os espinhos: a segunda, porque a secaraõ as pedras: a terceira, porque a pizaraõ os homens, e a comeraõ as aves. Isto he o que diz Christo; mas notai o que não diz. Não diz, que parte alguma daquelle trigo se perdesse por causa do Sol, ou da chuva. A causa, porque ordinariamente se perdem as sementeiras, he pela desigualdade, e pela intemperança dos tempos, ou porque falta, ou sobeja a chuva, ou porque falta, ou sobeja o Sol. Pois porque não introduz Christo na parabola do Evangelho algum trigo, que se perdesse por causa do Sol, ou da chuva? Porque o Sol, e a chuva são as influencias da parte do Ceo, e deixar de fructificar a semente da palavra de Deos nunca he por falta do Ceo, sempre he por culpa nossa. Deixará de fructificar a sementeira ou pelo embaraço dos espinhos, ou pela dureza das pedras, ou pelos descaminhos dos caminhos; mas por falta das influencias do Ceo, isso nunca he, nem pôde ser. Sempre Deos está prompto de sua parte com o Sol para aquecer, e com a chuva para regar, com o Sol para allumiar, e com a chuva para amollecere, se os nossos corações quizerem: *Qui solem suum oriri facit super bonos, & malos*, Matth. 5.² *& pluit super justos, & injustos*. Se Deos dá o seu Sol, e a sua chuva aos bons, e aos maos, aos maos que se quizerem fazer bons, como a negará? Este ponto he tão claro, que não ha para que nos determos em mais prova. *Quid debui facere vineæ meæ*, Isai, 5. 4.² *& non feci?* disse o mesmo Deos por Isaias. Sendo pois certo, que a palavra divina não deixa de fructificar por parte de Deos, segue-se, que ou he por falta do Prégador, ou por falta dos ouvintes. Por qual
ferá?

será ? Os Prégadores deitaõ a culpa aos ouvintes mas não he assim. Se fora por parte dos ouvintes, não fizera a palavra de Deos muito grande fructo ; mas não fazer nenhum fructo, e nenhum effeito não he por parte dos ouvintes. Provo. Os ouvintes ou são maos, ou são bons : se são bons, faz nelles grande fructo a palavra de Deos : se são maos, ainda que não faça nelles fructo, faz effeito. No Euangelho o temos. O trigo, que cahio nos espinhos, nasceo, mas affogaraõno : *Simul exortæ spinæ suffocaverunt illud*. O trigo, que cahio nas pedras, nasceo tambem, mas secouse : *Et natum aruit*. O trigo, que cahio na terra boa, nasceo, e fructificou com grande multiplicação : *Et natum fecit fructum centuplum*. De maneira que o trigo, que cahio na boa terra, nasceo, e fructificou : o trigo, que cahio na má terra, não fructificou, mas nasceo ; porque a palavra de Deos he tão fecunda, que nos bons faz muito fructo, e he tão efficaz, que nos maos ainda que não faça fructo, faz effeito : lançada nos espinhos não fructificou, mas nasceo até nos espinhos : lançada nas pedras não fructificou, mas nasceo até nas pedras. Os peyores ouvintes, que ha na Igreja de Deos, são as pedras, e os espinhos. E porque ? Os espinhos por agudos, as pedras por duras. Ouvintes de entendimentos agudos, e ouvintes de vontades endurecidas são os peyores que ha. Os ouvintes de entendimentos agudos são maos ouvintes, porque vem só a ouvir subtilezas, a esperar galantarias, a avaliar pensamentos, e ás vezes tambem a picar a quem os não pica : *Aliud cecidit inter spinas* : o trigo não picou os espinhos, antes os espinhos o picaraõ a elle : o mesmo succede cá. Cuidais, que o sermaõ vos picou a vós, e não he assim,

Discurso LXXXII. 225

ãm, vós tois o que picais o sermaõ. Por isto são mãos
 ouvintes os de entendimentos agudos; mas os de von-
 tades endurecidas ainda são peyores; porque hum
 entendimento agudo pôde-se ferir pelos mesmos fios,
 e vencer-se huma agudeza com outra mayor; mas
 contra vontades endurecidas nenhuma cousa apro-
 veita a agudeza, antes damna mais; porque quanto
 as setas são mais agudas, tanto mais facilmente se
 despontaõ na pedra. Oh Deos nos livre de vontades
 endurecidas, que ainda são peyores, que as pedras.
 A vara de Moysés abrandou as pedras, e não pode
 abrandar huma vontade endurecida: *Percutiens*
virga bis silicem, & egressæ sunt aquæ largissimæ. Exod. 7.
Induratum est cor Pharaonis. E com os ouvintes de 33.
 entendimentos agudos, e os ouvintes de vontades Num. 20.
 endurecidas serem os mais rebeldês, he tanta a for- 11.
 ça da divina palavra, que a pezar da agudeza nasce
 nos espinhos, e a pezar da dureza nasce nas pedras.
 Poderamos arguir ao lavrador do Euangelho de
 não cortar os espinhos, e de não arrancar as pedras
 antes de semear; mas de industria deixou no cam-
 po as pedras, e os espinhos, para que se visse a força
 do que semeava. He tanta a força da divina palavra,
 que sem cortar, nem despontar espinhos, nasce en-
 tre espinhos. He tanta a força da divina palavra, que
 sem arrancar, nem abrandar pedras, nasce nas pedras.
 Coraçoens embaraçados como espinhos, coraçoens
 secos, é duros como pedras, ouvi a palavra de
 Deos, e tende confiança: tomai exemplo nestas
 mesmas pedras, e nestes espinhos. Esses espinhos,
 e essas pedras agora resistem ao semeador do Ceo,
 mas virá tempo, em que essas mesmas pedras o accla-
 mem, e esses mesmos espinhos o coroem. Quando

Matth. 27. o semeador do Ceo deixou o campo sahindo deste
 51. Et e mundo, as pedras se quebraraõ para lhe fazerem ac
 tra Scilla clamaçoens; e os espinhos se teceraõ para lhe faze
 runt ib. 29. rem coroa. E se a palavra de Deos até dos espinhos,
 Coronam de e das pedras triunfa: se a palavra de Deos até nas pe
 spinis po dras, até nos espinhos nasce; não triunfar dos alve
 suerunt in drios hoje a palavra de Deos, nem nascer nos cora
 per caput çoens não he por culpa; nem por indisposiçaõ dos
 ejus. ouvintes.

844 Suppostas estas duas demonstraçoens, sup
 posto que o fructo, e effeito da palavra de Deos não
 fica nem por parte de Deos, nem por parte dos ou
 vintes, seguese por consequencia clara, que fica por
 parte do Prégador. E assim he. Sabeis, Christaõs, por
 que não faz fructo a palavra de Deos? Por culpa dos
 Prégadores. Sabeis, Prégadores, porque não faz fru
 cto a palavra de Deos? Por culpa nossa.

845 Mas como em hum Prégador ha tantas qua
 lidades, e em huma prégaçaõ tantas leys; e os Pré
 gadores podem ser culpados em todas, em qual con
 sistirá esta culpa? No Prégador podemse considerar
 cinco circumstancias: a pessoa, a ciencia, a materia,
 o estylo, a voz. A pessoa, que he, a ciencia, que tem,
 a materia, que trata, o estylo, que segue, a voz, com
 que falla. Todas estas circumstancias temos no Euan
 gelho. Vamolas examinando huma por huma, e bus
 cando esta causa.

846 Será por ventura o não fazer fructo hoje a
 palavra de Deos pela circumstancia da pessoa? Se
 rá, porque antigamente os Prégadores eraõ santos,
 eraõ varoens Apostolicos, e exemplares, e hoje os
 Prégadores saõ eu, e outros como eu. Boa razão he
 esta. A diffiniçaõ do Prégador he a vida, e o exem
 plo.

Discurso LXXXII. 227

plo. Por isso Christo no Euangelho não o comparou ao semeador, senão ao que semea. Reparai. Não diz Christo: Sahio a semear o semeador, senão sahio a semear, o que semea: *Ecce exiit, qui seminat, seminare*. Entre o semeador, e o que semea ha muita differença: huma cousa he o soldado, e outra cousa o que peleja: huma cousa he o Governador, e outra o que governa. Da mesma maneira huma cousa he o semeador, e outra o que semea: huma cousa he o Prégador, e outra o que préga. O semeador, e o Prégador he nome, o que semea, e o que préga he acção, e as acçoens são as que dão o ser ao Prégador. Ter nome de Prégador, ou ser Prégador de nome não importa nada: as acçoens, a vida, o exemplo, as obras são as que convertem o mundo. O melhor conceito, que o Prégador leva ao pulpito, qual cuidais que he? He o conceito, que de sua vida tem os ouvintes. Antigamente convertia-se o mundo, hoje porque se não converte ninguem? Porque hoje préga-se palavras, e pensamentos: antigamente pré-gava-se palavras, e obras. Palavras sem obras são tiro sem bala, atoação, mas não ferem. A funda de David derrubou ao Gigante; mas não o derrubou com o estalo, senão com a pedra: *Infixus est lapis in fronte ejus*. As vozes da arpa de David lançavaõ fóra os demónios do corpo de Saul; mas não eraõ vozes pronunciadas com a boca, eraõ vozes formadas com a mão: *David tollebat citharam, & percutiebat manu sua*. Por isso Christo comparou o Prégador ao semeador. O prégar, que he fallar, faz-se com a boca: o prégar, que he semear, faz-se com a mão. Para fallar ao vento bastaõ palavras, para fallar ao coração são necessarias obras. Diz o Euangelho,

228 *Vieira abbreviado*

lho, que a palavra de Deos fructificou cento por hum.
 Que quer isto dizer? Quer dizer, que de huma pa-
 lavra nasceraõ cem palavras? Não. Quer dizer, que
 de poucas palavras nasceraõ muitas obras. Pois pa-
 lavras, que fructificaõ obras, vede, se podem ser só
 palavras? Quiz Deos converter o mundo, e que fez?
 Mandou ao mundo seu Filho feito homem. Notai. O
 Filho de Deos, em quanto Deos, he palavra de Deos,
 não he obra de Deos: *Genitum, non factum*. O Fi-
 lho de Deos, em quanto Deos, e homem, he palavra
 de Deos, e obra de Deos juntamente: *Verbum caro*
factum est. De maneira, que até de sua palavra, des-
 acompanhada de obras não fiou Deos a conversão
 dos homens. Na uniaõ da palavra de Deos com a ma-
 yor obra de Deos consistio a efficacia da salvaçaõ do
 mundo. Verbo divino he a palavra divina; mas im-
 porta pouco, que as nossas palavras sejaõ divinas, se
 forem desacompanhadas de obras. A razãõ disto he;
 porque as palavras ouvemse, as obras vemse: as pa-
 lavras entraõ pelos ouvidos, as obras entraõ pelos
 olhos, e a nossa alma rendese muito mais pelos
 olhos, que pelos ouvidos. No Ceo ninguem ha, que
 não ame a Deos, nem possa deixar de o amar. Na
 terra ha taõ poucos, que o amem, todos o offendem.
 Deos não he o mesmo, e taõ digno de ser amado no
 Ceo, como na terra? Pois como no Ceo obriga, e ne-
 cessita a todos a o amarem, e na terra não? A razãõ
 he; porque Deos no Ceo he Deos visto, Deos na
 terra he Deos ouvido. No Ceo entra o conhecimen-
 to de Deos á alma pelos olhos: *Videbimus eum si-*
cuti est: na terra entralhe o conhecimento de Deos
 pelos ouvidos: *Fides ex auditu*, e o que entra pelos
 ouvidos crêse, o que entra pelos olhos necessita.

Viraõ

Joan. 1. 3.
2.

Rom. 10.
16.

Discurso LXXXII. 229

ta. Viraõ os ouvintes em nós o que nos ouvem a nós, e o abalo, e os effeitos do sermaõ seriaõ muito outros.

847 Vai hum Prégador prégando a paixaõ, chega ao Pretorio de Pilatos, conta como a Christo o fizeraõ Rey de zombaria, diz, que tomaraõ huma purpura, e lha pozeraõ aos hombros: ouve aquillo o auditorio muito attento. Diz, que teceraõ huma coroa de espinhos, e que lha pregaraõ na cabeça: ouvem todos com a mesma attençaõ. Diz mais, que lhe ataraõ as maõs, e lhe meteraõ nellas huma cana por cetro: continua o mesmo silencio, e a mesma suspençaõ nos ouvintes. Correse neste passo huma cortina, apparece a imagem do *Ecce homo*: eis todos prostrados por terra, eis todos a bater nos peitos, eis as lagrimas, eis os gritos, eis os alaridos, eis as bofetadas, que he isto? Que appareceo de novo nesta Igreja? Tudo, o que descubrio aquella cortina, tinha já dito o Prégador. Já tinha dito daquella purpura, já tinha dito daquella coroa, e daquelles espinhos, já tinha dito daquelle cetro, e daquella cana. Pois se isto entaõ não fez abalo nenhum, como faz agora tanto? Porque entaõ era *Ecce homo* ouvido, e agora he *Ecce homo* visto. A relaçaõ do Prégador entrava pelos ouvidos, a representaçaõ daquella figura entra pelos olhos. Sabem, Padres Prégadores, porque fazem pouco abalo os nossos sermoens? Porque não prégamos aos olhos, prégamos só aos ouvidos. Porque convertia o Bautista tantos peccadores? Porque assim como as suas palavras prégammaõ aos ouvidos, o seu exemplo prégamma aos olhos. As palavras do Bautista prégammaõ penitencia: *Agite pœnitentiam*: Ho-
mens fazei penitencia, e o exemplo clamava: *Ecce*

Mat h 3.2^a

230 *Vieira abbreviado*

homo: Eis aqui está o homem, que he o retrato da penitencia, e da aspereza. As palavras do Bautista pré-gavaõ jejum, e reprehendiaõ os regalos, e demafias da gula, e o exemplo clamava: *Ecce homo*, Eis aqui está o homem, que se sustenta de gafanhotos, e mel sylvestre. As palavras do Bautista pré-gavaõ composi-ção, e modestia, e condemnavaõ a soberba, e a vaidade das galas, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui está o homem vestido de pelles de camelo com as cerdas, e cilicio á raiz da carne. As palavras do Bautista pré-gavaõ despegos, e retiros do mundo, e fugir das occasioens, e dos homens, e o exemplo clamava: *Ecce homo*: Eis aqui o homem, que deixou as Cortes, e as Cidades, e vive em hum deserto, e em huma cova. Se os ouvintes ouvem huma cousa, e vem outra, como se haõ de converter? Jacob punha as va-ras manchadas diante das ovelhas, quando conce-biaõ, e daqui procedia, que os cordeiros nasciaõ manchados. Se quando os ouvintes percebem os nos-sos conceitos, tem diante dos olhos as nossas man-chas, como haõ de conceber virtudes? Se a minha vida he apologia contra a minha doutrina: se as mi-nhas palavras vaõ já refutadas nas minhas obras: se huma cousa he o semeador, e outra o que semea, co-mo se ha de fazer fructo?

848 Muito boa, e muito forte razaõ era esta de não fazer fructo a palavra de Deos; mas tem contra si o exemplo, e experiencia de Jonas. Jonas fugiti-vo de Deos, desobediente, contumaz, e ainda de- pois de engulido, e vomitado iracundo, impacien- te, pouco caritativo, pouco misericordioso, e mais zeloso, e amigo da propria estimação, que da honra de Deos, e salvação das almas, deseioso de ver sub-
verti:

Genef. 30.

39. Façum-
que est, in
oves intue-
rentur vir-
gas, & a-
rerent ma-
culosa.

Jonx 1. 2.
3. 4.

Discurso LXXXII. 231

vertida a Ninive, e de a ver subverter com seus olhos, havendo nella tantos mil innocentes: com tudo este mesmo homem com hum sermão converteo o mayor Rey, a mayor Corte, e o mayor Reyno do mundo, e não de homens fieis, senão de gentios idolatras. Outra he logo a causa, que buscamos. Qual será?

849 Será por ventura o estylo, que hoje se usa nos pulpitos? Hum estylo tão empegado, hum estylo tão difficultoso, hum estylo tão affectado, hum estylo tão encontrado a toda a arte, e a toda a natureza? Boa razão he tambem esta. O estylo ha de ser muito facil, e muito natural. Por isso Christo comparou o prégar ao semear: *Exiit, qui seminat, seminare*. Comparou Christo o prégar ao semear; porque o semear he huma arte, que tem mais de natureza, que de arte. Nas outras artes tudo he arte, na Musica tudo se faz por compasso, na Architectura tudo se faz por regra, na Arithmetica tudo se faz por conta, na Geometria tudo se faz por medida. O semear não he assim. He huma arte sem arte, caya onde cahir. Vede como semeava o nosso lavrador do Euangelho. Cahia o trigo nos espinhos, e nascia: *Aliud cecidit inter spinas, & simul exortæ spine*. Cahia o trigo nas pedras, e nascia: *Aliud cecidit super petram, & natum*. Cahia o trigo na terra boa, e nascia: *Aliud cecidit in terram bonam, & natum*. Hia o trigo cahindo, e hia nascendo.

850 Assim ha de ser o prégar. Haõ de cahir as cousas, e haõ de nascer: tão naturaes, que vão cahindo: tão proprias, que venhaõ nascendo. Que differente he o estylo violento, e tyrannico, que hoje se usa? Ver vir os tristes passos da Escritura, como quem vem ao martyrio: huns vem acarretados, outros

tros vem arrastados, outros vem estirados, outros vem torcidos, outros vem despedaçados, só atado não vem. Ha tal tyrannia? Então no meyo disto: Quem bem levantado está aquillo! Não está a cousa no levantar, está no cahir: *Cecidit*. Notai huma allegoria propria da nossa lingua. O trigo do semeador, ainda que cahio quatro vezes, só de tres nasceo. Para o sermão vir nascendo, ha de ter tres modos de cahir. Ha de cahir com queda, ha de cahir com cadencia, ha de cahir com caso. A queda he para as cousas, a cadencia para as palavras, o caso para a disposiçãõ. A queda he para as cousas; porque haõ de vir bem trazidas, e em seu lugar, haõ de ter queda: a cadencia he para as palavras; porque não haõ de ser escabrosas, nem dissonantes, haõ de ter cadencia: o caso he para a disposiçãõ; porque ha de ser taõ natural, e taõ desaffectedada, que pareça calo, e não estudo: *Cecidit, cecidit, cecidit*.

851 Já que fallo contra os estylos modernos, quero allegar por mim o estylo do mais antigo Prégador, que houve no mundo. E qual foy elle? O mais antigo Prégador, que houve no mundo, foy o Ceo: *Cæli enarrant gloriam Dei, & opera manuum ejus annuntiat firmamentum*, diz David. Supposto que o Ceo he Prégador, deve de ter sermoens, e deve de ter palavras. Sim tem, diz o mesmo David: tem palavras, e tem sermoens, e mais muito bem ouvidos.

Pl. 18. 4. *Non sunt loquelæ, neque sermones, quorum non audiantur voces eorum*. E quaes são estes sermoens, e estas palavras do Ceo? As palavras são as estrellas, os iermoens são a composiçãõ, a ordem, a armonia, e o curso dellas. Vede como diz o estylo de prégar do Ceo com o estylo, que Christo ensinou na terra?

Hum

Discurso LXXXII. 233

Hum, e outro he semear : a terra semeada de trigo , o Ceo semeado de estrellas. O prégar ha de ser como quem semea , e não como quem ladrilha , ou azuleja : ordenado , mas como as estrellas : *Stellæ manentes* Judic. 52. *in ordine suo*. Todas as estrellas estão por sua ordem ; ^{20.} mas he ordem , que faz influencia : não he ordem , que faça labor. Não fez Deos o Ceo em xadrez de estrellas , como os Prégadores fazem o sermaõ em xadrez de palavras. Se de huma parte está branco , da outra ha de estar negro : se de huma parte está dia , da outra ha de estar noite : se de huma parte dizem luz , da outra haõ de dizer sombra : se de huma parte dizem desceo , da outra haõ de dizer subio. Basta que não havemos de ver em hum sermaõ duas palavras em paz ? Todas haõ de estar sempre em fronteira com o seu contrario ? Aprendamos do Ceo o estylo da disposiçaõ , e tambem o das palavras. Como haõ de ser as palavras ? Como as estrellas. As estrellas são muito distinctas , e muito claras. Assim ha de ser o estylo da prégaçaõ , muito distincto , e muito claro. E nem por isso temais , que pareça o estylo baixo : as estrellas são muito distinctas , e muito claras , e altissimas. O estylo póde ser muito claro , e muito alto : taõ claro , que o entendaõ os que não sabem , e taõ alto , que tenhaõ muito , que entender nelle os que sabem. O rustico acha documentos nas estrellas para a sua lavoura , e o mareante para a sua navegaçaõ , e o Mathematico para as suas observaçoens , e para os seus juizos. De maneira , que o rustico , e o mareante , que não sabem ler , nem escrever , entendem as estrellas , e o Mathematico , que tem lido quantos escreveraõ , não alcança a entender quantas nellas ha. Tal póde ser o sermaõ : estrellas , que todos

234 *Vieira abbreviado*

todos as vem, e muito poucos as medem. Sim Padre. Porém esse estylo de prégar não he prégar culto. Mas fosse! Este desventurado estylo, que hoje se usa, os que o querem honrar, chamaõlhe culto, os que o condemnaõ, chamaõlhe escuro; mas ainda lhe fazem muita honra. O estylo culto não he escuro, he negro, e negro buçal, e muito cerrado. He possivel, que somos Portuguezes, e havemos de ouvir hum Prégador em Portuguez, e não havemos de entender o que diz? Assim como ha Lexicon para o Grego, e Calepino para o Latim, assim he necessario haver hum vocabulario do pulpito. Eu ao menos o tomara para os nomes proprios; porque os cultos tem debautizados os Santos, e cada Author, que allegaõ, he hum enigma. Assim o disse o Cetro penitente: assim o disse o Euangelista Apelles: assim o disse a Aguia de Africa, o Favo de Claraval, a Purpura de Belém, a Boca de ouro. Ha tal modo de allegar! O Cetro penitente dizem que he David, como se todos os cetros não foraõ penitencia. O Euangelista Apelles, que he S. Lucas, o Favo de Claraval S. Bernardo, a Aguia de Africa Santo Agostinho, a Purpura de Belém S. Jeronymo, a Boca de ouro S. Chrysostomo. E quem quitaria ao outro cuidar, que a Purpura de Belém he Herodes, que a Aguia de Africa he Cipião, e que a Boca de ouro he Midas? Se houvesse hum advogado, que allegasse assim a Bartholo, e Baldo, haviéis de fiar delle o vossõ pleito? Se houvesse hum homem, que assim fallasse na conversação, não o haviéis de ter por nescio? Pois o que na conversação seria needade, como ha de ser discrição no pulpito?

852 Boa me parecia tambem esta razaõ; mas como

Discurso LXXXII. 235

mo os cultos pelo polido, e estudado se defendem com o grande Nazianzeno, com Ambrosio, com Chrysologo, com Leão, e pelo escuro, e duro com Clemente Alexandrino, com Tertulliano, com Basilio de Seleucia, com Zeno Veronense, e outros, não podemos negar a reverencia a tamanhos Autores, posto que desejamos nos que se prezaõ de beber destes rios, a sua profundidade. Qual será logo a causa de nossa queixa?

853 Será pela materia, ou materias, que tomaõ os Pregadores? Ufa-se hoje o modo, que chamaõ de apostillar o Euangelho, em que tomaõ muitas materias, levantaõ muitos assumptos, e quem levanta muita caça, e não segue nenhuma, não he muito, que se recolha com as mãos vazias. Boa razão he tambem esta. O sermaõ ha de ter hum só assumpto, e hum só materia. Por isso Christo disse, que o lavrador do Euangelho não semeara muitos generos de sementes, senão hum só: *Exiit, qui seminat, seminare semen*: Semeou hum semente só, e não muitas; porque o sermaõ ha de ter hum só materia, e não muitas materias. Se o lavrador semeara primeiro trigo, e sobre o trigo semeara centeyo, e sobre o centeyo semeara milho grosso, e miudo, e sobre o milho semeara cevada, que havia de nascer? Hum mata brava, hum confusão verde. Eis aqui o que acontece aos sermoens deste genero. Como semeaõ tanta variedade, não podem colher cousa certa. Quem semea misturas, mal póde colher trigo. Se hum nao fizesse hum bordo para o Norte, outro para o Sul, outro para Leste, outro para Oeste, como poderia fazer viagem? Por isso nos pulpitos se trabalha tanto, e se navega taõ pouco. Hum assumpto
vai

236 *Vieira abbreviado*

vai para hum vento, outro assumpto vai para outro vento, que se ha de colher, senão vento? O Bautista convertia muitos em Judea; mas quantas materias tomava? Huma só materia: *Parate viam Domini*.

A preparação para o Reyno de Christo. Jonas converteo os Ninivitas; mas quantos assumptos tomou? *Jon. 3. 4.* Hum só assumpto: *Adbuc quadraginta dies, & Ninive subvertetur*: A subversão da Cidade. De maneira, que Jonas em quarenta dias prégo hum só assumpto, e nós queremos prégar quarenta assumptos em huma hora? Por isso não prégamos nenhum. O sermão ha de ser de huma só cor, ha de ter hum só objecto, hum só assumpto, huma só materia.

854 Ha de tomar o Prégador huma só materia, ha de diffinilla, para que se conheça, ha de dividilla, para que se distinga, ha de provailla com a Escriptura, ha de declaralla com a razão, ha de confirmalla com o exemplo, ha de amplificalla com as causas, com os effeitos, com as circumstancias, com as conveniencias, que se haõ de seguir, com os inconvenientes, que se devem evitar. Ha de responder ás duvidas, ha de satisfazer ás difficuldades, ha de impugnar, e refutar com toda a força da eloquencia os argumentos contrarios, e depois disto ha de colher, ha de apertar, ha de concluir, ha de persuadir, ha de acabar. Isto he sermão, isto he prégar, e o que não he isto, he fallar de mais alto. Não nego, nem quero dizer, que o sermão não haja de ter variedade de discursos; mas esses haõ de nascer todos da mesma materia, e continuar, e acabar nella. Quereis ver tudo isto com os olhos? Ora vede. Huma arvore tem rai- zes, tem troncos, tem ramos, tem folhas, tem varas, tem flores, tem fructos. Assim ha de ser o sermão,

Discurso LXXXII. 237

maõ: ha de ter raizes fortes, e solidas, porque ha de ser fundado no Euangelho: ha de ter hum tronco, porque ha de ter hum só assumpto, e tratar huma só materia. Deste tronco haõ de nascer diversos ramos, que saõ diversos discursos, mas nascidos da mesma materia, e continuados nella: estes ramos naõ haõ de ser lecos, senaõ cubertos de folhas, porque os discursos haõ de ser vestidos, e ornados de palavras. Ha de ter esta arvore varas; que saõ a reprehensã dos vicios, ha de ter flores, que saõ as sentenças, e por remate de tudo ha de ter fructos, que he o fructo, e o fim, a que se ha de ordenar o sermaõ. De maneira, que ha de haver fructos, e ha de haver flores, ha de haver varas, ha de haver folhas, ha de haver ramos; mas tudo nascido, e fundado em hum só tronco, que he huma só materia. Se tudo saõ troncos, naõ he sermaõ, he madeira: se tudo saõ ramos, naõ he sermaõ, saõ maravalhas: se tudo saõ folhas, naõ he sermaõ, saõ versas: se tudo saõ varas, naõ he sermaõ, he feixe: se tudo saõ flores, naõ he sermaõ, he ramalhete: serem tudo fructos, naõ póde ser; porque naõ ha fructos sem arvore. Assim que nesta arvore, a que podemos chamar arvore da vida, ha de haver o proveitoso do fructo, o formoso das flores, o rigoroso das varas, o vestido das folhas, o estendido dos ramos; mas tudo isto nascido, e formado de hum só tronco, e esse naõ levantado no ar, senaõ fundado nas raizes do Euangelho: *Seminare semen*. Eis aqui como haõ de ser os sermoens: eis aqui como naõ saõ. E assim naõ he muito, que se naõ faça fructo com elles.

855 Tudo o que tenho dito podéra demonstrar largamente naõ só com os preceitos dos Aristoteles, dos Tullios, dos Quintilianos, mas com a practica
obser-

observada do Principe dos Oradores Euangelicos S. João Chrysostomo, de S. Basilio Magno, S. Bernardo, S. Cypriano, e com as famosissimas oraçoens de S. Gregorio Nazianzeno, Mestre de ambas as Igrejas. E posto que nestes mesmos Padres, como em Santo Agostinho, S. Gregorio, e muitos outros se achão os Euangelhos apostillados com nome de sermoens, e homilias, huma cousa he expor, e outra prégar, huma ensinar, e outra persuadir. E desta ultima he que eu fallo, com a qual tanto fructo fizeraõ no mundo Santo Antonio de Padua, e S. Vicente Ferrer. Mas nem por isso entendo, que seja ainda esta a verdadeira causa, que busco.

856 Será por ventura a falta de ciencia, que ha em muitos Prégadores? Muitos Prégadores ha, que vivem do que não colheirão, e semeão o que não trabalhaõ. Depois da sentença de Adão a terra não costuma dar fructo, senão a quem come o seu pão com o suor do seu rosto. Boa razão parece tambem esta. O Prégador ha de prégar o seu, e não o alheyo. Por isso diz Christo, que semeou o lavrador do Euangelho o trigo seu: *Semen suum*: Semeou o seu, e não o alheyo; porque o alheyo, e o furtado não he bom para semear, ainda que o furto seja de ciencia. Comeo Heva o pomo da ciencia, e queixavame eu antigamente desta nossa mãy, já que comeo o pomo, porque lhe não guardou as pevides. Não seria bem, que chegasse a nós a arvore, já que nos chegaraõ os encargos della? Pois porque o não fez assim Heva? Porque o pomo era furtado, e o alheyo he bom para comer; mas não he bom para semear: he bom para comer, porque dizem que he saboroso: não he bom para semear, porque não nasce. Alguem terá experimen-

Discurso LXXXII. 239

rimentado, que o alheyo não nasce em casa; mas esteja certo, que se nasce, não ha de deitar raizes; e o que não tem raizes, não póde dar fructo. Eis aqui porque muitos Prégadores não fazem fructo; porque pregaõ o alheyo, e não o seu: *Semen suum*. O prégar he entrar em batalha com os vicios, e armas alheyas, ainda que sejaõ as de Achilles, a ninguem deraõ victoria. Quando David sahio a campo com o Gigante, offereceolhe Saul as suas armas; mas elle não as quiz aceitar. Com armas alheyas ninguem póde vencer, ainda que seja David. As armas de Saul só servem a Saul, e as de David a David: e mais aproveita hum cadoado, e huma funda propria, que a espada, e a lança alheya. Prégador, que peleja com as armas alheyas, não hajais medo, que derrube Gigante.

857 Fez Christo aos Apostolos pescadores de homens, que foy ordenallos de Prégadores; e que faziaõ os Apostolos? Diz o texto, que estavaõ *Reficientes retia sua*: Refazendo as redes suas: eraõ as redes dos Apostolos, e não eraõ alheyas. Notai: *Retia sua*: não diz, que eraõ suas, porque as compraõ, senaõ que eraõ suas, porque as faziaõ: não eraõ suas, porque lhe custaraõ o seu dinheiro, senaõ porque lhe custavaõ o seu trabalho. Desta maneira eraõ as redes suas, e porque desta maneira eraõ suas, por isso eraõ redes de pescadores, que haviaõ de pescar homens. Com redes alheyas, ou feitas por maõ alheya podemse pescar peixes; homens não se podem pescar. A razãõ disto he; porque nesta pesca de entendimentos só quem sabe fazer a rede, sabe fazer o lanço. Como se faz huma rede? Do fio, e do nó se compoem a malha: quem não ensia, nem ata, como

Patroclo

com as armas de Achilles foy vencido, e morto.

Faciam vos fieri piscatores hominum.
Matth. 4. 21.

mo ha de fazer rede? E quem não sabe ensinar, nem sabe atar, como ha de pescar homens? A rede tem chumbada, que vai ao fundo, e tem cortiça, que nada em cima da agua. A prégação tem humas coufas de mais pezo, e de mais fundo, e tem outras mais superficiaes, e mais leves: e governar o leve, e o pezado só o sabe fazer quem faz a rede. Na boca de quem não faz a prégação, até o chumbo he cortiça. As razoes não haõ de ser enxertadas, haõ de ser nascidas. O prégar não he recitar. As razoes proprias nascem do entendimento: as alheyas vaõ pegadas á memoria, e os homens não se convencem pela memoria; senão pelo entendimento. Veyo o Espirito Santo sobre os Apostolos, e quando as linguas desciaõ do Ceo, cuidava eu, que se lhes haviaõ de pôr na boca; mas ellas foraõse pôr na cabeça. Pois porque na cabeça, e não na boca, que he o lugar da lingua? Porque o que ha de dizer o Prégador, não lhe ha de fahir só da boca; halhe de fahir pela boca, mas da cabeça. O que sahe só da boca, pára nos ouvidos: o que nasce do juizo, penetra, e convence o entendimento.

858 Com tudo eu não me firmo de todo nesta razão; porque do grande Bautista sabemos, que pré-gou o que tinha prégado Isaias, como notou S. Lucas, e não com outro nome se não de sermoens: *Prædicans baptismum pœnitentiæ in remissionem peccatorum, sicut scriptum est in libro sermonum Isaiaæ Prophetæ*. Deixo o que tomou Santo Ambrosio de S. Basilio, S. Prospero, e Beda de Santo Agostinho, Theofilato, e Euthymio de S. João Chrysostomo.

859 Será finalmente a causa, que tanto ha buscamos, a voz, com que hoje fallaõ os Prégadores? Antiga-

Discurso LXXXII. 241

igamente pré-gavaõ brádando, hoje pré-gaõ conver-
sando. Antigamente a primeira parte do Pré-gador
era boa voz, e bom peito. E verdadeiramente como
o mundo se góverna tanto pelos sentidos, podem ás
vezes mais os brados, que a razaõ. Boa era tambem
esta; mas naõ a podemos provar com o semeador,
porque já dissemos, que naõ era officio de boca. Po-
rém o que nos negou o Euágelho no semeador me-
taforico, nos deo no semeador verdadeiro, que he
Christo. Tanto que Christo acabou a parabola, diz
o Euangelho, que começou o Senhor a bradar: *Hæc* Luc. 8. 8.
dicens clamabat. Bradou o Senhor, e naõ arrazoou
sobre a parabola; porque era tal o auditorio, que
fiou mais dos brados, que da razaõ.

860 Perguntaraõ ao Bautista, quem era. Res-
pondeo elle: *Ego vox clamantis in deserto*: Eu sou Joan. 1.
uma voz, que anda bradando neste deserto. Desta 23.
maneira se definio o Bautista. A definiçaõ do Pré-ga-
dor, cuidava eu, que era: Voz, que arrazoa, e naõ:
Voz, que brada. Pois porque se definio o Bautista pe-
lo bradar, e naõ pelo arrazoar: naõ pela razaõ, senaõ
pelos brados? Porque ha muita gente neste mundo,
com quem podem mais os brados, que a razaõ, e
taes eraõ aquelles, a quem o Bautista pré-gava. Vede-o
claramente em Christo. Depois que Pilatos exami-
nou as accusaçoes, que contra elle se davaõ, lavou
as maõs, e disse: *Ego nullam causam invenio in ho-* Luc. 23.
mine isto: Eu nenhuma causa acho neste homem. 14.
Neste tempo todo o povo, e os Escribas bradavaõ
de fóra, que fosse crucificado: *At illi magis clama-* Matth. 27.
bant: Crucifigatur. De maneira, que Christo tinha 23.
por si a razaõ, e tinha contra si os brados. E qual po-
de mais? Podéraõ mais os brados, que a razaõ. A

242 *Vieira abbreviado*

razaõ não valeo para o livrar, os brados bastaraõ para o pôr na cruz. E como os brados no mundo podem tanto, bem he que bradem alguma vez os Prégadores, bem he que gritem. Por isso Isaias chamou aos Prégadores nuvens: *Qui sunt isti, qui ut nubes volant?* A nuvem tem relampago, tem trovaõ, e tem rayo. Relampago para os olhos, trovaõ para os ouvidos, rayo para o coração: com o relampago alumia, com o trovaõ assombra, com o rayo mata. Mas o rayo fere a hum, o relampago a muitos, o trovaõ a todos. Assim ha de ser a voz do Prégador, hum trovaõ do Ceo, que assombre, e faça tremer o mundo.

861 Mas que diremos á oração de Moytés? *Con-*
crescat ut pluvia doctrina mea: fluat ut ros elo-
quium meum. Desça a minha doutrina como chuva do Ceo, e a minha voz, e as minhas palavras como orvalho, que se distilla brandamente, e sem ruido. Que diremos ao exemplo ordinario de Christo, taõ celebrado por Isaias? *Non clamabit, neque audietur vox ejus foris:* Não clamará, não bradará, mas fallará com huma voz taõ moderada, que se não possa ouvir fóra. E não ha duvida, que o praticar familiarmente, e o fallar mais ao ouvido, que aos ouvidos, não só concilia mayor attenção, mas naturalmente, e sem força se insinua, entra, penetra, e se mete na alma.

862 Em conclusaõ, que a causa de não fazerem hoje fructo os Prégadores com a palavra de Deos nem he a circumstancia da pessoa: *Qui seminat*, nem a do estylo: *Seminare*, nem a da materia: *Semen*, nem a da ciencia: *Suum*, nem a da voz: *Clamabat.* Moysés tinha fraca voz, Amos tinha grosseiro estylo, Salamaõ multiplicava, e variava os assumptos, Balaõ

Discurso LXXXII. 243

Balaõ não tinha exemplo de vida, o seu animal não tinha ciencia, e com tudo todos estes fallando, per-tuadiaõ, e convenciaõ. Pois se nenhuma destas ra-zoens, que discorremos, nem todas ellas juntas são a causa principal, nem bastante do pouco fructo, que hoje faz a palavra de Deos; qual diremos finalmen-te, que he a verdadeira causa?

863 As palavras, que tomei por thema, o dizem: *Semen est verbum Dei*. Sabeis (Christaõs) a causa, porque se faz hoje tão pouco fructo com tantas pré-gaçoens? He porque as palavras dos Prégadores são palavras, mas não são palavras de Deos. Fallo do que ordinariamente se ouve. A palavra de Deos (co-mo dizia) he tão poderosa, e tão efficaz, que não só na boa terra faz fructo, mas até nas pedras, e nos es-pinhos nasce. Mas se as palavras dos Prégadores não são palavras de Deos, que muito, que não tenham a efficacia, e os effeitos de palavra de Deos? *Ventum* Osee 3. 7. *feminabunt, & turbinem colligent*, diz o Espirito Santo. Quem semea ventos, colhe tempestades. Se os Prégadores semeaõ vento, se o que se préga he vaidade, se não se préga a palavra de Deos, como não ha a Igreja de Deos de correr tormenta em vez de colher fructo?

864 Mas dirmeheis: Padre, os Prégadores de ho-je não prégaõ do Euangelho? Não prégaõ das sagra-das Escrituras? Pois como não prégaõ a palavra de Deos? Esse he o mal. Prégaõ as palavras de Deos; mas não prégaõ a palavra de Deos: *Qui habet ser-monem meum, loquatur sermonem meum vere*, disse Jerem. 23. 28. Deos por Jeremias. As palavras de Deos prégadas no sentido, em que Deos as disse, são palavra de Deos, mas prégadas no sentido, que nós queremos, não

são palavra de Deos, antes póde ser palavra do demonio. Tentou o demonio a Christo, a que fizell
 Math, 4. 4. das pedras pão. Respondeolhe o Senhor: *Non in solo pane vivit homo, sed in omni verbo, quod procedit de ore Dei.* Esta sentença era tirada do cap. 8. do *Deuteronomio*. Vendo o demonio, que o Senhor se defendia da tentação com a Escritura, leva-o ao templo, e allegando o lugar do *Psalmo 90.* dizlhe desta maneira: *Mitte te deorsum; scriptum est enim; quia Angelis suis Deus mandavit de te, ut custodiant te in omnibus viis tuis:* Deitate dahi abaixo, porque promettido está nas sagradas Escrituras, que os Anjos te tomarão nos braços, para que te não faças mal. De sorte, que Christo defendeose do diabo com a Escritura, e o diabo tentou a Christo com a Escritura. Todas as Escrituras são palavra de Deos; pois se Christo toma a Escritura para se defender do diabo, como toma o diabo a Escritura para tentar a Christo? A razão he; porque Christo tomava as palavras da Escritura em seu verdadeiro sentido, e o diabo tomava as palavras da Escritura em sentido alheyo, e torcido: e as mesmas palavras, que tomadas em verdadeiro sentido são palavras de Deos, tomadas em sentido alheyo são armas do diabo: as mesmas palavras, que tomadas no sentido, em que Deos as disse, são defeza, tomadas no sentido, em que Deos as não disse, são tentação. Eis aqui a tentação, com que então quiz o diabo derrubar a Christo, e com que hoje lhe faz a mesma guerra do pinnaculo do templo. O pinnaculo do templo he o pulpito; porque he o lugar mais alto d'elle. O diabo tentou a Christo no deserto, tentou o no monte, tentou-o no templo: no deserto tentou-o com a gula, no monte tentou-o com

a am-

Discurso LXXXII. 245

a ambição, no templo tentou-o com as Escrituras mal interpretadas: e ella he a tentação, de que mais padece hoje a Igreja, e que em muitas partes tem derrubado della, se não a Christo, a sua fé.

865. Dizeime, Prégadores, (aquelles, com quem eu fallo, indignos verdadeiramente de tão sagrado nome) dizeime: Esses assumptos inuteis, que tantas vezes levantai, essas emprezas ao vosso parecer agudas, que proseguis, achastes alguma vez nos Profetas do testamento velho, ou nos Apostolos, e Evangelistas do testamento novo, ou no Author de ambos os testamentos, Christo? He certo que não. Porque desde a primeira palavra do Genesis até á ultima do Apocalypse não ha tal cousa em todas as Escrituras. Pois se nas Escrituras não ha o que dizeis, e o que prégaes, como cuidais, que prégaes a palavra de Deos? Mais: Nesses lugares, nesses textos, que allegais para prova do que dizeis, he esse o sentido, em que Deos os disse? He esse o sentido, em que os entendem os Padres da Igreja? He esse o sentido da mesma Grammatica das palavras? Não por certo. Porque muitas vezes as tomais pelo que toão, e não pelo que significão, e talvez nem pelo que toão; pois se não he esse o sentido das palavras de Deos, segue-se que não são palavras de Deos. E se não são palavras de Deos; que nos queixamos de que não fação fructo as pregaçoens? Basta que havemos de trazer as palavras de Deos a que digão o que nós queremos, e não havemos de querer dizer o que ellas dizem! E então ver cabecear o auditorio a estas cousas, quando deviamos de dar com a cabeça pelas paredes de as ouvir! Verdadeiramente não sei de que mais me espante, se dos nossos conceitos, se dos vos-

246 *Vieira abbreviado*

fos applausos? Oh que bem levantou o Prégador! Assim he; mas que levantou? Hum falso testemunho ao texto, outro falso testemunho ao Santo, outro ao entendimento, e ao sentido de ambos. Então que se converta o mundo com falsos testemunhos da palavra de Deos! Que muito logo, que as nossas imaginações, as nossas vaidades, e as nossas fabulas não tenham a efficacia da palavra de Deos!

Col. 72.

866 Miseraveis de nós, e miseraveis dos nossos tempos; pois nelles se veyo a cumprir a profecia de S. Paulo! *Erit tempus, cum sanam doctrinam non sustinebunt*: Virá tempo, diz S. Paulo, em que os homens não soffrerão a doutrina sã: *Sed ad sua desideria coacervabunt sibi magistros prurientes auribus*: Mas para seu appetite terão grande numero de Prégadores feitos a montão, e sem escolha, os quaes não fação mais, que adularlhes as orelhas: *A veritate quidem auditum avertent, ad fabulas autem convertentur*: Fecharão os ouvidos á verdade, e abri-lo-hão ás fabulas. Fabula tem duas significações: quer dizer fingimento, e quer dizer comedia, e tudo são muitas prégações deste tempo. São fingimento, porque são lubtilezas, e pensamentos aereos sem fundamento de verdade: são comedia, porque os ouvintes vem á prégação, como á comedia, e ha Prégadores, que vem ao pulpito como comediantes. Huma das felicidades, que se contava entre as do tempo presente, era acabarem-se as comedias em Portugal; mas não foy assim. Não se acabaraõ, mudaraõ-se: passaraõ-se do theatro ao pulpito. Não cuideis, que encareço em chamar comedias a muitas prégações das que hoje se usaõ. Tomara ter aqui as comedias de Plauto, de Terencio, de Seneca, e verieis

Discurso LXXXII. 247

rieis, se não achaveis nellas muitos defenganos da vida, e vaidade do mundo, muitos pontos de doutrina moral muito mais verdadeiros, e muito mais solidos, do que hoje se ouvem nos pulpitos. Grande miseria por certo, que se achem mayores documentos para a vida nos versos de hum Poeta profano, e gentio, que nas prégaçoens de hum orador Christão, e muitas vezes, sobre Christão, Religioso!

867 Pouco disse S. Paulo em lhes chamar comedia; porque muitos sermoens ha, que não são comedia, são farça. Sóbe talvez ao pulpito hum Prégador dos que professão ser mortos ao mundo, vestido, ou amortalhado em hum habito de penitencia, (que todos, mais, ou menos asperos, são de penitencia, e todos, desde o dia que os professamos, mortalhas) a vista he de horror, o nome de reverencia, a materia de compunção, a dignidade de oraculo, o lugar, e a expectação de silencio: e quando este se rompeo, que he o que se ouve? Se neste auditorio estivesse hum estrangeiro, que nos não conhecesse, e visse entrar este homem a fallar em publico naquelles trajos, e em tal lugar, cuidaria, que havia de ouvir huma trombetea do Ceo, que cada palavra sua havia de ser hum rayo para os coraçoes, que havia de prégar com o zelo, e com o fervor de hum Elias, que com a voz, com o gesto, e com as acçoens havia de fazer em pó, e em cinza os viciós. Isto havia de cuidar o estrangeiro. E nós, que he o que vemos? Vemos sahir da boca daquelle homem assim naquelles trajos huma voz muito affectada, e muito polida, e logo começar com muito desgarrro, a que? A motivar desvellos, a acreditar empenhos, a requintar finezas; a lisongear precipicios, a brilhar auroras, a derreter

cryſtaes, a deſmayar jaſmins, a toucar primaveras, e outras mil indignidades deſtas. Não he iſto farga a mais digna de riſo, ſe não fora tanto para chorar? Na comedia o Rey veste como Rey, e falla como Rey, o lacayo veste como lacayo, e falla como lacayo, o ruſtico veste como ruſtico, e falla como ruſtico; mas hum Prégador vestir como Religioſo, e fallar como: não o quero dizer por reverencia do lugar. Já que o pulpito he theatro, e o ſermaõ comedia, ſe quer não faremos bem a figura? Não dirão as palavras com o vestido, e com o officio? Aſſim pré-gava S. Paulo, aſſim pré-gavaõ aquelles Patriarcas, que ſe vestiraõ, e nos vestiraõ deſtes habitos? Não louvamos, e não admiramos o ſeu prégar? Não nos prezamos de ſeus filhos? Pois porque os não imitamos? Porque não pré-gamos, como elles pré-gavaõ? Neſte meſmo pulpito pré-gou S. Francisco Xavier, neſte meſmo pulpito pré-gou S. Francisco de Borja, e eu que tenho o meſmo habito; porque não pré-garei a ſua doutrina, já que me falta o ſeu eſpirito?

868 Dirmeheis o que a mim me dizem, e o que já tenho experimentado: que ſe pré-gamos aſſim, zombaõ de nós os ouvintes, e não goſtaõ de ouvir. Oh boa razaõ para hum ſervo de Jeſu Chriſto! Zombem, e não goſtem embora, e façamos nós noſſo officio. Que Medico ha, que repare no goſto do enfermo, quando trata de lhe dar ſaude? Sarem, e não goſtem: ſalvemſe, e amarguelhes, que para iſſo ſomos Medicos das almas. Em fim para que os Pré-gadores ſaibaõ como haõ de prégar, e os ouvintes a quem haõ de ouvir, acabo com hum exemplo do noſſo Reyno, e quaſi dos noſſos tempos. Pré-gavaõ em Coimbra dous famoſos Pré-gadores, ambos bem

conhe-

Discurso LXXXII. 249

conhecidos por teus escritos : não os nomeyo , porque os hei de desigualar. Altercou-se entre alguns Doutores da Universidade, qual dos dous fosse mayor Prégador ? E como não ha juizo sem inclinação ; huns diziaão , este : outros, aquelle. Mas hum Lente, que entre os mais tinha mayor authoridade, concluiu desta maneira : Entre dous sujeitos tão grandes não me atrevo a interpor juizo : só direi huma differença , que sempre experimento. Quando ouço hum , layo do sermaão muito contente do Prégador : quando ouço outro, layo muito descontente de mim. Com isto tenho acabado. Algum dia vos enganastes tanto comigo , que sahieis do sermaão muito contentes do Prégador : agora quizera eu defenganarvos tanto , que sahisseis muito descontentes de vós. Semeadores do Euangelho, eis aqui o que devemos pertender nos nossos sermoens , não que os homens sayão contentes de nós , senão que sayão muito descontentes de si : não que lhes pareçaão bem os nossos conceitos ; mas que lhes pareçaão mal os seus costumes , as suas vidas, os seus passatempos , as suas ambiçoens , e em fim todos os seus peccados : Com tanto que se descontentem de si , descontentem-se embora de nós : *Si hominibus placerem , Christi servus non essem* ; dizia o mayor de todos os Prégadores, S. Paulo : Se eu contentara aos homens , não seria servo de Deos. Oh contentemos a Deos , e acabemos de não fazer caso dos homens !

DISCURSO LXXXIII.

Tirado de hum sermão da terceira Dominga post Epiphaniam, prégado na Sé de Lisboa sobre estas palavras: Si vis, potes. Matth. 8.

QUERER, E PODER.

Part. 6.
Num. 258.

869 **O** Querer, e opoder, se divididos saõ nada, juntos, e unidos saõ tudo. O querer sem o poder he fraco, o poder sem o querer he ocioso, e deste modo divididos saõ nada. Pelo contrario o querer com o poder he efficaz, o poder com o querer he activo, e deste modo juntos, e unidos saõ tudo. Assim considerava o querer, e o poder de Christo, certo do seu poder, e duvidoso do seu querer, hum homem pobre, e enfermo, o qual na historia do presente Euangelho prostrado a seus divinos pés lhe pediu, que o remediasse, dizendo, que se quizesse podia: *Si vis, potes.*

Math 8. 2.
Num. 260.

870 Oh que grande ventura he requerer diante de hum Principe, que quer, e póde! Assim seria tambem a mayor de todas as desgraças esperar o remedio de algum taõ pouco poderoso, que naõ possa, e de taõ má vontade, que naõ queira. A Augusto Cesar disse Marco Tullio prudente, e elegantemente, que a natureza, e a fortuna lhe tinhaõ dado, huma a mayor, e outra a melhor cousa, que podiaõ, para fazer bem a muitos: *Nec fortuna tua maius quam ut possis, nec natura tua melius quam ut velis, conservare quamplurimos*: A mayor cousa, que póde dar a fortuna a hum Principe, he o poder, e a melhor, que

Discurso LXXXIII. 251

que lhe póde dar a natureza, he o querer para poder, e querer fazer bem a todos.

871 Mas como o poder, e querer só naquelle Num. 261.
supremo Senhor, que póde quanto quer, são iguaes, e pelo contrario no homem o poder he pouco, e limitado, e o querer sempre infaciavel, e sem limite, como se poderá na contrariedade desta discordia achar algum meyo de uniaõ? Reconheço a difficuldade; mas por isso será ella todo o emprego do meu discurso: *Si vis, potes*: sobre estas duas palavras consideradas variamente por todos os modos, com que se podem combinar, veremos como se ha de ajustar o querer com o poder, e o poder com o querer. He huma das mais importantes materias, que se deve ensinar ao mundo, e de que depende toda a felicidade humanã.

872 Se buscarmos com verdadeira consideração Num. 262.
a causa de todas as ruinas, e males do mundo, acharemos, que não só a principal, senão a total, e a unica he não acabarem os homens de concordar o seu querer com o seu poder: *Si vis, potes*. A raiz deste veneno mortal nascida não só na terra, senão tambem no Ceo he a inclinação natural, com que toda a creatura dotada de vontade livre não só appetee sempre ser mais do que he, senão tambem querer mais do que póde. Que quiz o Anjo no Ceo, e que quiz o homem no Paraíso? Ambos quizerão ser como Deos. Menos me admiro das suas vontades, que dos seus entendimentos. Vem cá Lucifer, vem cá Adão: tu Anjo, e o mais sabio de todos os Anjos: tu homem, e o mais sabio de todos os homens, não entendeis, e conheceis com evidencia, que não podeis ser como Deos? Pois como appeteeis o que
não

252 *Vieira abbreviado*

naõ podeis? Porque tal he a cegueira de hum entendimento ambicioso, e a ambição de huma vontade livre. Ha de querer mais do que póde, ainda que conheça, que he impossivel. O poder, ou poderes do homem eraõ sobre todos os peixes do mar, sobre todas as aves do ar, e sobre todos os animaes da terra: o poder, e poderes do Anjo eraõ sobre a terra, sobre o mar, sobre o ar, sobre o fogo, e naõ só sobre todos os elementos, mas tambem sobre todos os corpos celestes, e sobre todos os astros, e seus movimentos. E porque ainda havia no mundo outro poder mayor, posto que este fosse o de Deos, nem o Anjo, nem o homem se contentaraõ com poder o que podiaõ. E que se leguiu daqui? A ruina universal do mundo, a ruina da terceira parte dos Anjos, e a ruina de todos os homens.

Num. 263. 873 Mas deixados os Anjos, que naõ saõ capazes de emenda, fallemos com os homens, que se podem emendar, se quizerem. Começando pelos mayores corpos politicos, que saõ os Reynos, qual he a causa de tantos se terem perdido, de que a penas se conserva a memoria, e outros se verem taõ arruinados, e enfraquecidos, senaõ o appetite desordenado, e cego de quererem os Reys mais do que podem? Daqui se seguem as guerras, e a ambição de novas, e temerarias empresas, como as de Membroth: daqui as fabricas de edificios magnificos, e insanos, como a torre de Babel: daqui a prodigalidade de excessivas merces, amontoando em humo que se tira a todos, como as de Asluero em Aman: daqui as festas, e jogos publicos com os apparatus mais monstruosos, que extraordinarios, sem outro fim, que a falsa ostentação, e vaidade, do que naõ ha, nem he. E quando

Discurso LXXXIII. 253

quando as despezas de tudo isto deverãõ tahir do que sobejasse nos erarios, e thesouros Reaes, que serãõ onde se vem tiradas, e esprimidas todas do sangue, do suor, das lagrimas dos vassallos carregados, e consumidos com tributos sobre tributos, chorando os naturaes, para que se alegrem os estranhos, e anticipandose as exequias á patria, por onde se lhe deveira procurar a faude?

874 Salamaõ foy o Rey, que em todo o seu reynado usou da mais alta, e segura paz de quantos houve dentro, e fóra de Israel; mas foy tal a guerra, que elle fez á sua mesma Corte, e Reyno com os prodigiosos espectaculos de grandeza, e magestade, cuja fama trazia a Jerusalem todas as naçoens do mundo, que o mesmo Salamaõ foy o que destruiu o que tanto enobreceo, e exaltou: e não por outra razão, ou defeito, senão porque sendo mais poderoso, que todos, senão contentou com o que podia. A prata no seu tempo, diz a sagrada Escriitura, que era tanta em Jerusalem, como as pedras da rua, e neste mesmo tempo eraõ tantos, tão multiplicados, e tão excessivos os tributos, com que o glorioso, e miseravel povo sustentava a fama de ser chamado seu hum tal Rey, que não podendo supportar hum pezo tão intoleravel, com que em toda a vida os opprimio, e nem na morte os aliviou, a primeira cousa, que pediraõ a seu successor Roboaõ, foy a suspensão, e remedio destas oppressões. Mas como o filho, que se não contentava com menos que poder ainda mais, que seu pay, não dêsse ouvidos a huma tão justificada queixa, rebellados os mesmos vassallos lhe negaraõ a obediencia, e de doze Tribus, de que constava o Reino, perdeu em hum dia os dez, os quaes nem nos dias

254 *Vieira abbreviado*

dias de Roboaão, nem nos de todos seus descendentes se uniraão, ou sujeitaraão já mais á mesma Coroa.

875 E se este natural appetite de quererem os homens sempre mais do que pôdem, nem na soberania dos que pôdem tudo se farta; que será dahi abaixo desde os mayores entre os grandes até os mininos entre os pequenos? O official pôde viver como official, e quer viver como escudeiro: o escudeiro pôde viver como escudeiro, e quer viver como fidalgo: o fidalgo pôde viver como fidalgo, e quer viver como titulo: o titulo pôde viver como titulo, e quer viver como Principe. E que se segue deste tão desordenado querer? O menos he, que por quererem o que não pôdem, venhaão a não poder o que podiaão. Quanto sobe violentamente o querer para cima, tanto desce sem querer o poder para baixo. Ouvi o que agora direi como proverbio Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer, e o que tem.

Num. 265. 876 No testamento velho ElRey Balthasar, porque quiz mais do que podia, *Inventus est minus habens*. E donde veyo este menos, senaão daquelle mais? *Respexistis ad amplius, & ecce factum est minus*, diz o Profeta Aggeo. No testamento novo o filho Prodigo, porque no gastar, e alardear quiz o que não podia, nem pedia o estado de filho, veyo a pedir por misericordia a fortuna de criado: *Fac me sicut unum de mercenariis tuis*. Quantos vieraão a servir, porque quizeraaõ ser mais servidos, ou servidos de mais do que podiaão manter? Se apenas podeis sustentar hum cavallo com hum mochila, porque haveis de ter huma carroça com oito lacayos? Hum he afeçoado á caça, e quando os caens andaão luzidios, e ana-

Dan 5. 27.

Aggei 1. 9.

Luc. 15.
12.

Discurso LXXXIII. 255

anafados, veritheis os criados pallidos, e mortos
fome. O outro he prezado, ou picado de pinturas,
e quando elle com falso testemunho ridiculo chama
aos seus quadros originaes de Ticiano, os pagens, e
os lacayos são verdadeiramente copias de Lazáro.
Que direi do que para fahir hum dia aos touros, e
ostentar cincoenta lacayos vestidos de tela, empe-
nhou o morgado, e as commendas por muitos annos?
As sortes seriaõ quaes quiz a ventura, mas a peyor,
e mais certa foy a da pobre casa. Elle poderia ter hum
dia de Paschoa, mas ella ha de jejuar dez annos de
Quaresma. Eis aqui o que vem a não poder os que
querem mais do que pôdem. Com essa mal confide-
rada vaidade que he o que adquiristes, ou o que per-
destes? Perdestes a felicidade de não pedir, perdestes
a liberdade de não dever, perdestes o descanso
de não pagar; e o que adquiristes com o que tinheis,
e com o que não tinheis, foraõ as invejas dos ami-
gos, as murmuraçoens dos sizudos, as perseguiçoens
dos acredores, e a desgraça, e máo conceito dos mes-
mos Principes, a'quem quizestes lisonjear, e servir;
porque como vos ha de fiar a sua fazenda quem al-
fim vê, que desperdiçais a vossa?

877 Mas isto passe embora, porque he damno
particular. O máo he, que para restaurar estes def-
manchos, que sempre se devem, e nunca se pagaõ,
quem os está continuamente pagando por varios mo-
dos, he o commum. O official de penna, a cujos rás-
gos mede o regimento as regras, e conta as letras,
se elle quer gastar sem conta, e sem medida, que ha
de fazer? Troca as suas pennas com as dos gavioens,
e minhotos, e não ha ave de rapina, que tanto leve
nas unhas. O letrado, ou julgador, cuja authorida-
de

256 *Vieira abbreviado*

de constava antigamente de huma mula mal pensada com sua gualdrapa preta, se hoje fóra de casa ha de sustentar a liteira, e dentro as alfayas, que lhe respondem, não bastando os ordenados para a terceira parte do anno, quem ha de supprir a despeza das outras duas partes, senão as partes, e a justiça? O que entre fumos de nobreza, e fidalguia vive á mercê da sua herdade, a qual quando as novidades não mentiaõ, só dava para sarja no verão, e baeta no inverno, agora que já ás lans se não sabe o nome, de que se ha de vestir sendo o gallo da sua aldea, senão das pennas dos que podem menos? O mercante, que tomou os assentos, ou contratos reaes de publico, e se contratou de secreto com os zeladores da fazenda do mesmo Rey, de que modo se ha de soldar, quando se vê quebrado, senão com o soldo, e fardas dos miseraveis soldados, tornando a comprar os já comprados ministros, para que lhe subaõ os preços, e ajuste as quebras?

878 Infinita cousa seria se houvessemos de discurrir por todos os estados assim da paz como da guerra, com que a fazem cruel á Republica os mesmos, que tinhaõ obrigação de a defender. Com razão disse Seneca, que a riqueza se faz de muitas pobreza: *Divitiæ ex paupertatibus fiunt*; porque para enriquecer hum homem se empobrecem outros, e para se levantar, ou resuscitar huma casa se arruinão, e sepultaõ muitas. Os empenhos do morgado tirallos ha o governo, o cativoiro das commendas remillohaõ as pensoens; e se a limitação dos ordenados não abrange a tanto, estendellahaõ sem limite os desordenados. O que não póde pagar a gineta, pagalloha a companhia: o que não póde pagar o bastaõ, pagal-

Discurso LXXXXI. 257

pagalloha o exercito : o que não póde pagar Portugal, pagalloha o Brasil, pagalloha a Africa, pagalloha a India. E para que poucos, que querem mais do que podem sejaõ flagellos, affolação, e rayos das quatro partes do mundo, se lhe dará licença por escrito, para que possaõ quanto quizerem.

379 Lembrame a este proposito hum apophthegma daquelle famoso legislador dos Gregos Solon : *Luxus erit in tyrannidem, dum fenum migrat in cornua*. Quer dizer a primeira parte, que do luxo nasce a tyrannia, pessima filha de máo pay. E segundo os gemidos dos tyrannizados, cujas serão estas tyrannias, senão dos que eu vou fallando? Todos querem mais do que podem, nenhum se contenta com o necessario, todos aspiraõ ao superfluo, e isto he o que se chama luxo. Luxo na pessoa, luxo no vestido, luxo na mesa, luxo na casa, luxo no estrado, luxo nos filhos, luxo nos criados, e criadas, e onde não baste o proprio, claro está, que ou por arte, ou por violencia se ha de roubar o alheyo, que estas são mais, ou menos descubertas as tyrannias : *Luxus erit in tyrannidem*. E porque não pareça difficultoso, ou imprprio, que de huma causa tão branda, e tão delectavel, como o luxo, nasce hum effeito tão duro, e tão cruel, como a tyrannia, declara a primeira parte da sua sentença Solon com a comparação da segunda, que verdadeiramente he subtilissima : *Dum fenum migrat in cornua*. O pasto, com que se regala, e se engrossa o touro, não he o feno brando, e para elle tão saboroso, que o come de dia, e o torna a recomer de noite? Pois esse feno na testa do mesmo bruto he o que se converte naquellas duas pontas duras, fortes, e agudas, que são o instrumento, e as

Tom. II. R armas

258 *Vieira abbreviado*

armas de toda a sua fereza. Lançay-o no corro, e vereis como a todos remete, a todos atropella, a huns bota para o ar, a outros piza, a outros fere, ou mata, e o que melhor livrou da sua furia, foy deixando-lhe a capa nas mesmas pontas. Se o luxo he o feno, quanto mais se come delle, e se gosta, e se rumia, tanto mayores leraõ as tyrannias, e mais feros os el-tragos: *Dum fenum migrat in cornua*. Boa materia se me offerencia agora para fallar das durezas taõ crueis, e das agudezas taõ subteis, e das armaçoens taõ bem armadas destas armas da tyrannia. Mas o dito bastará, para que se entenda a verdade do fundamento, que puz, ou suppoz, como primeira pedra deste taõ importante discurso. E que a causa, e raiz de todos os damnos particulares, e publicos, que padecem as familias, as Communidades, e os Reynos, e com que se está indo a pique o mundo, he naõ acabar o appetite, a ambição, e a cegueira humana de tomar as medidas ao que póde, e ajustar o seu querer ao seu poder: *Si vis, potes*.

Num. 268. 880 Para reduzirmos á pratica este taõ necessario ajustamento, a primeira diligencia, que ha de fazer todo o homem prudente de si para consigo, e sem paixão, nem amor proprio, he medir o seu poder:

Luc. 14. 28. *Quis ex vobis volens turrim ædificare, non prius sedens computat sumptus, qui necessarii sunt, si habeat ad perficiendum?*

Num. 273. 881 Feito assim o exame do poder, e feito, como dizia, sem paixão, nem amor proprio, para ser bem feito, seguesse a eleição do querer, em que consiste todo o acerto, e póde haver muitos erros. Ou eu posso querer sómente o que posso, ou querer mais do que posso, ou querer menos do que posso. E co-

Discurso LXXXIII. 259

mo nestes tres modos de ajustar o querer com o poder, ou igualando, ou excedendo, ou diminuindo se póde alterar muito a devida proporção, vejamos pela mesma ordem qual será a mais acertada, e por isso mesmo a mais conveniente.

882 Quanto á primeira de querer sómente o que Num. 274. posso, he tão excellente, e adequada esta proporção, que por hum modo admiravel parece se iguala o querer, e poder humano com a vontade, e omnipotencia divina. Qual he a excellencia, e soberania da vontade, e omnipotencia divina? He que Deos póde quanto quer. Pois se Deos póde quanto quer, e eu quero só quanto posso, este he o caso, como diz Seneca em outro, no qual póde o homem competir na felicidade com Deos. Porque se Deos póde quanto quer, eu tambem posso quanto quero, porque só quero quanto posso. Assim o notou com subtil, e bem fundada advertencia o douto; e engenhoso Auctor da arte da vontade. He verdade, que Deos póde fazer mais do que quer; mas tambem o homem póde querer mais do que póde: e a proporção do querer com o poder tanto consiste em Deos em se medir o poder divino com a vontade divina, como no homem em se medir a vontade humana com o poder humano. Daqui se segue, q os muito poderosos, e os que pouco podem, todos são iguaes nesta felicidade, em que se fazem tão semelhantes a Deos. Porque se huns, e outros se conformaõ, e contentaõ com o que podem, nem o muito de huns he mais, nem o pouco de outros he menos; porque todos dentro da medida do seu poder tem tudo quanto querem. Oh que ditoso, e bem ordenado viveria universalmente o mundo, se todos penetrassem o interior deste segredo, e não traspassassem o

260 *Vieira abbreviado*

seu querer além das rayas do seu poder !

Num. 275. 883 Advirtaõ porém aqui principalmente os poderosos , que o que dizemos do poder , só se entende do que licita , e justamente se póde. O illicito , e injusto nunca se póde fazer , ainda que se faça. Mas he tal a jaçtancia dos poderosos , e mais daquelles , que cuidaõ , que podem tudo , que tem por afronta do seu poder cuidar-se , que tem limite o que podem. Assim como o Juiz não póde exceder as leys do Rey , assim o Rey não póde exceder as da razaõ , e justiça. A ElRey Creonte disse Medea : *Si judicas , cognosce : si regnas , jube*: Se obras como Juiz toma conhecimento da causa , mas se obras como Rey manda o que quizeres. A segunda parte deste aforismo he tirada dos archivos não só da tyrannia , mas do atheismo : e não só a seguem os Reys , senão tambem os Juizes. Pilatos era Juiz com vezes de Rey , porque era em Judea Locotenente do Cesar : e vede o soberbissimo conceito , que tinha dos seus poderes. Como Christo Senhor nosso accusado pelos Judeos não respondesse a huma pergunta , que lhe fazia Pilatos , disselhe assim : *Mihi non loqueris ?* A mim me não respondes ? *Nescis quia potestatem habeo crucifigere te , & potestatem habeo dimittere te ?* Não sabes que tenho poder para te crucificar , e que tenho poder para te livrar ? Não , Pilatos : não sabe isto Christo. Esse homem , q̃ tens em pé diante de ti , he o mais sabio de todos os homens , e juntamente Deos : e nem como homem , nem como Deos sabe o que dizes ; porque dizes o que não he , nem póde ser. Se esse homem he reo , não tens poder para o livrar , e se he innocente , não tens poder para o crucificar. E porque ? Porque se he reo , não o podes absolver da culpa , e se não tem

Joan. 19.
10.

Discurso LXXXIII. 261

tem culpa, não lhe pódes condemnar a innocencia. Mas quantos innocentes vemos condemnados, e quantos culpados absolutos, tudo pela falsa, e arrogante ostentação dos que cuidaõ, que podem tudo!

884 Ora eu vos quero conceder o que, não ten- Num. 276.
des, e suppondo com vosco, que verdadeiramente podeis, ouvi agora o que ignorais, e por ventura nunca ouvistes. Cuidais que o poder todo consiste em não haver cousa alguma, a que se não estenda o vosso poder; e he engano manifesto. O poder todo consiste em poder algumas cousas, e não poder outras: consiste em poder o licito, e justo, e em não poder o illicito, e injusto: e só quem póde, e não póde desta maneira, he todo poderoso. Não he paradoxo meu, senão verdade de fé divinamente explicada por Santo Agostinho: *Quam multa non potest Deus, & omnipotens est? Immo omnipotens est, quia ista non potest.* E a razão he, porque o ser todo poderoso consiste em poder humas cousas, e não poder outras: em poder todas as que são licitas, e justas, e não poder nem huma só das que são illicitas, e injustas.

885 Que dirão agora a isto os todo poderosos do mundo? Se quereis ser omnipotentes, podei sómente o justo, e licito, e não queirais poder o illicito, e injusto. Se assim o fizerdes, sereis omnipotentes como Deos, e se não pserão os vossos poderes como os do diabo, que póde, e faz muitas cousas, que Deos não póde. Supposto pois, que só se póde o que licito, e justamente se póde, quem nesta fórma ajustar o seu querer com o seu poder, poderá quanto quizer, porque só quererá quanto póde. E para que acabeis de ver quanto tem de divina esta proporção

262 *Vieira abbreviado*

do querer ajustado com o poder, notai por fim, que Deos só pôde fazer o que pôde querer: de forte, que só pôde obrar a sua omnipotencia o que pôde querer a sua vontade. E se estas são as medidas do poder, e querer immenso, poder só o que quer; porque se não contentará a limitação humana com querer só o que pôde? Querei só o que podeis, e sereis omnipotentes. *Prorsus omnipotens est, qui facit quidquid vult*: Verdadeiramente he omnipotente (conclue Agostinho) quem pôde quanto quer; com tal condição porém, que só queira o bem feito, e não queira o mal feito; porque neste querer, e não querer consiste a verdadeira omnipotencia:

Num. 279. 886 Atéqui temos visto a grande conveniencia, e excellencia mais que humana da primeira proporção do querer com o poder, que he querer cada hum sómente o que pôde. A segunda he dos que exceedem esta medida, e querem mais do que podem, com os quaes agora fallaremos. E que lhe direi eu? Digo geralmente senhores, (porque os senhores são os que mais ordinariamente se não querem medir, ainda que seja consigo mesmos) que para desenganar deste desejo, e emenda desta vaidade bastava só a consideração do erro, que lhe haõ de achar no fim, e fora melhor atalhar no principio. Considerai, que querendo mais do que podeis, não só destruis o vosso poder, senão também o vosso querer. Porque se eu quero mais do que posso, claro está; que hei de perder o que posso, e não hei de conseguir o que quero. Pondevos junto ao bosque chamado de Efraim, e alli vereis pendurado de hum carvalho pelos cabellos, e traspassado pelo peito com tres lanças o mais galhardo nancebo, que para inveja da formosura-

Num. 281.

Discurso LXXXIII. 263

mosura creou a natureza. Tal foy o trágico fim de Abfalaõ, o qual traidor a Deos, ao pay, á patria, e a si mesmo, tendo terceiro filho de David lhe quiz tirar a coroa da cabeça, e pola na sua, como não devera, nem podia. Pondevos nos campos de Babylo-
nia, e vereis com horror andar sobre quatro pés, pascendo feno, e bebendo do rio com os brutos hum homem convertido na mesma figura, o qual pouco antes adorado no throno Real se chamava Nabucodonosor. Era o mais poderoso Monarcha do mundo; mas porque quiz ser, e poder mais do que podia, o fez Deos cursar naquella escola sete annos para elle aprender, e nos ensinar o que podem vir a ser os que querem mais do que podem.

887 Olhem os homens para as outras creaturas Num. 224.
sem uso de razaõ, e não queiraõ ser ingratos, e soberbos contra Deos, quando todas ellas, grandes, e pequenas, o louvaõ, e lhe daõ graças pelo que delle receberaõ. Se o rato não quer ser leaõ, nem o pardal quer ser aguia, nem a formiga quer ser elefante, nem a rã quer ser balea; porque se não contentará o homem com a medida do que Deos lhe quiz dar? E que seria, se nem os leões, nem as aguias, nem os elefantes, nem as balêas se contentassem com a sua grandeza, e huns se quizessem comer aos outros para poder mais, e ser mayores? Isto he o que querem, e fazem continuamente os homens, e por isso os altos cahem, os grandes rebentaõ, e todos se perdem. Os instrumentos, que creou a natureza, ou fabricou a arte para serviço do homem, todos tem certos termos de proporçaõ, dentro dos quaes se podem conservar, e fóra dos quaes não podem. Com a carga demasiada cahe o jumento, rebenta o canhaõ, e vai-se

264. *Vieira abbreviado*

o navio a pique; por isso se vem tantas quedas, tantos desastres, e tantos naufragios no mundo. Se a carga for proporcionada ao calibre da peça, ao bojo do navio, e á força, ou fraqueza do animal, no mar farleha viagem, na terra farleha caminho, e na terra, e no mar tudo andar á concertado. Mas tudo se desconcerta, e se perde, porque em tudo quer a ambição humana exceder a esfera, e proporção do poder.

Num. 287. 888. Só quem quer menos do que póde, he sempre poderoso, porque quem quiz quanto podia, encheo a medida do seu poder, e não póde passar dahi; porém quem quer menos do que póde, sempre póde mais do que quer.

Num. 288. 889. Daqui se segue, que o rico, que quer mais do que póde, he pobre; e o pobre, que quer menos do que póde, he rico: o rico, que quer mais do que póde, he pobre; porque lhe falta o mais, que quer; e o pobre, que quer menos do que póde, he rico; porque lhe sobeja o mais, que póde. Assim no lo ensinou a mesma natureza, mestra de nossas acções, quando nos provéo dos instrumentos; medindo-os com ellas. Porque dispoz a natureza, que a mão fosse mayor que o coração; e o coração hum, e as mãos duas? Porque o coração he o instrumento do querer, e as mãos do poder: no coração está a deliberação da vontade, e nas mãos a execução das obras; e ordenou, que a mão fosse mayor, que o coração, e o coração hum; e as mãos duas, para que sempre podessemos mais do que quizessemos, e nunca queiramos tanto, quanto podemos. Oh se os homens entendessem esta politica natural, e domestica, e nos persuadissemos a ella, quão descansada seria esta vida, que nós
pelo

Discurso LXXXIV. 265

pelo del governo da nossa vontade, e pelos excessos das nossas vontades fazemos tão cansada, e trabalhosa!

DISCURSO LXXXIV.

Tirado de hum sermão de S. Joseph, pregado no dia dos annos d'ElRey D. João IV.

RECREAC, A M.

890 **T** Omar hum dia de monte, tomar huma Part. 7.
hora de recreação no meyo dos mayores Num. 556.
cuidados, tambem he parte de Rey: *Duci in montana pars regni est*, disse discretamente S. Jeronymo. Descansar para cantar mais antes he ambição de trabalho, que desejo de descanso. Quando as potencias da alma estão tão fatigadas, justo he, que se dê algum alivio aos sentidos do corpo. Mas reparo nas palayras do Santo: *Pars regni est*: se dissera S. Jeronymo, que os moderados passatempos são privilegios das Magestades: se dissera, que são gages do poder supremo; que são divertimentos licitas; e honestamente soberanos, bem estava; mas dizer, que são qualidades de Rey, e parte de reynar: *Pars regni est*? Sim. Porque o principal attributo de reynar he attender ao cuidado do Reyno, e tambem he parte de attender aos cuidados descuidarse por huma hora delles. Para digirir o negocio he necessario defogar o animo: parte he logo de cuidado o divertir-se, quando o recrear os sentidos vem a ser habilitar as potencias. O demasiado cuidado embarça a resolução, e o moderado descanso resolve-o o cuidado.

DIS-

DISCURSO LXXXV.

Tirado de dous sermoens da quinta Dominga da Quaresma prégados na Capella Real, e na Cathedral de Lisboa.

RELIGIAM.

Part. 2.
Num. 258.

891 **E** Stas palavras, que hoje nos propoem a Igreja, e nos manda prégar ao povo Christão, são as mesmas, que Christo antigamente pré-gou contra os Escribas, e Fariseos. E porque são as mesmas, parece, que não he razão se nos préguem a nós. Christo nestas palavras queixavase dos Judeos, porque o não criaõ: *Quare non creditis mihi?* E não seria grande impropriedade, e ainda affronta da nossa fé; se em hum auditorio tão catholico fizesse eu a mesma queixa, e affirmasse, ou suppozesse de nós, que sendo Christãos, não cremos a Christo? Este foy o meu primeiro reparo, e me pareceo conforme a elle, que as palavras do Evangelho, que propoz, só as mandava referir a Igreja como historia do tempo passado, e não como doutrina necessaria aos tempos, e costumes presentes.

Joan. 8.
46.
Num. 259.

892 Dei hum passo mais avante com a consideração, e comeei a duvidar disto mesmo. Olhei para a fé, que se usa: olhei para a vida, e obras, que correspondem á mesma fé: olhei para os pequenos, e muito mais para os grandes: olhei para os leigos, e tambem para os Ecclesiasticos, e achei, e me persuadi com grande confusão minha, que tão necessaria he hoje esta prégação, como foy no tempo de Christo. E

Discurso LXXXV. 267

to. E porque? O dia he de verdades: hei de dizer o porque muito claramente. Porque se os Escribas, e Fariseos não criaõ a Christo, tambem os Christaõs, e Catholicos não cremos a Christo. Iramonos muito; e dizemos grandes injurias contra os Judeos daquelle tempo, e nós somos como elles. Contra elles prégo Christo, contra nós préga o Euangelho. E se Christo fallara daquelle sacrario, assim como entãõ disse aos Judeos: *Quare nos creditis mihi*, assim haviamos de ouvir, que nos dizia a nós: Christaõs, porque me não credes? Se fôis, e vos chamais Christaõs, porque não credes a Christo?

- 893 Pareceme, senhores, que vos vejo inquietos, e ainda indignados contra mim por esta proposta, e que cada hum dentro de si não só me está arguindo, e condemnando, mas cuida, que me tem convencido. Nós (dizeis todos) por graça de Deos somos Christaõs, e o Christo, em que cremos, e por cuja fé daremos a vida, he o mesmo Christo, que os Judeos hoje negaõ. Elles crucificaraõno, nós adoramo-lo: elles não crerãõ, que era verdadeiro Messias, nós cremos, que he verdadeiro Deos, e verdadeiro homem, que incarnou, que nasceu, que morreu, que resuscitou, que salvou, e remio o mundo. Logo grande injuria he a que faz á nossa fé, e á nossa christandade quem diz, que somos como os Judeos em não crer a Christo. E que seria, se eu dissesse, que nesta parte ainda somos peyores?

- 894 Entendei bem o que diz o texto de Christo, e logo vereis como a vossa instancia nem desfaz a minha proposta, nem he argumento contra ella. Dizeis, que fôis Christaõs? Assim he. Dizeis, que credes muito verdadeiramente em Christo? Tambem o
con-

268 . *Vieira abbreviado*

concedo. Mas Christo não se queixa de não crerem nelle: queixase de o não crerem a elle. Notai as palavras. Não diz: *Quare non creditis in me?* Porque não credes em mim? O que diz he: *Quare non creditis mihi?* Porque me não credes a mim? Huma cousa he crer em Christo, que he o que vós provais, e eu vos concedo: outra cousa he crer a Christo, que he o que não podeis provar, e em que eu vos hei de convencer. De ambos estes termos usou o mesmo Senhor muitas vezes. Aos discipulos: *Creditis in Deum, & in me credite.* A Martha: *Qui credit in me, etiamsi mortuus fuerit, vivet.* Por outra parte á Samaritana: *Mulier, crede mihi*, e aos mesmos Judeos: *Si mihi non vultis credere, operibus credite.* De maneira, que há crer em Christo, e crer a Christo; e huma crença he muito differente da outra. Crer em Christo he crer o que elle he: crer a Christo he crer o que elle diz: crer em Christo he crer nelle: crer a Christo he crellô a elle. Os Judeos nem criaõ em Christo, nem criaõ a Christo. Não criaõ em Christo; porque não criaõ a sua divindade, emãõ criaõ a Christo; porque não criaõ a sua verdade. E nesta segunda parte he, que a nossa fé, ou a nossa incredulidade se parece com a sua, e ainda a excede mais feyamente. O Judeo não crê em Christo, nem crê a Christo: e que não creya a Christo quem não crê em Christo he proceder coherentemente. Pelo contrario nós cremos em Christo, e não cremos a Christo, e não crer a Christo quem crê em Christo, não crer a sua verdade quem crê na sua divindade he huma contradicção tão alheya de todo o entendimento, que só se pôde presumir de quem tenha perdido o uso da razão; e por isso o mesmo Senhor,

Joan. 14. 1.

Joan. 11.

25.

Joan. 4. 21.

Joan. 10.

38.

Discurso LXXXV. 269

nhor nos pergunta por ella: *Quare?*

895 Todos os que aqui estamos por merce de Part. II.
Num. 499. Deos, somos homens, e somos Christãos: em quanto Christãos somos obrigados a ter fé, e em quanto homens somos obrigados a dar a razão. E se eu tenho razão para crer o que Christo diz, que razão posso ter para não fazer o que Christo diz? Se tenho razão para dar a vida pela fé, que razão posso ter para não concordar a fé com a vida? Que diz Christo aos Judeos? *Si veritatem dico vobis, quare non creditis mihi?* Se vos digo a verdade, porque me não credes? Que diz Christo aos Christãos? Se credes a verdade, que vos digo, porque a não obrais? Os Judeos errão em não concordar a sua fé com a sua esperança: os Christãos errão em não concordar a sua vida com a sua fé: e qual he mayor erro, e mayor cegueira? Não ha duvida, que a dos Christãos. Porque? Porque a fé he das cousas que não se veyem: *Argumentum non apparentium*; e o não crer póde ter alguma desculpa nos olhos: porém crer huma cousa, e obrar a contraria nenhuma desculpa póde ter, nem apparencia de razão ainda falsa. Aqui nos aperta a nós mais, que aos Judeos aquelle *Quare. Quare?* Porque razão? Day-a cá.

896 Dito he antigo, e como verdadeiro, e discreto muito celebrado, que na Christandade não havia de haver mais, que duas prisoens, a dos carcereiros do santo Officio, e a da casa dos Orates. Porque hum homem, qualquer que seja, ou tem fé, ou não tem fé: se não tem fé, he hereje, e pertence aos carcereiros do santo Officio: se tem fé, e crê que ha Deos, Ceo, e Inferno, e com tudo vive, como se o não crera, he rematadamente doudo, e pertence á casa dos

270 *Vieira abbreviado*

dos Orates. Os Judeos do nosso Euangelho de huma, e outra censura, e de huma, e outra pena se mostrão bem merecedores. Quanto á fé, e ao *creditis* não só negaraõ a fé de Christo: *Non creditis mihi*; mas á sua infidelidade accrescentaraõ blasfemias: *Nonne bene dicimus nos, quia Samaritanus est tu, & demonium habes?* De sorte, que no mesmo acto da fé, e no mesmo cadafalso se pela infidelidade mereciaõ a fogueira, pela blasfemia mereciaõ a mordaga. E quanto ao juizo, e ao uso da razaõ: *Quare*, diz o texto, que tomaraõ pedras para atirarem a Christo: *Tulerunt ergo lapides, ut jacerent in eum*. No sagrado do templo nem as pedras eraõ tão miudas, nem tão soltas, que as podessem tomar alli: final he logo, que já as traziaõ consigo. Vede se mereciaõ ser levados á casa dos Orates, pois não eraõ doudos, se não doudos de pedras.

Joan. 8.
48.

Joan. 59.

Num. 501.

897 Passemos agora de Jerusaleem á Christandade. Por ventura he melhor o nosso uso da razaõ, que o seu *quare*? He melhor a nossa fé, que o seu *non creditis*? Não crer he ter o entendimento cego, e obstinado: crer huma cousa, e obrar outra he totalmente não ter entendimento: se não temos entendimento, não somos homens: se não temos fé, não somos Christãos. Que somos logo? Terrivel consequencia huma, e outra! Se não somos homens, quando muito somos animaes: se não somos Christãos, e Catholicos, quando menos somos hereges. Não me atrevera a dizer tanto, se não tivera experimentado ambas estas consequencias, e visto ambas com os olhos. Nesta ultima viagem: (sejame licita a narração do caso, que por raro, e proprio do intento he bem notavel.) Nesta ultima viagem minha, que foy das

das

Discurso LXXXV. 271

das Ilhas a Lisboa, em que aquella travessa no Inverno he huma das mais trabalhofas, o navio era de hereges, e hereges o Piloto, e marinheiros: os passageiros eramos alguns Religiosos de diferentes Religioens; e grande quantidade daquelles musicos Insulanos, que com os nossos rouxinoes; e pintacilgos vem cá a fazer o coro de quatro vozes, canarios, e melros.

898 As tempestades foraõ mais, que ordinarias, Num. 502.
mas os effeitos, que nellas notei, verdadeiramente admiraveis. Os Religiosos todos estavamos occupados em oraçoens, e ladainhas, em fazer votos ao Ceo, e exorcilmos ás ondas, em lançar reliquias ao mar, e sobre tudo em actos de contrição, confessandonos como para morrer huma, e muitas vezes. Os marinheiros, como hereges, com as machadinhas ao pé dos mastros comiaõ, e bebiaõ alegremente mais que nunca, e zombavaõ das nossas, que elles chamavaõ ceremonias. Os passarinhos no mesmo tempo com o sonido, que o vento fazia nas enxarcias, como se aquellas cordas foraõ de instrumentos musicos, desfaziaõse em cantar. Oh valhame Deos! Se o trabalho, e o temor naõ levasse toda a attençaõ, quem se naõ admiraria neste passo de effeitos taõ varios, e taõ encontrados, sendo a causa a mesma? Todos no mesmo navio, todos na mesma tempestade, todos no mesmo perigo, e huns a cantar, outros a zombar, outros a orar, e chorar? Sim. Os passarinhos cantavaõ, porque naõ tinhaõ entendimento, os hereges zombavaõ, porque naõ tinhaõ fé, e nós, que tinhamos fé, e entendimento, bradavamos ao Ceo, batiamos nos peitos, choravamos nossos peccados.

899 Isto he o que eu vi, e passei, e isto mesmo Num. 503.
o que

o que nós não vemos, estando no mesmo, e em peyor e mayor, e mais perigoso estado. A travessa he da terra para o Ceo, e da vida mortal para a eternidade, o mar he este mundo, os navegantes somos todos, o navio o corpo de cada hum, tão fraco, e de tão pouca resistencia por todos os costados, e a tempestade: e as ondas muito mayores: *Ascendunt usque ad caelos, & descendunt usque ad abyssos*: São tão grandes, ou tão immensas as ondas, diz David, que humas tohem até o Ceo, e outras descem aos abyssos. Isto, que nos Poetas he hyperbole, no Profeta he verdade pura, e certa sem encarecimento. Se quando a onda vos afoga, estais em graça, poenvos no Ceo: *Ascendunt usque ad caelos*: se quando vos soçobra, e tolhe a respiração, estais em peccado, metevos no inferno: *Descendunt usque ad abyssos*. E que no meyo de hum perigo mais que horriovel, e tremendo, em que o menos, que se perde, he a vida, huns não temaõ, e cantem, outros zombem, e não fação caso, e sejaõ tão poucos os que se compunjaõ, e tratem da salvação? Sim outra vez. Porque os menos são os que tem entendimento: os de mais nem tem fé, nem entendimento.

Pf. 105.
26.

Num. 504. 900 Ora já que todos imos embarcados no mesmo navio, perguntese cada hum a si mesmo, a qual destas partes pertence. Sou dos que cantaõ, sou dos que zombaõ, ou sou dos que choraõ? Sou dos Christaõs, e Catholicos, ou sou dos hereges? Sou dos homens com uso da razão, ou dos irracionaes? Que as avesinhas não reconheçaõ o perigo da vida, não alcança mais o seu instinto: que os hereges não temaõ a estreiteza da conta, esta he a cegueira da sua insidelidade; mas que hum homem Christaõ no meyo destes

Discurso LXXXV. 273

destes dous perigos com a morte, e a conta diante dos olhos, neste mesmo tempo esteja cantando ao som dos ventos, e zombando ao balanço das ondas! Christão, aonde está a tua fé? Homem, aonde está o teu entendimento? Se tens uso de razão, dá cá a razão: *Quare, quare?*

901 He tão difficultosa, e tão impossivel esta razão, que nenhum homem ha, nem houve, nem haverá, que por mais voltas, que dê ao entendimento, a possa dar, não digo verdadeira, e solida, mas nem ainda falsa, e apparente. Se consultardes os bons, e os justos, que caminhaõ pela estrada real da verdade, e da virtude, todos haõ de dizer, e dizem constantemente, que a vida se ha de concordar com a fé: e se fizerdes a mesma pergunta aos maos, e aos peffimos, que seguem os caminhos do erro, e os precepicios da infidelidade, até estes, se não responderem, que a vida se ha de conformar com a fé, ao menos haõ de dizer, que a fé se ha de conformar com a vida. Ouvi agora huma notavel ponderação, e tão certa, como admiravel. Sendo a fé huma só fé, assim como Deos he hum só Deos: *Unus Deus, una fides*, Ephes. 4. 5: qual he o fundamento, ou motivos porque os homens se dividiraõ em tantas feitas? Não ha duvida, que se lhe cavarmos ao pé, e lhe buscarmos as raizes, acharemos, que todas se semearaõ nos vicios, e delles brotaraõ, e nasceraõ.

902 Primeiro se depravaraõ as vontades, e depois se perverteraõ os entendimentos. Epicuro era delicioso, Matoma era torpe, Lutherô, e Calvino eraõ relaxados da sua profissão, e depois depravados em tudo. Vinde cá, maos homens, sede embora maos, e viciofos, vivei embora, ou na má hora á vossa vontade,
Tom. II. S tade,

tade, largai a redea a vossos appetites; mas não fa-
çais, nem inventeis novas feitas. Epicuro seja qua-
do delicioso quizer, mas não negue a Deos o attributo
da justiça, para que os homens tenham por bemaven-
tura as delicias. Mafoma seja tão torpe, e tão
abominavel, como foy; mas não faça tambem torpe
o Ceo, para que os homens esperem na bemaven-
tura as torpezas. Luthero, e Calvino vivaão tão vi-
ciosa, e depravadamente, como viveraão; mas não en-
finem, que o sangue de Christo nos ha de salvar sem
cooperação nossa, para que os homens creaão, que
póde haver salvação, e bemaventurança sem obras.
Pois se estes homens podiaão faltar a bruteza dos seus
appetites sem aggravo, nem mudança da fé; porque
a mudaraão tão cegamente, e formaraão feitas tão bar-
bas, e tão novas?

Num. 507. 903 Aqui vereis como não ha entendimento tão
depravado, e tão cego, nem erro tão irracional, e
tão atrevido, que ditasse, ou admittisse já mais, que
a vida não havia de concordar com a fé. A vida, di-
ziaão todos, necessariamente ha de concordar com a
fé; nós não queremos mudar a vida, senão continuar
em nossos vícios, que faremos logo? Não temos ou-
tro meyo, senão trocar os mesmos extremos, e mu-
dar a fé; porque desta maneira, já que a vida não
concorda com a fé, ao menos a fé concordará com
a vida. Não queremos fazer vida nova? Pois faça-
mos fé nova: e assim o fizeraão. Assim o fez na genti-
lidade Epicuro, assim o fez no paganismo Mafoma,
assim o fizeraão na Christandade Luthero, e Calvino,
e se tornarmos ao acto da fé dos Judeos, assim o ti-
nhaão elles já feito muito antes de todos.

Num. 511 904 Acabamos de dizer, que os Judeos tambem
seguir-

Discurso LXXXV. 275

seguirão, ou anticiparão os passos dos gentios, dos pagaõs, e dos hereges em trocar, e mudar a fé para a concordar com a vida. Agora saibamos, se os Christãos procedem mais coherentemente, e conforme a razão, e se respondem melhor áquelle *Quare*: Os outros mudaõ a fé, os Christãos não a mudaõ: a fé dos outros mudada he falsa, a fé dos Christãos conservada he verdadeira; mas se olharmos para as vidas, as dos outros concordão com a sua fé, as de muitos Christãos não concordão com a sua. Quaes vivem logo, e procedem mais coherentemente, e mais conformes com a razão? Não ha duvida, (miséria, e vergonha grande!) que mais conforme á razão procede o gentio, mais conforme á razão o pagaõ, mais conforme á razão o herege, e mais conforme á razão o Judeo, que são todas as quátro espécies da infidelidade. E porque? Porque todos esses seguem com a vida o que crem com a fé, e o mau Christão com a fé crê huma cousa, e com a vida segue outra.

905 Christãos (os que não obramos o que devemos) a quem seguimos: *Usquequo claudicatis in duas partes?* Será bem que tenhamos hum pé em Roma adorando a Christo, outro em Constantinopla guardando o Alcórão? Hum em Roma beijando o pé a S. Pedro, outro em Jerusaleão beijando a mão a Herodes? Hum em Roma rezando a Santa Maria Mayor, outro em Chipre offerecendo sacrificios á deosa Venus? Hum em Roma visitando as sete Igrejas, outro em Londres, ou Amsterdaão profanando os altares, e perdendo a reverencia ás imagens sagradas? Isto faz o Turco, o Judeo, o gentio, o herege, e cada hum conforme a sua fé: e sendo a nossa

Num. 514.

3. Reg. 18.
21.

taõ contraria, será bem, que em nós Christãos, e Catholicos se ache o mesmo? Se não concordar a vida com a fé, he hum dictame taõ barbaro; e taõ irracional, que não cabe no entendimento de Luthero, que não cabe no entendimento de Epicuro, que não cabe no entendimento de Mafoma: e como cabe no nosso entendimento? Pôr a bemventurança nas delicias, como Epicuro, he ser gentio, passe: pôr a bemaventurança nas torpezas, como Mafoma, he ser Turco, seja: esperar a bemaventurança sem obras, como Luthero, e Calvino, he ser hereje, vá na má hora. Mas ser Christão na fé, e a vida ser de Epicuro: ser Christão na fé, e a vida ser de Mafoma: ser Christão, e Catholico na fé, e a vida ser de Luthero, e de Calvino, em que entendimento pôde caber taõ rematada loucura? Ha quem responda, ha quem dê razão, ha quem diga o *quare*?

Num. 515.

906 Eu em toda a Escritura sagrada só acho hum homem, que satisfizesse á minha pergunta, e respondesse a proposito. E que homem será este? Christão? Não. Judeo? Não. Gentio? Não. Turco? Não. Hereje? Não. Pois que casta de homem será, ou pôde ser o que só respondeo a proposito ao nosso *quare*? Hum Atheo. Todos elloutros ou fieis, ou infieis conhecem a Deos; só o Atheo o não conhece, e só este pôde dar a verdadeira razão do que perguntamos. El Rey Faraó tinha cativo o povo de Israel no Egypto, e com o mais duro, e intoleravel cativoiro, que se pôde imaginar. Não lhe pagava o trabalho, antes lho accrescentava cada dia, para que não tivessem hora de descanso: punhalhe por ministros, que superintendessem ás obras, em que se viaõ, os de condiçaõ, aspera, e cruel para que mais os oppri-

Discurso LXXXV. 277

opprimissem : não lhes dava de comer, com que sustentar a miseravel vida, e até os filhos lhes matava cautelosamente, sem que os podessem esconder, nem livrar : em fim o summo da tyrannia. Neste estado de tanto aperto, em que se não ouvia mais que clamores ao Ceo, chegou Moysés ao Egypto, e notificou a Faraó da parte de Deos, que dêsse liberdade ao seu povo para lhe ir sacrificar no deserto: *Hæc dicit Dominus Deus Israel: Dimitte populum meum, ut sacrificet mihi in deserto.* Exod. 5. 1. E que vos parece, que responderia Faraó? *Quis est Dominus, ut audiam vocem ejus?* Que Deos, e que Senhor he esse, para que o eu obedeça? *Nescio Dominum, & Israel non dimittam:* Não conheço tal Deos, nem tal Senhor, nem hei de dar tal liberdade ao povo. Oh barbaro! Oh rebelde! Oh insolente; e brutal tyranno!

907 Isto he o que estão dizendo todos; mas eu Num. 5. 16. não digo assim. Digo, que respondeo Faraó muito colierente, e discretamente. Como barbaro sim; mas como barbaro bem entendido: como desobediente sim; mas como desobediente racional. Não conheço a Deos, e não hei de libertar o seu povo? Ruim fé; mas boa consequencia. Na fé fallou como bruto, na consequencia respondeo como homem. Não obedecer a Deos, e dar por razão, não o conheço, bem se segue. Mas conhecer a Deos, e não querer fazer o que manda Deos, he consequencia, e razão, que não cabe em nenhum entendimento. Oh quantos Faraós mais barbaros, oh quantos Atheos mais irracionaes ha na Christandade! Opprimir os povos, cativar os livres, gemerem os pobres, triunfarem os poderosos, não se dar de comer a quem trabalha, não se pagar a quem serve, tirarem-se as vidas aos innocentes,

278 *Vieira abbreviado*

e viverem os que as tiraõ, não só do seu suor, senão do seu sangue, e dar por razão de tudo isto: *Nescio Dominum*: Não conheço a Deos, he obrar mal, mas fallar coherentemente. Porém opprimir, cativar, destruir, roubar, assolar, affrontar, matar, tyrannizar, e sobre isto dizer conheço a Deos, sobre isto dizer sou Christão, sobre isto dizer tenho fé, não ha juizo humano, nem entendimento racional, em que caiba tal cousa. E se não dai cá a razão, *Quare, quare?*

Num. 513. 908 Assim como não ha cousa mais coherente, nem consequencia mais posta em razão, que seguir hum homem com a vida aquillo, que adora, e crê com a fé, assim não ha, nem póde haver dictame mais irracional, e mais contrario a toda a razão, que crer huma cousa com a fé, e seguir outra com a vi-

Num. 529. da. Mostre agora cada hum de nós a sua fé, e seja tida por verdadeira fé a que mostrar que o he. A demonstração da fé, que he interior, e invisivel, parece difficultosa, e impossivel, e não he senão muito facil. A fé he cega, mas assim como o cego me não vê a mim, e eu o vejo a elle, assim a fé não vê, mas vê-se: não vê, porque não vê os seus objectos, mas vê-se, porque se vê nos seus effeitos. Os seus effeitos são as obras conformes a ella: pelas obras se vê manifestamente, e sem obras como se póde ver?

Num. 525. 909 Diz Santiago, que a fé sem obras he morta:
Jacob. 2. *Fides sine operibus mortua est in semet ipsa.* Assim
17. 18. como o corpo sem alma he morto, assim a fé sem obras he morta. Com tudo ainda que hum homem, não faça, nem tenha obra alguma boa, dirá: Eu creyo tudo o que crê a santa Madre Igreja: logo a minha fé he a mesma, que a do mayor Santo? Assim he. A mesma,

Discurso LXXXV. 279

ma, mas morta: *Mortua in semet ipsa*. Não Santo he viva, porque he com obras, e em vós, porque carece de obras, he morta.

910 Olhe agora cada hum para as suas mãos, e verá qual he a sua fé. Eu taparei os ouvidos ao que se diz, e só direi o que se vê com os olhos, e se aponta com o dedo. Como estamos na Corte, onde das casas dos pequenos não se faz caso, nem tem nome de casas, busquemos esta fé em alguma casa grande, e dos grandes. Deos me guie. Num. 532.

911 O escudo desta portada em hum quartel tem as quinas, em outro as lizes, em outro aguias, leões, e castellos, sem duvida este deve ser o palacio, em que mora a fé Christã, Catholica, e Christianissima. Entremos, e vamos examinando o que vimos parte por parte. Primeiro, que tudo, vejo cavallos, liteiras, e coches: vejo criados de diversos calibres, huns com libré, outros sem ella: vejo galas, vejo joyas, vejo baixellas: as paredes vejo-as cubertas de ricos tapizes: das janelas vejo ao perto jardins, e ao longe quintas, em fim vejo todo o palacio, e tambem o oratorio; mas não vejo a fé. E porque não apparece a fé nesta casa? Eu o direi ao dono della. Se os vossos cavallos comem á custa do lavrador, e os freyos, que mastigão, as ferraduras, que pizaão, e as rodas, e coche, que arrastaão, são dos pobres officiaes, que andaão arrastados sem poder cobrar hum real; como se ha de ver a fé na vossa cavalherica? Se o que vestem os lacayos, e os pagens, e os soccorros do outro exercito masculino, e feminino depende das medidas do mercador, que vos assiste, e no principio do anno lhe pagais com esperanças, e no fim com desesperaçoes a risco de quebrar, como se ha de ver a fé na vossa familia? Num. 533.

280 *Vieira abbreviado*

Num. 534.

912 Se as galas, as joyas, e as baixellas ou no Reyno, ou fóra delle foraõ adquiridas com tanta injustiça, e crueldade, que o ouro, e a prata derretidos, e as sedas, se se espremeraõ, haviaõ de verter sangue; como se ha de ver a fé nessa falsa riqueza? Se as vossas paredes estaõ vestidas de preciosas tapeçarias, e os miseraveis, a quem despistes para as vestir a ellas, estaõ nus, e morrendo de frio; como se ha de ver a fé nem pintada nas vossas paredes? Se a primavera está rindo nos jardins, e nas quintas, e as fontes estaõ nos olhos da triste viuva, e orfaõs, a quem nem por obrigação, nem por esmola satisfaeis, ou agradeceis o que seus pays vos serviraõ; como se ha de ver a fé nessas flores, e alamedas? Se as pedras da mesma casa, em que viveis, desde os telhados até os alicerfes estaõ chovendo o suor dos jornaleiros, a quem não fazeis feria, e se queriaõ ir buscar a vida a outra parte, os prendieis, e obrigaveis por força; como se ha de ver a fé, nem sombra della na vossa casa?

Num. 535.

913 Mas passemos do pulpito ao confessorio. Se o Confessor, quando com toda esta carga vos ponde a seus pés, puxa pelo *quare* do nosso texto, e vos pergunta a razãõ, porque não restituís devendo tanto; a resposta, e a Theologia, que trazeis muito estudada, he, que sem embargo das dividas deveis sustentar a vossa casa com a decencia, que pede o vosso estado, e que as rendas não dão para tanto. Bem. E os pays, de quem herdastes esse mesmo estado, e eraõ tão honrados como vós, não sustentavaõ a honra, e a decencia delle com menos pompa, com menos criados, com menos librés, com menos galas, com menos regalos? Mais. E o que gastaís por outra via, não

Discurso LXXXV. 281

naõ com a decencia, fenaõ com as indecencias da ca-
sa, e da pessoa? *Quare?* Que respondeis a isto? A
mayor galantaria he, que ao outro dia depois da con-
fissão, e desta escusa ouve o mesmo Confessor sem
sigillo, que aquella noite perdestes dous mil cruza-
dos, e que pela manhã os mandastes em dobroens,
a quem os ganhou; porque he contra a pontualidade
da fidalguia naõ pagar logo o dinheiro do jogo. Af-
fim jogais com os homens, e assim com Deos, e es-
ta he a vossa fé.

914 Dirmeha porém em contrario a nossa Cor-
te, que se em algumas casas particulares está a fé
taõ morta, e taõ corrupta, que nas casas de Deos
está mais viva, e mais inteira, que em nenhuma par-
te do mundo. Assim se vê, e demonstra em todos os
templos de Lisboa, a qual muito á boca cheya pô-
de dizer ao mesmo mundo: *Ego ostendam tibi ex*
operibus fidem meam. Eu tenho visto a mayor parte
da Christandade da Europa, e em nenhuma, entran-
do tambem nesta conta a mesma Roma, está o cul-
to divino exterior taõ subido de ponto, e cada dia
mais. Seria lastima grande vêr aqui desfazer, e ar-
ruinar nos mesmos templos as fabricas antigas de
tanta formosura, e preço, se depois se naõ vissem as
mesmas ruinas gloriosamente resuscitadas com tan-
to mayores riquezas da materia, e tanto mayores
primores da arte. Em nenhuma parte do mundo he
tanta a cubiça de adquirir, como em Lisboa a ambi-
ção de gastar por Deos. Que Igreja há nesta multi-
dão de tantas em hum dia de festa, que se naõ pare-
ça com a que vio descer do Ceo S. Joaõ: *Tamquam*
sponsam ornatam viro suo? O ouro, e os brocados,
de que se vestem as paredes, saõ o objecto vulgar
da

Num. 5.36.

Jacob. 2.

19.

Apocal. 21.

da vista : a harmonia dos coros suspenção , e elevação dos ouvidos : o ambar , e o almiscar , e as outras especies aromaticas , que vaporaõ nas caçoulas , até pelas ruas recendem muito ao longe , e convocação pelo olfato o concurso. He isto terra , ou Ceo ? Ceo he , mas com muita mistura de terra. Porque no meyo d'esse culto celestial exterior , e sensível o desfazem , e contradizem tambem sensivelmente não só as muitas offensas , que fóra dos templos se commettem , mas as publicas irreverencias , com que dentro nelles se perde o respeito á fé ; e ao mesmo Deos. Queres que te diga, Lisboa minha, sem lissonja humana verdade muito sincera , e que te descubra hum engano , de que a tua piedade muito se gloria ? Esta tua fé tão liberal , tão rica , tão enfeitada , e tão cheirosa não he fé viva. Pois que he ? He fé morta , mas embalsamada.

Num. 519. 915 Sou tão amigo , e reverenciador da ração , que até as sombras della ouço de boa vontade. Podem instar os Christãos , que não guardaõ a ley de Christo , e argumentar por si nesta forma : He verdade , que os infieis de todo o genero , e ainda os mesmos Atheos parece , que procedem mais coherentemente , e mais conforme á ração ; porque elles concordão a sua fé com a sua vida , e nós não concordamos a nossa vida com a nossa fé ; mas nesta mesma differença ha outra muito mayor , e melhor , que faz pela nossa parte. E qual he ? He que nelles a fé he má , e a vida tambem má ; porém em nós , ainda que a vida seja má , a fé he boa : logo ao menos em amizade dos procedimentos são melhores os nossos , que os seus ? Assim parece , mas não he assim. Porque ? Porque aonde a vida he má , não póde a fé ser boa.

Texto

Discurso LXXXV. 283

Texto expresso de S. João: *Qui dicit se nosse Deum*, Joan. 2. 4.
& *mandata ejus non custodit, mendax est, & in hoc veritas non est*: Quem diz, que conhece a Deos, e não guarda seus mandamentos, mente. E porque mente, se o que crê he verdade?

916 Admiravel, e subtilissimamente se explicou Num. 520.
o mesmo S. João: *Mendax est, & in hoc veritas non est*: Mente, e a verdade não está nelle. No tal caso a verdade está nos mysterios, que crê, mas não está no que crê os mysterios. Notai. Huma cousa he a verdade da fé em si, a qual propriamente se chama fé, outra he a verdade da fé em nós, a qual propriamente se chama crença. A fé em si sempre he verdadeira, a crença em nós póde ser verdadeira, e póde ser falsa: se concorda com a vida, he verdadeira, porque obramos conforme cremos: se não concorda com a vida, he falsa, e mentirosa, porque cremos huma cousa, e obramos outra. Por isso o que não guarda os mandamentos, ainda que crea, e confesse tudo o que ensina a fé, mente, e não está nelle a verdade: *Qui mandata ejus non custodit mendax est, & in hoc veritas non est*. Se o Christão, e Catholico cuida, que a sua fé he melhor, que a dos infieis, sómente porque crê o que ensina o Credo, enganase, e mentese a si mesmo. Não basta só crer no Credo, he necessario crer nos Mandamentos. A nossa fé pá- Part. 2.
ra no Credo, não passa aos Mandamentos. Se Deos Num. 268.
nos diz, que he hum, creyo: se nos diz, que são tres pessoas, creyo: se nos diz, que he Creador do Ceo, e da terra, creyo: se nos diz, que se fez homem, que nos remio, e que ha de vir a julgar vivos, e mortos, creyo. Mas se diz, que não jureis, que não mateis, que não adultereis, que não furteis, não cremos.

Esta

284 *Vieira abbreviado*

Esta he a nossa fé, esta a vossa Christandade. Somos Catholicos do Credo, e hereges dos Mandamentos.

917 Má vida, e boa fé, torno a dizer, he menti-
Patt. 11. ra. E porque outra vez? Porque o que professa a fé,
Nam. 523. nega-o a vida: o que diz o som das palavras, nega-o a
 dissonancia das obras. Vede como concorda S. Pau-
 lo com S. Joaõ, os dous mayores Theologos da esco-
Ad Tit. 1. la de Christo: *Confitentur se nosse Deum, factis au-*
16. *tem negant*: Com as vozes confessaõ a fé de Deos, e
 com as obras negaõ ao mesmo Deos, e a mesma fé,
 que confessaõ. Dizeime: He boa a fé dos Christaõs,
 que a negaõ em Argel? Pois sabeí, que para ser re-
 negados não he necessario ir lá cativos. Ouvi a S.
 Salviano Bispo de Marselha, que está defronte do
 mesmo Argel: *Christiani sine operibus bonis nihil*
sibi per fidei supercilium usurpare debent. Note-se
 muito o *fidei supercilium*. Por huma parte não só
 vazios de obras boas, senaõ cheyos, e carregados de
 obras más: e por outra com as sobranceiras levanta-
 das, muito prezados, e presumidos de Christaõs,
 usurpando, e roubando o nome, que lhes não he de-
 vido. Por huma parte com a voz, e com os pensa-
 mentos blasonando, que navegaõ na barca de Pedro,
 e por outra com ambos os braços remando nas galés
 de Mafoia: He boa fé esta? He melhor, que a dos
 mesmos Turcos? Não faltará quem replique, e di-
 ga, que sim, e com o mesmo exemplo. Porque os
 Christaõs forçados, que remaõ nas galés de Mafo-
 ia debaixo das bandeiras Turquescas, nem por isso
 perdem a fé de Christo.

918 Agradeço a agudeza da replica; mas vamos
Nam. 524. navegando pelo Mediterraneo acima. Aporta a mes-
 ma galé ao porto de Chipre, salta Mulei Hamet no
 meyo

Discurso LXXXV. 285

meio da coxia, desembainha a cimitarra, e diz assim: Com esta a todo o Christão, que não adorar, aquella imagem de Venus, hei de cortar a cabeça. E que succederá neste caso? O Christão, que não quiz adorar, perdeu a cabeça, e ficou martyr, o que adorou, conservou a vida, e ficou renegado. Agora pergunto: E se aquelle Christão, que por força, e contra sua vontade adorou a Venus em huma estatua de marmore, he renegado, que diremos daquelles, que não por força, senão muito por sua vontade, e por seu gosto adoraõ a mesma Venus, não em huma estatua de marmore, senão em outras, que não são de pedra? Se aquelle, que dantes era Christão, e depois negou a fé, he renegado: o que no mesmo tempo confessa a fé, e a nega, que será? Destes he que falla S. Paulo: *Confitentur se nosse Deum, factis autem negant*: No mesmo tempo confessaõ a Deos, e no mesmo tempo o negaõ: e fé juntamente confessada, e negada, que fé he? Peyor que a do Turco; porque o Turco não nega o que confessa; o Christão nega o que confessa com manifesta contradicção. Assim o definio com authoridade Pontifical S. Gregorio Papa: *Si fidem operibus tenet, si moribus non contradicit*. Confessar a fé com taõ manifesta contradicção não só he crer em Deos com fé falsa; mas he crer em Deos á falsa fé, com fé mentirosa, com fé renegada, com fé traidora. E ninguem se admire de eu chamar a esta fé dos que se chamaõ Christãos, peyor que a do Turco; porque o mesmo S. Paulo estranhando muito menores defeitos de boas obras, não duvidou dizer, que só pela omissão dellas era peyor o Christão, que o infiel: *Et est infideli de-*
terior. 1 Tim. 3.
8.

286 *Vieira abbreviado*

Part. 2.

Num. 284.

919 E porque nos não lisonjeemos com a fé de
Christãos, e Catholicos, que nos distingue dos gen-
tios, e dos hereges, quero acabar estas verdades
com huma verdade, em que não cuidamos os Portu-
gueses, e nos devera dar a todos grande cuidado.
Fiamonos muito em que cremos firmemente em
Christo como fieis Catholicos? Pois eu vos digo da
parte do mesmo Christo, e vos defengano, que se
faltarmos á segunda parte da fé, tambem nos faltará
a primeira: e que se não cremos a Christo, estamos
muito arriscados a não crer em Christo. Inglaterra,
Hollanda, Dinamarca, Suecia, e tantas outras Pro-
vincias, e naçoens da Europa, ou totalmente per-
didas, ou inficionadas da heresia, tambem foraõ Ca-
tholicas como nós, tambem floreceraõ na fé, tam-
bem deraõ muitos, e grandes Santos á Igreja. E por-
que cuidais, que apostatáraõ da mesma Igreja, e da
verdadeira fé, que só ella ensina? Diga-o a sua dou-
trina, e os seus Mestres. Lutherro, e Calvino, e os ou-
tros, que elles levaraõ apoz seus erros, tambem criaõ
em Christo; mas porque não creraõ a Christo, já não
crêm nelle. Impugnaõ, e negaõ o Euangelho, por-
que não creraõ ao Euangelho. Deraõse soltamente
aos vicios, e peccados; e porque os não quizeraõ
confessar, negaraõ o Sacramento da Confissão, larga-
raõ a redea á torpeza, e sensualidade; e porque não
quizeraõ guardar continencia, negaraõ a castidade,
entregaraõse ás demasias, e intemperanças da gula;
e porque não quizeraõ ser sobrios, negaraõ o jejum,
e a penitencia, seguiraõ em tudo a largueza, e li-
berdade da vida; e porque não quizeraõ obrar bem,
negaõ o valor, e necessidade das boas obras. Em
fim deixada a ley de Deos como fieis, e a da razão
como

Discurso LXXXV. 287

como homens, fizeram outra, que elles chamaõ religião, na qual só se crê o interesse, e se obedece ao appetite. Vede que fé se podia conservar entre costumes de brutos? Conservaraõ o Bautismo, é nome de Christãos; mas verdadeiramente saõ Atheos; e porque não creraõ a Christo, passaraõ a não crer em Christo. Estas saõ as disposições, por onde se introduzio, e se ateou em tantos Reynos a peste da heresia: e praza a Deos, que do Setentriaõ não passe tambem ao Occidente! Ainda cá não chegou, mas á está em caminho, e segundo os vicios lhe tem aberto as estradas, não será difficullosa a passagem.

DISCURSO LXXXVI.

Tirado de hum sermaõ de S. Pedro Nolasco prégado sobre as palavras: Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te: quid ergo erit nobis? E das objections, que contra si mesmo poem o Auctor no sermaõ da protecção de S. Francisco Xavier, a quem devem imitar os Monarchas.

RELIGIOSOS.

920 **E** Stas duas clausulas de S. Pedro: deixar, e seguir, saõ os dous polos da virtude, saõ o corpo, e a alma da santidade, saõ as duas partes, de que se compoem toda a perfeição Euangelica. A primeira deixar tudo: *Ecce nos reliquimus omnia*. A segunda seguir a Christo: *Et secuti sumus te*. Se lançarmos com advertencia os olhos por todo o mundo, acharemos nelle quatro differenças de homens, em que este deixar, e seguir do Euangelho está variamente

mente complicado. Ha huns, que nem deixaõ, nem seguem: ha outros, que deixaõ, mas não seguem: outros, que seguem, mas não deixaõ: outros, que deixaõ, e juntamente seguem. Não deixar, nem seguir he miseria: deixar, e não seguir he fraqueza: seguir, e não deixar he defengano: deixar, e seguir he perfeição. Em nenhum destes quatro predicamentos entraõ os homens do mundo, ainda que sejaõ Christaõs; porque nenhum delles professa deixar, e seguir. A sua proffissão he obedecer aos preceitos, mas não seguir os conselhos de Christo. Os que sómente professaõ deixar, e seguir, somos todos os que teimos nome de Religiosos. E para que cada hum conheça em que predicamento destes está, e a qual pertence, se ao da miseria, se ao da fraqueza, se ao do defengano, se ao da perfeição, será bem, que declaremos estes nomes, e que definamos estas differenças, e que saibamos quem são estes miseraveis, quem são estes fracos, quem são estes defengados, e quem são estes perfeitos, e santos.

Num. 205. 921 Os miseraveis, que não deixaõ, nem seguem, são os que se metem a Religiosos, como a qualquer outro officio, para viver. Fica no mundo hum moço sem pay, mal herdado da fortuna, e menos da natureza, sem valor para seguir as armas, sem engenho para curfar as letras, sem talento, nem industria para grangear a vida por outro exercicio honesto; que faz? Entra-se em huma Religião das menos austeras, veste, come, canta, conversa, não o penhoraõ pela decima, nem o prendem para a fronteira, não tem couza, que lhe dê cuidado, nem elle o toma: em fim he hum Religioso de muito boa vida, não porque a faz, mas porque a leva. Este tal nem deixa, nem segue.

Discurso LXXXVI. 289

gue. Não deixa, porque não tinha que deixar: não segue, porque não veyo seguir a Christo, veyo viver.

922 Os fracos, que deixaõ, e não seguem, saõ os que traz á Religiaõ o nojo, o desar, a desgraça, e não a vocação. Succedelhe a hum homem nobre, e brioso sahir mal de hum desafio, fazeremlhe huma affronta, que não póde vingar, negarlhe ElKey o despacho, e o agrado, não levar a beca, ou a cadeira, ou o posto militar, a que se oppoz, ou levarlhe o competidor o casamento, em que tinha empenhado o tempo, o credito, e o amor: enfadado da vida, e indignado da fortuna entrega a sua casa a hum irmão segundo; metese em huma Religiaõ de repente; mas leva consigo o mundo á Religiaõ, porque olha para elle com dor, e não com arrependimento. Este deixa, mas não segue. Deixa porque deixou o patrimonio, e a fazenda: não segue, porque mais o trouxe, e tem na Religiaõ a afronta, que recebeo no mundo, que o zelo, ou desejo de seguir, e servir a Christo.

923 Os desenganados, que seguem, mas não deixaõ, saõ os mal pagos dos homens, que o verdadeiro desengano traz a Deos. Vistes o soldado veterano, que feitas muitas proezas na guerra se acha ao cabo da vida carregado de annos, de serviços, e de feridas sem premio: e desenganado de quaõ ingrato, e mau senhor he o mundo, querendo servir a quem melhor lhe pague, e meter algum tempo entre a vida, e a morte, troca o collete pelo sayal, o tali pelo cordaõ, e a gola pelo capello em huma Religiaõ penitente, e não tendo outro inimigo mais que a si mesmo, contra elle peleja, a elle vence, e d'elle tri-

unfa. Este he o que não deixa, mas segue. Não deixa, porque não tinha que deixar mais que os papeis, que queimou, que sempre foraõ cinza: e segue, porque já não conhece outra caixa, nem outra bandeira, senão a voz de Christo, e a sua Cruz.

924 Finalmente os perfeitos, e santos, que deixão, e juntamente seguem, são os que chamados, e subidos pela graça divina ao cume mais alto da perfeição euangelica, imitaõ gloriosamente a S. Pedro, e aos outros Apostolos, os quaes tudo, o que tinhaõ, e tudo, o que podiaõ ter, deixaraõ, e renunciaraõ por Christo, e em tudo, o que obraraõ, e ensinaõ, fizeraõ, e padeceraõ, seguiraõ, e imitaraõ a Christo. E por isso S. Pedro em nome de todos, e todos por boca de S. Pedro dizem hoje com tanta confiança, como verdade: *Ecce nos reliquimus omnia, & secuti sumus te.*

Part. 8.
Fol. 481.

925 Ser religioso, e santo assim como para a innocencia da menor idade he o meyo mais proprio, e natural, assim para a idade provecta dos Reys, e malicia do mundo, que elles governaõ, não só parece o menos efficaç, senão ainda o mais contrario. Arsenio foy Mestre do Imperador Arcadio, e Cassiodoro d'ElRey Theodorico, ambos porém antes de serem o primeiro Anacoreta, e o segundo Monge. E se S. Raymundo de Penhaforte sendo Religioso, acompanhou a ElRey D. Jayme a Malhorca desenganado do pouco, que valiaõ com elle seus bons conselhos, negandolhe embarcação a fez de seu proprio manto, e navegou sobre ella a Catalunha obedecendo o mar, e os ventos a quem não pode sujeitar hum Rey Christaõ dominado de seus appetites.

926 As virtudes religiosas são muito diversas das

Discurso LXXXVI. 291

das reaes, e o que he em hum Religioso a mayor virtude, seria em hum Rey o mayor vicio. Vê-se claro na obediencia, que sendo no Religioso o fundamento, e essencia da sua profissão, no Rey, como diz o Rey Profeta, seria o mayor de todos os delictos deixar-se dominar, e obedecer a algum, quando deve mandar a todos: *Si mei non fuerint dominati, tunc immaculatus ero: & emundabor à delicto maximo.* Do Religioso pôde-se esperar, que faça bom hum homem; mas fazendo hum homem bom, pôde fazer hum Rey mau; porque a bondade, que faz bom a hum, he particular, e a do Rey ha de ser universal para todos. Os mestres são os espelhos daquelles, a quem ensinaõ, e como serão nestes espelhos os reflexos reaes, mostrando á purpura o sayal, á opa a cogula, e o capello á coroa? A fórma, que se ha de introduzir, faz semelhante a si a materia: e como seria D. Afonso Henriques tão grande Rey, se não fosse Egas Moniz, em tudo o mais leigo, tão grande ayo? Que espiritos soberanos, e reaes pôde influir hum professor de tão differente estado, ainda que seja de grande espirito? Ensinará o Rey a orar, e quando faya grande rezador, para encaminhar o seu Reyno terá cego David, que fez o Psalterio, dizia, que nas suas Matinas meditava em Deos: *In matutinis* Pl. 61. 7. *meditabor in te.* Mas os pontos da meditação nas mesmas Matinas eraõ arrancar da terra todos os maos: *In matutino interficiebam omnes peccatores* Pl. 102. 8. *terræ.* Inclinalloha como virtuoso, a que prefira os virtuosos, e com isto, sem querer, o meterá nos enganos santos da hypocresia, agradandolhe mais hum hypocrita mal vestido, que hum Capitaõ bem armado. O cavallo Troyano foy recebido em procissão

dentro dos muros como voto dos Gregos á deosa Pallas, e debaixo desta especie de religião levava dentro o incendio, com que ardeo Troya. Como arbitro da consciencia falloha muito escrupuloso, mas por isso irresoluto, perdendo em consultas o tempo, que se havia de empregar nas execuções, como bem estranhou Tacito no Imperador Valente:

Cornel. lib.
3. Hist.

Inutili cunctatione agendi tempora consultando consumpsit. E isto acontece aonde falta a resolução, que buscandose o impossivel de meyo, que não tinhaõ inconveniente, tudo se teme, e nenhuma cousa se faz.

927 Deixo os damnos, não do habito religioso, senão dos habitos, que se podem pegar ao Rey; tão alheyos da obrigação, como da Magestade. Pelo desejo da paz a desattenção das armas, e da guerra, pelo escrupulo da vangloria o esquecimento da fama, pelo amor, e nome da piedade o perdaõ na tolerancia dos delictos, em fim pelo pensamento unico do Ceo perder a terra, e ser como o Mathematico de Seneca, que não vendo onde punha os pés, porque levava os olhos nas estrellas, cahio na cova. Taes estatuas são, como dizẽ os politicos, (e estatuas sómente) as que se podem fabricar, e sahir das officinas claustraes, e no cabo de muita lima, ou fundição quando a Republica ha mister hum grande Rey, acharseha quando muito com hum beato.

Discurso LXXXVII. 293

DISCURSO LXXXVII.

Tirado de hum sermão de S. Joseph prégado na Capella Real.

RESOLUC, A M.

828 **C**onsiderar antes de resolver, isso fazem, Part. 7.
ou devem fazer todos; mas depois de re- Num. 539.
solver, deve-se considerar ainda; porque as materias
de grande importancia haõse de considerar antes, e
mais depois. Antes de resolver ha-se de considerar o
caso: depois de resolver, ha-se de considerar a reso-
lução. Esta differença acho entre a Filosofia natural,
e a moral, e a politica, que a Filosofia natural pede
hum conhecimento antes da deliberação: *Nil vò-
litum, quin præcognitum*. A Filosofia moral, e a po-
litica pede hum conhecimento antes, e outro de-
pois: hum conhecimento antes, que guie a vonta-
de a tomar a resolução, e outro conhecimento de-
pois, que examine a resolução depois de tomada.
Antes de se fazerem as cousas ha-se de temer o que Num. 199
dirão: depois de feitas ha-se de examinar o que di-
zem. Hum cousa he o acerto, outra o applauso. A
boa opinião, de que tanto depende o bom governo,
naõ se fórma do que he, senão do que se cuida, e tan-
to se devem obliervar as obras proprias, como res-
peitar os pensamentos, e linguas alheyas. A provi-
dencia, com que Deos permite a murmuração, he
porque tal vez de tão má raiz se colhe o fructo da
emenda. E se eu de murmurado me posso fazer ap-
plaudido; porque me naõ informarei do que se diz?

Tom. II.

T 3

DIS-

DISCURSO LXXXVIII.

Tirado do mesmo sermaõ de S. Joseph.

R E Y.

Part. 7.

Num. 539.

929 **E**M nenhuma cousa se mostra mais o ser de Rey, que em ter querer. A liberdade da vontade humana, como dizem os Theologos, consiste em huma indiferença, que se chama, quero, ou não quero. Tal ha de ser a vontade Real: livre, e não sujeita. O Principe nem ha de ter a sua vontade sujeita a outrem, nem ha de estar sujeito á sua vontade. Se tem a sua vontade sujeita a outrem, não he Rey dos seus: se está sujeito á sua vontade, não he Rey de si. Pois para reynar sobre si, e sobre os seus ha de ter a vontade em huma indiferença tão livre, e tão senhora, que seja seu o querer, e seu o não querer.

Num. 535.

930 E porque razão importa tanto, que o Principe não seja sujeito á vontade alheya? Por duas razões, huma da parte do Rey, outra da parte do Reyno. Da parte do Rey; porque não he Rey, he subdito, da parte do Reyno; porque não he Reyno, he confusão.

Num. 536.

931 Com grandes exemplos destes se tem infamado o mundo em todas as idades, e sem pedirmos aos seculos passados as memorias de Galba, nem de Tiberio, os nossos olhos são boas testemunhas. Nós o vimos, e nós o vemos. Pergunto: Portuguezes, vós, que vistes o que padecestes, vós, que vedes o que: gosais,

Discurso LXXXVIII. 295

gofais, donde veyo tanta differença em tão poucos annos? A differença não a pondero, porque a vem os olhos. A causa, porque a vem, he só o que pergunto. Sabeis porque? Porque então tínhamos hum Rey sujeito a huma vontade alheya, hoje temos hum Rey senhor das vontades alheyas, e mais da sua: então tínhamos hum Rey cativo, hoje temos hum Rey livre: então tínhamos hum Rey obediente, hoje temos hum Rey obedecido: então tínhamos hum Rey senhoreado, hoje temos hum Rey senhor.

DISCURSO LXXXIX.

Tirado de hum sermão de Santo Agostinho elogiado pelo Auctor por confessar nos seus livros os seus peccados, e por se retratar nelles de seus erros.

E de outro sermão de Santa Catharina, que venceo, e convenceo a cincoenta Filósofos.

SABIOS.

932 **A** Mayor acção de Deos fazerse homem, Part. 3.
Num. 156. e a mayor fineza desta acção não consistio tanto em tomar a nossa natureza, quanto em Philip. 2. 7. tomar a nossa semelhança: *In similitudinem hominum factus, & habitu inventus ut homo.* Não tomou Deos a natureza humana como a tinha dado a Adão, senão como a achou depois d'elle, e cahida de seu primeiro estado, e sujeita a tantas, e tão pezasdas misérias. Sujeitou-se a nascer, a morrer, e a viver, (que não he menos) a trabalhar, a cansar, a fuar;

fuár, a dores, a tristezas, a lagrimas, a ser perseguido, a ser affrontado, a ser crucificado. Mas com se sujeitar a todo este abismo de miterias, e baixezas, (porque como diz S. Paulo: *Debit per omnia fratribus similari*,) exceptuaraõse com tudo duas, de que foy totalmente isenta, e privilegiada a humanidade de Christo. E quaes foraõ? O peccado, e a ignorancia. Porque he taõ feya cousa o peccado, e a ignorancia taõ indecente, que ainda no caso, que fosse possivel, de nenhum modo era toleravel, que em huma humanidade unida a Deos houvesse peccado, ou ignorancia. Sendo pois tal fealdade a do peccado, e tal indecencia a da ignorancia, só quem comprehender quaõ feya cousa he o peccado, e quaõ indecente a ignorancia, poderá avaliar, como merece, estas duas acçoens de Agostinho.

Num. 195. 933 Os Santos, como conhecem a graveza, e malicia do peccado, e quanto mais feyos saõ os feitos da vontade, que os do entendimento, mais se pejaõ de ser máos, que de ser mal entendidos, e antes querem parecer ignorantes, que peccadores. Por isso David como santo confessando os peccados por delictos, allega as ignorancias por desculpas: *Delicta juventutis meae, & ignorantias meas ne memineris Domine*. A razãõ desta differença he,

Psalm. 14.
7.

Num. 196. porque a ignorancia oppoemse á sciencia, e o peccado á virtude: e quem he verdadeiramente tanto, muito mais estima a virtude, do que se preza da sciencia. E como he próprio da santidade estimar mais o conceito da virtude, que o da sciencia, e sofrer antes contra si a opiniaõ da ignorancia, que a do peccado, he o commum conceito, e estimaçaõ dos homens ter por menos injuria o peccado, que a ignorancia.

934 Con-

Discurso LXXXIX. 297

934 Condemna Christo as injurias, com que os ^{Num. 198.} homens se afrontão de palavra, allinalando tambem o castigo, que cada huma merece, e como soberano Legislador manda assim: *Qui dixerit fratri suo* ^{Matth. 5.} *raca, reus erit concilio: qui autem dixerit fatue, reus erit gehene ignis:* O homem, que chamar a outro *raca* tenha pena arbitraria; porém o que lhe chamar *fatue*, seja queimado em huma fornalha. A palavra *fatue* todos sabem, que significa nescio, e ignorante: a outra que he Arabica, quer dizer impio, ou mais propriamente blasfemo. Quem haverá pois, que não julgue, ou ao menos lhe não venha ao pensamento, que nestes dous casos tão diversos senão mede bem a pena com a culpa? O ser nescio, e ignorante he hum defeito natural: o ser impio, e blasfemo he peccado gravissimo: como logo se dá pena arbitraria ao que chama impio, e ao que chama ignorante: pena de fogo? Porque ainda que o ser impio para com Deos he mayor peccado, o ser ignorante para com os homens he mayor injuria. A injuria, ou contumelia medese neste caso pelo sentimento, e afronta, que o homem recebe, e nenhum ha, que não sinta, e se afronte mais de ser motejado de ignorante, que ser notado de máo.

935 Assim como he natural a todo o homem en- ^{Num. 173.} cobrir o seu peccado, assim he natural a todo o sabio sustentar, e não se desdizer do seu erro, e tanto mais, quanto for mais sabio. O mais sabio espirito, que Deos creou, foy Lucifer; e he caso verdadeiramente estupendo, que huma creatura dotada de tão sublime entendimento, e allumiada de tão alta sabedoria cahisse em hum erro tão crasso, tão manifesto, e tão nescio, como cuidar, que podia
ter

fer semelhante a Deos, e dizer, que o havia de fer:
 Ifai. 14. 14. *Similis ero Altissimo*. Mas ainda esta não he a mayor
 admiracão. O que mais admira, e faz pasmar he, que
 nem no Ceo, onde errou, se quiz descer de tão errado
 pensamento, nem no inferno, onde o está pagando,
 se quer desdizer, ou arrepender delle. No Ceo entre
 o peccado, e condemnação de Lucifer he senten-
 ça muito conforme á piedade divina, que lhe deo
 Deos bastante espaço para se converter: e no infer-
 no he tambem Theologia certa, que ainda tem li-
 berdade para o fazer, se quizer. Pois como he pos-
 sivel, que coubesse, e caiba em hum entendimento
 tão sabio querer antes cahir do Ceo, e arder no in-
 ferno, que desdizerse do que huma vez disse, e per-
 sistir no mesmo erro por toda a eternidade? Se Lu-
 cifer soubera menos, elle reconheceria o seu erro; mas
 a grande sciencia, que tanto o inchou para errar, es-
 sa mesma o obstinou para sennão desdizer. De sorte,
 que he tal contumacia a do muito saber, huma vez
 que se chega a usar mal delle, que antes quereá
 hum sabio presumido cahir do Ceo, que descerse da
 sua opiniaõ, e antes arder no inferno, que desdi-
 zerse do que já tem dito. De tal maneira obra Deos
 com a sua, e summa sabedoria, que parece se emen-
 da com a experiencia. Arruinou selhe o primeiro edi-
 ficio, porque o fundou em hum homem de barro;
 para que se lhe não arruine o segundo, funda-o em
 hum homem de pedra. Retrata se do que tem feito
 Deos, que não póde errar, e os homens estão tão
 namorados de seus erros, que antes os vereis obsti-
 nados, que arrependidos. Dirão que he timbre este
 de entendimentos Angelicos, porque nenhum Anjo
 errou, que se retratasse. Eu digo, que não he sennão
 con-

Discurso LXXXIX. 299

contumacia de entendimentos diabolicos, porque Part. 3.
nenhum Anjo errou, que não fosse demonio. Se fora Num. 175
verdadeira aquella imaginação de Origenes, o qual
teve para si, que as nollas almas eraõ Anjos, que an-
davaõ penando dentro nos nossos corpos, e pagan-
do algumas culpas, que tinhaõ commettido, de mui-
tos homens sabios, que erraraõ, e nunca se quize-
raõ retratar, dissera eu, que eraõ os Anjos sequazes
de Lucifer.

936 Tal foy o mesmo Origenes, tal Tertulia- Num. 176.
no, tal Apollinar, e outros famosissimos Doutores
em todo genero de erudição divina, e humana, os
quaes tendo sido insignes Mestres da Igreja, e ainda
hoje allegados, por se não quererem retratar de al-
guns erros, em que como homens cahiraõ, com per-
petua dor da mesma Igreja foraõ anathematizados,
e apartados della, podendo se dizer com verdade de
cada hum, o que Felix imputava a S. Paulo: *Mul-Act-26.24.*
tae te litera ad insaniam convertunt. Mas sendo es-
tes, e outros insignes varoens taõ fortes domadores
de outras paixoens humanas, chegados ao ponto de
se haver de retratar do que tinhaõ ensinado, aqui
fraqueou todo o seu valor, aqui perdeu o passo to-
da a sua sabedoria, e aqui se cegaraõ, e escureceraõ
de tal sorte aquelles grandes entendimentos, que an-
tes quizerãõ perder a uniaõ da Igreja, e com ella o
unico fundamento da propria salvaçaõ, que desdi-
zerse do que tinhaõ dito; porque a retractação do
que se escreveo, e sahio a publico em homens de opi-
niaõ he muito mais difficil. Presentado Christo ante Num. 178.
Pilatos ouvio elle as accusaçoens, examinou as testi-
munhas, reconheceo o odio, e inveja dos inimigos,
e pronunciou ao Senhor por innocente. Instando po-
rém

Joau 19.
21.

rém os accusadores: *Si hunc dimittis, non es amicus Caesaris: omnis enim, qui se Regem facit, contradicit Cesari*: Que se absolvia aquelle reo, incorria em crime de lesa Magestade contra o Cesar, pois era contra a soberania do Imperio consentir dentro nelle hum homem, que se chamava Rey. Pode tanto com Pilatos o temor deste requerimento, e o respeito do nome, e amizade do Cesar, que condemnou em Christo a innocencia, e crucificou com Christo a justiça. Crucificado em fim o Senhor, mandou fixar na Cruz, como era costume, a causa porque padecia, escrita com aquellas palavras: Jesu Nazareno Rey dos Judeos; das quaes novamente escandalizados os accusadores tornaraõ a replicar, que as mandasse emendar; e q̃ em lugar de Rey dos Judeos dissesse, por se fazer Rey dos Judeos. Porém Pilatos respondeo: *Quod scripsi, scripsi*: O que escrevi; escrevi: e de nenhum modo o poderaõ persuadir a que mudasse o que tinha escrito. O grande reparo, que tem esta resposta, todos o estaõ vendo. Muito mais offendia Pilatos ao Cesar em dar a Christo o titulo de Rey, que em lhe não dar a morte, e muito mais se condemnava em lhe dar a morte, que se o livrasse della. Pois se Pilatos não repara em se condemnar a si, e a Christo por respeito de Cesar, porque não lhe tira o titulo de Rey por respeito do mesmo Cesar? Porque assim o tinha já escrito, e publicado: *Quod scripsi, scripsi*. O que hum homem de sciencia, ou presumpção huma vez escreveo, e publicou, não o torna a retratar por nenhum respeito. Condemnar a mesma innocencia falloha, se não for recto, por hum respeito humano; mas riscar o que huma vez escreveo, e está publico em seu nome, não o fará

Joan. 19.
22.

Discurso LXXXIX. 301

o fará hum sabio presumido por nenhum respeito deste mundo, nem ainda do outro.

937 Ella he intoleravel cegueira do entendimen- Num. 179.
to, intoleravel abuso da razão, e intoleravel injuria da justiça, e da verdade, que aquillo, que se não devia escrever, se haja de sustentar, só porque se escreveo, e que o ser escrito huma vez, seja consequencia de estar escrito sempre: *Quod scripsi, scripsi*. Mas esta sentença como se fora de melhor Auctor, he a communmente de todos, os que escrevem, e publicão seus escritos. Querem que os seus livros sejam, como o livro de predestinação, em que o que está escrito, não pôde ser riscado: querem que os seus caracteres sejam como os dos sacramentos, que huma vez impressos não se podem apagar: querem em fim, que o seu escrever seja prescrever: *Quod scripsi, scripsi*.

938 Quantos Julgadores ha, que ou no voto, ou Num. 209.
na tenção, ou na sentença reputão por discredito o retratar-se, e seguindo o dictame, ou feita de Pilatos tem por timbre o dizer: *Quod scripsi, scripsi*. E tambem pôde ser, que haja algum, o qual sem reparar em que se condemna, não se retratando ou pela inveja de que outro votou melhor, ou pela soberba de não confessar, que errou, não tema acompanhar a Lucifer no castigo, como o imita na contumacia. O retratar-se não he argumento de não saber; mas de saber, que muitas vezes pôde acertar o menos douto no que o mais letrado não advertio. Que comparação tinha na sciencia Jetro com Moysés? E com tudo conheceo Moysés, que o dictame de Jetro era mais acertado, e logo retratou o seu, e seguiu o alheyo.

939 Não

302 *Vieira abbreviado*

Num. 202. 939 Não ha ciencia tão jubilada, que não possa deixar de ver o que vê outra de menos annos, e de menor authoridade. O verdadeiro saber he de saber conhecer a verdade, ainda que seja filha de outros olhos, ou de outro entendimento, e não se cegar com o proprio, como se cegou Lucifer.

Num. 180. 940 A razaõ deste engano deo excellentemente Santo Ambrosio: *Unumquemque fallunt sua scripta, & authorem prætereunt: atque ut filii etiam deformes delectant parentes, sic etiam scriptores indecores quoque sermones palpant*: A todos os Auçtores, diz Ambrosio, enganaõ os seus escritos, e ainda que tenhaõ erros; só elles os não vem. E a razaõ desta cegueira he, porque saõ partos do seu entendimento. E assim como os filhos, posto que sejaõ feyos, agradaõ a seus pays, e lhe parecem formosos, assim os escritos de cada hum, por imperfeitos, errados; e mal compostos que sejaõ, naturalmente lisongeaõ a seus Auçtores, e lhe parecem bem; porque se parecem com elles. Lá disse Elifaz, o mais sabio dos tres amigos de Job, que a justiça de Deos, e a perspicacia dos olhos divinos he tão pura, que até nos seus Anjos achou imperfeição: *In Angelis suis reperit pravitatem*. E não está o encarecimento em dizer, que achou imperfeição nos Anjos, sendo Anjos, senão em que achou imperfeição nos Anjos sendo seus: *In Angelis suis*. Se os olhos de Deos fossem como os dos homens, ainda que os Anjos o não fôrão, bastava que fossem seus, para que lhe parecessem Anjos.

Nam. 181. 941 A aguia, como diz Aristoteles, e se sabe vulgarmente, depois que lhe nascem os filhos, e lhe dá a primeira creação indistinctamente, tira-os do ninho

Discurso LXXXIX. 303

ninho, suspen-de-os nas unhas, e examina-os hum por hum aos rayos do Sol: se olhaõ de fito em fito para o Sol sem pestanear, reconhece-os, e conserva-os como filhos proprios; mas se fechaõ, ou afastaõ os olhos, e não soffrem toda a luz, repudia-os, e lança-os de si, como adulterinos. Pergunto: No exame, e prova, que faz de seus filhos a aguia, quaes ficaõ mais examinados, e mais qualificados, os olhos da mãy, ou os olhos dos filhos? Não ha duvida, que os olhos da mãy; porque os olhos dos filhos não se cegaraõ com o Sol, os olhos da mãy não se cegaraõ com os filhos. Não se cegarem os filhos com o Sol, isso he serem aguias; mas não se cegar a aguia com os filhos, isso he ser mãy sem amor de mãy. Não ha amor; Num. 182. que mais facilmente perdoe, e mais benignamente interprete, e dissimule defeitos, que o amor de pay. Grandes defeitos foraõ os do filho Prodigio, e taõ grandes, que elle mesmo reconhecia, que era indigno de ser chamado filho de tal pay: *Pater, non sum dignus vocari filius tuus*; mas o pay nem por isso Luc. 15. 21. o desconheceo de filho, ou o lançou de si, antes o abraçou apertadissimamente, e o seu primeiro cuidado foy cubrillo, e vestillo, e enfeitillo com as melhores, e mais vistosas galas: *Cito proferte stolam primam*. Isto he o que fazem todos os Escriitores severissimos com os defeitos alheyos, e benignissimos com os proprios, como pays em fim. David, sendo Num. 183. taõ enormes os erros de seu filho Absalaõ, e elle taõ incapaz de perdaõ, ou desculpa, lá lhe buscou, e achou na idade hum motivo, com que o escusar, e salvar: *Servate mihi puerum Absalom*. Pois se Joab 2. Reg. 18. lhe não perdoou, e todo o Reyno entaõ, e hoje todo o mundo o condemna, como lhe perdoa só David,

304 *Vieira abbreviado*

vid, e o quer salvar? Porque era pay, diz Santo Ambrosio. E esta he a unica, e verdadeira razão. Não ha opiniaõ taõ errada, não ha proposição taõ temeraria, e taõ impia como Absalaõ, que seus Auctores, como pays, não queiraõ salvar, escusar, e defender; porque ainda que partos taõ monstruosos, são partos do proprio entendimento.

Num. 362.

942 Quem não he docil, senhores, não pôde ser douto: antes a mesma docilidade he hum synonymo da sciencia. A sciencia nenhuma outra cousa he, que o conhecimento claro de muitas verdades, humas em si, que são os principios, e outras, que dellas se seguem, que são as conclusões. E aquelles, que não tem docilidade (como são os tenazes do proprio juizo, e ferrados á sua opiniaõ) ainda que a verdade se lhe represente, não são capazes de a receber. Por isso estes taes cadavez sabem menos, e todas as vezes

Num. 189.

que a opiniaõ passa a erro, perseveraõ nelle. No erro secreto, em que senão perde a honra, facilmente se sujeita a propria opiniaõ á verdade; mas no publico, e censurado, em que a honra se perde, ou ella defende o erro, ou o erro a defende a ella contra a mesma verdade conhecida.

Num. 356.

943 Conhecer hum sabio a sua ignorancia, ou o seu erro he muito facil: não fora sabio, se o não conhecera. Porém chegar a o confessar, e confessal-lo publicamente he o ponto mais arduo, e difficiloso, a que se pôde reduzir o brio humano, e tanto mais, quanto mayor for o nome, a opiniaõ, e o gráo, que tiver de douto. Ponderou Nicodemos a doutrina de Christo juntamente com a grandeza de seus milagres, e veyo a conhecer, que só ella era a verdadeira, e toda a outra falsa: *Scimus quia à*

Joan. 3.
1. 2.

Deo

Discurso LXXXIX. 305

Deo venisti magister : nemo enim potest hæc signa facere , quæ tu facis . Delibera-se a ir buscar o divino Mestre , e lançar-se a seus pés , para que o ensine : mas como ? *Erat homo ex Phariseis , Nicodemus nomine : hic venit ad Jesum nocte :* Despio a toga , ou a beca , e disfarçado , e desconhecido foy buscar ao Senhor de noite . Vede como o argue S. João Chrysostomo : *Scimus , inquit , quia à Deo venisti magister . Quid ergo noctu venis , & clanculum ad eum , qui divina docet , qui à Deo venit ? Quid non aperte profiteris ?* Se conheceis , que Christo he Mestre vindo do Ceo , se conheceis , que a tua doutrina he divina , e o vindes buscar , para que vos ensine ; porque vindes de noite , e ás escondidas , porque não confessais isso mesmo clara , e publicamente ? Porque Nicodemos era hum Mestre de grandissima reputação em Israel . Assim o declara o texto Grego : *Tu es magister ille in Israel .* E posto , que elle já reconhecia os seus erros , isso era em segredo , e das portas do seu entendimento para dentro ; porém que esses mesmos erros , e ignorancias , de que já estava convencido , os houvesse de confessar publicamente , de nenhum modo fez , ou se atreveo a fazer tal cousa Nicodemos , porque lho não consentia a reputação , e o credito , e por isso vinha de noite . De noite reconhecia , que era morgo , de dia queria ostentarse aguia . Oh se os livros fallaraõ , quantas ignorancias haviaõ de dizer , que consultaõ com elles de noite os que de dia se publicaõ grandes letrados ! Quanto he mais custoso á presumpção abater ás sobranceiras , que queimar as pestanas ! Mas não he só a capa da noite , a que dissimula estes defeitos . Quantas vezes reconhece o quinaõ

Chrysost.
hom. 23.

Part. II.
Num. 440.

Part. 3.
Num. 357.

na consciencia o mesmo, que na cadeira o defende á vozes? Pouco sabe quem não conhece a força do argumento, e a fraqueza da solução. Huma cousa he responder, outra fallar no cabo. Mas sendo muy frequentes as contriçoens destes peccados lá no secreto da consciencia, chegar com elles a publica confissão quem tem opiniaõ de sabio he milagre só da graça de santa Catharina. Esta publica confissão foy o mayor triumpho da victoria de Catharina, mayor contra Democritos, e Diogenes sem espada, que se forão Scipioens armados. As batalhas mais invenciveis são as do entendimento; porque onde as feridas não tirão sangue, nem a fraqueza se vê pela cor, nenhum sabio se confessa vencido. Diz S. Paulo que a sciencia incha: *Scientia inflat*. E não só he difficil sem graça muito singular sciencia sem inchação, mas sempre a inchação he mayor que a sciencia. A mayor sciencia, e o mayor entendimento, que Deos creou entre os homens, e Anjos, foy o de Lucifer; mas ainda foy mayor a sua inchação, e soberba: *Similis ero Altissimo*. Contra esta rebelião se deo no Ceo aquella grande batalha de entendimētos: *Factum est praelium magnum in caelo*. Sahio vencedor Miguel, ficou vencido Lucifer; mas de que modo vencido? Com tal inchação, e soberba do seu saber, e taõ namorado do mesmo entendimento, que o cegou, que antes quiz cahir do Ceo, que descer da sua opiniaõ. Ha mais de seis mil annos, que arde no Inferno Lucifer, e ha de arder por toda a eternidade só por não admitir hum instante, em que confesse que errou.

Part. 11.
Num. 33.

1. Cor. 8. 1.

Isai. 14. 14.

Apoc. 12. 7.

Discurso XC. 307

DISCURSO XC.

Tirado de hum sermão da primeira Dominga da Quaresma prégado em Roma.

SACERDOTES.

944 **P**ermittio Christo Senhor nosso fer tentado Part. 7.
do do demonio hoje, não para se honrar Num. 306.
com a victoria, (que era pequeno triunfo) mas para
nos ensinar a vencer com seu exemplo. Tentado no
deserto com o pão, e com a fome para exemplo á
abstinencia do Monge: tentado no monte com as
promessas de todo o mundo para exemplo á cubiça
do leigo: e tentado na Cidade santa com o lugar
mais alto do templo para exemplo á ambição do Ec-
clesiastico. Esta ultima tentação por ser tão propria
do lugar, e tão accommodada ao auditorio será ho-
je o argumento de todo o meu discurso. Veremos
nelle hum cortezaõ de Roma, segundo as tres partes
do thema, tres vezes, e por tres modos tentado.
Tentado quando vem pertender á Cidade santa:
Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem: ten-
tado quando consegue o lugar, ou dignidade da Igre-
ja, que pertendia: *Statuit eum super pinnaculum
templi*: e tentado com o mesmo lugar depois de
conseguido, quando o diabo o instiga a que se pre-
cipite: *Mitte te deorsum*.

945 Para hum sujeito ser sublimado ao lugar Num. 307.
mais alto da Igreja, que qualidades são as que se re-
querem? Requerse, aindaque menos, a nobreza do
nascimento, requerse o exemplo da vida, requer-

308 *Vieira abbreviado*

fe o exercicio das virtudes , requerse o espirito muito provado , e requerêmse finalmente as letras não só sabidas mas praticadas.

946 Todas estas qualidades então concorriaõ juntas
Num. 308. em Christo , e já reconhecidas pelo mesmo demonio.

A nobreza do nascimento: *Si Filius Dei est*, o exemplo da vida: *Ductus est à spiritu in desertum*, o exercicio das virtudes: *Cum jejunasset quadraginta diebus , & quadraginta noctibus*, o espirito provado: *Ut tentaretur à diabolo*, as letras não só sabidas , mas praticadas: *Scriptum est enim: Non in solo pane vivit homo , sed in omni verbo , quod procedit de ore Dei*. E que sobre todas estas qualidades juntas , sobre toda esta capacidade de merecimentos ainda seja tentação subir ás alturas do templo ! Oh mundo ! Oh cabeça do mundo ! E que tentação seria , se o Ecclesiastico tentasse a subida não com espirito provado , mas reprovado , não com o exemplo , mas com o escandalo , não com virtudes , mas com vicios , não com letras , mas com ignorancias ? Não fallo na qualidade do nascimento , porque depois que Christo tirou a Pedro , e a André da barca para a cadeira , ainda que não reprovou a grandeza dos appellidos , mostrou , que se era decente para o sujeito , não era necessaria para o officio.

947 Em tres partes (como dizia) dividio o demonio a sua tentação: vir , subir , cahir. Vir á Cidade santa.: *Assumpsit eum in sanctam civitatem*, subir ao pinnaculo do templo: *Et statuit eum super pinnaculum templi*, cahir , e arrojarse ao precipicio: *Mitte te deorsum*. Sigamos o tentador pelos mesmos passos.

Nam. 310. 948 A primeira parte da tentação, senhores meus,
he

he vir o pertendente á Cidade santa. Pois vir á Cidade santa, e pertender huma Igreja tambem santa póde ser tentação do demonio? Sim. Porque quando a eleição he de Deos, e não tentação do demonio, quando Deos quer, que o Ecclesiastico tenha Igreja, e esposa, não he elle o que ha de ir á Cidade santa, a Cidade santa he a que ha de ir a elle. No capitulo penultimo do Apocalypse conta S. João o que vio, e diz assim: *Vidi civitatem sanctam Jerusalem descendentem de caelo à Deo, paratam sicut sponsam ornatam viro suo*: Vi descer do Ceo a Cidade santa mandada por Deos, e ornada como esposa para se receber com o esposo. Notavel visão! Os homens são os que vão á Cidade, e não a Cidade aos homens: o esposo he o que pertende a esposa, e não a esposa o esposo. Pois porque vio S. João tudo ás avessas? Porque o vio ás direitas. Vinha a Igreja do Ceo, vinha de Deos: *Descendentem de caelo à Deo*, e quando a Igreja, e a esposa vem pelo Ceo, e por Deos, não he o homem o que vay á Cidade santa, a Cidade santa he a quem vem ao homem. Não he o esposo o que vay buscar a esposa, a esposa he a que o vem buscar a elle: *Sicut sponsam ornatam viro suo*. E quando isto não he assim, tenão ás avessas, que será? Não he eleição de Deos, he tentação do diabo: *Assumpsit eum diabolus in sanctam civitatem*.

949 Quanto melhor providas seriaão as Igrejas, Num. 312. quanto mais descansados viviriaão os que fossem dignos dellas, e quanto menos occasião se daria ás tentações do demonio na Cidade santa, se as esposas fossem buscar aos esposos, como Rebeca a Isaac, e não os esposos ás esposas como Jacob a Rachel! Em Num. 314. quanto o esposo pertendeo, e requireo dentro da

310 *Vieira abbreviado*

Cidade santa, não foy ouvido; mas quando estava fóra della, então foy buscado. Não sois vós o que haveis de buscar, não vos de buscar a vós, e em tal fórma, que á Igreja se dê os parabens de vos haver achado, e que seja necessaria força, e violencia, para que acei- teis o desposarvos com ella. Assim se desposou a Igreja de Milão com Ambrosio, assim a de Magde- burg com Norberto, assim a de Cracovia com Esta- nislao, assim a universal com Gregorio. Huys escondia- se, outros fugião, e outros resistião, e repugna- vaõ, e por isso mereciaõ, que Deos por força, e com milagres os subisse á mayor altura do templo, e os collocasse nella. Mas quando estes lugares se pertende- m, e se vem bulcar, ainda que seja á Cidade santa, quem duvida, que póde ser, como hoje foy, tenta- ção do diabo? *Assumpsit eum diabolus in sanctan civitatem.*

950 Atéqui o vir, que he coufa cansada: passe- mos ao subir, que ainda que seja costa arriba, hé mais suavê, e subamos quanto he possivel. Chegados o tentador, e o tentado á Cidade santa, não parou o dêmónio até o pôr no pinnaculo do templo: *Et sta- tuit eum super pinnaculum templi.* Em nenhuma Cor- te do mundo tem lugar o extremo desta tentação, fenaõ na Corte da Cidade santa, onde estamos. Em todas as outras Cortes podem os Cortezaõs aspirar a subir, mas não ao pinnaculo. Podem aspirar á gran- deza, mas não á Magestade: ao titulo, mas não á Coroa. O fidalgo particular póde aspirar a Conde, o Conde a Marquez, o Marquez a Duque. E aquí pára o desejo, porque o ser Rey está fóra da esfera da ambição. Nesta Corte não he assim. Da sotana podeis subir á murça, da murça ao mantelete, do man-

mantelete á mitra, da mitra á purpura, e da purpura á tiara. Subir ás dignidades póde ser bom, e póde ^{Num. 318.} ser mau; mas o que sempre he mau, e nunca póde ser bom, senão pessimo, he fazer de huma dignidade degrao para outra, e querer sempre subir sem já mais parar. Não se sobe hoje ás dignidades, sobese por ellas. Haviaõ de ser fim, e saõ meyo: haviaõ de ser termo, e saõ degrao. E tal modo, ou tal furia de ambição não he humana, he diabolica, he luciferina. Assim sobe sempre a soberba do demonio, e assim sobe, e está subindo sem aquietar, nem parar já mais á soberba dos que elle tenta, ou dos que sem ser tentados o seguem. A soberba, e ambição de subir nunca está mais, que sobre hum pé. Tem hum pé no lugar, que possue, e o outro já vay pelo ar para o lugar, que pertende. Isto he subir sempre. Quem sobe, quando firma hum pé num degrao, já levanta o outro para o pôr no que se segue. Assim sobe, e vay subindo sempre (por mais alto que seja o lugar, a que tem subindo) - quem for tocado desta tentação.

951 *Ferculum fecit sibi Rex Salomon: reclinatorium aureum, ascensum purpureum:* ^{Cant. 3. 9.} Fez Salamaõ ^{10.} hum leito para si, cujo reclinatorio era de ouro, e a subida de purpura. Com licença da tabedoria de ^{Num. 319.} Salamaõ eu não fizera o leito por esta traça: fizera o reclinatorio de purpura, e a subida de ouro. Para reclinar, e descansar a cabeça o ouro, ainda que seja muito lustroso, he muito duro, e muito frio. Para os degrãos era muito decente, e muito authorizado o ouro; porque não ha modo de subir mais magestoso, que metendo o ouro debaixo dos pés, e pizand-o. Pelo contrario a purpura era mais accõmodada para o reclinatorio, porque he branda; e

312 *Vieira abbreviãdo*

conferva o calor. Mas a purpura para os degrãos : *Ascensum purpureum* ? Sim; porque fazia Salamaõ o seu leito, naõ como era bem que fosse, senaõ como via, que havia de ser. Via que das purpuras se haviaõ de fazer os degrãos para o reclinatorio; porque he tal a tentação de subir, que nem nas purpuras se pára, nem nas purpuras se descanfa : *Ascensum purpureum*.

952 Estou vendo porém, que me dizem os meus
 Nam 320. Portuguezes: Ainda que temos o exemplo de S. Damafo, e de Joaõ XXII. os nossos pensamentos naõ sobem ao pinnaculo, nem a taõ alta supposição. Com huma Igreja das que vagaõ na nossa terra, nos contentamos, isso he o que só pretendemos na Cidade santa. Mas tambem ahi póde entrar com igual perigo a tentação do demonio. Eu naõ sou muito curial destas tentações, e assim fallarei por boca de quem tinha grande experiencia, e pratica dellas. O Cardenal Bellarmino passando por hum lago destes arredores vio hum moço, que estava pescando rans, e a isca, com que lhes armava, era a pelle de outra rã já morta. Lançava o anzol com aquella pelle da morta, e assim pescava as vivas. Eis aqui, diz Bellarmino, como pesca o diabo aos Ecclesiasticos. Morreo o Conego, o Prior, o Abbade: e que faz o diabo? Toma a pelle do defunto, que he a murça, ou a sobrepelliz, e estola, mete-a no seu anzol, que he a tentação, e vemse de Portugal a pescar a Roma. Quem cuidasse tal cousa! Que o diabo se vinha a fazer pescador na barca de S. Pedro! E que fazem as rans, que estaõ esperando no lago, e atroando os ouvidos de todos? Tanto que chega a nova, tanto que vem a pelle da morta, todas a ella com
 tan-

tanta boca aberta: e se alguma se adianta ás demais, todas a abocanhalla, e a mordella. Eu não o vi, mas affim o ouço. Nião são peyores as rans, que os peixes. Os peixes mordem, e callaõ: as rans atroaõ, e não ha quem se ouça, nem valha com ellas. Que cada hum pertenda para si, humano he; mas he grande deshumanidade, que homens da mesma patria, da mesma naçaõ, e do mesmo sangue se mordaõ, se maltratem, e se afrontem por introduzir a si, e affastar os outros. O dote da subtileza no Ceo faz, que o lugar, que occupa hum, não impida a passagem ao outro: e cá o estudo, e emprego de todas as subtilezas he impedir aos outros para lhe occupar o lugar. Em fim bem, ou mal occupado, que se segue depois disso? A terceira parte da tentação, e a mais perigosa de todas.

953 Depois de vir, e subir seguese o cahir: *Mitte te deorsum*. Conseguiu o pertendente o seu despacho, expedio as suas bullas, voltou contente para a patria, vese collocado, ou collado na Igreja com superioridade, e authoridade della, e aqui está o fim de toda a tentação, que he o precipicio: *Mitte te deorsum*. Este precipicio póde ser, como ordinariamente he, ou para a parte da primeira tentação, ou para a parte da terceira, com que ficará cahindo em todas tres. Na primeira tentação tentou o demonio a Christo com pão: *Dic ut lapides isti panes fiant*: na terceira tentou-o com tudo: *Hæc omnia tibi dabo*. Em ambas póde cahir facilmente o tentado, ou por fome, ou por cubiça. Tratavase aqui em Roma de mandar a Portugal contra Viriato, e eraõ pertendentes do posto Sulpicio Galba, e Aurelio Cotta: e como os votos dos Padres conf-

314 *Vieira abbreviado*

conscriptos se dividissem no Senado, huns por parte do primeiro, outros do segundo, diz Valerio Máximo, que Scipião excluiu a ambos, e deo a razão excellente por estas palavras: *Neuter mitti placet, quia alter nihil habet, alteri nihil est satis*: Não convem, que se mande a Portugal nem hum, nem outro; porque hum nenhuma cousa tem, a outro nenhuma cousa lhe basta. Aos que nada tem, tenta-os o diabo com o pão: aos que nada lhe basta, tenta-os com tudo: e sendo tão perigosa tentação a da necessidade com a da cubiça, estes são os dous precipícios, em que pode, e costuma cahir quem vay de Roma com despacho. Os que de cá vão com fome, tenta-os o diabo com pão, e muito mais apertadamente do que a Christo; porque a Christo tentou o o demonio com pão, que se havia de fazer: *Dic ut panes fiant*: mas a estes tenta-os com pão feito. Deos livre a todo o faminto de que o diabo o tente com pão feito, e preparado. A Heva tentou-a o diabo com a fruta madura, e sazoadada: a Esau tentou o com as lentilhas cozinhas, e temperadas. E que succedeo a ambos? Ambos cahirão sem resistencia. Ser tentado com o comer, que se ha de fazer, ainda que haja fome, não he tão grande tentação. Se o pomo estivera em flor, e as lentilhas em herva, nem Heva, nem Esau se haviaão de tentar, quanto mais cahir. Porém tentar com o pão, e feito: tentar com o pão, que outros fizeraão, e vós o tendes recolhido no vosso celeiro com obrigação de o repartir aos pobres, grande tentação! O Ecclesiastico he dispenheiro do pão, e não senhor; mas he grande tentação do dispenheiro, que podendo fazer senhor, se não faça, e podendo comer o pão, o não

naõ coma. Nesta parte sãõ mais venturosas as ovelhas do campo, que as de Christo; porque o paõ das ovelhas do campo naõ o pôde comer o pastor, e o das ovelhas de Christo sim. E quando o paõ do gado he de tal qualidade; que o pôde comer o pastor, aqui estã a tentaçãõ. O filho Prodigio depois de des-

Num. 324.

baratar todo o patrimonio para remediar a sua necessidade, pozse a pastor, e o mantimento do seu gado era tal, que tambem o pastor o podia comer. Foy porẽm taõ honrado, e taõ pontual este moço, (como filho de bons pays que era) que até daquelle mantimento rustico, e grosseiro, que se lhe dava para o seu gado, nem huma bolota tomava para si. Mas qual era a sua tentaçãõ? *Cupiebat explere ventrem de siliquis, quas porci manducabant*: toda a sua tentaçãõ, e todo o seu appetite era comer, e encherse daquelle mesmo mantimento, que se lhe dava para o seu gado. E se isto fazia a fome do filho Prodigio, que fará a do Padre avarento? Pastor com fome ha de comer o paõ do gado, qualquer que seja: e mais os que de cá vaõ com fome de tantos annos. Os Prégadores zombaõ do diabo tentar a Christo com paõ de pedras, e naõ reparaõ em que estava o tentado com fome de quarenta dias. Para fome de muitos dias naõ ha paõ duro, quanto mais para fome de tantos annos. Nas grandes fomes, como a de Jerusaleem, e Samaria, chegaraõ as mãys a comer os proprios filhos. Haveis de comer o paõ das ovelhas, e haveis de fazer das mesmas ovelhas paõ: *Qui devorant plebem meam, ut cibum panis.*

Psalm. 52.

954 O fundamento, que tenho para assim o temer, e cuidar, he, que quando ouço fallar nos vossos provimentos, ou promoçoens, só se estimaõ os despachos,

Num. 332.

pachos, e se avaliaõ os lugares pelo que rendem. A hum graõ Principe desta Italia pedio hum Ecclesiastico seu vassallo, que lhe fizesse merce de certa Igreja. E quanto rende essa Igreja? perguntou o Principe. Serenissimo, respondeo o pertendente, rende oitocentos até mil escudos. Bem está, não he muito o rendimento. E quantos freguezes tem? tornou o Principe a perguntar. E como o pertendente disse, que não sabia, o despacho com ultima, e severa resolução foy este: E vós sabeis a conta aos escudos, que haveis de comer, e não sabeis o numero das almas, que haveis de curar? Pois não sois digno de ter Igreja, nem de a pertender diante de mim, ide embora. Oh se todos os que fazem semelhantes provimentos, fizessem este exame, e se ao menos o fizessem os que os pertendem, e são providos! Por isso guardaõ os escudos, e não guardaõ as ovelhas: mercenarios, e não pastores, ou tufquiadores, que he peyor. Estas são as contas, que fazem, sem se fazer conta da que haõ de dar a Deos, quando a pedir, do preço do seu sangue. Mas aquelles, que só se governaõ pelo *ardor habendi*, iraõ arder onde elle os leva. Aqui irá parar a alegria dos bons despachos, e os falsos parabens dos que os recebem, taõ falsos, como os dos que os daõ.

Discurso XCI. 317

DISCURSO XCI.

*Tirado de hum sermão do Esposo da Mãe de Deos
S. Joseph, prégado na Capella Real no dia dos
annos d'ElRey D. Joaõ IV. de gloriosa me-
moria, no qual o Auçtor na paixão de
huns ciumes fórma a idea de hum
Príncipe perfeito.*

SEGREDO.

955 **M** Aterias, em que póde ser perigosa a ^{Part. 7.}
falta do segredo, não haõ de fahir do ^{Num. 529.}
peito do Príncipe, nem para o mayor valido, nem ^{Num. 544.}
para o mayor confidente, nem para o mayor ami-
go.

956 He certo, que perguntou S. Joaõ a Chris- ^{Num. 545.}
to, quem era o traidor, que o havia de entregar :
he certo, que Christo lhe respondeo : he certo, que
dormio reclinado em seu peito S. Joaõ ; mas não he
certo, quando adormeceu. Pergunto : Em que pon-
to adormeceu S. Joaõ ? Dizem alguns Doutores, que
adormeceu tanto que acabou de perguntar ; de ma-
neira, que quando Christo respondeo, já Saõ Joaõ
estava dormindo. Fundaõ este parecer no texto ; por-
que diz absolutamente, que nenhum dos que esta-
vaõ á mesa, soube o que Christo disse a Judas, quan-
do logo foy executar o mesmo segredo : *Hoc autem* <sup>Joan. 12.
28.</sup>
nemo scivit discumbentium. Se nenhum : logo nem
S. Joaõ. E se Saõ Joaõ, a quem se disse, o não ouviu :
logo já estava dormindo. Pois que mysterio teve es-
te sono subito, que em tal occasião não podia ser
aca-

acaço? Porque adormeceu São João á resposta de Christo Senhor nosso naquella occasião constangido a faltar a huma de duas: ou ao respeito de amigo, ou á obrigação de Rey: se não digo a João, o que me pergunta, fulto aos respeitos de amigo: se descubro hum segredo de tanta importancia, fulto ás obrigaçoens de Rey; pois que remedio para não faltar ao amor, nem ao segredo?

957 O remedio foy ordenar Christo, que S. João adormecesse, tanto que perguntou, para que não podesse ouvir o mesmo, que lhe respondia. E desta maneira ficou o senhor satisfazendo juntamente ás obrigaçoens de Rey, e aos respeitos de amigo: aos respeitos de amigo, porque respondeo ao que S. João lhe perguntara, e ás obrigaçoens de Rey, porque não communicou o que convinha encubrirse. De sorte que na boca de Christo, e nos ouvidos de S. João esteve o segredo juntamente encuberto, e revelado: revelado na boca de Christo, como segredo de amigo: encuberto nos ouvidos de João como segredo de Rey. Tanto devem os Principes recatar algum segredo ainda dos mayores privados, qual era João. E se não, consideremse os inconvenientes, que do contrario se seguia. Se o Senhor descobria o segredo a João, João havia-o de dizer a Pedro, que para isso o perguntava: se João o dizia a Pedro, Pedro havia de matar a Judas, que a esse fim o queria conhecer: se Pedro matava a Judas, não se executava a venda, e morte de Christo: e não morrendo Christo, ficava impedido o remedio do mundo, o genero humano sem redempção, e o Imperio do mesmo Christo frustrado. Ha mayores inconvenientes? De maneira, que de se conservar aquelle segredo, que não
pare-

Discurso XCI. 319

parecia nada, dependeo a conservação do Imperio de Christo. Não importa menos hum segredo, que hum Imperio.

958 Tanto que Christo espirou, rasgouse o véo Num. 547. do templo em final de que tambem a synagoga espirava, e se acabava a Monarchia Hebreá. Assim o dizem todos os Doutores; mas eu replico. O final sempre ha de ter proporção com o que significa, e muita, se he natural; pois que proporção tinha rasgar-se o véo do templo com se haver de acabar o Imperio da synagoga? Grande proporção, diz S. Leão Papa: *Sacrum illud, mysticumque secretum, quod solus summus Pontifex jussus fuerat intrare, resecretum est.* Aquelle véo do templo era a cortina, que cobria o Sancta Sanctorum, onde estavaõ escondidos os segredos, e mysterios daquella ley, vedados a todos, e só ao summo Sacerdote permittidos; e por isso tinha grande proporção rasgar-se o véo do templo para significar, que se acabava a synagoga; porque não ha mais proprio final de se acabar hum Imperio, hum Monarchia, que romperem-se as cortinas dos seus mysterios, e rasgarem-se os véos de seus segredos. Os Reynos, e as Monarchias sustentão-se mais do mysterioso, q̃ do verdadeiro: e se se manifestaõ seus mysterios, mal os defendem as suas verdades. A opiniaõ he a vida dos Imperios, o segredo he a alma da opiniaõ. A prevenção sabida ameaça a huma só parte, secreta ameaça a todas. Os intentos ignorados suspendem a attençaõ do inimigo, manifestos são a guia mais segura dos seus acertos. Reyno, cujas resoluçoens primeiro forem publicas, que executadas, oh que perigosa conjectura tem de sua conservação!

959 Que

320 *Vieira abbreviado*

959 Que bem entendia esta politica ElRey David! Levantouse Absalaõ com o Reyno, começou a fazer grandes levas de gente, grandes exercitos contra David: e David que faria contra Absalaõ? Chamou Chufay hum grande seu Conselheiro, disselhe, que se passasse á confidencia de Absalaõ, e que como fosse admittido aos conselhos, lhe revelasse por vias occultas tudo o que lá passasse: *Omne verbum, quodcumque audieris de domo Regis, indicabis*. Isto fez David, e não fez mais. Pois, David, se vem contra vós tão numerosos exercitos de Absalaõ, porque não fazeis tambem exercito? E já que vos descuidais destas prevençoens, a que fim mandais lá Chufay? Que ha de fazer hum homem contra Absalaõ? Obrou David como soldado tão experimentado, e como Rey tão politico. Querendose oppor ao poder de Absalaõ, tratou sobre tudo de lhe meter hum confidente seu no conselho; porque entendeo, que mayor guerra fazia a Absalaõ com hum homem, que lhe rompesse os seus segredos, que com muitos mil homens, que lhe rompessem os seus exercitos. Hum exercito roto póde-se refazer; mas hum segredo roto, não se póde remediar. Hum exercito roto, póde-se refazer com toldados: hum segredo roto, não se póde soldar com exercitos.

960 Qualquer grande poder sem segredo he fraqueza, e a mesma fraqueza com segredo he grande poder. Em quanto Sansaõ encubrio o segredo de seus cabellos, destruiu exercitos inteiros, como descobrio o segredo a Dalila, cortaraõlhe os cabellos os Filisteos, e poderaõ atar aquellas valentes maõs de que tantas vezes foraõ vencidos. Oh grande exemplo do poder do segredo! De maneira, que se-

te ca-

Discurso XCII. 321

te cabellos com segredo faziaõ tremer exercitos armados, e effe mefmo poder, que fazia tremer exercitos armados, sem segredo bastou hum golpe de huma thesoura para os desbaratar. Por isso David contra Abfalaõ tratou de lhe conquistar os segredos, e não de lhe vencer os exercitos.

DISCURSO XCII.

Tirado de hum sermaõ da Santa Cruz prégado na festa dos soldados estando na Bahia a Armada Real com muita da nobreza de ambas as Coroas, em o qual o Auçtor no mysteroso nome de Nicodemus, que quer dizer Victor Populi, descobre tres qualidades, que deve ter hum soldado, para ser valeroso: nobreza de sangue, familiaridade com Deos, e docilidade no juizo: nobreza de sangue para o valor: familiaridade com Deos para o favor do Ceo, e docilidade no juizo para o conselho.

SOLDADOS.

962 **N**icodemus, diz a Glossa ordinaria, quer Parr. 6. dizer *Victor populi*: O vencedor do Num. 295. povo. Grande titulo! E se bem repararmos nas qualidades, com que o descreve o Euangelista, grandes partes tinha Nicodemus para vencedor. Primeira-mente era não só nobre, mas da primeira nobreza: *Princeps Judæorum*: e ser illustre quem vay á guerra, he levar ametade da victoria ganhada. Não sabe vencer quem não sabe dar o sangue, e mal o póde dar quem o não tem. Quando David sahio ao defa-

fiu com o Gigante, voltou o rosto ElRey Saul para Abner seu Capitaõ General, e perguntoulhe: *Ex qua stirpe est hic adolescens?* De que geraçaõ era aquelle moço? Perguntoulhe pela geraçaõ, dizem os Rabbinos, que refere Abulenõ, porque taõ briosos alentos, e taõ animosa resoluçaõ em hum pastor, pareceolhe ao Rey, que naõ podia nascer, senaõ de mais altas raizes. Vio-o atreverse a huma empreza taõ ardua, vio-o arrojarse intrepidamente a hum perigo taõ manifesto, e para julgar se sahiria vencedor, quizse informar, se era honrado. Tinhahe dito David, (apertemos mais o ponto) tinhahe dito David, que despedaçava urfos, e dequeixava leoens: e naõ se aquieta com tudo isto Saul, perguntalhe pela geraçaõ: *Ex qua stirpe est hic adolescens?* Porque era melhor fiador de haver de levar ao cabo taõ grande empreza o sangue, que tivesse herdado dos pays, que o que derramava das féras.

Part. 7.

Num. 507.

963 Já David tinha dito a Saul; que partíra urfos, e dequeixára leoens: e sobre tudo isto perguntalhe ainda o Rey pela geraçaõ; porque era melhor fiador da victoria o sangue nobre, que tinha, que o sangue bruto, que derramára. Os homens de inferior condiçaõ, ainda que sejaõ valerosos, pelejaõ sós: o nobre sempre peleja acompanhado; porque peleja com elle a lembrança de seus mayores, que he a melhor companhia. Em Atcanio pelejava Eneas, e Heitor: em Pirrho pelejava Achilles, e Peleo: nos Decios, nos Fabios, nos Scipioens pelejavaõ os famosos progenitores de seus appellidos: e com taõ animosos lados quem naõ ha de ser valente? Com os ossos do grande Afonso de Albuquerque dizia ElRey D. Joaõ o III. que tinha segura a India. E se estava segura a India

Discurso XCII. 323

dia com os olhos mortos de hum Capitão, quaõ se-
guro estará Portugal com o sangue vivo de tantos?
Tanto aproveita o sangue para os animosos procedi-
mentos, que naõ está o valor nos braços, está nas
veyas.

964 Naõ quero dizer com isto, que seja necessa-
rio descender dos Godos para ser valente, que isso se-
ria contradizer a razaõ, e negar a experiencia. A es-
pada, que faz a guerra, e dá as victorias, naõ he fa-
brica do ouro, senaõ do ferro, naõ do metal mais
resplandecente, e illustre, senaõ do mais duro, e forte.
Para ser taõ valeroso como Alexandre naõ he neces-
sario ser filho de Filippe de Macedonia. O testamen-
to, ou morgado de Marte naõ exclue a rudeza dos
nomes, nem a vulgaridade dos appellidos. Basta ser
Gonçalo, e ser Fernandes para ser graõ Capitão.
Honrada cousa he, que a valentia venha por heran-
ça, e por continuação de muitas idades, mas tal vez
póde vir de taõ longe, que chegue já mui cansada.
Quantos do arado subiraõ ao triunfo, e do triunfo
tornaraõ outra vez laureados ao arado? As lentilhas
deraõ a Roma os Lentulos, e as favas os Fabios. O
campo para elles era a campanha, e a agricultura,
diz Plinio, a arte, e exercicio militar; porque na or-
dem, com que dispunhaõ as plantas, aprendiaõ a orde-
nar, e governar os exercitos: *Sive illi eadem cura* Plin. lib. 8.
semina tractabant, qua bella: eademque diligen- cap. 3.
tia arva disponebant, qua castra. Pastor tinha sido
o terror dos mesmos Romanos o nosso Portuguez Vi-
riato, e tanto que trocon o cajado com o bastão, dos
seus soldados soube fazer leões, e dos seus inimigos
ovelhas. Assim que naõ são totalmente necessarios
os altos nascimentos para ter valerosos procedimen-

Num. 298. tos. Mas o que tô quero dizer he, que na nobreza está o valor mais certo, e mais seguro. O que não he nobre, póde ser valeroso, o nobre tem obrigação de o ser: e vay muito do que posso por liberdade, ao que devo por natureza. As aguias não geraõ pombas, e se alguma vez a natureza produzisse hum tal monstro, a pomba se animaria a ser aguia por não degenerar dos que a geraraõ. Não ha espora para a ousadia, nem freyo para o temor, como a memoria do proprio nascimento, se he de generosas raizes.

965. Estava temeroso S. Joseph, e temeroso com razaõ, porque era materia de honra: appareceolhe hum Anjo, e disselhe: *Joseph fili David noli timere*: Joseph filho de David não temas. A descendencia de David podia estar taõ escurecida na memoria de Joseph, quanto vay do cetro real aos instrumentos mecanicos, que elle manejava; mas quando o Anjo o exhorta a que não tema, lembralhe, que he da geraçaõ de David; porque, como diz o douto Palacio, com nenhuma outra consideração mais efficaçmente lhe podia tirar o temor, que com a memoria de que era descendente de hum homem, que nunca soube temer. Como ha de ter medo no coração quem tem a David nas veyas? O mesmo Christo Redemptor nosso quando houve de tirar a capa para entrar naquella ultima batalha, em que venceo a morte, e o inferno, diz o Euangelista S. Joaõ, que se lembrou primeiro de quem era, e donde vinha: Part. 6. Num. 507. *Sciens quia à Deo exivit, & ad Deum vadit, ponit vestimenta sua*. Lembrouse da geraçaõ altissima, de que procedia, lembrouse de que era filho do Monarca universal de todo o creado, e como entrou com esta lembrança na batalha, ainda que o amor da vida lhe

Discurso XCII. 325

lhe fez seus protestos no Horto, por fim pelejou animosamente, e posto que com tanto sangue, triumphou, e venceu.

966 A segunda boa qualidade, e muito melhor Num. 299.

que a passada, he a que logo se segue: *Et venit ad Jesum nocte*: Que veyo Nicodemos a tratar com Jesus de noite. Os dias fellos Deos para nós, e as noites para si: os dias para as occupaçoens do corpo, e as noites para os retiros da alma: os dias para o exterior, e visível, e por isso claros, as noites para o interior, e invisível, e por isso escuras: assim repartia Nicodemos o tempo. Os dias dava-os ás obrigaçoens do officio como pessoa publica, e para satisfazer ás mesmas obrigaçoens com acerto, e bom successo gastava as noites com Deos. Oh se a nossa milicia, e os cabos mayores, e menores della seguissem este exemplo em parte das noites, que confiadamente me atreveria eu a lhe prometter, que para o felice, e desejado fim de tantas prevençoens, e apparatus bellicos não faltaria Deos em lhe dar hum bom dia!

967 Nenhum General teve neste mundo mayor, Num. 300.

nem melhor dia, que Josué Governador das armas de Israel na conquista dos Cananeos. Deo batalha aos Madianitas, rotos já, e fugitivos, quando o Sol precipitava a se esconder no Occaso: e para que pódesse proseguir, e acabar a victoria, como se o Sol fora soldado seu, mandoulhe Josué, que parasse, e parou, ou fez alto o Sol. Diz a Historia sagrada, que nem antes, nem depois houve taõ grande dia: *Non fuit* Josue 10.
antea, nec postea tam longa dies: grande na dura-
ção, grande na victoria, grande no imperio do General, e mais que grande na obediencia do mesmo Deos á voz de hum homem: *Obediente Deo voc*

hominis. Mas porque deo Deos a Josué hum tal dia? Porque o tal Josué dava a Deos as noites. Antes de dar principio a toda aquella conquista nos arrebaldes da Cidade de Jerico, sahio Josué de noite ao campo a orar, como costumava, quando tubitamente vïo diante de si hum vulto armado de armas brancas com a espada desembainhada na mão: *Noster es, an adversariorum?* Sois nosso, ou dos contrarios? perguntou sem o perturbar a visão: e S. Miguel, que era o armado, respondeo: Eu sou o Principe dos exercitos de Deos, que em seu nome vos venho assistir, e ajudar, para que em tudo, o que emprenderdes, sejais vencedor. Que muito logo, que Deos dêsse hum dia tão grande, e tantos outros dias a quem assim os partia com Deos? Mayor visão foy a do nosso primeiro Afonso na noite daquelle dia, em que amanheceo Rey, pois vïo, e ouvio ao Senhor dos Anjos, que de sua boca lhe deo o titulo, e lhe assegurou o Reyno. Mas que fazia então o valeroso, e devoto Principe? Vigia, e orava na sua tenda, e na Historia sagrada de Gedeão, como em espelho, se estava vendo a si, e lendo a sua mesma victoria.

Num. 301. 968 Que dirão aqui muitos Capitaens com nome de Christãos, ou sejaõ dos menores, ou tambem (que póde ser) dos mayores? Que dias podem esperar de Deos, se daõ as noites ao diabo? Gastar as noites com Dalila, e de dia fer Sanção, ainda que seja levar a victoria pelos cabellos, só por milagre será possível. Naõ nos fiemos em armadas, nem em exercitos, ainda que as armadas fossem de cinco mil naos, e os exercitos de cinco milhoens de soldados, como o de Xerxes, todo este apparato nada importaria, como naõ importou então para segurar a empreza.

Discurso XCII. 327

preza. Deos he o que dá, e tira as victorias, e só as podem esperar com confiança os que pela emenda dos peccados, e observancia de sua ley o tiverem propicio.

969 Ainda tinha outra boa parte Nicodemos, que tantas saõ necessarias para o nome de vencedor. Num. 304.

Et dixit illi : Rabbi : o fim, para que vinha buscar a Christo, era para o consultar, e ouvir como mestre. Mestre era tambem Nicodemos: *Tu magister es in Israel :* e nesta reflexão de sendo mestre vir buscar outro mestre consistia o ser bem fundado, e não vaõ o nome, que tinha. O mayor perigo, e perdição da guerra he cuidarem os Doutores desta arte, que sabem tudo. Os sabios em qualquer faculdade mais sabem ouvindo, que discorrendo, e mais acompanhados, que sós. *Meliores estimantur qui soli non omnia presumunt*, diz o grande politico Cassiodoro: Que sempre foraõ estimados por melhores os que de si só não presumem tudo. Já se a presumpção do saber se junta á soberania do poder, como em Nicodemos, que era mestre, e Principe, nestes dous resvaladeiros está certo o precipicio, e a ruina. Para conseguir effeitos grandes, e para levar ao cabo empresas difficultosas mais seguro he huma ignorancia bem aconselhada, que huma sciencia presumida. A primeira victoria para alcançar outras muitas he sujeitar o juizo proprio quem não he sujeito ao mando alheyo. Perguntado Alexandre Magno com que industria, ou com que meyo em tão breve tempo se fizera senhor do mundo, diz Estobeo, que respondera estas palavras: *Consiliis, eloquentia, & arte imperatoria :* Com os conselhos, com a eloquencia, e arte de governar exercitos. No

ultimo lugar poz a arte, e no primeiro o conselho; porque o conselho he a arte das artes, e a alma, e intelligencia do que ella ensina. A arte prescreve preceitos em commum, o conselho considera as circumstancias particulares: a arte ensina o que se ha de fazer, o conselho delibera quando, como, e por quem. Vegessio dispoz os sitios, e batalhas de longe, o conselheiro tem diante dos olhos o exercito inimigo, e o proprio, os Capitaens, os soldados, o numero, a nação, as armas, e até a occasião do terreno, do Sol, e do vento, que se não vem, senão de perto.

970 Os Levitas, que quizeraõ imitar as façanhas dos Machabeos, porque pelejaraõ sem conselho, perderaõ em hum dia o que elles com prudente, e bem aconselhado valor tinhaõ ganhado em muitos. Se algum Capitaõ podéra escusar o conselho, era o genio de Alexandre, formado pela natureza para conquistar, e vencer. Mas nem a sua arte, nem a sua fortuna o lisonjeou de maneira, que não antepuzesse o conselho a ambas. O que desigualou o poder, pode o supprir a arte: o que errou a mesma arte, pode-o emendar a fortuna, mas o que se intentou sem conselho, ainda que o favoreça o caso, nunca he victoria. A que alcançou de si mesmo Alexandre, essa lhe deo todas as outras; porque se sujeitou a perguntar quem sabia sujeitar o mundo, e havendo de dever de algum modo as suas victorias, não as quiz dever ao seu braço, senão ao seu conselho.

Num. 305. 971 Ouçamos ao homem mais sabio, o qual só logrou perpetua paz, porque entendeu melhor que todos a guerra. No capitulo 20. dos Proverbios dá Salamaõ hum documento militar notavel. Diz que as guerras se haõ de governar com os lemes: *Guber-*

nacu-

Discurso XCII. 329

in baculis tractanda sunt bella. Se fallara das guerras, e batalhas návaeas, pouca difficuldade tinha este proverbio; porque não ha duvida, que nas victorias do mar grande parte cabe ao leme. Mas fallando de todas as guerras absolutamente, que proporção tem as armadas com os exercitos, os navios com os esquadroens, e os combates do mar com as batalhas da terra, e da campanha? No fundo do original Hebreo lançou Salamaão a ancora, e escondeo o sentido deste seu proverbio. Onde a nossa Vulgata diz *in gubernaculis*, lê o Hebreo *in consiliis*: e chama Salamaão aos conselhos lemes da guerra, para que entenda a politica militar dos exercitos, que tanto caso haão de fazer os Generaes do conselho, como os Pilotos do leme. Se na Capitania, onde vay a bandeira, e o farol, faltou o leme, derrotouse a armada: e se o General descuidado, ou presumido desprezar o conselho, de-se tambem por derrotado, e perdido. Assim como para navegar, e fazer viagem a nao he necessario que vá sempre o leme na mão já a huma, já a outra parte, accomodandose as vellas ao vento, assim na guerra, em que os accidentes são tão varios, nenhuma cousa se deve intentar, nem seguir, senão com maduro conselho. Mas que seria, ou que succederia, se o conselho não se ouvisse, ou ouvido se não tomasse? Sem consultar as estrellas, se póde prognosticar facilmente. A nao, que não dá pelo leme, e toma por davante, muy arriscada vay a encalhar em hum baixo, ou a se romper em hum recife. Livrenos Deos de que não seja tão fatal o nome, como he proprio.

DISCURSO XCIII.

Tirado de hum sermaõ da quarta Dominga da Quaresma, prégado na Capella Real na occasião, em que o Auçtor tendo feito a primeira retirada da Corte para o Maranhão, dispunha a segunda, que tambem teve effeito.

SOLEDADE.

972. **N** Aõ fuge huma só vez quem fuge de coração. Já o Euangelista S. João tinha dito, que o Senhor, e Salvador dos homens fugira dos mesmos homens huma vez, e agora nos diz, que fugio outra: *Fugit iterum*. Quando Herodes quiz matar a Christo, para que não fosse Rey, fugio para o Egypto, agora, que o querem fazer Rey, fuge para o monte: *In montem*. Os amigos, e os inimigos todos por seu modo perseguem, e quem conhece, que o amor de huns, e o odio de outros tudo he perseguição, fuge de todos. Não só fugio o Senhor hoje das turbas, que o seguiaõ, mas tambem dos mesmos discipulos; que o acompanhavaõ, e por isso fugio só: *Ipsè solus*: Oh se o mundo conhecera quanto se tira de hum retiro, e quanto colhe quem se acolhe: *Fugit!* A sobremesa pois do famoso banquete de hoje, qual cuidamos que seria? Foy o exemplo, com que o Senhor fugio dos mesmos, que lhe queriaõ dar o que elle não queria, nem havia mister: e a doutrina não de palavra, mas de obra, com que se foy meter só comsigo na soledade de hum monte: *Fugit in montem ipse solus*. Deixar o povoado pelo defer-

Part. 3.

Num. 242.

Discurso XCIII. 331

deserto, trocar as Cidades pelos montes, fugir do trato, e frequencia das gentes para viver com Deos, e comfigo, grande ponto de doutrina em Christo, e grande resolução de prudencia em quem o imitar.

973 Bem sei que dizem os defensores das Cor- Num. 244.
tes, ou os enfeitigados dellas, que tambem se póde
ser Ermitão em Mexico, como respondeo em nossos
dias hum varaõ de mui celebrado espirito a quem
se queria retirar daquella grande Cidade, e lhe pe-
dia conselho. Mas nem todos os conselhos servem
para todos os casos, como nem todas as receitas pa-
ra todos os enfermos. Bem sei, que dizem, (e por
modo de affronta) que o fugir he fraqueza; como se
quem foge, se quizera acreditar de valente, e como
se não fora valor quebrar as cadeas, de que tantos se
não desfazão. Cataõ com Cesar, e Pompeo á vista
dizia: Sei de quem devo fugir, mas não sei para on-
de. E quem sabe, e tem para onde, porque se enver-
gonhará de que lhe chamem fraco, quando foge com
Cataõ? Dizem, que a natureza fez ao homem ani-
mal sociavel, e que trocar a sociedade, e comuni-
cação dos homens pela solidão dos desertos he que-
rer accusar, ou emendar a natureza, e como arrepen-
derse de ser racional. Mas quem se ri de semelhan-
tes ditos com provar o racional pelo risivel, se exi-
me desta calumnia, e não tem por crime emendar a
natureza, quando ella está tão corrupta.

974 Dizem, como disse Aristoteles, que quem
gosta de estar só, ou he Deos, ou fera: *Aut Deus,*
aut bestia. Mas se elle alcançara, que em Deos ha
tres pessoas, não havia de suppor, que Deos estava
só: e se soubera, que quem se aparta dos homens, he
para mais se chegar a Deos, tambem o não havia de
pôr

332 *Vieira abbreviado*

pôr no predicamento das fêras, antes, como gentio, no numero dos deoses. Dizem finalmente, que deixar a Corte, o serviço dos Principes, e a benevolencia, e graça dos amigos he falta de juizo; e rematada loucura. Assim o digo, porque assim lho ouvi dizer.

Num. 245. 975 Mas a esta censura, que mais pertence aos Medicos, que aos Theologos, responderá Hippocrates. Democrito aquelle famoso Filosofo, que de tudo se ria, e fez chorar a Alexandre Magno por dizer, que havia mais mundos, cansado de zombar dos despropositos deste, que tão mal conhecemos, deixou a patria, e todo o povoado, e foyse meter em hum deserto. Correo logo fama, que Democrito endoudecera, e compadecidos os seus naturaes, que eraõ os Abderitas, mandaraõ rogar por huima embaixada a Hippocrates, que pelo amor, que tinha, e honra, que fazia ás sciencias, se dignasse de querer ir curar hum sujeito tão notavel, e tão benemerito dellas. E que vos parece, que responderia Hippocrates? Respondeo, como refere Laercio, que se a enfermidade fosse outra, elle iria logo curar a Democrito; porém que retirar-se das gentes, e ir-se viver nos desertos, o que elles reputavaõ por doudice, mais era para invejar, que para curar; porque nunca Democrito estivera mais sifudo, nem tivera o juizo mais tão, que quando fugia dos homens: *Habere in eo magis, quod suspiciat, quam quod sanet: & illud schema vitæ esse sartam, tectamque animæ sanitatem: nulloque modo melius sibi consuli contra pestilentem hominum auram, quam recipiendo se in tuta solitudinum loca.*

Num. 246. 976 Isto he o que faziaõ, e isto o que ensinavaõ

Discurso XCIII. 333

os Filósofos (já que começamos por elles:) e a razão, ou razoens, que para isso tiverão, dá em varios lugares Seneca, mais venturoso se os imitara. Escreve a seu amigo, e discipulo Lucilio, o qual lhe tinha perguntado de que se havia de guardar para viver quieta, e felizmente: e o primeiro documento, que lhe dá, he, que fuja da multidão, e frequencia de gente: *Quid tibi vitandum maxime existis, queris? Turbam.* Oh quanto resumio o grande Filósofo em huma só palavra! E a razão he, diz elle; porque o trato, e conversação dos homens he huma especie de contagio, com que sem querer, nem sentir nos pegamos huns a outros cada hum a tua doença: e assim como nos mayores lugares se accende mais a peste, assim nas Cidades mais populosas he mayor o perigo: *Inimica est multorum conversatio: nemo non aliquod nobis vitium, aut commodat, aut imprimit, aut nescientibus allinit. Itaque quo maior est populus, cui commiscemur, periculi plus est.* Já eu daqui podéra inferir, que assim como no tempo da peste deixaõ os que podem as Cidades, e se tiraõ aos campos, assim he prudente cautela em qualquer tempo, pois todo he de peste, fugir para os desertos. Mas sigamos ao nosso Filósofo, e a bandeira da faude, que elle nos levantou: *Sanabimur, si modo separemur à cætu.*

Senec.
Epist. 7.
lib. 1.

977 Prova Seneca o seu documento, e allega a Num. 247.
Lucilio hum exemplo não alheyo, senão domestico, e experimentado em si mesmo: *Ego certe confiteor imbellicilitatem meam: nunquam mores, quos extuli, refero. Aliquid ex eo, quod composui, turbatur: aliquid ex his, quæ fugavi, rediit:* Confessote (diz o Estoico) a minha fraqueza: nunca sahi a tratar
com

com os homens, que não tornasse peyor do que fuy. Sempre se me descompoz alguma das paixões, que já tinha composto, e sempre tornei a trazer comigo algum dos vícios, que já tinha desterrado. Cuidarás por ventura, que te hei de dizer, que torno mais avaro, mais ambicioso, mais incontinente? Pois sabe, (o que não imaginas) que também torno mais cruel, e mais deshumano, só porque estive entre homens: *Immo vero & crudelior, & inhumanior, quoniam inter homines fui*. Não se podéra mais altamente encarecer o perigo de tratar com homens! Se dissera, que nos pegavaõ outros achaques, miseria he de seculo tão enfermo; mas pegarem os homens deshumanidade? A humanidade não he a essência de homem? As feras com o trato do homem não se humanão? Assim he, ou assim era; mas tem degenerado tanto a natureza humana do seu proprio ser, que em lugar de se tirar humanidade do trato com os homens, o que se bebe destas fontes, he deshumanidade. Ereis humano antes de tratar com elles, depois que os tratastes, sem o sentir, nem saber como, achaisvos deshumano: *Et inhumanior, quoniam inter homines fui*. Já se não contentaõ os homens com fazer deshumanidades, mas chegaõ a fazer deshumanos, que he muito peyor. Fazer deshumanidades he ser cruel, fazer deshumanos he não ser homem; antes ser o contrario de homem. Se vissemos que o Sol, devendo allumiar, escurecia, e que o fogo, devendo aquecer, esfriava, e que hum homem em lugar de gerar homens gerava tigres, e serpentes, não seria huma horrenda monstruosidade? Pois isso he o que fazem os homens: não só tem deshumanado a sua, mas deshumanado a humanidade daquelles,

Discurso XCIII. 335

les, que os tratao. Vede se he prudencia fugir dos homens quem quizer conservar o ser de homem.

978 A segunda razao, que da Seneca para isto, Num. 248.

he serem muitos aquelles, de que se deve fugir. Nas facçoens, ou parcialidades he muito natural seguir o partido dos mais: *Facile transitur ad plures*. E como a multidao dos homens toda propende para os vicios, que virtude haverá tao forte, que possa resistir ao impeto, e torrente de tantos? *Socrati, Catoni, & Lelio excutere mentem suam dissimilis multitudo potuisset: adeo nemo nostrum, qui maxime concinnamus ingenium, ferre impetum vitiorum tam magno comitatu venientium potest*. Até Socrates, até Catao, até Lelio, que entre Gregos, e Romanos foraõ os Atlantes da virtude, se naõ poderiaõ sustentar firmes contra o pezo, e bateria dos vicios, acompanhados de tao numeroso exercito. E se estes, perdidas as cores da propria vida, e costumes, se revestiriaõ das contrarias, posto que tao dissemelhantes; quanto mais os que conhecemos a fraqueza da nossa imperfeicão, e só temos o estudo de a enfeitar?

979 Forçados pois da violencia, do exemplo comum, e quasi necessitados entre os homens a ser como elles, que remedio pôde haver em partido tao desigual, senaõ fugir? Assim o resolve o mesmo Seneca com hum argumento muito do seu engenho: *Neceffe est, aut imiteris, aut oderis. Utrumque autem vitandum est: ne vel similis malis fias, quia multi sunt: neve inimicus multis, quia dissimiles sunt*. Sendo esta a condicão dos que enchem o mundo, e por ventura tambem a dos que o mandaõ; que pôde fazer hum homem entre taes homens? Ou os ha de imitar sendo taes, ou os ha de aborrecer, porque
faõ

336 *Vieira abbreviado*

saõ taes, e na duvida de os imitar, ou aborrecer nem a imitação, nem o odio lhe póde estar bem; porque para imitados saõ máos, e para inimigos saõ muitos: *Vel similis malis, vel inimicus multis*. Logo o que convém he fugir, e queira Deos que baste.

Num. 249.

Seneca l. 1.
ep. 2.

980 A terceira razaõ, e que no mesmo Seneca tinha grande lugar, e o póde ter em outros, declara elle com esta queixa da sua primeira vida: *Omnem operam dedi, ut me multitudini educerem, & aliquam dotem notabilem facerem*: Trabalhei, diz, com todas as minhas forças por me separar do numero dos muitos, e por fazer alguma obra notavel, a qual me servisse de dote para credito, e estimação do mundo. E que tirei deste meu trabalho? *Quid aliud quam telis me opposui, & malevolentiae, quod morderet ostendi*: O que tirei foy provocar contra mim, e expôr o peito ás lanças, e dar materia á malevolencia, em que empregasse os dentes, e tivesse que morder. E porque? Dá a razaõ, apontando-a com o dedo: *Vides tu istos qui eloquentiam laudant, qui opes sequuntur, qui gratiae adulantur, qui potentiam extollunt? Omnes aut sunt hostes, aut (quod in equo est) esse possunt*: Vês tu estes; que louvaõ a eloquencia, que seguem a cubiça, que adulaõ a graça, que adoraõ a potencia? Pois sabe que todos ou saõ inimigos, ou o pódem ser, que val o mesmo: *Quam magnus mirantium, tam magnus invidentium populus est*: Quaõ grande he o povo dos que te admiraõ, taõ grande he o numero dos que te invejaõ. A admiração estará por algum tempo suspensa, e muda, com costuma; mas a inveja reconcentrada rebentará com mais força como de mina, e o que foraõ applautos, feraõ estragos.

Discurso XCIII. 337

981 Antes nos tenhaõ inveja , que compaixão , sentença foy nascida na gentildade , que depois fez christã S. Gregorio Nazianzeno , mas no mesmo Nazianzeno mostrou a experiencia , que antes se deve elegeo o estado da compaixão , que o da inveja ; porque a de seus emulos o perseguiu de tal modo (ou taõ sem modo) que obrigado a se lançar ao mar , como Jonas , a mesma inveja lhe veyo a ter compaixão . Em quanto ella não chega a se despigar assim , não descança . Por isso Seneca conclue , que arrependido do primeiro instituto da sua vida , e de se ter mostrado ao mundo tomára por ultimo conselho recolherse consigo dentro em si mesmo , e cultivar a propria alma com taes exercicios , que elle só os podesse sentir , e nenhum homem os podesse ver : *Quin potius quero aliquid usu bonum , quod sentiam , non quod ostendam.*

Num. 250

982 Estas foraõ as razoes , porque se retiravaõ aos desertos , e fugiaõ da communicação dos homens aquelles grandes Filósofos : hum dos quaes perguntado , que fructo tinha colhido de todos seus estudos , respondeo : Saber viver só comigo . Assim o refere Estobeo , e o qualificou o mesmo Seneca dizendo : *Primum argumentum bene compositæ mentis existimo , posse consistere , & secum morari* : O primeiro argumento não de se ter alienado o juizo , como ao principio se dizia , mas de estar muito em seu lugar , e bem composto , he saber hum homem morar consigo : *Secum morari* . Mas passemos da Filosofia á christandade , e dos documentos da razaõ sem fé aos da fé , e razaõ , que saõ os dos Santos .

983 Arsenio , aquelle insigne varaõ em todos os estados , pedido pelo Imperador Theodosio , e nomeado

Tom. II.

Y

meado

Num. 251.

meado pelo Papa S. Damaso para Mestre de Arcadio, já declarado succellor do Imperio, era tão estimado do mesmo Imperador, que entrando huma vez a ouvir dar lição a seu filho, e vendo que Arsenio estava em pé, e Arcadio assentado, reprehendeo a ambos daquella, que elles não tinhaõ por indecencia, e mandou, que dalli por diante Arsenio ensinasse assentado, e Arcadio ouvisse em pé, e com a cabeça descoberta. Com este credito, e favor de hum tão grande Monarcha, e com o applauso de todo o Paço, e Corte, que por reverencia, ou lissonja sempre seguem, ou mostraõ seguir o affecto dos Principes, vivia com tudo inquieto, e descontente Arsenio não se fiando nem do que era, nem do que lhe prometia aquella fortuna. Duvidoso pois da resolução, que devia tomar, não pedio conselho aos amigos de mayor authoridade, e mais fieis, nem menos se quiz aconselhar comsigo, mas recorrendo a Deos, que só he o norte seguro nas bonanças, ou tempestades de hum mar tão incerto, ouviu huma voz do Ceo, que lhe dizia: *Arseni, fuge homines, e salvus eris*: Arsenio, foge dos homens, e salvartehas. Com este aviso, que não era necessario ser em voz para se entender, sem pedir licença ao Imperador (porque sabia, que lha não havia de dar) se embarcou occultamente Arsenio de Constantinopla para o Egypto, e metendose pelo mais interior do deserto, alli escolheu para perpetua morada huma cova, na qual porque se soube enterrar em vida, tanto verificou o Oraculo do Ceo em se salvar, como o tinha obedecido em fugir dos homens: *Fuge homines, & salvus eris*.

Num. 253. 984 Viviao no mesmo deserto não juntos, mas apartados, cada hum na sua cova, ou choupana, outros

Discurso XCIII. 339

tros Anacoretas, e com estes fallava algumas vezes Arsenio, ouvindo os como a Mestres da disciplina monachal, e vida eremitica. E como hum dos mais anciaõs lhe perguntasse, qual fora o motivo daquella sua retirada tão estranha, a resposta, que deo, foy esta: *Non possè se cum Deo simul, & cum hominibus vivere*: Que o motivo, que tivera para fugir do mundo, fora ter experimentado no mesmo mundo, que viver juntamente com os homens, e mais com Deos não he possivel. E declarando a razão desta impossibilidade, dizia que era; porque as vontades dos homens raramente se ajustão com a vontade de Deos, e porque sendo a vontade de Deos huma só, e sempre a mesma, as dos homens pelo contrario são tantas, tão diversas, e tão encontradas, quantos são os mesmos homens, e seus interesses, e appetites; e porque ainda no mesmo homem não dura muito a mesma vontade por ser inconstante, e varia. Assim provava, e concluia a sua razão Arsenio, e desta demonstração infallivel se tira huma de tres conclusões igualmente certas, ou que os que cuidão que vivem com Deos, e com os homens, se enganaõ, ou que os que vivem com os homens, não vivem com Deos, ou que quem quizer viver com Deos, ha de deixar os homens.

985 Se o mesmo Deos não concorda as vontades Num. 254. dos homens com a sua, como poderá hum homem, por mais que faça, ou se desfaça, concordar as vontades dos homens com a de Deos? De David disse Deos, que tinha achado hum homem conforme seu coração, o qual faria todas as suas vontades: *Inveni David virum secundum cor meum, qui faciet omnes* Act. 13. 22. *voluntates meas*. E com ser este homem singular

entre todos os homens, e este Rey a excepção de todos os Reys, quando elle mandou tirar a vida a Urias, quando o fez portador de sua propria morte em huma carta aleivola, e quando no primeiro acto desta tragedia lhe mandou roubar a mulher de casa, sem se lembrar, que o mesmo Urias o estava servindo na campanha com tanto valor, e lealdade, haveria algum adulator tão sabio, ou tão sem pejo, que podesse concordar estas vontades com a de Deos? Mal podiaõ logo caber semelhantes concordatas em hum animo tão amigo da verdade, tão recto, tão inteiro, e tão constante, como o de Arsenio. As experiencias, a que elle se referia, eraõ as de Roma, e Constantinopla, as duas mayores Cortes do mundo, das quaes costumava dizer, que os tres mais fortes inimigos, que nellas lhe faziaõ guerra, hum se chamava vêr, outro ouvir, outro fallar, e que de todos estes o livrara o deserto, onde se não vê, nem ouve, nem falla: *Qui sedet in solitudine, quiescit, & à tribus bellis eripitur, id est, auditus, locutionis, & visus*. E em hum mundo, onde se vem tantas coufas, que se não podem ver, e se ouvem as que se não podem ouvir, e se fallaõ, e saõ falladas as que se não podem dizer, como póde viver hum homem, que não for cego, furdo, nem mudo, senaõ fugindo dos homens: *Fuge homines?*

Num. 263.

986 S. Jeronymo como quem tão experimentado tinha a quietação do deserto, e as perturbaçoens do povoado, e gastado a vida alternadamente já em Roma, e nas Cidades da Grecia, já nos desertos da Thebaida, e da Palestina, escrevendo a Rustico dizia: *Mibi oppidum carcer est, solitudo paradisus*: Para mim o povoado he carcere, e o deserto paraíso.

Livrar-

Discurso XCIII. 341

Livrar-se pois de tal carcere, de tal Babylonia, e de tal cativoiro, esta he a primeira prerogativa dos que se deliberaõ a deixar o povoado, e fugir com Christo ao monte: *Fugit in montem*. Diz o Euangelista, Num. 261. que fugio o Senhor para o monte, e não diz qual fosse o monte, para que fugio. Mas até o fugir para monte sem nome he circumstancia, que acredita o fugir. Fugio como quem buscava o retiro, e não a fama: fugio como quem quera, que não soubessem delle, nem onde estava. Assim sepultou Deos a Moysés, sem se saber já mais aonde, e assim se deve enter- rar, e esconder quem toma o deserto por sepultura. E porque o nome de sepultura não faça horror aos vivos, nem os ecos do deserto aos que não sabem viver sós, passemos ao monte Sinai.

987 Coufa notavel, e muito digna de reparar Num. 264 he, que havendo Deos de escrever, e dar ley aos homens, escolhesse para isso hum monte no meyo de hum deserto, qual foy o monte Sinai nos desertos da Arabia. As leys não se fizeão para os montes, nem para os desertos, senão para os povoados, e para as Cidades. Da Cidade de Jerusalem disse o Profeta, que havia de fahir a ley: *De Sion exhibit lex, & Itai. 2. 3. verbum Domini de Jerusalem*. As partes, de que se compunha a mesma ley, todas se ordenaõ a povo, a Cidade, a congregação de homens. Porque na parte moral o segundo preceito da primeira taboa, e os sete da segunda todos estaõ fundados na justiça, e caridade do proximo sem lesaõ, nem offensa do trato humano: a parte ceremonial, que pertencia ao culto divino, expiaçoens, e sacrificios, tambem tinha todo o seu exercicio não fóra, senão dentro da Cidade; porque o templo era hum só, e na Cidade

342 *Vieira abbreviado*

de Jerusaleem, e a elle havia de concorrer todo o povo tres vezes no anno: finalmente a parte civil, e forense no mesmo nome está dizendo Cidade, Comunidade, Republica, Tribunaes, Juizes, Partes. Pois se as leys se fizeraõ para os povos, porque as dá Deos no despovoado? Se para as Cidades, e Republicas, porque as dá em hum monte, e no meyo de hum deserto? Porque só nos montes, e nos desertos, diz Philo Hebreo, estaõ os homens capazes de receber em suas almas, como convém, os preceitos, e dictames da labedoria divina: *Quod ad sacras leges recipiendas animus purificatus requiritur elutis maculis, quæ hærent ex miscellanea turbæ incivitatibus degentis contagio, id vero non est possibile aliter, quam in deserto efficere.* Para receber, e perceber a santidade, e espirito das leys divinas he necessario, que os animos estejaõ puros, e sem mistura, nem mancha dos affectos, e cuidados terrenos, que os descompoem, e alteraõ: e esta pureza, tranquillidade, e serenidade de animo naõ a pôde haver entre a perturbação, e tumulto dos povos, e labyrintho das Cidades, senaõ no retiro dos montes, e na quietação, e silencio dos desertos. As leys de Deos faõ as regras da vida, os espelhos da alma, e as balanças da consciencia, e no meyo dos embaraços, encontros, e batalhas continuas do povoado as regras perdem a rectidão, os espelhos a pureza, as balanças a igualdade, e tudo se descompoem, e perturba, com que naõ he possivel (diz Philo) que nem o que Deos manda, se perceba, nem o que mal se percebe, se guarde. E se naõ vede-o nas taboas da mesma ley. Em quanto estiveraõ no monte, conservaraõ-se inteiras, tanto que Moysés chegou com ellas ao povo

Discurso XCIII. 343

povo, logo se quebraraõ. E depois de quebradas, que remedio houve para se reformarem? Não houve outro remedio, senão tornar Moysés a Deos, e ao monte; porque só com Deos em hum monte se guardaõ as suas leys, sem se quebrarem, e só com Deos em hũ monte se reformaõ depois de quebradas. Em fim, quando Deos deo a mesma ley, sendo ley universal para todos, em todos os preceitos della sempre fallou com hum só: *Non occides, non mœchaberis, non furtum facies*: para que entendessemos, que só os que vivem só as veneraõ, só os que vivem só, as obervaõ, só os que vivem só, colhem fructo dellas. E estes saõ os que seguindo o nascimento das mesmas leys, do povoado se retiraõ para o deserto, e das Cidades para o monte: *In montem*.

988 Bem podéra o Senhor escolher outro lugar no povoado, e ainda outro monte (como o de Sion no meyo de Jerusalem) para assentar nelle a sua escola; mas elegeo este taõ distante da mesma Cidade, e taõ apartado do mundo, para nos ensinar com o primeiro exemplo, que a escola da sabedoria do Ceo he a vida solitaria, e do deserto. Assim o diz São Pedro Damiaõ, aquelle, que pelo deserto trocou a Roma, e pelo sayal a purpura: *Solitaria vita cœlestis doctrinæ schola est, & divinarum artium disciplina: illic enim Deus est totum, quod discitur*: A vida solitaria he a escola da doutrina do Ceo, e as artes, que nella se professaõ, todas saõ divinas, porque tudo o que alli se aprende, he Deos: *Illic enim Deus est totum, quod discitur*. Oh quem levantara huma destas cadeiras sem emulaçaõ, nem opposiçaõ em todas as Universidades do mundo! Aqui se graduáraõ os já nomeados Antonios, e Arsenios, aqui os Paulos,

344 *Vieira abbreviado*

los, os Hilarioens, os Pacomios, e todos aquelles doutíssimos idiotas laureados na eternidade, que ou de ignorantes se fizeraõ sabios, ou de sabios ignorantes por Christo.

Num. 267. 989 Os livros, por que estudavaõ sem especulacão, e mais com o esquecimento, que com a memoria, saõ aquelles taõ approvados por S. Bernardo, e taõ alheyos de toda a inveja, como de toda a censura. Escrevia S. Bernardo a hum desejoso de saber, a quem elle desejava fazer mais sabio, e diz assim: *Experto crede, aliquid amplius invenies in sylvis, quam in libris*: Credeme como a experimentado; que mais haveis de aprender nos bosques, que nos livros. Que arvore ha em hum bosque ou mais alta, ou mais humilde, que não cresça sempre para o Ceo? E se tanto anheiaõ ao Ceo as que tem raizes na terra; que devem fazer as que não tem raizes? As do povoado; e cultivadas dependem da industria dos homens, as do deserto, e sem cultura dependem só do Ceo, e de Deos, e nem por isso crescem, ou duraõ menos. As que despe o Inverno, ensinaõ a esperar pelo Veraõ, e as que veste, e enriquece o Veraõ, a não fiar da presente fortuna, porque lhe ha de succeder o Inverno. As que se dobraõ ao vento, ensinaõ a conservação propria, e as que antes querem quebrar, que torcer, a rectidaõ, e a constancia. Em fim cada arvore he hum livro, cada folha huma lição, cada flor hum defengano, e cada fructo tres fructos: os verdes ainda não saõ, os maduros duraõ pouco, e os passados já foraõ. Esta he a escola muda do deserto, em que S. Bernardo estudou no seu valle: e esta a que Christo assentou no mesmo monte, onde Num. 269. disse a voz do Ceo: *Ipsium audite*. Grande razaõ te-
ve

Discurso XCIII. 345

ve o Evangelista em calar o nome proprio do monte, para onde o Senhor hoje se retirou; e por isso tendo já declarado, que era deserto, se contentou com lhe chamar monte: *In montem.*

990 Retirouse o Senhor, ou fugio para o mon- Num. 270
te, e retirouse elle só: *Ipse solus.* Nesta palavra estaõ recopilados, ou feamente pintados todos os horrores, e medos da soledade. E quantos destes medrosos cobrindo o mesmo medo com apparencias de discretos estaõ allegando com Salamaõ, e dizendo com elle: *Vae soli:* Ay do só? Sentença foy esta da- Eccl. 4. 10.
quelle Rey sapientissimo: e sem lhe perguntarmos a razãõ, elle a deo logo: *Quia cum ceciderit, non habet sublevantem se.* Ay do só; porque quando cahir, não terá quem o levante. Mas não he necessario ser Salamaõ para refutar este inconveniente. Se o só não terá quem o levante, tambem não terá quem o derrube. É mayor felicidade he carecer do perigo de quem me derrube, que haver mister o soccorro de quem me levante. Quanto mais, que os que pôdem, e costumaõ derrubar, saõ os muitos, e os grandes: e os cahidos, a quem estes derrubaõ, mais facilmente acharãõ huma lisonja, que lhes ponha o pé em cima, que huma amizade constante, e valerosa, que se atreva a lhes dar a maõ. Mas se lhes faltar a maõ dos homens, uaõ lhe faltará a de Deos: *Cum ceciderit,* Pl. 36. 24.
non collidetur, quia Dominus supponit manum suam, disse melhor, que Salamaõ, seu pay David. Salamaõ doese do só, porque se cahir, não terá quem o levante: e David dalhe o parabem, porque se cahir, Deos lhe porá a maõ debaixo, para que nada lhe faça mal. Aquelle só acharseha só, porque lhe faltará os homens; mas este só nunca estará só, porque
sem-

346 *Vieira abbreviado*

sempre terá consigo, e por si a Deos. Aquelle só poderá cahir, ainda que o não derrubem : este só por mais que o queiraõ derrubar, nunca poderá cahir, porque quem cahe sobre as mãos de Deos, a mesma queda o levanta.

Num. 271. 991 Daqui se segue, que na soledade tomada por Deos o só nunca está só. O só na soledade nunca está só, porque Deos está com elle, e elle com Deos. Por isso dizia S. Bernardo : *Nunquam minus solus, quam solus*: Nunca estou menos só, que quando estou só; porque quando não estou só, estou com os homens, e quando estou só, estou com Deos. E he demonstração evidente, que quem está com Deos, está menos só, que quem está com os homens; porque a companhia dos homens, ainda que sejaõ muitos, he limitada, e a companhia de Deos, ainda que seja hum só, he immensa.

Num. 272. 992 Oh se acabassem de entender os homens quanto perdem de si, e de tudo em não saberem estar sós com Deos, e consigo! Em quanto Adaõ esteve só, conservouse no Paraíso, na graça de Deos, e na Monarchia do mundo: depois que esteve acompanhado, perdeu o Paraíso, perdeu a graça, perdeu o Imperio, perdeu-se a si, perderon os a nós, perdeu tudo. E porque não pareça que ponho a felicidade

Num. 273. da solidão em revelações interiores, occultas aos sentidos humanos, outras visões tem os solitarios manifestas, e que todas vem, sendo elles porém mais ditosos que todos, porque as vem de longe, e em lugar seguro. Nesta mesma occasião, em que Christo Senhor nosso se retirou ao monte, os discipulos, que se tinhaõ embarcado, padeceraõ huma terrivel tempestade, na qual já desconfiados de remedio, faltou pou-

Discurso XCIV. 347

pouco que o mar os não comesse : e no mesmo tempo nota o Evangelista , que o Senhor estava só em terra : *Et ipse solus in terra*. O mesmo succede a ^{Matc. 6. 47.} quem vive só no seu deserto. Os outros, que andão no mar deste mundo , lutaõ com os ventos, e com as ondas : huns se perdem, e se affogaõ , outros se salvaõ mal a nado, e todos correm fortuna : e só o só vê tudo isto de longe, porque está em terra : *Et ipse solus in terra*. Arde o mundo em guerras, huns vencem, outros são vencidos, combatem-se Cidades, conquistam-se Reinos, morrem os homens a milhares, e só o só, se lá lhe chegaõ os ecos, tudo isto ouve sem temor, porque a sua paz he segura : *Et ipse solus in terra*. Volta-se o mesmo mundo em perpetua roda, a huns derruba, a outros levanta, huns crecem até ás nuvens, outros descem até aos abyssos, e só o só, que está fóra da jurisdicção da fortuna, nem á prospera tem inveja, nem da adversa tem medo, porque só o seu estado he incapaz de mudança : *Et* ^{Num. 279.} *ipse solus in terra*. Alli se quebraõ as azas á vaidade, alli se dá em terra com a soberba, alli se atalhaõ os passos á cubica, alli se cortaõ as mãos á vingança, alli cahe em si a injustiça, e a sem razão, alli morre, e se destaz escumando a ira, e todos os outros monstros da intemperança poderosa, e sem freyo ou se mataõ, ou se affugentaõ, ou se domaõ.

DISCURSO XCIV.

Tirado da prefacão, que o Auçtor fez aos panegyricos dos tres sonhos, que mysteriosamente sonhou S. Francisco Xavier.

SONHO.

Part. 8.
fol. 6.

993 **O** Sono he huma morte breve; por onde Seneca sabiamente chamou á morte morte longa para a distinguir do sono. Se o sono he imagem da morte, os sonhos de que feraõ imagem? O sono he imagem da morte, os sonhos são imagem da vida. Cada hum sonha como vive: *Ea maxime somniamus, quæ agimus, aut acturi sumus, aut volumus*. Os sonhos são huma pintura muda, em que a imaginação a portas fechadas, e ás escuras retrata a vida, e a alma de cada hum com as cores das suas acçoens, dos seus propósitos, e dos seus desejos. Faraõ, como providente Principe, sonhava com a fome, e com a fartura do povo: o seu copeiro mór, e o outro ministro da mesa real (que não tem nome, nem officio nas nossas Cortes) hum sonhava com a taça, outro com as iguarias: o soldado Madianita sonhava com a espada de Gedeão: Nabucodonosor sonhava com Imperios, e Monarchias, cada hum em fim sonhava de noite com o que exercitava de dia. Galeno, para conhecer os humores do enfermo, manda observar os sonhos, e tambem se podem observar para conhecer os affectos, que são os humores da alma. O melancolico sonha cousas tristes, e tragicas, o sanguinho sonha felicidades, e festas, o cole-

Discurso XCIV. 349

colerico sonha guerras, e batalhas, o fleumatico creyo, que não sonha, porque não vive. Até no estado da innocencia reconheceo Santo Agostinho, que havia sonhos; mas logo advertio, que eraõ semelhantes á vida: *Tam felicia erant somnia dormientium, quam vita vigilantium*: Eraõ taõ felices os sonhos, quando dormiaõ, como era felice a vida, quando vigiavaõ. Porque o dormir he consequencia do viver, e o sonhar do modo, com que se vive.

994 A razaõ desta Filosofia he, porque os sonhos são filhos dos cuidados, como muitos cuidados filhos dos sonhos: *De his enim* (conclue o Estagirita) *maxime cogitationes, imaginationesque obveniunt. Et qui instructi virtutibus sunt, meliora somnia vident, quod etiam vigilantes meliora animadvertunt*. Quando Nabucodonosor sonhou toda a historia famosa, e successos daquella prodigiosa estatua, antes de Daniel declarar o mysterio, começou a contar o sonho desta maneira: *Tu, Rex, cogitare cœpisti in strato tuo*: Vós Rey começastes a cuidar no vosso leito. Tende maõ Daniel: ElRey não vos pergunta o que fazia, quando estava acordado, perguntavos o que sonhou quando dormia. Assim he, diz Daniel; mas eu quero, e devo contar o caso de sua primeira origem, e a origem do sonho de Nabuco foraõ os seus cuidados: *Tu, Rex, cogitare cœpisti*. Cuidava no que seria, e por isso sonhou o que havia de ser. Cuidou desperto, e sonhou dormindo, e não sonhou outra cousa, senaõ aquella mesma, que tinha cuidado; porque aquillo, em que cada hum cuida, e lhe dá mayor cuidado, quando vigia, isso he o em que sonha, quando dorme. Se Nabuco se lembrara do que cuidava, elle se lembraria tambem do que

Dan. 2. 29.

350 *Vieira abbreviado*

que sonhou; mas o esquecimento, que lhe roubou a memoria do cuidado, esse lhe levou tambem a lembrança do sonho pela grande connexão, que tem os sonhos, e os cuidados. Em fim sonhou em Reynos, e Monarchias futuras, porque os Reynos, as Monarchias, e os futuros era a materia, (digna verdadeiramente de hum Rey) em que elle estava cuidando: *Tu, Rex, cogitare cœpisti, quid futurum esset post hæc.*

Matth. i.
20.

995 He verdade, que o sonho de Nabuco, teve muito de profecia; mas os cuidados são como as cordas da cithara, que mandou tocar Samuel, quando quiz profetizar. Ainda para os sonhos divinos são disposição natural os cuidados. Sonhou o Rey com os seus cuidados, porque adormeceu ao som de seus pensamentos. Sonho divino foy aquelle, em que o Anjo revelou a S. Joseph o segredo da Incarnação do Verbo nas entranhas de sua Esposa. E quando teve este sonho Joseph? Quando estava cuidando na mesma materia: *Hæc autem eo cogitante, ecce Angelus Domini apparuit in somnis ei.* Mas se Joseph estava dormindo: *In somnis*, como estava juntamente cuidando: *Hæc autem eo cogitante?* Porque dormia Joseph; mas não dormia o seu cuidado. Sonhava de noite com o que cuidava de dia. Entre o cuidado, e o sonho de Joseph só havia esta differença, que o cuidado era cuidado de Joseph desperto, o sonho, era cuidado de Joseph dormindo. Por isso Joseph, e Nabuco sonharaõ, e tiveraõ revelação do que lhes dava cuidado, não antes, nem depois, senaõ quando cuidavaõ: *Tu, Rex, cogitare cœpisti. Hæc autem eo cogitante.*

Discurso XCV. 351

DISCURSO XCV.

Tirado de hum sermão de Santo Antonio, tendose publicado as Cortes para o dia seguinte, nõ qual tomou o Auçtor por thema: Vos estis sal terræ.
Matth. 5.

TRIBUTOS.

996 **A**S primeiras Cortes foraõ de boas vontades, estas segundas podem ser de bons entendimentos. Nas primeiras tratouse de remediar o Reyno: nestas trata-se de remediar os remedios. Para se curar huma enfermidade vê-se em que pecca a enfermidade: para se curarem os remedios veja-se em que peccaraõ os remedios. Os remedios, como diz a queixa publica, peccaraõ na violencia, muitos arbitrios, mas violentos muito. Pois modere-se a violencia com a suavidade, ficarão os remedios remediados. Foraõ inefficazes os tributos por violentos, sejaõ suaves, e seraõ effectivos. *Vos estis sal terræ*: Duas propriedades tem o sal, diz aqui Santo Hilario: conserva, e mais tempera: he o antidoto da corrupção, e lisonja do gosto: he o preservativo dos preservativos, e o sabor dos sabores: *Sal incorruptionem corporibus, quibus fuerit aspersus, impertit, & ad omnem sensum conditi saporis aptissimus est.* Taes como isto devem ser os remedios, com que se haõ de conservar as Respublicas. Conservativos sim, mas defabridos não. Obrar a conservação, e saborear, ou ao menos não offender o gosto he o primor dos remedios. Não tem bons effectos o sal, quan-

332 *Vieira abbreviado*

Genes. 2.
21.

quando aquillo, que se talga, fica sentido. De tal maneira se ha de conseguir a conservaçaõ, que se escuse, quanto for possivel, o sentimento. Tirou Deos huma costa a Adaõ para a fabrica de Heva; mas como a tirou? *Immisit Deus soporem in Adam*, diz o texto sagrado: Fez Deos adormecer a Adaõ, e assim dormindo lhe tirou a costa.

Num. 145.

997 Pois porque razaõ dormindo, e naõ acordado? Disse-o advertidamente o nosso Portuguez Oleastro, e he pensamento taõ tirado da costa de Adaõ, como das entranhas dos Portuguezes: *Ostendit, quam difficile sit ab homine auferre, quod etiam in ejus cedit utilitatem: quamobrem opus est ab eo surripere, quod ipse concedere negligit*. A costa, de que se havia de formar Heva, tirou-a Deos de Adaõ dormindo, e naõ acordado, para mostrar quaõ difficullosamente se tira aos homens, e com quanta suavidade se deve tirar ainda o que he para seu proveito. Da creação, e fabrica de Heva dependia naõ menos, que a conservaçaõ, e propagaçaõ do genero humano; mas repugnaõ tanto os homens a deixar arrancar de si aquillo, que se lhe tem convertido em carne, e sangue, ainda que seja para bem da sua casa, e de seus filhos; que por isso traçou Deos tirar a costa a Adaõ, naõ acordado, senaõ dormindo: adormeceolhe os sentidos para lhe escusar o sentimento. Com tanta suavidade como isto se ha de tirar aos homens o que he necessario para a sua conservaçaõ. Se he necessario para a conservaçaõ da patria, tirese a carne, tirese o sangue, tiremse os ossos, que assim he razaõ que seja; mas tirese com tal modo, com tal industria, com tal suavidade, que os homẽs naõ o sintaaõ, nem quasi o vejaõ. Deos tirou a costa a
Adaõ,

Discurso XCV. 353

Adão, mas elle não o vio, nem o sentio; e se o foubey, foy por revelação. Assim aconteceu aos bem governados vassallos do Imperador Theodorico, dos quaes por grande gloria sua dizia elle: *Sentimus auctas illationes, vos addita tributa nescitis*: Eu sei que ha tributos; porque vejo as minhas rendas acrescentadas: vós não sabeis, se os ha; porque não sentis as vossas diminuidas. Razaõ he, que por todas as vias se acuda á conservaçãõ, mas como somos compostos de carne, e sangue, obre de tal maneira o racional, que tenha sempre respeito ao sensitivo. Taõ asperos pôdem ser os remedios, que seja menos feya a morte, que a faude. Que me importa a mim sarar do remedio, se hei de morrer do tormento?

998 Divina doutrina nos deixou Christo desta Num. 146. moderação na sujeita materia dos tributos. Mandou Christo a S. Pedro, que pagasse o tributo a Cesar, e disselhe, que fosse pescar, e que na boca do primeiro peixe acharia huma moeda de prata, com que pagasse. Se Deos não faz milagres sem necessidade, porque o fez Christo nesta occasiãõ sendo ao parecer superfluo? Podéra o Senhor dizer a Pedro, que fosse pescar, e que do preço do que pescasse, pagaria o tributo. Pois porque dispoem, que se pague o tributo não do preço, senão da moeda, que se achar na boca do peixe? Quiz o Senhor, que pagasse S. Pedro o tributo, e mais que lhe ficasse em casa o fruto de seu trabalho, que isto he o suave modo de pagar tributos. Pague Pedro o tributo sim, mas seja com tal suavidade, e com taõ pouco dispendio seu, que satisfazendo as obrigaçoens de tributario, não perca os interesses de pescador. Coma o seu peixe, com'o d'antes comia, e mais pague o tributo, que d'antes

354 *Vieira abbreviado*

Math. 17.
26.

naõ pagava. Por isso tira a moeda naõ do preço, senaõ da boca do peixe : *Aperto ore ejus, invenies staterem. Aperto ore* : notay. Da boca do peixe se tirou o dinheiro do tributo; porque he bem, que para o tributo se tire da boca. Mas esta differença ha entre os tributos suaves, e os violentos: que os suaves tiraõse da boca do peixe; os violentos da boca do peccador. Haõse de tirar os tributos com tal traça, com tal industria, com tal invenção: *Invenies staterem*, que pareça o dinheiro achado, e naõ perdido, dado por mercê da ventura, e naõ tirado á força da violencia. Assim o fez com Adaõ, e assim o fez Christo com S. Pedro; e para que naõ diga alguem, que saõ milagres a nós impossiveis, assim o fez Theodorico com seus vassallos. A boa industria he supplemento da omnipotencia, e o que faz Deos por todo poderoso, fazem os homens por muito industriosos.

Num. 148.

999 Sim. Mas que industria poderá haver, para que os tributos se naõ sintaõ, para que sejaõ suaves; e faceis de levar? Que industria? *Vos estis sal terræ*. Nota aqui Saõ Joaõ Chrysostomo a generalidade, com que fallou Christo aos discipulos. Naõ lhes chamou sal de huma casa, ou de huma familia, ou de huma Cidade, ou de huma nação, tenaõ sal de todo o mundo, sem exceptuar a ninguem: *Vos estis sal terræ, non pro una gente, sed pro universo mundo*, commenta o santo Padre. Queremos, senhores, que o sal, qualquer que for, naõ seja defabrido? Queremos, que os meys da conservação pareçaõ suaves? *Non pro una gente, sed pro universo mundo*. Naõ sejaõ os remedios particulares, sejaõ universaes: naõ carreguem os tributos sómente sobre huns, carreguem sobre todos. Naõ se trate de
-sal-

Discurso XCV. 355

salgar só hum genero de gente: *Non pro una gente*: repartase, e alcance o sal a terra: *Vos estis sal terræ.*

1000 O mayor jugo de hum Reyno, a mais pezada carga de huma Republica são os immo-
derados tributos. Se queremos, que sejaõ leves, Num. 150.
se queremos, que sejaõ suaves, repartaõse por todos. Não ha tributo mais pezado, que o da morte, e com tudo todos o pagão, e ninguem se queixa; porque he tributo de todos. Se huns homens morreraõ, e outros não, quem levára em paciencia esta rigorosa pensão da mortalidade? Mas a mesma razão, que a estende, a facilita; e porque não ha privilegiados, não ha queixosos. Imitem as resoluçoens politicas o governo natural do Creador: *Qui solem* Math. 5.
suum oriri facit super bonos, & malos, & pluit super 45.
per justos, & injustos. Se amanhece o Sol, a todos aquece, e se chove o Ceo, a todos molha. Se toda a luz cahira a huma parte, e toda a tempestade a outra, quem o sofréra? Mas não sei, que injusta condiçaõ he a deste elemento grosseiro, em que vivemos, que as mesmas igualdades do Ceo em chegando á terra logo se desigualão. Chove o Ceo com aquella igualdade distributiva, que vemos; mas em a agua chegando á terra, os montes ficaõ enxutos, e os vâlles afogandose: os montes escoaõ o pezo da agua de si, e toda a força da corrente desce a alagar os valles: e queira Deos, que não seja theatro de recreação para os que estaõ olhando do alto vêr nadar as cabanas dos pastores sobre os diluvios de suas ruinas. Ora guardemonos de algum diluvio universal, que quando Deos iguala desigualdades, até os mais altos montes ficaõ debaixo da agua. O que importa he, que os montes se iguaem com os valles, pois os mon-
tes

356 *Vieira abbreviado*

tes são a quem principalmente ameaça os rayos : e repartase por todos o pezo , para que fique leve a todos. Os mesmos animaes de carga, se lha deitaõ toda a huma parte, cahem com ella : e a muitos navios meteo nas mãos dos piratas a carga , não por muita, mas por descompassada. Se se repartir o pezo com igualdade de justiça , todos o levarão com igualdade de animo : *Nullus enim gravanter obtulit , quod cum equitate persolvitur*: Porque ninguem toma pezámente o pezo , que se distribuio com igualdade, disse o politico Cassiodoro.

DISCURSO XCVI.

Tirado de hum sermão da quarta Domingo depois da Paschoa.

TRISTEZA.

Part. 7.
Num. 386.

1001 **S**E houvesse huma arte, ou remedio universal , que totalmente nos livrasse de tristezas , e que em nenhum caso houvessemos , ou podessemos estar tristes , não seria muito para desejar , e para todos a quererem aprender ? Pois isto he o que hoje pertendo ensinar com a divina graça. Determino ensinar hoje a todo o homem em qualquer fortuna huma arte muito certa , muito util , muito agradável , e muito breve , que he a arte de não estar triste.

Num. 387.

1002 A enfermidade mais universal , que padece neste mundo a fraqueza humana , e não só a mais contraria á saude dos corpos , senão também a mais perigosa para a salvação das almas , qual cuidais que será ?

Discurso XCVI. 357

será? He a tristeza. Primeiramente he enfermidade universal de todos os homens, e universal igualmente de todas as terras; porque nenhuma ha tão sadia, e de ares tão benignos, e puros, que esteja isenta deste contagio, e nenhum homem ha tão bem acomplexionado de todos os humores, que quasi habitualmente não esteja sujeito aos tristes accidentes de melancolia. O primeiro, e infallivel prognostico, e tambem universal desta doença, quando ainda não sabemos dearticular vozes, he entrarmos neste mundo todos chorando. Entramos todos chorando, diz Salamaõ, (metendose tambem elle na conta) porque assim confessamos esta miseria natural, e começamos nos primeiros passos da vida a pagar este tributo á tristeza, a que havemos de estar sujeitos em toda ella. A tristeza (se buscarmos a razão deste tributo) não he filha da natureza, senão da culpa. Do primeiro peccado do genero humano nasceo hum tão negro, e feissimo monstro: e como todos somos filhos de Adão, todos herdamos d'elle este triste patrimonio. Nenhum filho daquelle pay foy tão privilegiado da natureza, nem tão mimoso da fortuna, nem tão lisonjeado da vida, nem tão esquecido da morte, que antes della não padecesse muitas tristezas, que lhe fizessem desagradaveis essas mesmas felicidades.

1003 Este mundo, em que vivemos, todo he valle de lagrimas, nome, com que o bautizou David ainda para depois de Christo: *In valle lacrymarum in loco, quem posuit.* Em todo este valle ninguem póde melhorar, ou alhear de lugar, ainda que o ponha onde quizer: *In loco, quem posuit*: e ninguem se póde isentar de tristezas, porque todo o mundo he valle, e

todo o valle he de lagrimas: *In valle lacrymarum*. Só este valle he valle sem montes: e posto, que alguns quizerão levantar montes neste valle, e parece, que o conseguirão, todos estes montes por altos, e altísimos que sejaõ, não escapaõ do diluvio da tristeza. Os Reys, os Principes, os Monarchas, os Imperadores, os Papas, por mais que o seu estado os tenha levantado tanto sobre os outros homens, nem por isso deixaõ de chegar lá os nublados, e chuveiros continuos das tristezas. He verdade, que as tristezas dos Principes andaõ sobredouradas com os resplandores dos cetros, e das coroas; mas por isso mesmo são mayores, e mais pezadas: porque são mais interiores. As tristezas, que correm pelos olhos, não são as mais tristes: as que se afogaõ no coração, e as que o afogaõ, essas são as mais sensiveis, e penetrantes. Aquelles mesmos resplandores, que cá se admiraõ por fóra, são os relampagos das grandes tempestades, que lá se occultaõ, e devoraõ por dentro. Assim que a tristeza he hum mal, e enfermidade universal, de que ninguém escapa.

Num. 389. 1004 He tambem, como dizia, a doença mais contraria á saude dos corpos, porque mais, ou menos aguda sempre he mortal. Não õ hei de provar com aforismos de Hippocrates, ou Galeno, mas com textos expressos todos do Espirito Santo. No cap. 17. dos Provérbios diz o Espirito Santo por boca de Salamaõ, que a tristeza séca os ossos: *Spiritus tristis exsiccat ossa*. Se differa, que murcha, e séca a cor, a pelle, as veyas, a carne, muito dizia; mas os ossos, que são as partes mais interiores, mais solidas, mais duras, mais fortes, com que se sustenta esta fabrica do edificio humano? Assim o diz a sabedoria daquelles

Prov. 17.

22.

Discurso XCVI. 359

les olhos, que penetraõ dentro em nós o que nós não podemos vêr. De sorte que he a tristeza hum gusano negro, (á differença dos brancos, que roem o bronze) o qual nos está sempre comendo, e carcomendo por dentro, e bebendo, e secando o humido daquellas raizes, em que se sustenta o calor da vida, até que elle se apaga, e ella morre.

1005 Mas este até que quanto tardará ? Não Num. 390.
muito tempo, nem com passos vagarosos; porque aquelle Cavalleiro do Apocalypse, que montado sobre hum cavallo pallido tinha por nome Morte, esporeado da tristeza corre a toda a pressa. O mesmo Espirito Santo o diz no cap. 38. do Ecclesiastico : *A tristitia festinat mors.* Para huns homens parece; Ecclef. 38.
que vem a morte a pé, para outros a cavallo, para huns andando, para outros correndo; porque huns morrem de vagar, outros de pressa; mas a Parca, que sempre antes de tempo corta os fios á vida, he a tristeza. Vereis a hum destes, quando ainda se conta no numero dos vivos, descorado, pallido, macilento, mirrado, as faces sumidas, os olhos encovados, as sobancelhas cahidas, a cabeça derrubada para a terra, e a estatura toda do corpo encurvada, acanhada, diminuida. E se elle se deixasse ver dentro da casa, ou sepultura, onde vive como encantado, velohieis fugindo da gente, e escondendose á luz, fechando as portas aos amigos, e as janellas ao Sol, com tedio, e fastio universal a tudo, o que visto, ouvido, ou imaginado póde dar gosto. E estes effeitos tão deshumanos cujos são, e de que procedem ? Sem duvida da melancolia venenosa, e occulta, que a passos apressados leva o triste á morte: *A tristitia festinat mors.*

1006 Para prova desta funesta verdade bastava Num. 391
hum

360 *Vieira abbreviado*

Ecclef. 25,
17.

hum só, e sobejavaõ os dous textos referidos do Espirito Santo; mas sobre elles accrescentou a mesma sabedoria o terceiro taõ admiravel, e encarecido, que se naõ fora da boca divina, podéra parecer incrível: *Omnis plaga tristitia cordis est*: A tristeza do coração naõ he huma só chaga, ou huma só ferida, senaõ todas. Sendo chaga, e ferida do coração bastaria ser huma só para ser mortal; mas como no coração depositou a natureza todo o thesouro da vida, assim no mesmo coração descarregou a tristeza toda a aljava das suas setas. Dalli sahem todos os espiritos vitaes, que se repartem pelos membros do corpo, e dalli, se o coração he triste, todos os venenos mortaes, que o lastimaõ, e ferem. Ferem a cabeça, e perturbando o cerebro lhe confundem o juizo: ferem os ouvidos, e lhe fazem dissonante a harmonia das vozes: ferem o gosto, e lhe tornaõ amargosa a doçura dos sabores: ferem os olhos, e lhe escurecem a vista: ferem a lingua, e lhe emudecem a falla: ferem os braços, e os quebrantaõ: ferem as mãos, e os pés, e os entropecem: e ferindo hum por hum todos os membros do corpo, nenhum ha, que naõ adoecça daquelle mal, que mayor molestia lhe póde causar, e mayor pena. Consideraime hum cadaver vivo, morto, e insensivel para o gosto; vivo, e sensitivo para a dor, e ferido, e lastimado, chagado, e lastimoso, cercado por todas as partes de penas, de molestias, de affliçoens, de angustias, imaginando todo o mal, e naõ admittindo pensamento de bem, aborrecido de tudo, e muito mais de si mesmo, sem alivio, sem consolação, sem remedio, e sem esperanza de o ter, nem animo ainda para o desejar: isto he hum triste de coração. Os outros venenos em chegando

Discurso XCVI. 361

gando ao coração matao; mas este como nasce, e se cria no mesmo coração, vay mais de vagar em matar, mas não póde tardar muito.

1007 Fosse embora tao contraria á vida, e saude Num. 392
dos corpos a enfermidade da tristeza, mas o peyor mal deste mal he ser igualmente perigosa, e nociva á salvação das almas. Neste sentido se haõ de entender humas palavras do grande Doutor da Igreja S. Basilio, as quaes parece, que dizem mais: *Nimia tristitia author peccati esse solet, cum mæror mentem submergat, & consilii inopia vertiginem afferrat*: A grande tristeza, diz S. Basilio, costuma ser a authora, e causa dos peccados; porque esta fortissima, e escurissima paixao affoga a alma, e assim como os que padecem vertigens na cabeça, cahem, assim ella por falta de juizo, e conselho faz, que cayaõ os homens no peccado.

1008 Tal he o estado de hum triste, quando a Num. 394
força da sua mesma melancolia o mete no profundo, e escurissimo abyssmo da desconsolacao. Assim como ao Egypcio não lhe valia contra as suas trevas nem a luz do Sol, nem a do fogo, assim não lhe basta a hum triste nem o lume da fé, nem o lume da razao para vencer as suas, que só lhe saõ palpaveis. E assim como o Egypcio com aquella cadeya sem ferro, mais dura porém que o mesmo ferro, estava atado de pés, e maos, assim o triste, prezo sem grilhoens, nem algemas á cadeya de sua propria tristeza, (contandolhe sempre os fuzis, a que não acha numero) nem tem pés para fugir, nem maos para resistir ás tentacoes do demonio; e por isso está sempre exposto, e quasi rendido ao peccado. Disse, quasi rendido, e disse muito menos do que devéra; porque se
o de-

362 *Vieira abbreviado*

o demonio he o que tenta, e vence, a força, ou fraqueza, que lhe dá a victoria, he a da tristeza. Ouçamos a mais eloquente voz da Igreja Catholica, e fêche nos o discuro Chrysostomo com chave de ouro: *Omni diabolica actione potentior ad nocendum est mœroris spiritus; demon enim quoscumque fere superat, per mœrorem superat. Eum si auferas, nemo à demone ledi poterit.* E porque este testemunho tão notavel não pareça singular, o mesmo diz S. Bernardo, affirmando, que entre todos os espiritos malignos o pessimo, e mais nocivo de todos he a tristeza: *Certe tristitia secularis omnium malorum spirituum est pessimus.* De sorte que o demonio ajudado da tristeza não he hum só demonio, tenão dous, e a tristeza peyor, e mais diabolica, que o mesmo demonio. E se me perguntardes como concorre a tristeza com o demonio para o peccado, posto que bem creyo, que o terá cada hum experimentado em si, eu o direi facilmente.

Num. 39.

1009 He muito natural aos tristes desejar o alivio, e procurar o remedio á sua tristeza: e quando a triste alma chega a estes pontos, entãõ entra a tentação, e o demonio, e os alivios, e remedios, que lhe offerece, são taes como elle. Se a tristeza he por ambição, e desejo de ser mais, persuadelhe, que não faça caso da ley de Deos como Adaõ, e Heva, que por ferem como Deos a quebraraõ. Se a tristeza he por pobreza, persuadelhe que furte, como a Achan soldado illustre, mas pobre, que furton sacrilegamente a purpura, e regra de ouro nos despojos de Jericó. Se a tristeza he por amor, persuadelhe a que vença por força, e violencia o que não póde por vontade, como Amnon a Thamar, sem reparar na dobrada

Genef. 3.

Josue 7.

2.Reg. 13.

infa-

Discurso XCVI. 363

infamia em ambos, e igualmente sua. Se a tristeza he por appetite do superfluo, como a d'ElRey Achab, persuadelhe, que ao dominio universal da coroa accrescente a vinha de Naboth, e com testemunho falso jurado, se não houver outra causa. Se a tristeza he por afronta, persuadelhe a que a vingue ainda que seja por traição, como Absalaõ, que contra as obrigações do sangue, e leys da hospitalidade matou aleivosamente a Amnon. Se a tristeza he por inveja, persuadelhe, que derrube o invejado, posto que innocente, e benemerito, como Aman valido d'ElRey Assuero ao fidelissimo Mardocheo.

1010 Se a tristeza he por faudades, persuadelhe a que dos retratos do ausente faça idolos, como derão principio á idolatria de todo o mundo as faudades de Belo. Se a tristeza he por falta de filhos, e successão, como a da outra Thamar mais antiga, persuadelhe, que se lhos não ha de dar Sela seu esposo, os busque em quem lhos pode dar, como ella fez em Judá, posto que adultera, e incestuosamente. Se a tristeza he por odio, como a de Saul a David, persuadelhe, que ingrato ás cordas da sua harpa, com o ferro da propria lança o preegue a huma parede. Se a tristeza he por falta de saude, persuadelhe que troque as receitas da medicina pelos feitiços da arte magica, como depois de Jeroboam fizeraõ todos os Reys de Israel, aos quaes, e ao mesmo Reyno sepultou Deos vivos, e esses são os ossos já então secos, e myrrados, que vio Ezechiel ha mais de dous mil annos. Infinita materia fora, se houveramos de discorrer por todos os peccados, com que o demonio ajudado da tristeza mata as almas. A Caim triste por se ver menos favorecido persuadiolhe o demonio, que

mata-

364 *Vieira abbreviado*

matasse a seu irmão, e matou-o. A Achitofel triste, porque Absalão não seguira o seu voto, persuadiolhe, que se matasse a si mesmo, e matouse. A Judas triste pelo que tinha feito contra seu Mestre, persuadiolhe, que se enforcasse; mas antes que lhe impedisse a respiração o aperto do laço, a mesma tristeza, que não cabia dentro, lhe fez estalar o coração, e por isso rebentou pelo meyo: *Crepuit medius*.

Act. 1. 18.

Num. 397. 1011 Estes são os efeitos da tristeza, (doença, de que ninguém escapa nesta vida, e muito mais os mais entendidos) e este, que ultimamente declarei, he o modo, com que a mesma tristeza não só chega a matar os corpos, senão também as almas. Resta agora neste segundo discurso menos melancolico tratar do remedio desta peste do genero humano, e ensinar, como prometti, a arte de nunca estar triste.

1012 Nas breves palavras, que propuz, temos huma, e outra cousa, isto he, a tristeza, e mais o remedio. A tristeza: *Quia hæc locutus sum vobis, tristitia implevit cor vestrum*. O remedio: *Nemo ex vobis interrogat me, quo vadis*: Porque vos disse, que me ausento, encheo a tristeza os vossos corações, e nenhum de vós me pergunta para onde vou. Num. 398. Nestas duas palavras: *Quo vadis*, (accommodando-as a nós) nesta pergunta tão breve, e nesta unica maxima, ou preceito consiste toda a arte, que prometti, de nunca estar triste. Homem triste, se a tristeza te não tirou ainda o uso da razão, perguntate a ti mesmo para onde vás: *Quo vadis*? E esta consideração em qualquer caso, ou estado da vida, por triste que seja, não só te servirá de consolação, de alivio, e de remedio, mas te livrará para sempre de toda a tristeza.

1013 Isto

Discurso XCVI. 365

1013 Isto he o que digo. E isto supposto, saiba-^{Num. 399.} mos agora para onde imos todos, e cada hum de nós? Sendo cousa muito sabida, posto que em parte a vemos, e em parte não, o Espirito Santo no la mandou advertir por boca de Salamaõ no cap. 12. do Ecclesiastes: *Revertatur pulvis in terram suam*, ^{Ecclesi. 12.} *unde erat, & spiritus redeat ad Deum, qui dedit illum.* Nesta vida andaõ unidas no homem aquellas duas partes, que depois se haõ de dividir, e tornar cada huma para donde veyo, a terra para a terra, a alma para o Ceo.

1014 Pergunte agora o homem a seu corpo: Cor-^{Num. 400.} po meu, para onde vás? *Quo vadis?* Pergunte o homem á sua alma: Alma minha, para onde vás? *Quo vadis?* E como o corpo com a evidencia dos olhos ha de responder, que vay para a sepultura, e a alma com a certeza da fé ha de confessar, que vay para o Ceo; á luz deste conhecimento tão claro, e tão forte não haverá nuvem de tristeza tão espessa, e tão escura, que totalmente se não desfaça, e desvaneça. Não diffemos pouco ha no primeiro discurso, que a tristeza não só atormenta, e mata o corpo, senão tambem a alma? Pois este he o antidoto invencivel, que o corpo, e a alma tem contra aquelle veneno duas vezes mortal, e esta a arte facil, e breve, com que o homem se livrará infallivelmente de toda a tristeza só com perguntar ao mesmo corpo, e á mesma alma para onde vaõ: *Quo vadis?*

1015 E começando pelo corpo, se o homem lhe ^{Num. 401.} perguntar para onde vay: *Quo vadis?* e elle responder, que vay para a sepultura; que homem haverá tão cego, que havendo de cahir o mesmo corpo naquella cova, não caya elle em si, e não caya na razaõ, que

366 *Vieira abbreviado*

Num. 404. que tem para não estar triste? Oh quantas lagrimas se choraõ, e quantas lamentagoens se ouvem, porque não ha quem ponha os olhos neste caminho inevitavel, e se pergunte: *Quo vadis?* A huns come por dentro a tristeza, porque se vem pobres: a outros roe a inveja, porque poem, ou lhe leva os olhos a abundancia dos ricos, e se huns, e outros tiveraõ juiço, e se perguntaraõ para onde vaõ, tão pouco haviaõ de chorar huns o que lhes falta, como estimar outros o que lhes sobeja.

Num. 407. 1016 Se bem considerarmos as causas, (que lhe não quero chamar razoes) porque os queixosos da sua fortuna vivem tristes, e se lhe faz triste a vida, acharemos, que principalmente são não poderem gosar os dous mais saborosos fructos das mesmas riquezas. O comer, e o vestir são duas cousas, sem as quaes se não póde viver, em que tem grande batalha no homem a moderação do necessario, e a intemperança do superfluo.

Num. 411. 1017 Ao que póde entristecer o corpo por se ver menos nobremente trajado, que diremos? Que se lembre bem do *Quo vadis*: e seja pela boca de Job: *Nudus egressus sum de utero matris meae, & nudus revertar illuc.* Mas não vamos buscar este desengano á terra de Hus.

Num. 412. 1018 Adoeceraõ na nossa terra ou hum mancebo tão prezado da gentileza como Absalaõ, ou hum dama de tão celebrada formosura como Rachel, e tão requestada por ella como Helena: e chegados ambos á ultima desconfiança da vida, na primeira clausula do testamento depois da protestaçaõ da fé, diz cada hum, que seu corpo seja sepultado no habito de S. Francisco. Isto, que pelo costume se não estranha,

Discurso XCVI. 367

tranha, verdadeiramente he digno de grande admiração. Não ereis vós (hum, e outra) os que tanto vos prezaveis das galas, os que gastaveis as telas, os que inventaveis os bordados, os que empregaveis em hum joya quanto tinheis, e talvez o que não tinheis? Pois como agora vos mandais vestir com tanta differença, e vos contentais com hum habito de burel, e esse remendado? Porque agora imos para a sepultura. Agora dizem, e dizem o que cuidavaõ; porque dantes não sabiaõ para onde hiaõ. Oh miseria! Oh cegueira! Oh engano da vida, e ignorancia humana! Cuidamos, que só imos para a sepultura quando em hombros alheyos fomos levados a ella, e não acabamos de entender, que desde a hora, em que nascemos, começamos este mesmo caminho. Se a hum recém nascido, quando sahe do ventre da mãy, lhe perguntássemos: *Quo vadis?* Minino, que agora entrastes no mundo, para onde ides? he sem duvida, que se elle tivesse já uso da razão, e falla para responder, responderia com as palavras de Job: *De utero ad tumulum*: Desde a hora de meu nasci-
mento vou caminhando para a sepultura, e estas fai-
xas são a minha primeira mortalha. Defenganemo-
nos os mortaes, que todo este, que chamamos curso da vida, não he outra cousa, senão o enterro de cada hum: por final, que quanto mais pompa, mais cruces.

1019 Pois se estas haõ de ser as galas da ultima
jornada da vida, porque não nos contentaremos, que
sejaõ menos vans as de toda ella? Gloriaõse tanto
das galas os perdidos por esta vaidade, que até o mes-
mo Christo fallando das de Salamaõ, lhe chamou a
sua gloria: *Nec Salomon in omni gloria sua*. E esta
gloria

Job. 10.

19.

Nam. 433.

Matth. 6.

gloria 22.

368 *Vieira abbreviado*

gloria ha de descer com elles á sepultura? Naõ: *Quoniam cum interierit, non sumet omnia, nec descendet cum eo gloria ejus.* Pois porque nos ha de levar tanto apoz si o que cá ha de ficar, e naõ nos accommodaremos desde logo ao que só havemos de levar connosco? Aquelle grande Soldaõ do Egypto, o famoso Saladino, estando para morrer, mandou levar por todo o seu exercito a mortalha, em que havia de ser sepultado, na ponta de humã lança com hum prego, que dizia: De tudo quanto adquirio Saladino, isto he o que só ha de levar deste mundo. Ditosos os soldados, que entaõ se resolvessem a despir a cota, e militar debaixo daquella bandeira! O Imperador Carlos V. anticipando o mesmo defengano, trazia sempre consigo a sua mortalha. Por isso tomou aquella valente resolução, mayor que todas suas victorias, de se sepultar em Juste, e acabar a vida antes da morte. Melhor o fazem ainda os que todos os dias quando se vestem, de tal modo se compoem do pé até á cabeça com o espelho da sepultura diante dos olhos, como se o vestido fora a mortalha, com que haõ de ser levados a ella. Este he o trajo dos desertos, e claustros religiosos, em que todos os que professamos servir a Deos, o mesmo habito, que vestimos, he a mortalha, em que havemos de ser sepultados. O mundo errado julga este trajo por triste; mas nós em confiança delle nunca tristes, e sempre contentes: *Quasi tristes, semper autem gaudentes.*

10. 1020 Se a consideração da sepultura, e a nossa
 Num. 414. pergunta *Quo vadis* he tão efficaz para persuadir sem tristeza a forçosa pobreza das roupas, para a fazer toleravel na mais sensível da mesa naõ he menor a sua efficacia. Queixase da sua fortuna o pobre, porque sendo

Discurso XCVI. 369

sendo tão liberal com os ricos , com elle seja tão avara , que apenas para comer lhe conceda com o fuor de seu rosto hum pedaço de pão. Eu antes de passar ao nosso remedio , não só quero reparar no pão , senão no mesmo pedaço , que o faz queixoso , e triste. Perto de cem annos havia , que o primeiro Ermitão S. Paulo vivia em huma cova , quando nella o visitou o grande Antonio , a quem nós para significar a sua mesma grandeza chamamos Antão. Depois de se saudarem sós , chegou hum corvo com hum pão no bico , e o poz entre os dous. Admirouse o hospede , e o habitador da cova lhe disse : Has de saber , irmão Antonio , que de muitos annos a esta parte , depois que me foraõ desfalecendo as primeiras forças , por este corvo me manda Deos todos os dias meyo pão , e agora , porque somos dous , dobrou o Senhor a ração a seus servos , e por isso nos mandou o pão inteiro. Quem não pasmará , que este jantar para os dous mayores homens , que Deos tinha no mundo , fosse mandado da sua mesa ? He possivel , que a providencia , a grandeza , a magnificencia de Deos a Paulo sustenta cada dia com meyo pão , e a Paulo , e Antonio com hum pão ! E he possivel , que hum homem com fé não estime , e se glorie muito de que ás duas ameades de pão de Paulo , e Antonio se ajunte tambem o pedaço do seu , sendo elle em tal companhia o terceiro convidado de Deos ! Não ha duvida , que se es Christão , nunca a tua ambição , e cubiça podia aspirar a mayor fortuna , que esta , a que te tem levantado a tua propria pobreza igualandote não aos Principes das cento e defasete Provincias no banquete de Ailhero , mas aos dous mayores amigos , e favorecidos , que tem no mundo o supremo Senhor de

370 *Vieira abbreviado*

todo elle. Vê agora quaõ enganosa he a tua tristeza, e tu quaõ enganadamente queixoso da tua fortuna.

Num. 415. 1021 Mas porque naõ cuides, que te quero consolar por outro caminho, respondeme: Para onde vás: *Quo vadis?* Vás para a sepultura? Sim: e todos os mais ricos, e abundantes do mundo para onde vão? Para a sepultura tambem. Dá pois muitas graças á estreiteza da tua mesa, e ao teu pouco paõ; porque sendo certo, que todos haõ de chegar á sepultura sem nenhum remedio, só tu por comeres menos, chegarás á sepultura mais tarde, e só tu por comeres menos, serás nella menos comido. A natureza fez o comer para o viver, e a gula fez o comer muito para o viver pouco. De certos homens da casta daquelles, de quem dizia Socrates, que naõ comiaõ para viver, mas só viviaõ para comer, conta a sagrada Escritura, que exhortandose de commum consentimento diziaõ: *Comedamus, & bibamus, cras enim moriemur*: Comamos, e bebamos, porque á manhã havemos de morrer. A consequencia era taõ bárbara, e brutal, como quem a inferia. Mas que fundamento tinhaõ estes homens, ou estes brutos para prognosticar, que ao outro dia haviaõ de morrer? O mesmo que elles diziaõ: *Comedamus, & bibamus*. Das demasias da sua gula inferiaõ a brevidade da sua vida. O dia dos banquetes era a vespera do dia da morte. A gula havia de cantar as vespervas hoje, e a morte as havia de chorar á manhã: *Cras enim moriemur*. Naõ allego Hippocrates, nem Galenos, que assim definem esta brevidade; porque naõ saõ necessarios os aforismos da sua arte, onde temos os da nossa experiencia. Das intemperanças do comer, por mais que o tempere a gula, nascem as cruezas, das

crue-

Discurso XCVI. 371

cruezas a confusão, e discordia dos humores, dos humores discordes, e descompostos as doenças, e das doenças a morte. Supposto pois que todos havemos de morrer, e todos imos para a sepultura, o mayor favor, que Deos póde conceder a hum mortal, he que morra, e chegue lá mais tarde. E este he o primeiro privilegio dos pobres, a quem a providencia divina quanto nega de abundancia, e regalo, tanto accrescenta de vida.

1022 Ouçam os abundantes, e regalados o que Num. 416. sobre isto ensina a verdade daquelle Senhor, que o he da vida, e da morte: *Omnis potentatus vita bre-* Ecclef. 10. *vis.* Porque os ricos, e poderosos daõ muita mate- 11. ria á gula, os pobres, ainda que queiraõ, não podem. Santo Agostinho dava graças a Deos por lhe haver ensinado, que usasse dos alimentos, como das medicinas: *Hoc me docuisti, ut quemadmodum ad medicamenta, sic ad alimenta sumpturus accederem.* August. Confess. cap. 31- De sorte que aquillo, sem que não podemos viver, he o mesmo, que nos mata, tomado sem medida. E como o alimento tomado sem medida he o veneno da vida, e com medida o medicamento della, está he a desgraça não conhecida dos ricos, e a ventura também mal entendida dos pobres. A vida, e a via de huns, e outros igualmente caminha para o mesmo termo, que he a sepultura; mas os passos não são iguaes. Porque como a abundancia, e gula dos ricos he o seu veneno, e a estreiteza, e abstinencia dos pobres o seu medicamento, os ricos chegam á sepultura, como S. João á de Christo, primeiro, e mais depressa, e os pobres, como S. Pedro, mais de vagar, e mais tarde.

1023 E depois de chegados huns, e outros á se- Num. 417. pul-
Aa 2

372 *Vieira abbreviado*

pultura, tem tambem dentro nella alguma differença? Sim, e muito grande, que he o segundo privilegio dos pobres. A gula assim como ceva as aves, para que as comaõ os homens, assim ceva os homens, para que os comaõ os bichos. Miseravel condiçaõ da nossa carne, comer para ser comida! Por isso diz hum proverbio dos Hebreos: *Qui multiplicat carnes, multiplicat vermes*. Os corpos dos ricos cheyos, e anafados saõ o banquete dos bichos, os dos pobres secos, e postos nos ossos saõ o seu jejum. Que bem se vio isto naquelle, em que o pobre Lazaro, e o rico Avarento foraõ á sepultura! O rico em sepulcro de marmores banqueteando esplendidamente os bichos; como elle costumava comfigo: e o pobre, que nem as migalhas, que lhe cahiaõ da mesa, tinha para se sustentar, sepultado na terra nua; mas naõ tendo a mesma terra que comer nelle.

Num. 418. 1024 Os regalos exquisitos trazidos de taõ longe com tantos perigos, comprados com tanto preço, guisados com tantos artificios saõ para o ventre do homem: e esse ventre assim regalado, assim mimoso, e assim custoso para quem he? Para o comerem os bichos. Este he o paradeiro das superfluidades dos ricos. Considere pois o rico, e o pobre para onde vay: *Quo vadis?* Para que o rico modere a sua abundancia, e o pobre se componha com a sua moderação. E porque o pobre, e o rico (e o rico mais apressadamente, que o pobre) todos imos parar alli, lamentemse os ricos da sua riqueza, e das suas galas, e regalos: sejaõ os pobres os contentes, e elles os tristes. *Habentes alimenta, & quibus tegamur, his contenti sumus*: Com que tenhamos o que baste para

1. Timot.
6. 8.

Num. 410.

ra sustentar, e cobrir o corpo, teremos tambem o que

Discurso XCVI. 373

que basta para estar contentes, escreve o Apostolo a Timotheo. E S. Jeronymo commentando este texto, e contrapondo a largueza, e abundancia dos ricos á estreiteza, e moderação dos pobres no mesmo vestir, e comer, philosopha assim elegantemente: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus, & propter quæ divitiæ comparantur, vilibus mutare cibis, & crassiore tunica compensare*: Não cuidem as galas, e gulas dos ricos, diz o Doutor Maximo, que carecem os pobres do que elles gozão; porque tudo o que elles alardeão com largueza no seu muito, lograão compensado os pobres, e abbreviado no seu pouco: os ricos, e vaõ nas galas, elles no vestido grosseiro: os ricos, e vaõ nos regalos, elles no mantimento vil. E que se segue daqui? Seguese, que o contentamento, e alegria, que a riqueza, e vaidade pertende, só a pobreza fuzda o alcança, e muito mayor: *Grandis exultatio, cum parvo contentus fueris, mundum habere sub pedibus*. Deixo de ponderar estas ultimas palavras; só digo; que para quem caminha para a sepultura levar o mundo debaixo dos pés, mais he triunfo, que enterro, posto que mal banqueteadado, e mal vestido.

1025 Já perguntámos ao corpo: *Quo vadis?* Num. 419 para onde hia? e nos respondeo por boca do Espirito Santo, que para a sepultura. Agora faremos á alma a mesma pergunta, e responderá por boca do mesmo Oraculo divino, como tambem vimos, que vai para o Ceo. Pois assim como o corpo achou remedio da sua tristeza no seu *Quo vadis*: assim, e muito melhor achará a alma o remedio das suas no seu, quanto vai do Ceo á terra.

DISCURSO XCVII.

Tirado de hum sermaõ da terceira quarta feira da Quaresma prégado na Capella Real sobre as palavras do Euangelho : Dic , ut sedeant hi duo filii mei , unus ad dexteram tuam , & unus ad sinistram in regno tuo. Math 20.

VALIDOS.

Part. 3.
Num. 115.

1026

Esta foy a petição da mãy dos Zebedeos a Christo , tantas vezes ouvida neste Real auditorio , como variamente ponderada deste sagrado lugar. Mas porque o soberano Senhor respondeo aos filhos , para que o entendesse a mãy ; eu determino hoje responder á mãy , para que me entendaõ os filhos , e os que não são filhos tambem. Com huma só hei de fallar ; mas para todos hei de dizer. Começando pois a fallar com a mãy dos Zebedeos , o que lhe digo , (ou dissera) he desta maneira.

Num. 116.

1027

Visto , senhora , este vosso memorial , (o qual considero , antes que se presentasse a Christo) posto que eu não tenha authoridade para o emendar , nem ainda confiança para o arguir , a muita devoção , que professo com vossos filhos , e o grande respeito , que por elles , e por vossa veneravel pessoa vos he devido , excita , persuade , e ainda obriga o meu zelo a que repare , e advirta por vos servir o que nesta petição me faz duvida. E para que seja com distinção , clareza , e brevidade ; examinando huma por huma todas as palavras della , direi sobre cada

Discurso XCVII. 375

cada huma o que eu noto, mas não condemno, posto que outros o podem estranhar.

1028 A primeira coisa pois, em que a minha Num. 117. consideração repara neste memorial, he a primeira palavra d'elle: *Dic*: Dizei. Não he este o estylo por onde começaõ, nem devem começar as petições. As petições começaõ por Diz, e não por Dizei. Mas como vós, Salomé, sois mãy do valido, parece-me que o valimento vos ditou a petição. Os outros nas suas petições começaõ: Diz fulano: os validos não dizem: Diz, dizem: Dizei. Tal estylo de pedir não he pedir, he ensinar, ou mandar. O Principe, que assim despacha, não concede, obedece: não dá a mercê, dá a lição Christo he Mestre, e Senhor: *Vos vocatis me Magister, & Domine*: e nem co-Joan. 13. mo Senhor deve ser mandado, nem como Mestre en-15. sinado.

1029 Se o que pedis, que diga: *Dic*, he que os Num. 118. vossos filhos tenhaõ os dous lugares do lado, como quereis, que vos despache Christo logo, e em huma palavra? Taõ leve negocio he a eleição de hum primeiro Ministro, e muito mais a de dous Ministros, ambos primeiros, que por huma simples petição sem mais consulta, nem conselho se haja de conceder? Se o pedira todo o Réyno, ainda havia muito que duvidar; porque não cuidassem os vassallos, que juntos, nem divididos podiaõ ter acção, ou impulso nas resoluções soberanas. Quanto mais, que semelhantes lugares não se dão a quem os deseja, e os pede; antes quando os desejaõ, entaõ começaõ a os desmerecer, e quando se atrevem a os pedir, entaõ os desmerecem de todo. O pedir, e o despedir em taes casos haõ de ser correlativos. Oh quanto melhor tive-

376 *Vieira abbreviado*

raõ negociado os vossos dous pertendentes, se quando Christo os estremava dos outros para lhes fiar os casos de mayor importancia, elles se retirassem com modestia, e com discreta resistencia se escusassem! Quando Moysés se escusou de primeiro Ministro de Deos sobre o Egypto, entaõ o levantou Deos ao seu lado, e lhe delegou o seu poder, e mais o seu nome: *Constitui te Deum Pharaonis*. Passemos á segunda palavra.

Num. 124.

1030 *Ut sedeant*. Que se assentem. Tambem este termo não he curial, antes muito improprio, e ainda indecente. Que sejaõ, Salomé, vossos filhos muito assentados, isso procurai vós; mas que estejaõ assentados he implicação do q̃ pedis. Pedis o lado, e dizeis, que se assentem? Não sabeis, que em palacio assim como não ha mais que hum só docel, ha tambem huina só cadeira? Não sabeis que os grandes alli, se cansaõ de estar em pé, só descansão de joelhos, arrimados quando muito a huma credencia daquelles idolatrados altares? Bastava para isto ser Christo Rey, quanto mais sendo Rey, e Deos juntamente: *Tu es ipse Rex meus, & Deus meus*. O throno de Deos no templo he o Propiciatorio, donde ouve, e responde: e posto que nem vós, nem vossos filhos entrasseis naquelle sagrado, porque he vedado a todos, bem deveis de ter ouvido, que ao lado direito do Propiciatorio está hum Cherubim, e ao lado esquerdo outro, mas ambos em pé. Logo se quereis, que os vossos dous filhos succedaõ no lugar destes Cherubins, e que occupem hum, e outro lado do throno de Christo, como pedis, que se assentem: *Ut sedeant*? Os Cherubins estaõ em pé, e os filhos do Zebedeo haõ de estar assentados?

Pf. 43. 6.

Num. 129.

1031 *Hi*. A palavra he muito breve, mas não digna

Discurso XCVII. 377

gna de menor reparo. Vós dizies: *Hi*: Estes. E quem não dirá: Quem são estes? Muito he de crer se embaraçarão logo com as redes, e com a barca; mas eu tão longe estou de encalhar neste baixo, (posto que o seja) que antes o exercicio de pescadores me parece o melhor noviciado, que estes Apostolos podião ter para a profissão de primeiros Ministros. Que he humma barca, senão humma Republica pequena? E que he humma Monarchia, senão humma barca grande? Nas experiencias de humma se aprende a pratica da outra. Saber deitar o leme a hum, e a outro bordo, e cerrallo de pancada, quando convem: saber vogar, quando se ha de ir adiante, e seyar, quando se ha de dar volta, e suspender, ou fincar o remo, quando se ha de ter firme: saber esperar as marés, e conhecer as conjunçoens, e observar o cariz do Ceo: saber temperar as vellas conforme os ventos, largar a escota; ou carregar a bolina, ferrar o pano na tempestade, e na bonança issar até os topes. Tão politica como isto he a arte do pescador na mareação, e mais ainda nas industrias da pesca. Saber tecer a malha, e segurar o nó: saber pezar o chumbo, e a cortiça: saber cercar o mar para prover, e sustentar a terra: saber estorvar o anzol, para que o peixe o não corte, e encubrilho, para que o não veja: saber largar a sedela, ou tella em tezo: saber aproveitar a isca, e desperdiçar o engodo. Só hum defeito reconheço no pescador para os lugares do lado, que he o exercicio de puxar pará si. E este he, senhora, o que não só se argue, mas se prova do mesmo, que vossos filhos pertendem, e vós pedis.

1032 *Duo*. Ainda este *Duo* tem mayor dissonancia. Pertendeis o valimento do Rey, e quereis que os

Num. 133

os validos sejaõ dous: *Duo*? Se convém, que os Reys tenhaõ valido, ou não, he problema, que ainda não está decidido entre os politicos. Mas dous validos ninguem ha, que tal dissesse, nem imaginasse. Se os vossos filhos tiveraõ lido as historias sagradas, e profanas desde o principio do mundo até hoje, não lhe havia de passar tal cousa pelo pensamento. Creou Deos a Adaõ no sexto dia do mundo, para que no governo d'elle fosse sua imagem, e logo no dia seguinte se diz, que descansou Deos; porque os supremos Principes he bem, que tenhaõ huma causa segunda, que os represente, e sobre quem descansem. Mas este homem (que se suppoem ser em tudo o primeiro homem) ha de ser hum, e não dous. Por isso fez Deos hum Adaõ, e não dous Adoens. Entre os Chaldeos foy primeiro Ministro de Nabucodonosor Daniel; mas só Daniel: entre os Egypcios Joseph de Faraó, mas só Joseph: entre os Gregos Hefestiaõ de Alexandre; mas só Hefestiaõ: entre os Persas Aman, e Mardocheo de Alsuerio, mas não juntos, senão em diversos tempos, e sempre hum só. Se algum exemplo houve de dous juntamente, foy para ruina do Rey, e perdição da coroa. Nenhum Rey teve a seu lado mayor, e melhor Ministro, que Absalaõ, quando começou a reynar; porque teve a Achitofel, cujos conselhos por testemunho da mesma Escritura sagrada eraõ como oraculos de Deos. E porque David quiz tirar a coroa a Absalaõ, como a Rey intruso, e rebelado, que fez? A traça, de que usou, como tão prudente, foy meterlhe do outro lado outro Ministro, que foy Chusay: e assim succedeo. Encontraraõse os dous Ministros nos pareceres, seguiu Absalaõ o de Chusay, e não o de Achitofel: e sendo que
com

Discurso XCVII. 379

com este se conservara sem duvida, como diz o mesmo texto, porque teve dous, se perdeu.

1033 A razão natural deste inconveniente he, Num. 134. porque onde ha dous entendimentos, duas vontades, duas naturezas, e duas pessoas diferentes, não pôde haver uniaõ. A uniaõ hypostatica em Christo (que foy o mayor milagre da sabedoria, e omnipotencia divina) unio duas naturezas, dous entendimentos, e duas vontades. Mas notay, que neste mesmo composto com ser milagroso as pessoas não são duas, senão huma só. Em huma pessoa por milagre podem estar unidas duas naturezas, dous entendimentos, e duas vontades; mas em duas pessoas diferentes (como dous homens: *Duo*) he milagre, que nem Deos fez já mais, nem fará. Na Santissima Trindade ha também uniaõ deste genero por outro modo ainda mais admiravel. As pessoas são tres realmente distintas, e todas entendem o mesmo, e querem o mesmo. Mas ainda que as pessoas são tres, as naturezas, os entendimentos, e as vontades não são tres, senão huma só natureza, hum só entendimento, e huma só vontade. Vêde agora, se em dous homens, em que as naturezas, os entendimentos, as vontades, e as pessoas são diversas, e em tão diversas materias, como são as que concorrem numa Monarchia, poderá haver uniaõ, nem concordia?

1034 *Filii mei*. Em dizer, que são vossos filhos, Num. 137. estou vendo, Salomé, que desprezais todo este meu discurso, imaginando como mulher, e mãy, que todos os inconvenientes, e temores de discordia se seguraõ com serem irmãos, posto que sejam dous. São irmãos, e irmãos inteiros, filhos do mesmo pay, e da mesma mãy, segura está logo, e estará sempre nelles

les a união, e concordia. Ah senhora, que mal sabeis, quaõ fraca significação he a deste especioso nome, que entre os homens se chama irmandade? Basta ser fundado em carne, e sangue para não ter subsistencia, nem firmeza. Differente poder he o da ambição, da cubiça, da emulação, da inveja, e de todas as outras pestes da união, e sociedade humana, com que os mais sagrados vinculos da natureza se profanaõ, e rompem. E como a má semente destes vícios nasce, e se dá melhor entre iguaes, por isso, entre os que nascerão dos mesmos pays, he mais natural a discordia. Da mesma fonte nascem os rios do Paraíso, e nenhum faz companhia com outro, cada hum segue differente carreira, não só divididos, mas oppostos. E se isto se acha na fineza da agua, que ferá no calor do sangue? Diga-o o de Abel derramado por Caim, e o de Remo por Romulo. Se dous irmãos fundadores daquella portentosa Cidade, que hoje não cabe no mundo, não couberão juntos na mesma Cidade: se dous irmãos primogenitos da natureza para propagação do genero humano não couberão em toda a terra, onde não havia outros; como caberão os vossos dous, e como estaraõ conformes em hum gavinete, onde cada memorial, cada consulta, e cada requerimento he huma maçã da discordia? Agora são amigos, agora confórmes, agora verdadeiramente irmãos, e só desejaõ ser companheiros; mas assim como agora se unem para subir, assim se dividirão depois para se derrubar. Quantos se unirão para a batalha, que depois se matarão sobre os despojos? A ambição, que agora os une, essa mesma os ha de apartar depois, e de hum lado contra outro lado, como de dous montes oppostos,

Num. 138.

se

Discurso XCVII. 381

se hão de combater , e fazer a guerra.

1035 Se vós soubereis , que cousa he hum Rey-
no, e o pezo d'elle , e mais quando carrega sobre cau-
sas segundas , eu vos prometto , que vos benzereis

Num. 145.

de tal pensamento , quanto mais desejallo para os fi-
lhos , a quem tanto bem quereis. Que Hercules he
Joaõ , ou que Atlante Jacobo para tomarem sobre
seus hombros huma Monarchia ? Em que Cortes se
creáráõ , que terras viraõ , que historias leraõ , que
negocios manejaáõ ? Ide a Jerusalem , entrai , se

Num. 147.

vo lo permittirem as guardas , ou no palacio profa-
no de Herodes , ou no sagrado de Caifaz , e naquel-
le tropel , e concurso de pertendentes esfaimados
(que todos procuraõ comer , e todos se comiem)
vereis , se entre tanto tumulto póde haver quietação ,
entre tanta perturbação socego , entre tanta varie-
dade firmeza , entre tanta mentira verdade , entre
tanta negociação justiça , entre tanto respeito inte-
reza , entre tanta inveja paz , entre tanta adulação ,
e adoração modestia , temperança , nem ainda fé.
Vede sobre tudo , se tanta sede de ambição , e cubi-
ça insaciavel pode ter satisfação , que a farte , ou mo-
dere : e se a pódem dar vossos filhos a tantos , que
pertendem , e batalhaõ sobre a mesma cousa , que ou
se deve negar a todos , ou conceder-se a hum só ? Da-
qui se seguem os descontentamentos , as queixas , as
murmuraçoens do governo , as arrogancias dos gran-
des , as lagrimas , e lamentaçoens dos pequenos , as
dissensoens , as parcialidades , os odios , sendo o al-
vo de todas estas lettas avenenadas os que assistem
mais chegados ao throno do supremo poder , os que
respondem em seu nome , os que declaraõ seus ora-
culos , os que distribuem seus decretos. E se isto he

o que

382 *Vieira abbreviado*

o que se experimenta , e padece não em Babylonia , ou Ninive , senão em Jerusaleem : nem no Imperio dos Assyrios , Persas , Gregos , ou Romanos , senão em huma Republica tão arruinada hoje , e tão limitada como a de Judea , que será no Reyno universal de Christo : *In Regno tuo ?*

Num. 148.

1036 *Tuo.* Dizeis, sem advertir, ou saber o que encerra esta breve palavra. O Profeta David diz, que o Reyno de Christo dominará de mar a mar, e desde o rio Jordão até os fins da terra: o Profeta Isaías, que se lhe sujeitarão, e o virão a adorar os do Oriente, e os do Occidente, os do Setentrião, e os do Meyo dia: o Profeta Daniel, que todas as gentes, todos os povos, todas as linguas o confessarão, e que será obedecido, e servido de todos os Reys, e Monarchas do mundo. Esta he a grandeza do Reyno. E que capacidade, que talentos vos parece, que são necessários para mover com proporção, e sustentar os dous polos de huma machina tão immentia? Bastará o vosso João, e o vosso Jacobo, que nunca tomaraõ o compasso na mão, nem viraõ carta para conhecer as regioens, e as gentes, para perceber, e entender as linguas, para comprehender os negocios de estado, e de tantos estados, para responder ás embaixadas, para aceitar as obediencias, para capitular as condiçoens, para estabelecer as pareas, para ajustar os tratamentos, em fim para concordar as vontades, e compor os interesses de todos os Reys, e Principes do universo? O certo he, que ou não conheceis vossos filhos, ou não tomastes bem as medidas aos postos, aonde os quereis levantar.

1037 Joseph, e Daniel, dous sujeitos de tamanha esfera, toda ella empregaraõ cada hum em hum

Discurso XCVII. 383

só Reyno: Joseph no do Egypto, Daniel no de Babylonía. E que proporção tem huma Babylonía, nem cem Babylonias, hum Egypto, nem mil Egyptos com o Reyno, e Monarchia de Christo? Dentro em casa temos ainda mayor exemplo. Moysés aquelle homem, que no nome trazia a divindade, e na mão a omnipotencia, quantas vezes se queixou a Deos de não poder com o pezo de hum só povo, e povo da sua ley, da sua nação, e da sua lingua? Aceitoulhe Deos a escusa, substituiu-lhe o lugar, mas com quem, e com quantos? Não com menos, que com setenta anciaões do mesmo povo, escolhidos dos mayores, e melhores de todo'elle. Se para o pezo de hum Reyno, que ainda então o não era, forão necessarias setenta columnas tão fortes; como quereis vós, que sobre duas tão fracas se sustente aquelle immenso edificio, que ha de recolher dentro em si tudo quanto rodeaõ, e cobrem as abobadas do firmamento.

1038 Dirmeheis, que no Reyno de Christo por seu: *In Regno tuo*, não haverá tantos perigos, e difficuldades, como nos outros, quanto vai de tal Rey aos outros Reys. No que toca á pessoa, justiça, e bondade do Rey, tendes razão. A mayor desgraça dos privados dos Reys do mundo, e o mayor precipicio das mesmas privanças he serem elles não só Ministros do seu governo, senão de suas paixões, aduladores de seus appetites, e cúmplices de seus vicios. Assim desprezaõ, e perdem a graça de Deos por não arriscar a dos Reys, ou por mais se insinuar, e conservar nella. Chegado Abrahão a Egypto, acompanhado de Sara mulher sua, mas com nome de irmã, as novas, que logo levarão ao Rey os do seu lado, não forão, que era chegado á Corte hum ho-

Num. 149.

384 *Vieira abbreviado*

homem santo, fenaõ huma mulher dotada daquellas prendas, que estimaõ, e idolatraõ os que naõ saõ santos. Se ElRey Herodes quer a Herodias, ou ElRey David a Betfabé, os privados saõ os que facilitãõ os adulterios, e os que por si, e por outros approvaõ os homicidios. Se alguma vez na antecame-
 Part. 4. ra de David (onde elle o naõ ouviu) se tocou no
 Num. 260. seu peccado, o que os palacianos discorriaõ, era desta maneira: Que o amor de Betfabé fora hum galanteyo de Principe soldado, que o casarse com ella fora hũa honrada restituicaõ de sua fama, que o matar a Urias fora hum conselho necessario, prudente, e generoso: generoso; porque o fez morrer nobremente na guerra: prudente; porque pareceo acaço o que foy industria: e necessario; porque o modo mais seguro de sepultar o aggravo he meter debaixo da terra o aggravado. Taõ levemente se fallava em hum caso mais, que escandaloso, atroz, chamando ao adulterio galanteyo, ao homicidio necessidade, e á aleivosia, prudencia. Compunhaõse poemas á soberba; panegyricos á cubiça, hymnos á ambiçaõ. Eis aqui quem
 Part. 14. saõ os aduladores, gente, que mente com a verdade,
 Num. 143. e afronta com a cortezia. Isto haviaõ de escrever os
 Part. 7. politicos no seu livro do duello, que mais afronta hu-
 Num. 244. ma misura de hum adulator, que huma bofetada de hum inimigo. Por isso Christo, que nas bofetadas se mostrou taõ soffrido, quando ouvio as adulaçoens, parece, que perdeu a paciencia.

1039 Se o Rey he avarento, como Roboaõ, ou
 Part. 3. vaõ como Assuero, elles saõ os que aconselhaõ os
 Num. 149. tributos, elles os que louvaõ as prodigalidades, e celebraõ as ostentaçoens. Em fim elles saõ os adoradores da estatua de Nabuco, e os que servem de lan-
 çar

Discurso XCVII. 385

gar lenha, e assoprar as fornaihas de Babilônia, ou procurando, ou não fazendo escrupulo de que nelas se abrazeem os innocentes. Isto não haverá no reinado de Christo, porque da parte do Rey tudo será igualdade, justiça, modestia, temperança. Nem os que assistirem a seu lado, se atreverão a abusar, ou exceder do poder, que lhes for commettido, que só será o justo, e necessario. Não se vingará Aman com a mão real dos aggravos de Mardocheo, nem as invejas de Doeg com a lança de Saul, nem os odios de Joab com a dissimulação de David. Mas ainda que da parte do Rey estaraõ os que estiverem ao lado de Christo seguros destes perigos, da parte dos subditos, e das leys não deixarão de ter grandes difficuldades, que vencer, e grandes repugnâncias, que contrastar.

1040 Está profetizado, que no Reynado de Christo tudo será novo: *Ecce nova facio omnia*, e novidades, ainda que sejaõ uteis, bem vedes quaõ difficultosas são de introduzir. Se se ha de fundir de novo o mundo, he força, que se desfaga, e derreta primeiro, e isto não póde ser sem fogo o mais violento de todos os elementos. Está profetizado, (e assim o publicou em nossos dias o Precursor do mesmo Christo) que os valles se encherão, e os montes, e outeiros seraõ abatidos, e não alguns, senão todos: *Omnis vallis implebitur, & omnis mons, & collis humiliabitur*. É abater os grandes, e levantar os pequenos em tanta desigualdade de nascimento, e de fortunas, e fazer, que pequenos, e grandes todos sejaõ iguaes, quem será tão valente, e animoso, que tome sobre si esta conquista? Se os cavadores da vinha não soffreraõ, que os igualassem, sem lhe tira-

Num. 150.

Apoc. 21.

Luc. 3. 5.

386 *Vieira abbreviado*

rem nada do que lhe deviaõ ; quem reduzirá a esta moderação a arrogancia , a soberba , e a inchação dos grandes do mundo , que cuidaõ , que tudo lhe he devido , e a ninguem daõ o que se lhe deve ?

1041. Está profetizado , que no mesmo reynado o lobo morará com o cordeiro , e que o leaõ , como o boy , comerá palha : *Habitabit lupus cum agno , & leo quasi bos comedet paleas*. Mas quem poderá conter a voracidade do lobo a que observe esta abstinencia , e a ferocidade , le gula real do leaõ a que se sustente como o boy da eira , e não da montaria , e do boíque ? A ley não póde ser mais justa , nem mais benigna ; porque assaz indulgencia , e favor se faz ao leaõ , que passeia , e não trabalha , em que coma igualmente á custa do boy o que elle puchando pelo arado , pela grade , pelo carro , e pela trilha , começou , e acabou com tanto trabalho. Mas como este mau foro está tão introduzido pelo costume , e tão canonizado pelo tempo ; que zelo , que força , e que resolução haverá de Ministros tão intrepidos , e constantes , que contra tão poderosos contrarios a pratique , a estabeleça , e a defenda ? Assim que , senhora , deixando o muito , que ainda podéra dizer , e resumindo o que tenho dito , nem ao credito do Rey , nem ao bem do Reyno , nem a vós , nem a vossos filhos convém , que os lugares , que para elles pedis , se lhe concedaõ , e ainda que lhos dessem sem os pedir , os aceitem. Pelo que se o pezo de todas estas razoes têm comvosco alguma authoridade , o meu conselho , e parecer he , que vós mesma vos despacheis com o mais breve , mais facil , e mais seguro despacho , que he não desejar , nem pertender , nem pedir.

DIS-

Discurso XCVIII. 387

DISCURSO XCVIII.

Tirado de hum sermão de S. João Euangelista pregado na Capella Real na festa do Principe D. Theodosio.

VALIDOS.

1042 **C**uidava eu, que só dos que seguem ao Part. 5.
mundo, havia venturosos, e desgraçados. Num. 370.
Tambem na santidade ha fortuna. S. João Bautista
foy desgraçado com Reys. S. João Euangelista foy
venturoso com Principes.

1043 A primeira boa parte, que eu reconheço Num. 376.
em S. João para valido, he ser Euangelista. Os vali-
dos haõ de ser Euangelistas. O officio dos Euangelis-
tas he dizer verdade, e os validos haõ de ter o dizer
verdade por officio. Alguns homens tem havido
Euangelistas, muitos homens tem havido validos;
mas valido, e Euangelista juntamente só S. João o
foy. A razão, ou semrazão disto he; porque os que
saõ validos, não querem ser Euangelistas: e os que
saõ Euangelistas, não chegaõ a ser validos. Só em S.
João se ajuntaraõ estas duas propriedades, das quaes
se compoem a mayor prerogativa sua. Sabeis qual
he a mais singular prerogativa do Euangelista ama-
do? He ser amado sendo Euangelista. Ordinaria-
mente nas Cortes dos Principes os que contrafazem
a verdade saõ os que grangeaõ o amor. Na Corte de
Christo não he assim: os que tem por profissão ser
verdadeiros, saõ os que tem por premio ser amados.
O que importa, Senhor, he, que seja sempre assim.

388 *Vieira abbreviado*

Os amados sejaõ só os Euangelistas : e quem não for Euangelista não seja amado.

Num 377.

1044

E qual he a razão porque os Euangelistas devem ser os amados? A razão he evidente ; porque o mayor merecimento para ser amado he amar , e a mayor prova do amar he fallar verdade. Perguntou Dalila a Sanção por tres vezes em que parte tinha vinculada sua fortaleza , e que remedio podia haver para ser vencido. Respondeo Sanção a primeira vez, que se o atassem fortemente com nervos : a segunda vez, que se o atassem com cordas : a terceira vez, que se o atassem com os cabellos ; mas de todas as tres vezes rompeo elle com facilidade as ataduras. E que faria Dalila vendose assim enganada? Queixouse muito de Sanção : disse que sabia de certo, que a não amava , e fezlhe este argumentõ : *Quomodo dicis , quod amas me ? Per tres vices mentitus es mihi :*

Judic. 16.

35.

Como dizes tu , Sanção , que me amas , se me mentiste tres vezes? Bem tirada consequencia : mentisteme , logo não me amas. A consequencia he clara ; porque amar he entregar o coração , mentir he enco-brillo: bem se segue logo, que quem não falla verdade , não ama ; porque como ha de entregar o coração quem o encobre ? De maneira , que da verdade de cada hum pode julgar o Principe o seu amor ; com advertencia porém , que não deve esperar como Dalila pela terceira mentira : *Per tres vices mentitus es mihi*. Pela primeira falsidade, em que o vassallo for achado , ha de cahir logo da graça do Principe, e cahir para sempre. Parece demasiado rigor ; porque a graça de Deos não se perde por qualquer mentira: bem pode hum homem não fallar verdade , e mais ficar em graça de Deos. Com tudo no Principe não he bem

Discurso XCVIII. 389

bem que seja assim. Porque? Porque para Deos, que conhece os corações, bem pôde haver mentiras veniaes; mas para quem os não conhece, todas he bem que sejam mortaes, e que por todas se perca a graça. A graça consiste no amor: quem não falla verdade, não ama: logo onde se prova o desamor, bem he que se perca a graça. Perca-se a graça onde se provar o desamor, que he a mentira: ganhesse a graça, onde se provar o amor, que he a verdade: e andem juntos como em São João o titulo de Euangelista com o de amado.

1044 Não sou amigo de deixar duvidas na minha doutrina. Todos me estão pondo contra esta hum grande instancia. S. Mattheus, S. Marcos, S. Lucas tambem foraõ Euangelistas; com tudo não alcançaraõ privilegio de amados: logo S. João não foy amado por ser Euangelista: e se foy amado por Euangelista, qual he a mayor razão? A mayor razão he esta; porque S. João Euangelista, como notou S. Jerônimo, disse no seu Euangelho muitas cousas, que os outros Euangelistas deixaraõ de dizer: e dizer as verdades, que os outros dizem, não he acção, que mereça singular amor; mas dizer as verdades, que os outros deixaõ de dizer, quem isto faz, merece ser singularmente amado. As verdades, que disse São Mattheus, disse-as São Marcos, disse-as São Lucas: as verdades, que disse S. Marcos, disse-as S. Lucas, disse-as S. Mattheus: as verdades, que disse S. Lucas, disse-as São Mattheus, disse-as São Marcos. Mas muitas verdades, que disse S. João, não as disse S. Mattheus, nem S. Marcos, nem S. Lucas: elle só as disse. E quem sabe dizer as verdades, que todos os outros callaõ, elle só merece ser mais amado, que todos.

Num. 378.

390 *Vieira abbreviado*

dos. Não ha de ser o amado quem calla as verdades, que os outros dizem; senão quem diz as verdades, que os outros callão. Assim o fez São João, e por isso foy o singularmente amado: *Discipulum, quem diligebat.*

Num. 379. 1045 A segunda qualidade de valido, que teve S. João, e a que admiro muito neste grande Santo, he ser hum valido, que ficou assim: *Sic eum volo manere.* Esta he a men ver huma das grandes excellencias do Euangelista, ser hum valido, que ficou assim. Ser valido, e ficar logo de outra maneira, isso acontece a todos; mas ser valido, e ficar assim como d'antes he singularidade de S. João.

Num. 380. 1046 Huma das circumstancias, em que reparo muito na creação do mundo, he formar Deos a Heva do lado de Adaõ: não a podéra formar da cabeça para que fora entendida? Não a podéra formar das mãos, para que fora executiva? Não a podéra formar dos pés, para que fora diligente? Pois porque a fórma do lado? Porque o lado de Adaõ era a parte mais accommodada para o que Deos pertendia. Deos de huma pequena parte de Adaõ queria fazer subitamente huma Heva, que fosse tão grande como elle. Pois por isso a formou do lado, e não doutra parte; porque he propriedade dos lados crescer muito em pouco tempo. Ainda agora costa, e já Heva? Ainda agora huma parte tão pequena do lado de Adaõ, e já tão grande como o mesmo todo, de que era parte? Sim; porque a costa era parte do lado de Adaõ. Adaõ era Principe universal de todo o creado: e não ha cousa, que mais cresça, nem mais depressa, que os lados dos Principes. Vejase em Joseph com ElRey Faraó: vejase em Aman com ElRey Assuero,

Discurso XCVIII. 391

fuero: veja-se em Daniel com El Rey Dario. E que sendo tão natural o crescer nos lados dos Principes; que S. João, que era o lado do mayor Principe do mundo, não tratasse de accrescentamento; e se deixasse ficar assim: *Sic eum volo manere?* Grande excellencia do Euangelista!

1047 Tres cousas ha neste mundo, que sempre Num. 381. crescem, e nunca ficam assim: huma faz a natureza; outra faz a graça; outra faz a fortuna. A natureza as palmas: a graça os Santos: a fortuna os validos. Esta he a estatura das palmas alentadas pela natureza: esta he a estatura dos Santos inspirados pela graça: e esta he a estatura dos validos aloprados pela fortuna. Estatura, que por mais crecida, e por mais remontada até ás nuvens que a vejamos, sempre cresce mais, e mais. E se não lembraivos dos tres, que agora dizia. Deo Jacob por benção a Joseph, que crescesse sempre: *Filius accrescens. Joseph, filius accrescens.* Genes. 6. E onde se cumprio esta benção? Na privança; e valimento de Faraó. Aman, grão privado de Assuero, até o dia, em que acabou, cresceo; e porque não teve mais para onde crescer, acabou. Pareceo de graça, e foy natureza, qae assim acontece á palma, ou crescer, ou acabar. Daniel na privança de Dario tendo subido a ser hum dos tres supremos Principes de toda a Monarchia, ainda o Rey queria que crescesse mais, e que fosse elle só sobre todos. *Porro Rex cogitabat constituere eum super omne Regnum.* Daniel. 4.

1048 Não sei que influencias tem o lado do Principe, que em todo este elemento, em que vivemos; não ha parte tão fertil, e tão secunda, como aquelles dous pés de terra: tudo alli se dá, tudo alli medra, tudo alli cresce. Crescem os parentes, os ami-

gos, os criados: crescem as honras, os postos, os títulos: cresce a casa, a fazenda, o regalo: cresce o poder, o dominio, o respeito, a adoração, e sobre tudo cresce a estatura dos mesmos adorados. Hontem pygmeos, hoje homens, á manhã gigantes, o outro dia colossos. Peza-me desta ultima comparação; porque quando lhe acrecentei a grandeza, lhe tirei a alma. Não assim o mayor valido do mayor Principe S. João: *Sic eum volo manere.*

Num. 383 1049 A terceira qualidade admiravel, que resplandece no Euangelista, foy ser hum valido, que fez do segredo ignorancia. Hum dos argumentos de seu valimento, que S. João allega neste Euangelho, foy perguntar a Christo: *Quis est qui tradet te?* Quem era o traidor, que o havia de entregar? Respondeolhe o Senhor, que era Judas: e accrescenta o Euangelista: *Hoc autem nemo scivit discumbentium:* Que isto ninguem o soube dos que estavaõ á mesa: logo não o soube o mesmo João, que era hum dos que estavaõ a ella? He consequência de Santo Agostinho. Pois se Christo o disse a S. João, como he possivel, que S. João o não soubesse? Claro está que o soube: pois se o soube São João, como diz, que o não soube? *Hoc autem nemo scivit.* A razão he esta; porque o que Christo disse a São João, disse-lhe em segredo, e S. João o que sabe em segredo, não o sabe. Nos outros homens o saber em segredo he saber, em São João o saber em segredo he ignorar: *Nemo scivit.* Nenhum segredo he segredo perfeito, senão o que passa a ser ignorancia; porque o segredo, que se sabe, póde-se dizer; o que se ignora, não se póde manifestar. Esta he a causa de os homens communmente não saberem guardar segredos; por-

Discurso XCVIII. 393

porque encommendaõ o segredo á memoria , sendo que o haviaõ de encommendar ao esquecimento. O segredo encommendado á memoria corre perigo: o segredo encommendado ao esquecimento está seguro. A razão he ; porque o segredo encommendado á memoria he cautela , e o que se guarda com cautela , pode-se perder : o segredo encommendado ao esquecimento he ignorancia , e o que se ignora totalmente , não se pode manifestar : logo o perfeito segredo he só o que chega a ser ignorancia. E tal era o de São João : *Hoc autem nemo scivit discumbentium.*

1049 Ainda não está encarecido o fino do segredo de S. João. Foy tão escrupuloso valido em materias de segredo, que nem quiz dizer os segredos, que lhe disserão, nem quiz dizer, que lhe disserão segredos. Que os perguntara, sim, que lhos disserão, não. Não dizer hum homem o segredo, que sabe, he muito ; mas não dizer, que sabe o segredo, he muito mais. Porque ? Porque não dizer o segredo, que sabe, he guardar segredo ás cousas ; mas não dizer, que sabe o segredo, he guardar segredo ao segredo. S. João guardou segredo ás cousas, porque não disse, quem era o traidor, e guardou segredo ao segredo, porque não disse, que lhe descobrião quem era. Que muito logo, que sendo tão secretario S. João, fosse tão valido! *Discipulum, quem diligebat Jesus.*

1050 A quarta, e ultima boa parte, que admirou em São João, he ser valido, que quiz a graça por amor da graça. Logo me explicarei mais. No Sacramento da Eucharistia deixou Christo as fontes de sua graça ; mas he muito de reparar, que não quiz Christo, que ficasse alli a substancia do pão. Fundo o re-

o reparo. Menos milagres eraõ necessários para estar o corpo de Christo, e a substancia de pão juntamente, que para estar o corpo de Christo sem a substancia de pão. Pois se com menos milagres se podia fazer cabalmente o mysterio, Deos, quẽ sempre acurta milagres, porque não quiz, que ficasse a substancia do pão no Sacramento? Eu não vos direi a verdadeira razã, mas dirvoshei huma moralidade muito verdadeira. Todos os Sacramentos são instrumentos da graça, e este de mais graça que todos: e não quiz Christo, que a graça se dẽse junta com o pão, nem que o pão andasse junto com a graça. O mayor abuso, e o mayor risco, que tem a graça dos Principes, he andarem o pão, e a graça juntos. Se no altar se dera o pão a moyos, ainda que não fora consagrado, muitas communhoens se haviã de fazer por amor do pão, que senão fazem por amor da graça. Querer a graça por amor da graça he devoção, querer a graça por amor do pão he fome. Por isso ha tantos famintos, ou tantos esfaimados da graça. Todos querem ser cheyos de graça; mas não de graça vazia: *Gratia Dei in me vacua non fuit*, dizia S.

1. Cor. 14. Paulo em bem mais honrado fentido.

10.

1051 A graça ha de ser para vós encheres as obrigaçoens da graça, e não para a graça vos encher a vós; ou vós vos encheres com ella. Entã seria a graça menos custosa a quem a dá, e mais bem avaliada em quem a logra. Por isso Christo não quiz, que o pão andasse junto com a graça. Mas porque os omnipotentes do mundo não fazem esta separação, como poderaõ sem grande milagre, chegou a graça a transubstanciar-se tanto no pão, que ninguem busca já a graça por amor da graça, senão a graça por amor do pão,

Discurso XCVIII. 395

paõ, e pela medida do paõ, ou pelo paõ sem medida se avalia a graça. Porque tem hoje mais paõ, que todos, quem hontem não tinha hum paõ? Porque está mais na graça, que todos. Oh que grosseria tão grande! Mas que bem acudio Christo a este inconveniente. No mesmo Sacramento ainda que não está paõ quanto á substancia, está paõ quanto aos accidentes; porém a graça não se mede com o paõ. Muitas vezes quem communha huma hostia muito grande, leva pouca graça, e quem communha huma particula muito pequena, leva muita graça: para que entendaõ os homens, que a graça não se deve medir com o paõ.

1052. Oh que bem governado andaria o mundo se vißemos pobres de paõ os que vemos ricos da graça! Quem conquista a graça pela graça, contentase com o coração. Vejase no nosso Euangelista. Conquistou a graça de Christo, e veyese a rematar a conquista em que? Em lhe render Christo o coração: *Recubuit supra pectus ejus*. Muito estimou S. João o coração do seu Principe; mas estimou-o, porque se lhe rendeo, e não porque lhe rendia. O coração do Principe hade de estimar pelo rendimento, e não pelas rendas: hade de estimar nelle o rendido, e não o rendoso. Só São João soube estimar a graça do Principe, como se ha de estimar: a graça por amor da graça, e nada mais. E como em S. João havia tantas qualidades de amante, e tão grandes par-
tes de valido, que muito que o amasse tanto o Principe da gloria Christo! *Discipulum, quem diligebat, qui recubuit supra pectus Domini*. Num. 387.

DISCURSO XCIX.

Tirado de bñ sermão do Santissimo Sacramento pregado em Santa Engracia á Nobreza de Portugal no tempo, em que este Reyno tinha guerra com Castella, sendo mayor a que fazia ao mesmo Reyno a discordia, que nessa occasião havia entre os Fidalgos.

U N I A M.

Part. 7.
Num. 111.

1051

AS obras da natureza, e as da arte todas se conservaõ, e permanecem na uniaõ, e todas na desuniaõ se desfazem, se destruem, e se acabaõ. Esta machina tão bem composta do mundo com ser obra do braço omnipotente, que he o que a sustenta, e a conserva, senão a perpetua, e a constante uniaõ de suas partes? Não vemos o cuidado vigilantissimo, com que a natureza anda sempre em vella sobre este ponto principal de sua conservaçaõ, violentandole a si mesma, (se he necessario) e fazendo subir os corpos pezados, e descer os leves só para impedir os damnos daquella desuniaõ, a que os Filozofos chamaõ vacuo? Seis mil annos ha que dura o universo sem se sentir, nem ver nelle o menor sinal de desuniaõ, e por isso dura tanto: e quando finalmente chegar seu fim, a falta, ou a rotura desta uniaõ será o ultimo paroxifmo, de que ha de morrer o mundo. Esse foy o pensamento do graõ Principe da Igreja S. Pedro, o qual chamou ao fim do mundo desuniaõ do universo: e para dizer, que

Discurso XCIX. 397

que todas as cousas se haõ de acabar, disse que todas se haõ de defunir: *Cum igitur hæc omnia dissolven-
da sint.* Toda a vida (ainda das cousas, que não tem vida) não he mais que huma uniaõ. Huma uniaõ de pedras he edificio: huma uniaõ de taboas he navio: huma uniaõ de homens he exercito, e sem esta uniaõ tudo perde o nome, e mais o ser. O edificio sem uniaõ he ruina: o navio sem uniaõ he naufragio: o exercito sem uniaõ he despojo. Até o homem (cujá vida consiste na uniaõ da alma, e corpo) com uniaõ he homem, sem uniaõ he cadaver. A mayor obra da sabedoria, e da omnipotencia divina, que foy o composto ineffavel de Christo, consistia em duas unioens: huma uniaõ entre o corpo, e a alma, e outra uniaõ entre a humanidade, e o Verbo. Quando perdeu a primeira uniaõ, deixou de ser homem; se perdera a segunda, deixara de ser Deos. Oh Deos! Oh homens! que só a vossa uniaõ vos ha de conservar, e só a vossa defuniaõ vos póde perder.

1054 Perdeose a nossa estatua de Nabuco, (que bem lhe podemos chamar nossa, pois nos servimos tanto della) vejamos quem a perdeu. Estava ella em pé, robusta, ufana, e soberba, promettendose duracão eterna na riqueza, na formosura, e na dureza dos metaes, de que era composta: arrancase huma pedra do monte, tocálhe nos pés de repente, e no mesmo ponto cahio a estatua, desappareceraõ os metaes, e não ficaraõ della, e delles mais que o lugar e as cinzas. Notavel caso; mas mais notavel o tiro! Sei eu, que a pedra de David foy direita a cabeça do Gigante. Pois se a pedra do Gigante tirou á cabeça, a da estatua porque tira aos pés? Não vos lembra, que nos pés da estatua estava a defuniaõ entre
o bar-

Petr. 2. 3.
11.

Num. 112.

barro, e o ferro? Pois por isso o tiro se encaminhou aos pés, e não a outra parte, porque aonde havia a desunião, alli estava certa a ruina. Nos corpos inteiros, e unidos, como era o Gigante, o melhor tiro he a cabeça; mas em corpos, onde ha desunião, como era o da estatua, o mais seguro tiro he ao desunido, ainda que sejaõ os pés.

Num. 113. 1055 E adverti, que não são necessarias muitas desunioens para huma total ruina. Unido estava o ouro, unida estava a prata, unido estava o bronze, e ainda o mesmo ferro em parte estava unido; mas bastou huma só desunião para dar com tudo em terra. Faça cada hum muito escrupulo da sua desunião, porque póde ser, que della dependa ou a ruina, ou a conservação da estatua. Cuida a providencia politica, que os Reynos se conservaõ com ferro, e com bronze, e sobre tudo com ouro, e com prata, e he engano. O que sustenta, e conserva os Reynos, he a uniaõ. Muito ferro, e muito bronze, muito ouro, e muita prata tinha a estatua, mas porque lhe faltou a uniaõ, não lhe serviraõ de mais todos esses metaes bellicos, e ricos, que de accrescentar mayor pezo para a cahida. Ainda não tenho dito a mayor admiracão. O ouro, e a cabeça significavaõ o Imperio dos Assyrios: a prata, o peito, e os braços significavaõ o Imperio dos Persas: o bronze da cintura até o joelho significava o Imperio dos Gregos: o ferro do joelho até os pés significava o Imperio dos Romanos, e bastou huma só desunião para derrubar, e desfazer quatro Imperios dos mais valentes, dos mais poderosos, dos mais sabios, e dos mais bem governados homens do mundo. Se quatro Imperios com huma só desunião se arruinaõ, e acabaõ, hum Reyno, e
naõ

Discurso XCIX. 399

naõ muito grande, dividido em muitas defunioens, que se póde temer delle?

1056 Ainda falta, que ponderar, e he a coroa de Num. 114. tudo. A pedra, que fez aquelle tiro fatal, com que de hum golpe obrou tamanho estrago, que maõ, e que impulso foy o que a atirou? Oh caso estupendo, e inaudito! *Abscisus est lapis sine manibus.* Ninguem Dan. 2. 45. poz a maõ na pedra, ella por si se despegou, cahio, e rodou do monte, e desfez o que desfez. Aqui vereis quaõ facil he a ruina, e quaõ aparelhada está onde ha defuniaõ. Para derrubar hum Reyno, e muitos Reynos, onde ha defuniaõ, naõ saõ necessarias batarias, naõ saõ necessarios canhoens, naõ saõ necessarios trabucos, naõ saõ necessarias balas, nem polvora; basta hum a pedra: *Lapis.*

1057 Para derrubar hum Reyno, e muitos Reynos, onde falta uniaõ, naõ saõ necessarios exercitos, naõ saõ necessarias campanhas, naõ saõ necessarias batalhas, naõ saõ necessarios cavallos, naõ saõ necessarios homens, nem hum homem, nem hum braço, nem hum a maõ: *Sine manibus.* Nós temos muito boas maõs, e o sabem muito bem nossos competidores; mas se naõ tivermos uniaõ, nem elles haveraõ mister maõs para nós, nem a nós nos haõ de valer as nossas.

1058 Imperando Galerio Maximiano em Roma, Part. 11. e conhecendo por muitas experiencias, que hum Num. 45. Monarchia taõ vasta naõ podia ser governada por hum só homem, (o que já tinha antevisto o mesmo Julio Cesar seu fundador, quando lhe definio certos limites) determinou dividilla em duas partes, e duas cabeças, como com effeito a dividio em dous Imperadores, e dous Imperios, hum chamado Occidental,

tal, de que continuou a ser cabeça Roma, outro chamado Oriental, de que começou a ser cabeça Constantinopla: e foraõ os dous novos Imperadores, do Occidente Severo, e do Oriente Maximino.

Num. 46.

1059 Por esta occasião a Aguia insignia das bandeiras Romanas, que até entãõ tinha huma só cabeça, começou a apparecer com duas, como hoje a vemos, posto que he mais facil copiar o pintado, que restaurar o verdadeiro. E como a divisaõ em todas as communidades de homens, e de coroas he indicio fatal de declinaçaõ, e ruina, assim o foy no Imperio, e Aguia Romana a divisaõ daquellas duas cabeças.

1060 Já o Profeta Daniel o tinha mostrado na mesma divisaõ naõ das cabeças da Aguia, senãõ dos pés da estatua. Na estatua de Nabucodonosor formada das quatro Monarchias, ou Imperios, que successivamente haviaõ de florecer no mundo, a cabeça de ouro significava o Imperio dos Assyrios, o peito de prata o Imperio dos Persas, o ventre de bronze o Imperio dos Gregos, e o resto de ferro até os pés o Imperio dos Romanos. E porque bastou, que tocasse os mesmos pés huma pedra arrancada do monte sem maõs, para que cahisse toda a estatua, e o mesmo Imperio Romano, e as outras Monarchias, que nelle por successãõ se continuavaõ, ficassem convertidas em pó? Porque naquelles dous pés divididos entre si, e cada pé dividido em cinco dedos, e cada dedo dividido em ferro, e barro, teve o seu ultimo complemento a divisaõ do Imperio Romano. E assim como nas duas cabeças da Aguia, em que começou a divisaõ do mesmo Imperio, começou a sua declinaçaõ, assim na divisaõ dos dous pés da estatua, em que teve o ultimo complemento a sua divisaõ, teve tam-

Discurso C. 401

tambem o ultimo fim a sua ruina. De forte que a roda da fortuna do Imperio Romano na divisaõ das duas cabeças da Aguia começou a voltar, e na divisaõ dos dous pés da estatua acabou a volta.

DISCURSO C.

Tirado de hum sermão de S. Gonçalo.

VELHICE.

1061 **A** Scans, que no sacerdocio são os ef- Part. 5.
Num. 267.

maltes da coroa, e na prelazia o ornamento da dignidade, não poucas vezes desmentem o que as mesmas cans significão. São como as neves, de que sempre está cuberto o monte Etna, debaixo das quaes se ocultaõ volcoens, e incendios: são como as que o divino Mestre chamou sepulturas cayadas: *Sepulchra dealbata*: brancas por fóra, e corrupção por dentro. As verdadeiras cans, diz o Espirito Santo, Math. 23.
27. são o juizo sizudo, e não consiste a velhice na cor dos cabellos, senão na pureza da vida: *Cani autem sunt sensus hominis, & ætas senectutis vita immaculata*. Os melhores cabellos, e a peyor cabeça, que nunca houve, foy a de Absalaõ: os cabellos vendiaõ-se a pezo de ouro, e a cabeça nenhum pezo tinha. Mais lhe tomara eu o chumbo na testa, que o ouro na gadelha. Tambem ha cabellos, que parecem de ouro, e são de prata sobredourada, e isto he o peyor, que tem as cans, poderem-se tingir. Não assim os cabellos negros, que não admittem outra cor. Por isso a pastora das Eclogas de Salamaõ o que louvou nos cabellos de seu pastor, foy serem da cor do corvo:

Tom. II.

Cc

Comê

402 *Vieira abbreviado*

Sant. 11. Comæ ejus sicut elatæ palmarum, nigra quasi corvus.

1062 As arvores, que não mudaõ a folha, taõ verdes saõ de poucos annos, como de muitos; mas quanto com mayor indecencia se devem estranhar nos velhos as verduras, tanto he digna de mayor veneração nos moços a madureza. As batalhas da razão com os annos he huma guerra, em que resistem mais os poucos, que os muitos. Deixaremse vencer da razão os muitos annos não he muito; mas deixaremse vencer, e convencer os poucos grande poder da razão! Seguiremse aos annos os desenganos he fazer o tempo o que faz o tempo; mas anticiparemse os desenganos aos annos he fazer a razão o que o tempo havia de fazer.

1063 Queixavase Marco Tullio, que sendo os homens racionaes, podêsse mais com elles o decurso do tempo, que o discurso da razão. Que não bastassem noventa annos para dar sizo a Heli, e que bastassem dezoito annos para fazer sizado a Samuel? O que grande victoria da razão contra a semrazão do tempo! Huma velhice enganada he a mayor semrazão do tempo: huma mocidade desenganada he a mayor victoria da razão. Que não corte os cabellos Sara depois de pentear desenganos, e que os cabellos de Abíalaõ na idade de ouro sintão os rigores do ferro! Que enxugue a Magdalena as lagrimas dos pés de Christo com os cabellos, mas que os não corte, e que haja outra Maria, que ponha aos pés de Christo os cabellos cortados com os olhos enxutos! Que Jacob na primavera dos annos enterre a sua Rachel he inconstancia da vida; mas que Rachel na primavera da vida se sepulte a si mesmo: grande valor da razão!

1064 A

1064 A velhice he o horizonte da vida, e da morte, o horizonte, onde se ajunta a terra com o Ceo, e o tempo com a eternidade, que resolução póde haver mais bem aconselhada, e mais digna da madureza de humas cans, que dedicar á contemplação da mesma eternidade aquelles poucos dias, e incertos, que póde durar a vida? Notou judiciosamente Seneca, que de todos os outros generos de morte, sendo tantos, e taõ varios, póde haver esperança de escapar, só a morte, que traz consigo, ou apoz de si a velhice, he morte sem esperança. Mata a doença, mata o incendio, mata o naufragio, mata a espada, mata a seta ou descuberta, ou atraçoada; mas de todos estes generos de morte muitos escaparaõ, só da morte da velhice ninguem escapou: *Alia genera mortis spei mista sunt, nihil habet quod speret quem senectus ducit ad mortem.* E sendo taõ desesperada esta esperança, mais dignas são para mim de admiração as nossas velhices, pois nos não defenganamos com ellas. Quanto mais temos vivido neste mundo, tanto mais amamos o mesmo mundo, e a mesma vida, e quanto mais são os annos, que contamos, tanto mais são as raizes, com que estamos pegados á terra.

FINIS. LAUS DEO.

69-580
Rosenthal
Jan. '69

CA 746

V 6581

v. 2

